

LIH SANTOS

Operação: caso Não



SÉRIE ARMAÇÕES DE UMA
MÃE CASAMENTEIRA





LIH SANTOS

Operação:
caso ~~Não~~

Copyright © Lih Santos

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Capa: Carol Cappia

Edição Digital: Criativa TI

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



SUMÁRIO

[DEDICATÓRIA](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[PRÓLOGO](#)

[DIA COMUM](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[TRUNFO](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[APOSTA](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[PALHAÇADA](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[ADMITE](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[SÓ VAI](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[SUA MENINA](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[E.T](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[JANTAR DE NEGOCIOS - PARTE 1](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[JANTAR DE NEGOCIOS – PARTE 2](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[JANTAR DE NEGOCIOS – PARTE 3](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[MAMÃE E THOMAS JUNTOS](#)

[CAPÍTULO 12](#)

TESTE

CAPÍTULO 13

MINHA MÃE ENVERGONHADA?

CAPÍTULO 14

GENRO QUERIDO

CAPÍTULO 15

LASQUEI-ME

CAPÍTULO 16

GRÃOS DE AREIA

CAPÍTULO 17

FEIJÃOZINHO

CAPÍTULO 18

MALU

CAPÍTULO 19

TEMPO – PARTE 1

CAPÍTULO 20

TEMPO – PARTE 2

CAPÍTULO 21

BONS E VELHOS AMIGOS

CAPÍTULO 22

O ACORDO

CAPÍTULO 23

VANESSA – PARTE 1

CAPÍTULO 24

VANESSA – PARTE 2

CAPÍTULO 25

COMO ASSIM PARABÉNS?

CAPÍTULO 26

SMMA

CAPÍTULO 27

JUNTE-SE A ELA – PARTE 1

CAPÍTULO 28

JUNTE-SE A ELA – PARTE 2

CAPÍTULO 29

EXPLICAÇÕES

CAPÍTULO 30

CAIXINHA DE VELUDO – PARTE 1

CAPÍTULO 31

CAIXINHA DE VELUDO – PARTE 2

CAPÍTULO 32

TRATADO DE PAZ

CAPÍTULO 33

DETALHES

CAPÍTULO 34

CORAÇÃO

CAPÍTULO 35

SURPRESAS E DESPEDIDA – PARTE 1

CAPÍTULO 36

SURPRESAS E DESPEDIDA – PARTE 2

CAPÍTULO 37

FORTES EMOÇÕES

CAPÍTULO 38

NOSSOS TESOUROS

FIM

EPÍLOGO

THOMAS

CENA EXTRA

HOUSTON, TEMOS UM PROBLEMA!

[VEM AÍ: MAMÃE, CASEI! O terceiro livro da série.](#)

[OUTRAS OBRAS](#)

[Mamãe Quer Me Casar](#)

[SOBRE A AUTORA](#)



DEDICATÓRIA

Dedico esse livro a todas as minhas leitoras, em especial a Mari Sales que com seu jeito me ensina todo dia algo novo.



AGRADECIMENTOS

Escrever um livro não é fácil, mas é sempre gratificante. E aqui estamos com mais um livro completo e que a leitura seja para vocês tão prazerosa quanto foi para mim. Espero que Telly possa deixar seu dia mais leve, divertido e talvez ensinar alguma coisa.

Quero agradecer primeiramente à Deus por me permitir ter o talento e a saúde para escrever. Toda honra e toda glória seja dada a Ele. E abaixo Dele, quero agradecer eternamente e especialmente a Diva Sales (autora Mari Sales). Sem essa mulher eu sou bochecha sem Claudinho. Ela que sempre, sempre me estende a mão, já conheci pessoa maravilhosas, mas como ela são poucas.

Quero agradecer muito a Gihnoca delícia (autora RM Cordeiro), outra pessoa que parece um anjo em minha vida. Fui muitas vezes em seu pv a noite, a tarde ou pela manhã e ela sempre me ajudava com o que sabia ou me dava uma luz.

Quero agradecer também a miss bumbum Carol Cappia... ops, autora Carol Cappia. Muito *divosa*, outra que sei que posso contar e a responsável pelas minhas capas da série. Arrasou!

Minhas três maiores incentivadoras, consultoras e cobradoras kkkkk. Põe cobradoras nisso. Muito obrigada pelo apoio de vocês e nunca vou esquecer tudo o que fizeram por mim. É um prazer ter conhecido cada uma pessoalmente e ter abraçado com força. Só não digo que são minhas mães, porque não tem idade para isso, são como minhas avós mesmo kkk.

Quero agradecer as loucas da minha vida Dorotéia do Pornô (autora Karen Dorothy), minha cópia a Lis Santos, Júlia Fernandes, minha amiga desde o colégio e hoje quase assessora Sandra Silva e Dodia Alencar (autora Danda Alencar) que também me aguentam muito enchendo o saco e estão sempre prontas para me socorrer quando eu preciso. Agradeço a Denilia Carneiro que faz parte da minha trupi de loucas e por isso tem sempre lugar no meu *core* e a Joyce Rodrigues que é um ser muito iluminado e *mega* fofa que também me apoia desde o início.

Um *super* obrigado as meninas do meu grupo Maluquitas da Lih, vocês são maravilhosas e a cada leitora minha do wattpad que alegram meus dias com seus comentários. Obrigada também a meninas do Café e do CCL que foram os primeiros grupos que me encaixei. Um *super* obrigada as meninas dos

grupos Malévolas da Carol e Somos todas Tinderelas. Pense numa galera boa que incentiva a literatura nacional de várias formas sem exigir nada em troca.

Não posso esquecer dos meus parceiros, afinal, sem aqueles parceiros não somos nada. Obrigada Totoro Literario (Thay sua linda), as meninas do Kindle Fanáticas, Litera kindle, Café com resenha (Ruiva que começou tudo).

E claro, agradecer a você que está iniciando meu livro agora e que tiram um tempo em meio a tantas leituras atrasadas e as correrias diárias para prestigiar meu trabalho. Espero que gostem.

Bom, a serie não termina aqui, teremos o livro do Ricky que é o terceiro livro da série, mas por hora boa leitura.



PRÓLOGO

DIA COMUM

Parada em pé à porta da Igreja, pergunto-me através de que tipo de bruxaria minha mãe me fez para estar aqui, uma vez que eu jamais concordaria em me casar de livre espontânea vontade e pior, lúcida. Apesar de que, não me sinto lúcida. Vai ver mamãe desenvolveu uma droga superpoderosa capaz de me obrigar a seguir sua vontade. Isso explicaria minhas pernas andando sem o meu consentimento e porque não me lembro de ter acordado hoje pela manhã, aliás, não lembro nem de ter vindo até aqui e muito menos de ter colocado vestido de noiva. Está tudo tão estranho que nem saberia dizer se estou usando um. Espero que não, prefiro estar nua, pelo menos assim vou saber que é um de meus sonhos totalmente loucos e eróticos com o Ian Somerhalder chupando meu pescoço no seu melhor estilo vampiro mau ou na pior das hipóteses, em um sonho erótico de algum admirador secreto que por alguma bruxaria vim parar dentro.

Sério, estou realmente torcendo para estar no sonho de um pervertido, de um nerd que come a própria meleca ou até mesmo nua a porta da Igreja do casamento de outra pessoa. Tudo e qualquer coisa é melhor que estar em meu próprio casamento.

Dá calafrios só com a hipótese. Eu casar? Só por cima do meu cadáver e depois de sete dias, porque se for ao mesmo dia da minha morte ressuscito, peço o divórcio e assombro todos que estiverem na cerimônia.

Olho para todos os lados procurando alguma arma apontada para minha cabeça, mas não tem. É um pesadelo. Ou alguém fez um boneco de vodu meu e em vez de sei lá, cortar meus lindos cabelos loiros, colocar os pelos das axilas no meu nariz, colocar areia nas minhas lentes de contato, foi extremamente cruel e resolveu me casar. Teria que ser alguém muito ruim... Ou pior, uma mãe casamenteira chamada Amélia.

Tudo isso pode parecer drama ou exagero, porém faz mais sentido do que eu, Telly Oliveira, estar casando de véu e grinalda em uma Igreja mal decorada. Muito mal decorada. Só dois jarros de flores e mal posicionados ainda. Injusto! No casamento da Belly ninguém economizou.

Tento ver à minha frente, mas está tudo embasado – mais uma prova de que minha mãe me drogou e, portanto, esse casamento é nulo –, depois de quase fazer os olhos saltarem para fora das pálpebras de tanto espremer, desisto

e foco no arranjo de flores amarelas e verdes que parece ter surgido agora em minhas mãos, que tremem e meu cérebro logo faz a comparação com um enterro.

A medida que vou adentrando, a névoa densa vai se desfazendo liberando silhuetas. Busco pelo rosto dos meus amigos e da minha família na Igreja. Posso ver minha mãe chorando, só não sei dizer se é por estar casando mais uma filha ou por finalmente ter a casa só para ela. Vai realizar o sonho de andar pelada e poder cozinhar nua. Até imagino a cena: a fritura escorrendo entre o vão dos seios até o umbigo, o mamilo cheirando a queimado. Uma beleza. Meus olhos ardem só de pensar, imagine presenciar esse lindo espetáculo da natureza. Pelo menos ela planeja deixar a gente sair de casa antes de traumatizar por completo os filhos. Não parece, mas tem um pouco de juízo escondido em baixo dos apliques da cabeça de dona Amélia, como Belly costuma chamá-la.

Meus olhos vagam para minha irmã que está lindíssima e redonda – da gravidez e de cuscuz com ovo como seu marido sempre diz. E então, tento ver meu futuro marido no altar. Mas ele parece ainda estar coberto pela névoa. Pergunto-me, o que ele estaria pensando agora? Tipo, por que essa louca não sorri? Ou, por que ela tá com essa cara de pânico?

Olho para meu noivo que agora está mais nítido e sinto uma pontada. Será que ele sabe que qualquer mulher adoraria ser esposa dele? Mas eu não posso. Não quero me casar, nem sei porque estou aqui. Assim que decido o que fazer, sob o olhar de tanta gente familiar, sabia que morreria por causa da minha escolha.

Sim, porque minha mãe vai me matar... Um dia e só se ela conseguir me achar, óbvio. Porque eu vou para as ilhas Maldivas, para Suíça, para Turquia, para dentro de uma carapaça de tartaruga, mas para casa não volto. Não sem escolta policial e de preferência da federal, tem uns policiais gatos, isso com certeza seria uma distração para minha mãe. Quem vai ligar para matar a filha cercada de policiais gatos?

A menos que ela queria ser presa por eles. Humm... De repente não parece mais uma ideia tão boa assim. Melhor nem voltar. Cavar meu próprio túmulo e me enterrar logo, mas antes disso, alguém liga para Ludmila e cancela, porque não é hoje.

Olho para meu noivo que não preciso ver com clareza para saber quem é, seguro meu vestido cheio de rendas, pesado como se já fosse um meio de obrigar a casar. Uma âncora que custa os olhos da cara e nos arrasta até o

altar.

Virei para correr, mas caí logo de cara. A calda do vestido devia estar lá em casa ainda.

Droga! A Júlia Roberts faz isso parecer tão fácil.

Levanto sem olhar para trás e rasgo boa parte do vestido quase chorando, tomara que ele não tenha custado meu dinheiro, aposto que ainda estou pagando esses 500 metros de tecido inútil só de calda. Minha vontade era de pegar tudo que rasguei e levar comigo. Deve dar para vender, nem que seja como lona de circo.

Assim que consegui lascar boa parte do vestido, comecei a correr diante de uma Igreja que imagino escandalizada. Não podia ver o padre, mas aqui eu jamais serei bem-vinda novamente.

Não demorou muito para me sentir exausta, minha família não é conhecida por seus esforços físicos então, parecia que eu já tinha corrido uma maratona quando na verdade só desci alguns degraus da escada.

Quando pisei na calçada, conseguia ouvir nitidamente minha mãe gritar meu nome sem parar, mas esse não seria meu casamento.

Parei um taxi, não aguentava mais correr, porém, antes de conseguir entrar no veículo, uma mão forte segurou o meu pulso me virando. Seus olhos verdes eram uma mistura de mágoa e diversão. Eu não queria falar com ninguém, muito menos brigar com ele e explicar meus motivos óbvios. Mesmo que devesse isso a ele. Não queria. Só queria ficar sozinha e pensar. Ainda assim fiquei parada, esperando-o me xingar. Ou até mesmo gritar, no entanto, ele apenas olhou dentro dos meus olhos e como um passe de mágica meu noivo lindo virou minha mãe gritando:

— Acorda, acorda, acorda... Morreu desgraçada?

O quê?

Mesmo depois de abrir os olhos, demorei um tempão para retorna a realidade e perceber que estava tendo um sonho, porque o pesadelo começou quando sentir um golpe de água dentro dos meus olhos, ouvidos, boca...

— O quê...

Eu ia reclamar da chapinha, mas comecei a tossir, minhas narinas ardiam, meus olhos queimavam tanto e tinha um gosto estranho na minha língua e algo parecido com um fio de cabelo.

Tento enxergar enquanto completamente ensopada sento na cama assustada.

— Graças a Deus acordou... Menina, quer matar sua mãe? Faz meia hora que tento te acordar — grita e posso apostar que está com a mão no peito.

— Meus olhos estão ardendo. Essa água está com cheiro e com um gosto de... — Pulo da cama ainda meio cega. — Mãe, o que jogou em mim?

Tomara que não seja água suja.

Tomara que não seja água suja.

Tomara que não seja água suja.

— No desespero, acabei usando a água que passava pano na casa...

Ela não parecia arrependida. Diria que está rindo, mas não posso afirmar já que estou cega.

— Que nojo mãe, eu engoli isso sabia?

Acordo de um pesadelo para outro. Quase me fez querer que a parte do casamento fosse real e isso um sonho.

Quase.

Corro para o banheiro meio – *muito* – cega, tateando as paredes. Graças a Deus essa casa é pequena e sem câmeras, já pensou isso registrado? Seria o fim da minha vida. Minha mãe no natal mostrando em um telão para toda a família essas imagens: *"esse dia aqui foi quando achei que Telly tinha morrido e joguei a água que limpava o chão na cara dela, bebeu bastante, mas graças a Deus está viva. Cheia de vermes, mas viva"*.

Agr! Grito mentalmente entrando no banheiro. Direto pro chuveiro.

— Desculpa se meu desespero em salvar minha filha te ofende — debocha ofendida, me ajudando a lavar o rosto.

— Na próxima apenas verifica o pulso — retruco em baixo do chuveiro.

— Ou você pode começar a acordar no seu horário. — Esfregar meu cabelo como se estivéssemos lavando a casa. Descancela o cancelamento da Ludmila, porque é hoje que fico maluca. — Está atrasada para a faculdade, aliás, já perdeu a primeira aula. Se arruma logo, que quem espera por 10, 20, 30 anos é Luan Santana, não eu.

Se eu conseguir enxergar novamente...

— Ainda bem que não estou usando lente, senão iam ter que arrancar meus olhos. E esse gosto não sai da minha língua. Que nojo.

— Deixa o drama para Shakespeare. Se arrume logo ou vou jogar caranguejeiras na sua cama na próxima e dê um jeito nessas coisas molhadas.

Mordo a língua para não retrucar que foi ela quem molhou e quem deveria dar um jeito, mas me limito a revirar os olhos, afinal, eu gosto de viver.

Pode parecer incomum ou doideira, mas é só mais um dia comum aqui em casa. Afinal, dos quatro filhos da mãe nessa casa só restou eu para ela *encher o saco*. Bancar a doida mãe casamenteira. Tornar-me a mulher de alguém. Pelo menos é o que mamãe pensa, pois já tenho tudo arquitetado na minha mente criminosa.

Mamãe vai desistir de me casar, sorrio embaixo dos jatos quentes do chuveiro, ou não me chamo Telly Oliveira.



CAPÍTULO 1

TRUNFO

Minha irmã mais velha sempre diz que tem a melhor família do mundo e eu sempre penso que ela só pode ser adotada ou tem um jeito muito *arco íris* de ver a vida. Do tipo que ver e fala com unicórnios voadores e dançarinos de rasga-tanga. Que acredita em felizes para sempre e no poder da amizade, porque se tem um título que a família Oliveira merece é o de mais pirada e intrometida do mundo inteiro, quiçá do universo, no caso de existir vidas em outro planeta.

Brincadeira gente. Família amo vocês. São os melhores. Vai que um dia minha mãe leia isso, não quero ser expulsa de casa. Amo vocês com *coramão* e tudo, apesar de que eu sou a melhor parte da família.

Sorrio com esses pensamentos loucos sinal de que o cansaço esta vencendo minha sanidade. Espreguiço-me no sofá e posso sentir meu corpo tenso, implorando por uma massagem daquelas que só meu irmão sabe fazer. Estou toda quebrada. Estou cansada de correr entre faculdade, estágio e trabalho. Não sei como Belly conseguia conciliar e muito menos como fazia isso sem perder uns 60 quilos. Porque eu já estou mais magra que um louva Deus com fome. Ricky já esta me chamando de *chassi de grilo*, dizendo que estou andando igual Diego do *ace derer*. Requebrando. Só os ossos balançando. A situação tá feia. Daqui a pouco não restará nada para Thomas pegar. Devo mais uma vez parabenizar minha irmã. Ela fazia isso tudo parecer bem fácil. Agora entendo porque estava encalhada, vivia sem tempo para nada, também não tenho mais tanta disposição para namorar ou sair depois que comecei a trabalhar.

A vida está me sugando como se ela fosse o aspirador e eu a partícula de pó.

— Cheguei família! — Me assusto quase estabacando no chão, ao escuta minha irmã gritar à porta da sala. — Peguem minha mala — *alguém avisa que ela não mora mais aqui!* — porque já *tou* carregando muita coisa. — completa alisando o barrigão.

Levanto do sofá para abraçá-la, faz duas semanas que Belly e Max viajaram em lua de mel.

— Não sei por que você veio de mala e tudo para cá senão mora mais aqui. — Provoco abraçando minha irmã. Sei que ela está aqui por esta quase tendo o bebê, claro a gente que vai cuidar delas nos primeiros dias do pôs parto. Vou amar tê-la novamente aqui em casa. Mamãe vai ter menos tempo para mim.

— Também estou feliz em te ver... — me apalpa — Apesar de que me lembro de você um pouco mais visível.

Vai começar o bullying!

— Como foi de viagem? — pergunto com um sorriso sacana, tentando mudar de assunto. De críticas e piadinhas já bastam do Ricky e da mamãe.

Nesse momento Max entra na sala resmungando com as mãos cheias de bolsas e pacotes de fraldas.

— Estou devolvendo sua irmã por defeito de fábrica. Ela incha com o tempo — brinca e sem delicadeza larga tudo no chão.

— Nem pense, não aceitamos devoluções depois de usada.

— Eu ainda estou aqui. — interrompe a brincadeira fingindo está magoada.

— Como esta, Max? — pergunto indo em sua direção para um abraço de boas vindas mas sou empurrada por mamãe que passa por mim e Belly, de braços abertos e abraça Max.

— Max, meu filho, que bom que já está de volta.

— Filho?! Que delícia. Trocada pelo meu marido. Eu sabia que esse dia chegaria. — reclama fingindo limpar uma lágrima.

— Vem cá ciumenta. — Digo abraçando novamente minha baixinha com força, mas com cuidado.

Saudades dela e principalmente de quando ela aguentava quase todas as paranoias da mamãe sozinha.

— Eu tô grávida, merecia mais respeito — contínua reclamando — ser a primeira a ser abraçada por todos dessa casa é o mínimo. Tô grávida do neto primogênito. Mereço ser paparicada.

Se já era dramática antes, imagine grávida.

— Tá bom Belly, mais tarde te dou um osso. — brinco atijando a almofada do sofá nela, que revida mostrando o dedo do meio para mim.

— Mãe será que a senhora pode largar meu marido. — pede revirando os olhos.

Até eu já *tava* ficando com ciúmes, quando mamãe finalmente solta Max que rir se divertindo com a cena, abraça minha irmã dizendo:

— Se eu soubesse que você ia ser tão dramática tinha colocado seu nome Julieta.

— Teria combinado mais. — Max entrar na brincadeira — Fiona também seria um bom nome.

— Seria mesmo, já que casei com o Shrek.

— Touché! — Exclama com a mão espalmada no peito. — Tem o que para comer?

— Manda sua mulher ir rolando até a cozinha ver. — brinco levando um tapa da minha irmã. Ah só ela pode fazer bullying.

— Se eu pudesse ia mesmo, não aguento mais anda com esses pés inchados. Olha isso — resmunga levantando um pouco o pé. — Parecem dois balões e nem para voar servem.

— Eu adoraria ficar aqui ouvindo você reclamar, mas tenho que ir pro meu estágio.

— Hoje é domingo e seu estágio é a tarde não...— pausa olhando no relógio de pulso — às 22horas.

— Viu? Já estou enlouquecendo. Essa vida de adulto não é para mim.

— Vai sobreviver — Mamãe nos interrompe mas logo sai para cozinha abraçada com Max.

— Mamãe não quer genros, quer filhos homens — Zomba.

— E minha sobrinha como está?

— Maluca com a mãe chamando de Malu e o pai chamando de Mônica.

Desde que descobriram o sexo eles não entraram em um acordo sobre o nome e pelo visto não vão.

— Imagino e o restaurante? Como foi o curso na Argentina?

Na viagem de lua de mel ela fez um curso. Quer se torna logo uma chef de cozinha. Afinal restaurante ela já tem.

— Maravilhoso e a faculdade já está quase terminando, não é?

— Sim... — e não. Na verdade eu tranquei um dos cursos. Depois que fiz as decorações para Belly percebi que é com isso que quero trabalhar, mas não posso contar para minha família que resolvi trancar a faculdade que sempre batalharam muito para pagar.

Confesso que me acomodei, principalmente porque Belly mesmo jovem demais tomou a frente de tudo e virou quase nossa figura paterna.

Mamãe casou diversas vezes, apesar de ter casado com caras bem de vida, terminou solteira, sozinha, com quatro filhos e pouco dinheiro. Como mamãe diz: *se vai casar faça um bom contrato pré-nupcial. É fundamental.* O meu problema foi que ninguém queria que eu trabalhasse por saber como é difícil conciliar estudo x trabalho, mas eles mesmos faziam isso. Eu devia ter ajudado mesmo contra a vontade de todos. Não quero virar uma Letty da vida, mimada ao ponto de achar que a vida é um eterno conto de fadas dentro do próprio umbigo.

— Telly? Terra chamando. — sou despertada por minha irmã me cutucando — anda tão pensante ultimamente. Aconteceu algo?

— Ando cansada demais, apenas isso.

— Sabe que não precisa trabalhar enquanto não terminar a faculdade...

— Eu dou conta, gosto de ter meu dinheiro, além do mais, o estágio e a faculdade irão terminar ainda este ano.

— Se deseja assim eu que não vou te impedir — segura minha mão em sinal de apoio — Você sempre soube melhor que eu o que fazer da vida.

— Só com a vida dos outros.

Ela rir e em tom de segredo pergunta:

— Mamãe anda te enchendo querendo um marido para você? Ou te separar do Tommy?

— Isso sempre, mas já sei o que fazer.

— Finalmente! — grita — Vai pedir o Thomas em casamento e vamos ter filhos quase da mesma idade?

Às vezes minha irmã viaja no mundo da lua.

— Jamais. — Olho para os lados só para ter certeza que estamos sozinhas, se minha mãe souber meus planos, em vez de casada vou virar presunto.

— Então, qual é a sua Ideia? Dizer que virou lésbica? Capaz de ela querer te casar do mesmo jeito.

— Não, eu gosto de rola. — digo com urgência. — E mamãe nunca ia acreditar nisso. Meu plano é melhor, vou fazer mamãe desistir de me casar.

Ela me olha atônita e depois cair na gargalhada com direito a palmas e lágrimas.

— Essa foi boa. Mamãe desistir de um casamento. Para de graça Telly diz o que você pensou.

— Não é graça, eu vou fazer a mamãe desistir de me casar.

— Fica mais ridículo da segunda vez que você fala.

— Presta atenção, Belly, ela não vai me obrigar, vai apenas plantar a ideia até eu querer como fez com você.

— Mas seu caso é bem diferente você já tem alguém, então o plano da mamãe é outro... E não tem como você saber o que ela vai armar dessa vez.

Irmãzinha sempre lerda!

— Tenho sim, eu tenho como esta um passo à frente da mamãe e saber exatamente o que ela vai fazer. — afirmo convicta e ela me olha incrédula. Como se eu tivesse dito que ia trancar a mamãe em uma masmorra sem água ou comida até ela dizer o plano.

— Telly...

— Só escuta. Eu tenho algo que a mamãe não tem...

— Estrias na bunda?

Infelizmente eu tenho e devido ao meu peso atual, mais estrias que bunda.

— Isso também, mas meu trunfo é você.

Sorrio para a cara de pavor da minha irmã. Hora de começar a colocar meu plano em prática. Operação: não caso modo on.



CAPÍTULO 2

APOSTA

Belly mais uma vez me olha incrédula como se eu tivesse dito que faria nascer um chifre de unicórnio no meio de minha testa. *Tá*, talvez eu tenha dito um absurdo, mas sei o que estou fazendo e só dará certo se Belly me ajudar. Conheço a cabecinha e cada fio de cabelo casamenteiro da nossa mamãe, afinal, fiz parte do outro plano, tenho experiência no assunto e não serei a próxima casada da família.

— Belly? Está viva?

— “Você” quem exatamente? — pergunta pausadamente.

— Você, Belly Oliveira, minha irmã favorita — aponto — Vós, tu...

— Cano. Só se for ele, porque eu não vou fazer parte de armação nenhuma.

— Terá que ficar de um lado e não custa nada ser do meu. — Faço minha melhor cara de cachorro sem dono. — Me ajuda vai. Juro que mamãe nem vai descobrir.

Ela não responde apenas suspira e levantar com a mesma "agilidade" e sons estranhos que sentou, vira e começa à caminhar pensativa por alguns longos segundos, até que vira em minha direção parecendo chegar a uma conclusão.

— *Tô fora!*

Tanto tempo pensando para isso. Parece até que existe essa opção.

— Não pode fazer isso comigo — digo em tom manhoso. — Eu te ajudei a casar com Max.

— Eu não queria casar. — *Mentirosa!* — Bom, não quando a armação começou, aliás, foi até bom você me lembrar disso. — *Ops!* — Agora que não ajudo mesmo. Você armou com a mamãe pelas minhas costas e quer que eu arrisque minha vida traindo a confiança dela para te ajudar? Não mesmo. Eu gosto de viver.

— Mas irmãzinha... — Faço biquinho. — Por favor?

— Não use isso comigo e nem essa voz. — Cruza os braços e olha para o teto. — Não caio mais nisso.

Cai sim!

— Belly, você só terá que me contar a armação — negocio tomando cuidado para não falar muito alto e mamãe terminar escutando nossa conversa e acabar com a minha vida de vez.

— Só? — Ri sem humor. — Por que acha que ela vai dizer algo para mim?

— Porque com Ricky morando longe e como odeia o Thomas, não vai contar com eles, então mamãe com certeza vai pedir sua ajuda... Ou talvez a do Max.

— Que ótimo, sou a última opção.

— Sem crise. — Levanto e seguro seus ombros. — Belly, por favor, só isso e o resto eu faço.

— De novo esse "só"? Não fale como se fosse simples e fácil. Mamãe vai fazer meu couro de casaco de pele, ou melhor, de roupinha para o botijão, se descobrir que te contei os planos dela.

— Então você já sabe?

— Não, não sei de nada. Graças ao Senhor. Estava no paraíso com meu *nego* gostoso e minha bebê... — Alisa o barrigão. — Enfim, acho que ela ainda não tem um plano.

— Ah, com certeza tem, desde que viu nosso ultrassom ela já devia ter planos — afirmo. — Sei só pelo jeito que me olha que mamãe tem sim um plano quase infalível para me casar.

— Você está paranoica... Mamãe não vai querer seu casamento antes de terminar a faculdade e...

— Vai me ajudar ou não?

— Tá bom, vou te ajudar. — Cede finalmente e me seguro para não gritar eufórica. — Mas...

Lá vem. Minha irmã já foi melhor.

— Mas o quê?

— Vou querer algo em troca.

— Qualquer coisa.

— Quero que namore sério com Thomas.

O quê?

— Qualquer coisa, menos isso. Se eu quisesse algo sério casava logo.

— Então case com ele ou com outro e seja feliz — fala em tom de desafio e vira para sair em direção a cozinha.

Chantagista! Ingrata *duma* figa! Não tenho alternativas. Entre a cruz e a espada, dos males o menor.

— Eu vou pensar, afinal, não depende só de mim. Tommy tem que querer também.

— Verdade. Então vou propor outra coisa. — *Graças a Deus! Pior que isso não dá para ficar.* — Quero que se declare para ele, que diga que o ama.

Uau! Acabou de ficar pior. De onde ela tira esses delírios?

— Nunca. Isso não, eu não o amo dessa forma que você pensa... — tento explicar, mas nem eu sei ao certo como me sinto. — Não posso, seria estranho depois e ele...

— Você o ama.

— Não...

— Não foi uma pergunta, Telly.

— Eu sei, mas é que não sinto o que você acha que sinto... Sei lá... Eu gosto de como me sinto com ele. O sexo é muito bom, me trata bem... — Afundo as mãos no cabelo. — É complicado explicar. Você não entenderia.

— Você também não entende, porque está mentindo para si mesma.

— Agora virou especialista em amor.

— Não precisa ser especialista para isso. Está bem óbvio.

— Tá bom, dona da razão... Pede outra coisa. Essas não posso cumprir.

— Que tal tirarmos a prova? Fazermos um trato antes de você iniciar seu plano...

— Operação: não caso. — Interrompo. Belly ri do nome, mas agora já parece empolgada com a ideia.

— Ok! Antes de iniciar essa operação, vamos fazer um trato, aliás, uma aposta.

Estou me sentindo fazendo pacto com o diabo. Ganho uma coisa, mas perco tudo.

— Que tipo de aposta?

— Do tipo que irá provar se você ama ou não o Thomas.

— Prossiga.

Agora é minha vez de andar de um lado a outro.

— Terá que dormir com outro homem.

— Como assim? Para quê?

Por quê?

— Disse que não ama Thomas e que é só sexo...

— Não disse isso, disse que era complicado.

— Tanto faz, se conseguir sair com outro homem e não se sentir culpada, te ajudo nessa “operação: não caso”, mas se o que sentir por ele for amor, não conte comigo.

Ela me olha tão vitoriosa e me pergunto se nem aceitei a aposta e já a perdi.

— Não sei... — *se consigo.*

Já tentei sair com outros caras, vai fazer uns cinco anos e não conseguir ficar com eles. E olha que naquela época vivíamos um relacionamento liberal. Imagine hoje que estamos saindo, digamos que, de forma exclusiva.

— Se der para trás já vou saber a resposta — fala olhando as unhas como se não desse importância. De repente, ela decidiu ser esperta. Droga!

— Isso não seria legal, com Thomas que só sai comigo.

— Mande ele ter outra também ué.

— Não! — digo com urgência, mas quando ela abre um sorrisinho completo: — Não me importo, é uma boa ideia — minto, não é porque não amo que não sinto ciúmes dele.

Sei que só somos fiéis porque atendemos todas as necessidade um do outro, não por amor. Somos amigos que por conveniência viram amantes às vezes. Apenas isso.

— Ótimo, agora é pegar ou largar.

— Topo.

— E tem que ir até o fim. Sexo até a subir o cheiro de *piriquita* assada.

— Que nojo Belly — digo com uma careta. — Posso ao menos escolher com quem?

— Não, melhor um desconhecido aleatório, que vá sair contando para qualquer uma — aponta para ela mesma — que te comeu.

— Afs, credo, mas tudo bem. Sou uma mulher livre e desimpedida.

— Isso veremos — comenta soltando o cabelos do coque. — Não tem medo de magoá-lo?

Penso em responder: "*Quem está propondo essa aposta indecente é você, se ele sofrer a culpa é sua.*" Mas me limito a dizer:

— Thomas irá entender — digo sem muita convicção. Assim, pelo menos espero. Ele nunca fez a linha de quem divide, por isso nosso caso virou fechado. Foi uma condição imposta por ele. Apesar de que para quase todos, saímos com outras pessoas.

— Ele é muito apaixonado por você.

— Não, não é. Thomas é um homem maduro. Ele sabe o que temos, não ia envolver sentimentos.

— Coração não liga para o racional ou para o carnal Telly. Ele apenas ama — filosofa me fazendo revirar os olhos. — Está nos olhos dele e na forma que ele sorri quando te ver. Ele te ama.

— Ele não me ama desse jeito Belly...

— De que jeito então?

Sei lá, ele também nunca disse.

— É complicado.

— Vocês dizem que se amam? Conversam sobre isso? Telly, são quase oito anos com ele. Isso é muito tempo.

— Belly, vamos mudar de assunto... Sabe que não me sinto confortável falando disso. É algo nosso. Só nosso.

— Tá bom, mas a mamãe tem razão em dizer que você acabará se machucando.

— Não, eu sei o que faço e ela diz isso desde o início. Até hoje nunca me machuquei. Você dá muita importância aos conselhos da mamãe. — Reviro os olhos.

— Porque ela está certa algumas vezes. Tommy tem quase 34 anos e uma hora vai querer ter filhos, esposa. E aí irmã, como você fica nessa história? — indaga dando um beijo em minha testa. — Não responda, só pense sobre isso

— completa olhando nos meus olhos.

— Mônica? — Max grita da cozinha. Adoro esse apelido, transmite uma cumplicidade que só eles têm. — Vem comer.

— Já vou — responde no mesmo tom que o marido. — Bom, parece que a conversa acabou. Vou tomar um banho e trocar de roupa.

— Onde pretende dormir?

Depois que ela mudou, transformei nosso quarto em um quarto só meu.

— No quarto que sempre dormi.

— E onde eu vou dormir?

Ela me olha de cima a baixo e sorri. Droga, eu devia ter deixado a beliche no quarto, agora vou dormir no chão.

— Isso não é justo — grito para ela que sai rindo. — Mãe eu não vou dormir na sala.

— Pode dormir no quintal se quiser. Acho que ainda temos o colchãozinho do cachorro.

Afs!

— Eu tenho um sonho de ser valorizada nessa casa — grito, reviro os olhos, pego as tralhas... *Ops*, bagagens e vou para o quarto ajeitar para a princesa Belly dormir.

De madrugada dou aquela fugidinha e vou para casa do Thomas. Pelo menos tenho desculpa agora para dormir na casa dele mais vezes. Eu nem queria mesmo, mas temos que aproveitar as oportunidades que a vida dá. Ainda mais quando isso inclui dormir com o ar condicionado no 15 e um gato de olhos verdes nuzinho ao meu lado. Sorrio safada enquanto pego meu celular para enviar um SMS para Tommy.

Enfim um pouco de prazer em meio a tanta responsabilidade.



CAPÍTULO 3

PALHAÇADA

Assim que acredito que todos já dormiram, levanto bem de mansinho só para conferir se estão realmente em sono profundo. Vou até o quarto da mamãe, com a lanterna do meu aparelho celular e a vejo em sua cama com alguma coisa no rosto, a boca aberta e uma máscara nos olhos. Quando a observo dormir sempre me pergunto o que aconteceu com o conselho de dormir sempre preparada e por que mamãe nunca segue os próprios conselhos.

Controlo o ímpeto de colocar algo dentro da boca dela. Difícil ver Senhora Amélia Oliveira desarmada e vulnerável, afinal, com o sono pesado que ela tem podem sambar em cima da testa dela com salto agulha que não vai acordar. E como Belly diz, sou moleca e quase nunca resisto a vontade de aprontar, aliás essa será a segunda vez.

Com a mesma calma saio do quarto e vou até meu ex-quarto, que agora foi tomado por uma sem teto. Que ódio! Tenho vontade de jogar água ao ver o casal na minha cama, aliás Belly na minha cama, já que o pobre do Max está quase caindo no chão. Nunca vi uma mulher tão pequena – em altura – ocupando tanto espaço e um homem tão grande – de altura e músculos – conseguir se equilibrar na beiradinha da cama. Então casamento é isso. Mordo as bochechas para não rir e com cuidado caminho até a porta da frente. Ao contrário da mamãe eu já durmo preparada para dar... minhas fugidinhas no meio das madrugadas da vida.

Sinto o vento frio acertar meu rosto e afundo ainda mais no blusão enquanto abro o portão de casa. Verifico que a rua está aparentemente deserta, visivelmente sei que as vizinhas já estão olhando pela fechadura de suas casas assim que ouviram o barulho do portão. Retiro um boné do bolso da blusa colocando logo em seguida sobre a touca para cobrir mais áreas do rosto. As roupas folgadas de homem normalmente me deixam bastante aquecidas, mas pelo visto hoje não são o suficientes.

Quem diria que faria frio no Nordeste, porque aqui até de madrugada é quente como o Saara e nem no inverno é frio. Porém o frio não é o motivo para estar vestida como homem, na verdade, é porque são duas da manhã e claro que não confio em sair linda e loira para rua vestida de mulher. Mesmo Thomas estando perto, prefiro não arriscar.

Todos sabem o perigo que uma mulher sozinha corre e infelizmente ou

felizmente, como homem não tenho tanto problema, aliás como homem o único problema que tive foi quando Max usou uma bermuda minha achando que era de Ricky e quase descobriram. Óbvio que mamãe odiaria saber que ando sozinha por aí a noite. Seria mais um ponto negativo para Thomas.

Só pensar nele que vejo, com alívio, seu carro prata parado um pouco distante da rua que moro. Aceno para ele que vem em minha direção.

— Que demora — reclama, descendo o vidro do carro.

Dou a volta no veículo sem esboçar nenhuma resposta, só pela cara dele sei que estava dormindo quando mandei mensagem e sei também que está com muito trabalho. Vive cansado, estressado e sem paciência.

— Belly chegou hoje, estávamos em festa, por isso demoraram a dormir — justifiquei colocando o cinto.

— Deveria arrumar uma roupa mais apertada...

Reviro os olhos. Ele nem gosta que eu use roupas apertadas. O problema é que geralmente uso as de homem mostrando um terço da bunda.

— Homem não veste roupas apertadas e quanto mais maloqueiro ou maluco eu parecer, melhor é.

— Você não precisa parecer maluca, você é maluca.

— Mas você bem que gosta — sussurro safada. Viro seu rosto e dou um selinho em sua boca.

Ele sorri manobrando o carro.

— Vai ver sou louco também — brinca — ou é sono. Desde que te conheci não durmo direito. Estou precisando — comenta passando a mão nos olhos e logo em seguida na cabeleireira castanha.

— Se estava tão cansado poderia ter dito não.

Ele olha para mim e sorri sem humor. Sei no que está pensando, na única vez que me disse não. Não que seja um cão obediente, queria eu, mas ele sabe que uma greve de vez em quando por birra eu faço.

— Você é meu descanso — responde sedutor.

— Tem certeza que é descanso o que faço você sentir? — provoco colocando a mão em sua coxa.

— E sua mãe achando que foi eu quem te levou para o mau caminho.

— Minha mãe jamais pensaria isso. Quando fulana de tal diz que a

filha está indo para o mau caminho, ela logo grita: "*vou pedir para Telly não deixar passar, não se preocupe, no mau caminho ela não entra.*" Sou a dona do mau caminho, bebê.

— Sei... — resmunga. — Deveria ter vindo passar o dia comigo, é difícil a dona do mau caminho ter um dia livre.

— Já disse, Belly chegou hoje e mamãe vive no meu pé.

— Jura? Estava até achando ela mais liberal, achei que seria pior.

— Pois é, é disso que tenho medo. Sei que lá vem bomba.

— Está paranoica.

— Segunda pessoa que me diz isso só hoje.

— Porque é verdade. — Ele tira uma das mãos do volante e coloca na minha coxa. — Mas vou te ajudar a relaxar — completa com um sorriso sacana.

— Muito gentil você — respondo irônica. Sua mão desce até ficar entre minhas pernas. Remexo tentando achar um jeito para que ele explore melhor.

— Está usando calcinha?

— Você sabe que não — sussurro enquanto seus dedos percorreram por minha vagina, sobre a calça de flanela que uso.

— Não provoca que já gosto.

Sorrio.

— Provoco porque só você me satisfaz.

— E que nem pense o contrário.

De repente, a aposta veio na minha cabeça quebrando totalmente o clima. Thomas vai surtar quando eu contar, aliás, se eu contar. Afinal, o que os olhos não veem o coração não sente, não é mesmo?

— Tommy — chamo brincando com o meu cinto —, não pensa em outras mulheres?

— Já viu quantas mulheres atendendo por dia? — *Infelizmente já. Parece ginecologista.* — E quase nenhuma realmente precisam do meus serviços de advogado — disso também sei. Fiz o mesmo que elas várias vezes. — Eu vivo pensando em outras mulheres 24 horas, ao ponto da loucura...

Não diga!

— Não me diga.

— Porém, você é a única que imagino nua, é claro.

Sei!

— "Você é a única que imagino nua". Isso funcionava com as outras garotas?

— Depende do nível de carência da mulher — responde cínico.

— Está andando demais com o Max.

Ele gargalhou como se tivesse recordado de alguma piada que não conheço, safado, ainda fugiu da minha pergunta. Quem não conhece que o compre a vista e sem garantia. Thomas é o típico produto de vitrine: lindo, de excelente qualidade e bastante acessível, mas acredite, com o tempo começa a dar defeito e muita dor de cabeça.

O resto do trajeto fomos em silêncio, ele apenas alisando minha coxa por cima da calça, hora eu a dele.

Quando estacionou na garagem da pequena casa azul, desci e entrei com minha chave. Thomas mora sozinho desde antes de o conhecer. Saiu novo da casa dos pais em busca de algo melhor. Formou-se em Direito e logo que conseguiu um estágio, se destacou e está até hoje trabalhando no mesmo lugar. O sonho dele é a sociedade do escritório, mas ainda não conseguiu e nem sei vai.

A casa dele é pequena, simples, mas incrivelmente arrumada, mais arrumada que meu quarto até. Thomas tem toque, leve, mas tem. Quando durmo aqui me irrita só de vê-lo arrumando um fio que deixei fora do lugar. A sorte é que aqui não tem muito o que bagunçar, já que tem poucos móveis e só de olhar você já sabe onde está tudo.

— Quer fazer algo antes de dormir? — Indaga me abraçando por trás enquanto cheira meu pescoço.

— Dormir? Vim para ficar acordada baby, dormir eu durmo em casa — respondo tirando o boné e liberando meu cabelo da touca.

— Agora sim. — Desliza a mão pelo comprimento do meu cabelo até minha bunda. — Vou gostar mais se você tirar essa roupa de macho também.

— Está assanhado demais.

— Claro, você não tem mais tempo para mim. Vivo na seca. Daqui uns dias vou ocupar o lugar da sua irmã nos humilhados e rejeitados.

— Dramático! E não fale assim da minha irmã. — Sorrio beijando sua boca.

Thomas e eu somos quase do mesmo tamanho, apesar dele ser um *cadin* mais alto, eu adoro aproveitar essa vantagem.

— Trabalha amanhã? — murmura contra meus lábios após o beijo.

— E escrava tem descanso?

— Dramática! — devolve, se desvencilhando dos meus braços e se jogando no sofá. Jogo meu corpo por cima dele.

Nem é drama. Inclusive, nesse exato momento vou lavar roupa pelo resto da madrugada *num* tanquinho. Só que essa tarefa eu não abro mão de fazer e até executo de graça. Faço com prazer.

— Sabe o que andei pensando?

— Em vim morar comigo?

— Jamais. — Faço sinal da cruz e ele ri. — No meu intercâmbio. Não vejo a hora de ir.

— Dois anos. Quase sentirei saudades.

— Eu vou sentir de você — as palavras voam da minha boca. Isso soou muito *apaixonadinho* para o meu gosto. — Até encontrar outro cara de olhos verdes, claro.

— Sempre soube que só está comigo pelos meus olhos verdes. — Gira ficando por cima. — Belisca meu quadril. — Precisa se alimentar direito.

— Não dê uma de Amélia, por favor.

— Só de ouvir esse nome me dá um frio na espinha. Mulher louca.

— Não fale assim da minha mãe — dou um tapa no seu ombro.

— Ela me fez andar cinco quarteirões nu e no frio. Eu podia ter sido preso nu. Preso nu — frisa. — Tem noção?

Imagine um cara com cara de modelos, olhos de gato, com quase 1,80m de altura, bunda durinha redondinha, todo depilado e cheio de marra sendo preso nu. Definitivamente não seria legal. Mas como a zoeira não tem fim...

— Tenho noção. Você viraria o mister bumbum prisão. A sensação dos detentos.

— Pode zombar, mas a ideia de transar no quarto dela foi sua. Por mim, ia no sofá mesmo.

— Agora é tarde, e duvido que você preferiria as palmadas que eu levei.

— Para você deve ter sido ótimo, já está acostumada — diz acertando uma palmada na minha bunda. — Até estava levando umas quando fomos flagrados.

Reviro os olhos. Pode zombar. Não foi nada ótimo, ainda fiquei de castigo depois de velha.

— Você está tão engraçadinho hoje.

— Prefere — pausa descendo a boca pelo meu pescoço — quando — morde me fazendo contorcer — estou sério tirando sua roupa? — termina subindo um rastro de beijos até o lóbulo da minha orelha.

Prefiro!

— Menos conversa e mais ação — peço me esfregando contra seu volume.

— Seu desejo é uma ordem, loirinha — sussurra puxando minha calça exibindo minha boceta lisinha. Ele sobe um caminho de beijos pela parte interior da minha perna até chegar ao meio delas. Deixa uma mordida ali. Olha para mim, sorri safado constatando o quanto estou molhada. Tommy desliza os dentes por minha virilha bem de leve me fazendo arrepiar e estremecer.

Sei, pelo tom mais escuro dos seus olhos e seu sorriso safado que a madrugada vai ser resumida em pele na pele sendo consumidas pelo fogo da paixão. Seu corpo quente roçando o meu enquanto unidos gememos de prazer e sua boca lentamente devorando a minha.

Uma madrugada do jeitinho que eu gosto.

Remexo sobre o tórax de Tommy, vestida apenas com a blusa dele, enquanto ele permanece deitado só de boxer com os braços sobre os olhos. A manhã já chegou e ainda não dormimos.

— Estou ficando velho para isso.

— Para transar ou virar a noite acordado?

— A segunda opção com certeza.

— Levanta. Não vamos dormir mais mesmo. Vou fazer seu café.

— Pelo amor de Deus, não cometa esse crime ou serei obrigado a abrir um processo — pede retirando o braço de cima dos olhos. — Seu café é horrível, aliás, sua água é horrível.

— Lógico que não. Eu sempre ajudei na cozinha, cresci cozinhando. Minha família tem uma rede alimentícia.

— Só sabe fazer doce. — *Mentira. Sou prendada.* — Eu como na rua ou faço depois. — Olha no relógio. — Seis horas, tenho que te deixar na faculdade ainda.

— Tá bom papai. — Levanto para começar tudo de novo. Da faculdade para o estágio, do estágio para casa, de casa para o trabalho, do trabalho para a cova.

Ouçõ meu celular apitar avisando ter uma nova mensagem.

— Aposto que é sua mãe.

— Certeza. Ela sabe que você não é boa companhia para mim — brinco. Ele sempre fica bravo quando digo isso.

— Você que não é. Eu sou um ótimo partido.

— Hahaha. Ainda bem que Belly vai me ajudar a destruir os planos da mamãe, assim continuo solteira e pegando esse ótimo partido.

— Que surpresa. O que você não consegue?

Cogito se conto sobre a aposta para ele e opto em ser sincera, sempre tivemos um *relacionamento* baseado na honestidade.

— Ela propôs algo para me ajudar a fazer a mamãe desistir de um casamento para mim.

— Ainda acho que é só falar que não quer casar.

— Como se ela não já soubesse disso... Quero que desista de vez. Veja que não tenho jeito.

— O que ela propôs? — Senta no sofá. — Tenho até medo de vocês duas armando juntas.

— Então... — Coço a cabeça. — Ela propôs que eu durma com outro homem.

— O quê?

— Ela quer que eu durma com outro homem.

— A troco de...

— Foi o que ela pediu para me ajudar.

— Do nada ela não pediria isso — brada levantando.

— Mas pediu... É maluquice da cabeça dela.

Acabo omitindo o real motivo. Prefiro não entrar na área dos sentimentos. Sempre evitamos esse assunto.

— Vou perguntar para Max.

— Não! Ninguém e principalmente ele, pode saber dos meus planos. É só mamãe oferecer um pedaço de pão que Max entrega tudo.

— Palhaçada isso aí.

— O quê?

— O que você ouviu — grita. — Isso tudo é uma Pa.lha.ça.da.

— Eu nem ia te contar, não te devo satisfação — grito. — Já não tenho namorado para não ser cobrada.

— Beleza. Depois não reclama — avisa e sai em direção ao quarto me deixando sozinha.

— Pode ser mais maduro? — Sigo-o.

— Posso, no entanto, eu não estaria mais com você.

— Grosso! Babaca.

— Criança! Mimada. — Entra no banheiro e fecha a porta com um baque estrondoso.

Respira Telly, ele tem razão em ficar chateado, você também não aceitaria. Digo para mim mesma antes de entrar no banheiro. Brigar com ele pela manhã sempre entrega meu dia, fico pensando em coisas que eu poderia ter dito para ganhar uma briga onde sempre nós dois saímos perdendo sempre. Independente do motivo ou argumento.

— OK. Eu devia ter deixado claro que não vou dormir realmente com o cara, vou pagar para ele dizer e pronto. — Encosto na porta. — Não precisava dessa crise de ciúmes.

— Não precisa desse circo todo — rebate entrando, já completamente nu, embaixo do jato de água do chuveiro. — Você casa se quiser.

— Tommy... — Respiro fundo. — Vamos mudar de assunto. Tá bom?

— Como a princesa quiser.

Dai-me paciência!

— Vai continuar com isso?

Ele não responde, apenas me encara e me permito observar sem pudores a água percorrendo seu corpo e essa é a imagem mais sexy do mundo. Ainda sinto seu cheiro em mim. Ainda sinto seu toque. Viajo imaginando minha língua lambendo e mordendo seu tórax, fazendo um longo e vagaroso caminho até seu pau. Não que eu não já tivesse feito tudo e mais um pouco com seu corpo, mas cada dia meu tesão por ele fica maior. Sempre é como se fosse a primeira vez que o vejo nu. Sei que nesse momento estou pronta novamente para sentir todo o prazer que ele sempre me proporcionou e que nunca deixou que eu fosse de outro homem.

— Vamos nos atrasar — diz quebrando o encanto entre mim e seu corpo.

— Talvez... — murmurei com meu olhar preso em seu olhar. — Ou talvez a gente sequer saia de casa hoje.

Thomas desliga o chuveiro e caminha até mim como um predador que avista sua caça favorita. Levanta-me contra a porta com uma possessividade que fez um gemido escapar dos meus lábios. Abraço sua cintura e seu corpo está molhado contra o meu quente. Ambos quase nus nos fazendo gemer de prazer e ansiedade. Uma de suas mãos aperta minha coxa e a outra sobe para minha garganta.

— Minha! — sussurra com convicção antes de me beijar. — Minha! — repete no mesmo tom possessivo.

— Sua — digo quase como um gemido. — Sempre.

Tommy nos leva para dentro do box, termina de me despir com pressa sem me colocar no chão. Liga o chuveiro e aperta seu corpo no meu contra o box do banheiro. Beija com fervor ainda ratificando que sou dele. Seu pau entre nós me faz contorcer de ansiedade e tenho vontade de colocá-lo na minha boca.

Levo minha mão até seu pau, mas Thomas segura meus pulsos e levando eles também contra o box. Subjugando-me e me deixando mais louca de prazer. Meu corpo pega fogo mesmo com os jatos de água respigando em mim.

— Thomas. Seja meu e nos faz logo um — peço arfando.

Ele não diz nada apenas levanta uma de minhas pernas e desce sugando os pingos de águas pelo meu seio esquerdo depois o direito como se fossem seu objeto de desejo e não meu corpo. Isso me excita ainda mais.

Lambe minha barriga, morde meu umbigo e sobe novamente repetindo o trajeto. Minha respiração falha de prazer e me sinto tão pronta para ele. Tão desesperada para ser dele que nem parece que dormimos juntos. Empurro sua cabeça, sentindo o hálito quente de seu riso contra minha vagina. Depois, sinto sua língua sondando meu clitóris e finalmente chupando com vontade. Jogo minha cabeça para trás e os gemidos escapam livremente. Minhas pernas ficam moles e sei que ele me ampara mais que elas.

Rebolo contra seu rosto e uso minha perna em seu ombro para ajudar a mantê-lo ali como meu prisioneiro de prazer. Sinto seus dedos me penetrarem e gemidos altos agora deixam meus lábios.

— Aí que delícia! Que gostoso... Tommy.

Sua boca segue chupando meu clitóris e sei que o orgasmo se aproxima. Então ele para. Antes que eu reclame, gira meu corpo.

— Empina — manda dando duas palmadas na minha bunda que sei que ficará marcada. Faço como o pedindo, espalmando as mãos no box, como uma boneca que só quer divertir seu dono. Que esse é o seu prazer de vida.

Sinto seu pau deslizar da minha vagina até meu ânus e voltar. Paro de respirar por segundos quando ele entra em mim de uma só vez. Meu rosto encontra o box e meus cabelos vão parar em sua mão sendo puxados tão fortes quantos as estocadas dele.

Nossa! Tento resistir ao orgasmo eminente, mas meu corpo estremece avisando que é tarde para isso. Ele segue penetrando rápido depois para por dois segundos e continua. Solta meu cabelo e segura os meus quadris. Bate na minha bunda novamente com força me fazendo gritar de prazer. Uau. *Adoro fodas pós briga*, penso gozando novamente dessa vez junto com ele.

— Vou te foder hoje até eu esquecer a tal aposta — avisa puxando novamente meu cabelo. Estou tão sensível que até esse movimento me fez gemer. Adoro como o Thomas certinho se transformar no Tommy bruto.

Com certeza vamos nos atrasar, mas quem se importa?



CAPÍTULO 4

ADMITE

Óbvio que atrasei para a aula e consequente toda minha rotina desestabilizou, por isso que ando evitando Tommy. Estou quebrada, cansada e morrendo de sono, apesar de ter seu lado bom, já que estou satisfeita e menos estressada, hoje eu só queria ficar em casa dez minutos deitada no sofá sem fazer nada. Sem falar com ninguém. Apenas existindo, respirando e sentindo meu coração bater. Seria maravilhoso e possível se eu não fizesse parte da família Oliveira e dividisse a casa com a mãe mais preocupada com a vida dos filhos da face da terra.

Será que se eu me trancar no banheiro consigo ficar dez minutos em perfeita harmonia? Penso ouvindo os saltos da minha mãe bater contra o piso de forma irritante.

— Que horas você saiu? — mamãe indaga parada a minha frente de braços cruzados e parece bastante brava. Lá se vai qualquer projeto de paz que eu tenha feito.

— Saí cedo, mãe — respondo cobrindo o rosto com as mãos. — Tenho 24 anos já, acho que tenho idade para sair sozinha.

Estou deitada no sofá ainda com a roupa que saí da casa do Tommy para a faculdade e em seguida, para o estágio. Não tenho tempo para trocar de roupa. Minha chefe é maravilhosa, mas exigente ao extremo e não tolera atrasos. Isso porque não sou remunerada e ela jamais me garantiu que um dia serei.

— Ainda tem idade para apanhar. Olha o tom que você fala comigo e olha para mim quando eu estiver conversando com você.

A vontade é de revirar os olhos, porém como gosto do meu rosto sem plásticas, me limito a pedir desculpas.

— Não quis faltar com respeito. Desculpa.

— Que horas você saiu?

— Mãe, eu tomo cuidado, tá.

— Toma cuidado? — bate o pé no chão, mas sei que sua vontade é bater em mim.

— Sim mãe, não sou um bebê. Sei que é perigoso sair cedo.

— Cedo? Sair de madrugada, né?

— Thomas estava aqui na frente me esperando.

— Odeio quando mente para mim e de todos os meus filhos, você é a mais que faz isso.

Essas palavras me acertam como um tapa na cara e pior que é verdade. Eu minto muito para ela e às vezes é algo automático. Quando vi, já menti.

— Desculpa mãe... Eu saí de madrugada, mas realmente Thomas estava por perto me esperando. Não corre perigo momento nenhum.

— E acha que fico mais tranquila com essa informação? Filha ultimamente até dentro de casa corremos perigo... — Passa a mão na testa. — Agora não vou pregar o olho a noite achando que você está na rua fazendo sabe-se lá o quê.

— Ai, mãe eu venho fazendo isso há dois anos e nunca tive problemas. Relaxa.

— Relaxa — imita fazendo careta. — Bem que dizem que filho só não dá trabalho na barriga, porque nasceu é só dor de cabeça. Quando bebê não nos deixa dormir por fome e quando cresce não nos deixa dormir por sexo.

— Mãe, não dramatiza.

— Espera ter seus filhos. Espero que meninas, meia dúzia de filhas. Todas iguaizinhas a você, só para prova do seu veneno.

Aí Senhor, praga de mãe não!

— Isola. Acorrenta. Repreende. — *Não dê ideias ao universo.* — Meu santo anticoncepcional jamais falhou e jamais falhará. Não sou criança, sei me virar.

— Então para de agir como uma.

— Tá bom, mãe. Tá bom. — Dou um beijo em sua testa. Não vou discutir com ela, estou cansada demais para isso.

— Odeio que na personalidade você seja a mais parecida comigo. Preferia que tivesse puxado seu pai.

— Mãe não — corto abruptamente —, a senhora sabe como me irrita quando fala dele. Não fale desse senhor comigo, nem da família dele perto de mim. Eu não tenho pai.

— Eu não te fiz sozinha.

— Mas criou e isso é o que realmente importa. Fazer sexo todo mundo faz, para procriar ou não, mas isso não faz de ninguém pai e mãe.

— Filha, seu pai errou. Agiu como um babaca sim, mas se arrependeu e...

Muito fácil fugir da raia quando o laço aperta e depois vir arrependido dar uma de herói.

— Não o defenda — brado fazendo mamãe me olhar em sinal de: *abaixa o tom garota* e faço exatamente isso. — Não fale dele. De nenhum deles. Tenho o direito de rejeitá-lo, pois quando precisamos, ele nos rejeitou. Ele disse que o Ricky e eu não éramos seus filhos. Então...

— Como sabe disso?

— Eu ouvi vocês brigando uma vez — confesso.

Eu não era tão pequena quando tudo aconteceu. O pai da Belly nos deixou na merda com dívidas aparecendo de todos os cantos, porém, ele eu até perdoei, afinal era doente e acabou tirando a própria vida, mas meu pai nos virou as costas por ser um maldito descarado mesmo. Rejeitou-nos por causa da amante/esposa e anos depois, quando a vadia o trocou pelo jardineiro ficando com uma bela parte de sua fortuna e nós já não precisávamos mais dele, voltou pedindo perdão.

— Ah, então é por isso que odeia ele... — fala mais para ela do que para mim. — Filha, seu pai só se meteu com uma mulher errada e sempre foi muito influenciável, mas...

— Sem mas, não foi ela quem nos rejeitou, nem o obrigou a nada. Mãe, não faça esse papel.

— Eu te entendo. Juro que quis matá-lo muitas vezes. — Segura minhas mãos. — Mas rancor dá rugas, por isso evito e você deveria fazer o mesmo. — Pisca para mim. — Eu sempre vou tentar fazer você o perdoar, é seu pai e errou com vocês, eu também errei.

— Pode ser, entretanto, nunca nos abandonou e não consigo esquecer a frieza dele... Nada apaga tudo que vivemos, nem tudo que ele disse e... — *muito menos ver você chorar*, completo em pensamento.

— Ele está tentando conquista seu amor. Se permita. Dê uma chance para ele.

— Irei pensar, agora eu só quero descansar um pouco.

— Faça isso, tome um banho e descanse. Max mandou avisar que você vai entrar mais tarde hoje.

Melhor notícia do dia.

— Aleluia! Vou tomar banho, comer algo bem calórico e dormir por três horas seguidas.

— Belly está em casa, assistindo TV no seu quarto, pode dormir no meu.

Tendo uma vida de rainha. Ela merece. Está no momento de glória de sua vida. Onde tudo dá certo, não vejo a hora desse momento chegar para mim. Que os humilhados sejam logo exaltados.

Dou um beijo na testa da minha mãe e vou para o quarto. Diminuo os passos para poder pegar Belly meio desprevenida.

— Fala boa vida — implico pulando em cima da cama, me arrependo um pouco de ter aparecido bruscamente ao perceber que ela se assustou mais do que eu previa. Lerda como sempre. — Desculpa.

— Você ainda vai matar sua sobrinha.

— Deus livre. Quero a Maximiliana Júnior vivíssima.

— Maximili-o-quê? Não dê ideias Telly. Não dê ideias ao inimigo.

— Não está mais aqui quem falou. — Belisco seu braço por pura implicância. — Responde aí: como é ficar em casa de pernas para cima?

— Você deveria saber melhor que eu. Fez isso por bastante tempo.

— Nossa, como você está amarga esses dias.

— É os hormônios — responde pegando uma barra de chocolate embaixo do travesseiro. Meus chocolates. Meu quarto. — Mamãe queria seu couro quando acordou e percebeu que não estava em casa.

— Sei, já falei com ela. Não sei para quê esse drama. Sempre dormi com Thomas.

— Deve ser porque você saiu altas horas da *madru...* — *sempre fiz isso também.* — Telly, pare de achar que é indestrutível.

— Sermão de novo não, por favor. — Aliso sua barriga por cima da camisola. — Mamãe já me jogou até praga. Deu por hoje.

— Tá, mas precisa parar com isso. — Morde um pedaço e joga o resto em cima de mim. Mal-educada.

— Sabe que mamãe não permiti dormir fora. É contra as regras dela. Por isso fujo de madrugada.

— Se eu convencer a mamãe a te deixar dormir com Thomas três vezes na semana, promete que não faz mais isso?

— Se você conseguir esse milagre, eu sou capaz até de voar por aí. — Brinquei mordiscando um pedaço de chocolate.

— Eu consigo tudo. Estou grávida. — Sorri. — Falando nisso... Como anda seu plano?

O que meu plano tem a ver com a gravidez dela?

— Não sei. — Dou de ombros. — Me diz você. Já sabe o plano da mamãe?

— Já.

Quase engasgo. *Mentira!*

— E responde assim? — Minhas mãos suam de ansiedade. — Vai me contar?

— Só depois da aposta.

— Então arranje logo o boy. Um bonito para ficar mais fácil.

— Que tal o Bruno?

Bruno é um amigo dela. Taxista e tirado a cowboy. Alto, gostoso, forte e de pele bronzeada. Uma tentação ambulante. Um gato de duas pernas. Um exemplar de capa dura e edição limitada. Um espetáculo de homem. Thomas tem ataques de ciúmes só de sentir o cheiro dele no ar próximo ao meu.

— Thomas surtaria e nunca mais falaria comigo. Morre de ciúmes do Bruno. E depois do episódio no seu casório então...

No casamento dela estava furiosa com ele por estar de flerte com umazinha. Briguei, xinguei, bati, terminei e óbvio, fiquei fingindo um enorme interesse pelo Bruno só para provocá-lo e deu certo. Quase vi, como diz minha mãe, o magricela perder a compostura por ciúmes.

— Não se atreva a dizer que foi ruim, percebi só pela forma como você andava que a coisa foi muito boa — comenta com um sorriso malicioso.

— Não seja indiscreta. — Escondo o rosto no travesseiro antes de completar. — Conhecidos não, não me sentiria a vontade.

— OK. Vou pedir para Clara te substituir no restaurante hoje e vamos

a uma boate.

— Vai com esse barrigão?

— Bem lembrado. Vou tirar a barriga e deixar em casa, dentro de uma gaveta quando eu chegar boto de volta.

— *Aff*. Quanta brutalidade. Me bate logo sua cavala.

— Você que veio bancar a burra. Óbvio que vou "de barrigão."

— Será estranho.

— Não vou demorar lá.

— Então, melhor eu ver logo a roupa... — *e o dinheiro para pagar o carinha.*

— Telly, quer mesmo fazer isso?

— Querer, sinceramente, eu não quero, mas você está me obrigando — respondo.

— Não estou te obrigando.

— Está sim. Sabe que preciso de você.

— Vem cá — chama batendo ao seu lado na cama. — Eu retiro a apostar... Sexo é algo que deve ser feito consensual e por prazer. Quando propus, achei que não aceitaria.

— Não sou de fugir de um desafio.

— Além do mais, tenho certeza que você não vai conseguir ou vai pagar para o cara dizer que fez algo.

— Que isso... Essa possibilidade nem passou por minha cabeça.

Tá esperta essa minha irmã.

— Eu te conheço bem, loirinha.

— Obrigada por retirar a aposta — evito gritar, apesar de essa ser minha vontade. — Agora conta o plano. Estou curiosa.

— Antes, vamos conversa. Sério.

Estou começando a achar que ela não sabe de nada.

— Tudo bem, sobre o que quer falar?

— Interrompeu seu curso de publicidade?

Eita!

— Sim, eu não estava dando conta... Mesmo sendo uma vez por semana era muita coisa para conciliar...

— Entendo. E sei como está empolgada com o lance de organização, decoração, moda... Faça o que te fizer feliz, mas termine o curso de publicidade para engrandecer o currículo. Só falta um semestre mesmo.

Até que ela reagiu bem.

— Irei fazer isso. Pode não contar para mamãe? Eu mesma irei fazer isso.

— Posso.

— Obrigada por sempre ficar do meu lado.

— Irmãs também servem para isso. — Abraça-me forte. — Agora me conte sobre Thomas. Ele foi seu primeiro, não foi?

— Foi, aliás é... Eu só dormir com ele — confesso. Como mamãe disse, eu minto muito e não quero mais mentir.

— Por quê?

— Como assim por quê?

— Por que só dormiu com ele? Por que mentiu dizendo que saía com outros?

— Porque... — Penso por algum tempo debatendo comigo mesma. — Porque eu queria parecer forte, desapegada, madura... Thomas já é mais velho, resolvido, mais experiente... Não queria ser a menina boba...

— Apaixonada — Belly completa.

— Mais ou menos isso. Não quero me machucar quando ele decidir que quer uma mulher mais como ele.

— Está apaixonada por ele. — Bate com a mão em punho na minha testa. — Admite que é loucamente apaixonada por ele.

— Belly...

— Admite, mas não para mim. Admite para você. Amar é lindo, estar com quem a gente ama é maravilhoso e está se privando disso por medo de parecer fraca.

— Medo? Não tenho medo. — Levanto da cama e começo a caminhar de um lado a outro.

— Eu também tinha, sabe... Eu tinha medo de amar, de deixar alguém me amar e ser machucada como o Guto fez ou deixar que o amor me dominasse como fez com a mamãe. Mas Max me mostrou o mundo de outra forma e eu o amo sem reservas, sem medo. Ele me completa, sem que eu esteja me sentindo incompleta, sabe? Tenho o melhor homem comigo porque nosso sentimento é recíproco e sabemos disso.

— E se acabar?

— E se não acabar? E se durar para sempre?

Uau! Quando minha irmã virou eu? Outro dia era eu quem dava conselhos para ela e agora Belly quem parece mais sábia. Parece ter na ponta da língua todas as saídas, todas as respostas e de uma forma tão simples quanto um mais um.

— Não sei o que dizer...

— Mas eu sei, e essa aprendi com meu marido. Não deixe o "se" te fazer infeliz. — Ela se levanta. — Se não acabou em sete anos, tem muito mais coisa que sexo. Isso você e ele fazem com qualquer um. Sem precisar cuidar, ter ciúmes, sem precisar ser amigo, companheiro. Sem saudades. Fazer parte do dia a dia. Isso já é amor.

— Uau. Quando ficou tão sabia? Lembro que eu quem te dava conselhos — brinco sorrindo para aliviar minha torrente de pensamentos.

— É, realmente é mais fácil quando é a vida dos outros.

Rimos de mãos dadas.

— Eu disse que era. — Desvio o olhar para a porta. — Acha que eu devo dizer para ele?

— Dizer o que exatamente? — se faz de desentendida. Ela sabe muito bem do que estou falando.

— Você sabe...

— Sei, ele também sabe, mas ouvir você dizer torna real e ainda maior. Então diga, pois já passou até da hora. Diga.

Fecho os olhos, respiro fundo e voltando a olhá-la nos olhos, admito pela primeira vez o que sinto:

— Belly, você acha que devo dizer para Tommy que me apaixonei por ele desde a primeira vez que o vi?



CAPÍTULO 5

SÓ VAI

Minha irmã abriu um sorriso tão grande, mas tão grande que se ficar verde vira o máscara. Começa a balançar a cabeça freneticamente em afirmação e até seus olhos estão mais iluminados. Nossa, não sabia que ela ia ficar tão contente em descobrir que a irmã está ferrada. Muito ferrada. No entanto, espero ver esse mesmo brilho nos olhos e o mesmo sorriso no rosto do Tommy quando eu confessar para ele o que sinto ou vou me sentir uma idiota ou vou matar aquele idiota.

— Ahhhh — ela grita do nada me assustando. Faltou pouco para eu sair correndo. — Está esperando o quê? Vai contar para ele. Não perca mais um segundo. — Ela me empurra em direção à porta. — Depois me conta tudo.

— Calma Belly, ele está trabalhando.

Está me empurrando para um homem mais que a mamãe. Credo.

— E daí? Vai até o trabalho dele e grita um retumbante "eu te amo" para o mundo todo ouvir. Afinal, foram anos guardando.

— Melhor não... — Esquivo de seus braços e me jogo na cama.

Será a primeira vez e o medo da reação dele me deixa com receio. Vai que eu grite isso e ele fale "*oh as ideias dessa garota*". Eu seria obrigada a matá-lo com várias testemunhas e eu seria presa dentro de um escritório de advocacia com muitas testemunhas formadas em direito. Deu para entender?

Agora se caso, porém, Tommy sentir o mesmo, foda-se tudo! Vou dizer que o amo sempre que eu quiser e para todos ouvirem.

— Se seu medo é dele não te amar — ouço Belly dizer como se lesse meu pensamento —, pode ficar tranquila. Thomas é louco por você. Acredite, ninguém te suportaria por tanto tempo se não tivesse amor envolvido.

— Nossa, muito obrigada irmã. — Jogo o travesseiro em sua direção sem muita força. — Vou lembrar disso no futuro próximo.

— Não fique magoada. A verdade dói, mas com muito chocolate passa.

— Se você contar o plano da mamãe a mágoa passa.

— Para quê?

— Para eu sabotar oras — digo revirando os olhos.

— Droga! Pensei que você ia desistir da ideia... — seu sorriso de há pouco é substituído por... Raiva? Desilusão? Censura?

Ah, espero sinceramente que ela não tenha começado tudo isso apenas para eu assumir que estou apaixonada quando na verdade, não tem plano nenhum e eu caí nessa. Quando ela ficou mais esperta que eu?

— Belly, uma coisa é eu estar apaixonada pelo Thomas, outra bem diferente é querer casar com ele. Não quero — ela abre a boca, pensando em protestar, mas a interrompo: —, pelo menos não agora... Deixa eu me estabelecer. Ser independente. Aí penso em marido.

— Mas Telly, a mamãe vai te dar ele de bandeja — retruca depois pensa um pouco como se estivesse lembrando-se de alguma coisa —, inteiro ou aos pedaços, mas te dar ele de bandeja.

— Como assim aos pedaços?

— Você sabe que mamãe não gosta dele, nem ele gosta dela.

Verdade.

— Me entenda, por favor, nem toda mulher quer isso. Você mesma não queria.

— Eu sei, apoio sua ideia, mas uma coisa não anula a outra. Pode ser independente, pode ser tudo que você quiser e ainda assim ter marido e filhos. Sinceramente, me sinto mais independente agora do que quando estava solteira.

A cara é da Belly. A voz também, mas essas palavras são de outra pessoa. Uma pessoa bastante parecida fisicamente com ela por sinal, só que esse discurso não é da minha irmã. Tento não a olhar como se fosse um ET e ignoro seu conselho.

— Bom para você. Viva sua independência! — Finjo empolgação.

— O que você quer então? Fugir de madrugada para passar a noite com ele? Viver como uma adolescente e seu amor proibido, quando pode ter todas as noites de sua vida com ele? Não faz muito sentido.

— Gosto de viver perigosamente e estamos bem... Será melhor agora que vamos namorar.

— Que saco. Sua cabeça dura — grita. Nossa, que histeria. Parece até que quer me casar. Eu hein.

— Não dê uma de Amélia e nem pense em fazer jogo duplo comigo. Te mato.

— Eu, jogo duplo? — indaga rindo sem humor, estreitei os olhos em sua direção. — Jamais. E tenho imunidade, estou grávida, não pode me matar.

— *Tou* de olho em você. Conheço a mamãe, mas ela também nos conhece e fareja coisa errada de longe. — Aponto em sua direção — E conheço você também, ultimamente tem me pressionado muito para ficar com Tommy. Para casar principalmente.

— Não estou te pressionando, só que me preocupo com você.

— Jure que não vai entregar meu plano nem sob tortura.

— Eu juro que não vou entregar seu plano nem sob tortura — jura com cara de tédio. — No entanto, eu sendo você casava logo e terminava logo com isso.

De novo essa história de casar?

— Você sendo eu casava logo? Tá zoando, só pode. Eu lembro que você era bem avessa a ideia de casar. Max quase teve que te arrastar pelo cabelo até o altar e agora vem pôr pressão. Quando não é com você, fica fácil — brado.

— Você fazia o mesmo comigo, sua vadia. Não pode me tirar esse gostinho.

— Claro, você era encalhada e pior, acomodada, mas eu não sou.

— Acomodada você é, tá aí amarrada pelo Thomas e fica de graça.

— Amarrada? Meu amor, quem tá amarrada, ou melhor amarrado, é o diabo eu tô diva, linda, leve e solta. — Dou um beijo no ombro.

Ela me olha com os olhos estreitados. E mando beijo em sua direção. Tô sim, amarradona pelo Tommy.

— OK! Não falo mais sobre isso. — *Amém!* — Agora — deita na cama ao meu lado olhando para o teto —, sabe o que reparei, nunca me contou sua história com Thomas. Como se conheceram? Como foi a primeira vez?

É, acho que não falo disso para ninguém. É complicado, já que sempre me perguntaram "*mas vocês se amam?*" ou "*você não se sente um depósito de esperma?*" e eu tinha vontade de contratar o Jack Estripador para aterrorizar cada uma dessas pessoas enxeridas.

— Bom... — começo imitando sua posição. — Eu conheci o Tommy

em uma festa de aniversário, da irmã dele. Ela estudava no mesmo colégio que eu. Um garoto visguenta, nojenta daquelas bem chatas mesmo. Insuportável...

— Já entendi Telly. Coitada da menina.

— Coitada de mim que vou tê-la como cunhada. Graças a Deus a família dele mora bem longe quase nunca aparecem por aqui. Que continuem lá. Que esqueçam o caminho.

— Voltando a sua história...

— Voltando a minha história. Thomas era o garoto mais lindo que eu já tinha visto na vida. Naquela época eu tinha 16 anos e os meninos do colégio não eram tão bonitos assim. Não tinha um Max da vida para me agarrar nos intervalos elevando meu ego. Muito triste. — Suspiro levando um tapa da minha irmã. — Enfim, todas as meninas diziam estar apaixonada por ele e ele parecia tão inalcançável. Um galã de Hollywood. Daquelles que sonhamos em casar...

— Oiã!

— Falando como uma adolescente sonhadora, claro. Na vida adulta só sonho com o meu diploma. — Corrige rápido. Que fora! Agora sem querer dei combustível para os delírios casamenteiros dela.

— Sei... Me diz como conseguiu o coração do astro de Hollywood?

— Sendo maravilhosa. Óbvio.

— E modesta como sempre.

Solto uma gargalhada antes de prosseguir:

— Conhece o jeito dele, só é mais aberto comigo e levou muitos anos para ficar assim, porém mesmo sendo sempre sério e na dele, tão certinho, eu sabia que podia tentá-lo até desviá-lo. Toda vez que o via, eu tinha vontade de fazê-lo pecar. De tirar a roupa dele e conhecer o corpo por debaixo da roupa de *mauricinho* que ele usava. De morder todo seu corpo. Beijar cada parte, cada centímetro... — suspiro lembrando que já fiz tudo isso depois de passar meses sonhando.

— Essa safadeza toda com 16 anos? — questiona quase que perplexa.

— Pois é, ele despertava em mim...

— A pomba gira?

— Não.

— Seu lado cafetina?

Mando o dedo do meio para ela. Filha da mãe.

— Despertava em mim os desejos mais primitivos.

— E eu me achando a diva dos pensamentos sacanas. Você não parecia ser assim não hein.

— Sou filha da Amélia, né?

— Com certeza é. Depois dessa nem precisa de DNA

— Enfim, já que você não quer os detalhes dos meus sonhos eróticos com ele...

— Por favor, me poupe.

— Não o conquistei da noite para o dia, acredite se quiser. Ele conseguiu resistir ao meu charme, no fim foi um jogo de sedução onde eu sabia que venceria.

— Jogo de sedução com 16 anos? E eu achando que o único jogo que minha irmãzinha fazia nessa idade era vôlei e você já no *picula* no alto, cavalinho e pega-pega e não se apegava.

— Sempre fui safada, só não viu quem não quis.

— E como! Tadinho do Thomas. Posso até imaginar o que você não fez.

— Ele gostava no fundo, dava para perceber pelo pau duro sempre que me via. Eu fazia trabalhos com a irmã dele só para vê-lo de novo, e óbvio que quando ele estava convencida a me trazer até em casa, mesmo que ele nunca tentasse nada comigo, eu sutilmente...

— Você, sutil?

Ignoro sua interrupção e continuo:

— Eu o provocava e sabia que ele me queria só pelo jeito como olhava para mim, entretanto, já era advogado ético demais para admitir que desejava um menor de idade ou para admitir que uma menina poderia lhe dar prazer.

— Pelo menos um de vocês pensa com a cabeça certa, porque às vezes, você até parecem que tem um pau entre as pernas.

— Devo dizer que ele resistiu bravamente, porque até no colo dele sem calcinha eu sentei. — Com essa minha confissão Belly abre a boca em um perfeito "O". Eu nunca disse que prestava. — E ele mesmo duro, só disse: "*faz isso quando tiver 18 anos... Me provoca assim quando for maior de idade.*"

— E você fez, né, sua safada. Coitado do Tommy. Eu achando que ele te seduziu com aquele sorriso lindo e olhos claros.

— Mas ele me seduziu. Sem querer.

— Quando rolou?

— Lembra que sumi no dia seguinte ao meu *niver* de dezoito? Pois descolei a chave da casa dele. Fui até lá, cheguei e o encontrei lendo um processo na cama sem camisa, de óculos, tão sexy. Gostoso. Só tirei a roupa sob o olhar intenso dele e nuazinha...

— Não esquece de me poupar dos detalhes.

— Nuazinha arranquei o processo de suas mãos e beijei ele com toda a necessidade. Ah, como eu queria aquilo... E eu poderia contar cada detalhe e tamanho, mas... Só posso dizer que a noite quando ele me trouxe para casa não era mais virgem.

— E a coisa foi boa?

— Demais. Teve suas desvantagens. — Sorri. — Além de ter doido *pacas*, ele não sabia que eu era virgem o que tornou mais doloroso.

— E por que não falou que era virgem, anta? — questiona confusa.

— Porque ele jamais transaria comigo se soubesse disso. Nem sob tortura. Nem se eu tirasse o pau dele e...

— Pelo amor da minha inocência. O que falei sobre me poupar de detalhes? — grita tapando os ouvidos. Uma criança grávida de outra criança.

— Às vezes eu achava que permaneceu comigo por esse fato. Apenas por ter sido o primeiro.

— Por que diz isso?

— Ah, não sei. Achava que não tinha uma razão para ficar com uma menina inexperiente como eu, depois de ter satisfeito sua vontade.

— Além do fato de que você é linda, extrovertida, sempre ilumina a sua volta, homens se sentem possessivos quando tiram a virgindade de uma menina — diz pensativa, creio que lembrando da barra que passou com o infeliz que tirou sua virgindade. — Aliás, por que Thomas não ficaria com você? A experiência dele já valia.

— Você sabe, me sentia insegura depois que transamos.

— Sei? Você se sentia insegura? — repete cética e fico me

perguntando qual sua visão sobre mim. — Você sempre pareceu bem dona de tudo.

— Por isso mesmo, eu tinha medo de não proporcionar prazer, de não saber fazer como ele queria e tinha — ainda tem — tantas mulheres atrás dele que me sentia ridícula. São onze anos de diferença. Ele já era um homem e eu apenas uma adolescente. Tive medo de virar uma mocinha frágil aos olhos dele, em vez da adolescente ousada e atrevida que conheceu.

— Por isso não disse que o amava? — indaga ficando de lado na cama e aproveito para alisar sua barriga sentindo minha sobrinha mexer. Sorrio involuntariamente.

— Não, por isso não o assumi. Eu queria mostrar que era madura e que não me importava e realmente não me importava, perdi com ele porque eu quis. Como já disse, não queria ser a virgem frágil apaixonada. Grudenta. Não nasci para esse papel.

— Entendo...

Conheço ela o suficiente para saber o que esse *entendo* significa: Sua boca falar isso, mas no seu coração de pedra está escrito "*discordo de você, das suas atitudes, mas prefiro abafar para jogar na sua cara no futuro.*"

— Não entende, mas eu fui ainda mais soterrada pelas atitudes da mamãe. Se eu dissesse que o amava, ele viraria meu namorado e se eu dissesse que namoro, o foco da mamãe iria sair de você para mim e como ela começou a criar certa implicância e se opor por Thomas ser mais velho...

— A oposição dela não é por isso. É por você parecer a amante dele. Mamãe quer um casamento para nós, é uma ameaça aos planos dela você manter um caso de anos, se contentar com isso e pior, não perceber que Thomas é homem, na extensão da palavra. Ele vai querer brincar de casinha mais cedo ou tarde e você não. Essa é nossa preocupação.

— Mas eu vou assumir nosso rolo e você vai me ajudar a não casar. E óbvio, preciso manter mamãe e Tommy como estão: se detestando.

— Por quê?

— Um dia irá entender e no futuro decido o que fazer, quando ele quiser "brincar de casinha", vou saber contornar. Na verdade, de um tempo para cá ele tem pedido para morarmos juntos...

— Mamãe tem um AVC só de ouvir isso. Nem pense.

— Calma. Nem passou por minha cabeça aceitar.

Passar passou, mas não sou obrigada. Belly, volta a sentar na cama de costas para mim. Quando ela fica inquieta assim, é sinal de que a bebê está inquieta.

— O plano da mamãe é te causar ciúmes — entrega do nada.

— O quê?

— Fazer você ficar louca de ciúmes pelo Thomas até perceber que quer passar a vida com ele.

Essas promessas eternas de casamento me dão cólicas.

— Só isso? Não parece a cara dela. É sempre tão mirabolante as armações de nossa mãe. Parece meio morna essa aí.

— Você é jovem e não terminou os estudos. É um plano a longo prazo.

— E como ela pretende fazer isso? Vai dar em cima do Tommy? Vai pagar uma garota para dar em cima dele? — zombo, mas assim que vejo a cara da minha irmã... — Espera! Ela realmente vai fazer isso?

Salto ficando sentada na cama. Não acredito. Agora sim parece coisa da mamãe.

— Mais ou menos. Vai pedir para Clara fazer isso.

— Não creio que essa vaca vai dar em cima do meu homem. Ela se faz de minha amiga. Sonsa. Cínica. Vou queimar aquela cara de tacho dela.

— Telly relaxa. — Olho para ela como se nascesse chifres no seu nariz. Relaxa. RELAXA! — Primeiro: Ninguém sabe que Thomas é seu homem, você espalha que é relacionamento aberto. E segundo: é tudo só fingimento. — Ah é mesmo, tem esses detalhes. — Terceiro: Ela não o quer de verdade.

Ela quer sim. Thomas é lindo. Gostoso. Inteligente, estável, fode bem *pra caralho*. Por que ela não iria querer um homem assim? Até eu no lugar dela iria querer.

— E então, eu faço o quê? Deixo ela dar em cima dele? Deixo eles saírem?

— Isso, deixa, se você mostrar que sente ciúmes, o plano estará dando certo.

Faz sentido.

— Verdade. Quero só ver a cara dela quando perceber que não dou a

mínima para isso.

— Só isso? Pensei que você fosse contra-atacar. Sei lá.

— Vou ver o que faço.

— Pode começar a namorar com ele. Isso faria ela desistir do plano.

— E arranjar outro.

— Levará tempo e eu posso te contar os próximos passos dela.

Sempre um passo à frente. Vou gosta disso. Fazer mamãe provar do próprio veneno. Serei uma lenda nessa família.

— Pode ser. Você está genial hoje. Parece até que planejou tudo. — *Parece até demais.* — Planejou tudo, Belly?

— Só hoje não. Estou sempre genial. É óbvio que não planejei. A única coisa que eu planejo são as refeições que faço por dia.

— Sei...

— Agora deixe de embromar e vai se declarar para o seu boy.

— Vou tomar banho e ir para casa dele, o espero lá... — Respiro fundo. — E se ele se assustar?

— Já conversamos sobre o "e se?" Só vai. Vai que esse homem é seu.

Sorrio. Pego uma muda de roupa e vou para o banheiro com as palavras dela ecoando em minha cabeça.

— Só vai, Telly. Esse homem é seu — sussurro entrando em baixo do chuveiro frio.



CAPÍTULO 6

SUA MENINA

Só vai.

Só vai.

Só vai

Fui o caminho inteiro repetindo isso como um mantra enquanto dirigia o carro da minha irmã pelas ruas da cidade. Até ele chegar do trabalho às 18:00 horas, eu teria tempo para pensar o melhor jeito – se é que existe um jeito – para dizer que o amo. Poderia fazer algo gostoso para comer. Um jantar romântico, sei lá, mas ele detesta minha comida. Pura implicância, sou uma excelente cozinheira, se eu precisasse cozinhar, óbvio.

Poderia pedir um japonês ou uma pizza com vinho. Sou péssima em tentar ser romântica devia ter pesquisado algo enquanto estava em casa, talvez pesquise lá na casa dele, ou posso me poupar do trabalho e só fazer um brigadeiro, tirar a roupa e esperar ele completamente nua em sua cama. Pronto, uma coisa gostosa e prática. Sem risco de ficar ruim. Sorrio com a ideia enquanto estaciono em frente à casa dele.

A primeira coisa que noto é a luz acesa. Estranho. Parece que tem gente em casa. Será que ele chegou mais cedo ou é ladrão? Pelo amor do Adonai! Não sei o que é pior. Se for ele, terei que falar agora, assim de qualquer jeito, sem preparar o coração e se for ladrão... Pensando bem, a primeira é pior. Não estão roubando nada meu mesmo. Só esperar saírem e... Espera! Ladrão não iria acender a luz, mas Tommy também não. Ainda nem é 17 horas e ele leva a sério a economia de energia e recursos naturais. Há algo errado, nada certo.

Desço do carro e fico à espreita no portão para ver o que está acontecendo. Pode ser a família dele e se for eles, vou embora. Deus me livre da minha sogra. Prefiro cutucar onça com vara curta ou entrar descalça no ninho de cobras. Vejo um vulto na janela e demoro menos de um quarto de segundos para reconhecer a silhueta. Preferia que fosse um ladrão.

O que essa prima vadia faz aqui? Na casa dele e eu não fui informada. Tommy, eu vou comer seus ovos!

Entro na casa com minha chave, como se fosse a dona da casa, afinal, se ela que nem parente é, pode imaginar eu que sou quase dona. Como mamãe diz: tenho tanto tempo com ele que se nosso caso terminar, metade de tudo é

meu.

Cristina, a prima vadia, parece não me ver ou ouvir, só agora percebi que o som está ligado e ela canta distraída de olhos fechados. Poderia já dar uma voadora na fuça dela e nem ia saber o que a atingiu, mas estou calma hoje e opto por ser menos agressiva.

— O que faz aqui, vagabunda? — indago cruzando os braços.

— Que susto menina. — Vira com mão no peito, que praticamente se jogam para fora da blusa *mega* apertada junto com a barriga. — Dormi aqui — responde simplesmente. Ela parece não se importar com o xingamento.

— Não dormiu não. — Cruzei os braços na altura dos seios. — Eu dormi aqui.

— Brincadeirinha. Vim ver como Tom está. A mãe dele está preocupada. — Ela solta o cabelo preto que consegue ser maior que o short que usa.

— Não há razão para preocupação. Tommy está ótimo.

— Falei isso para mãe dele, mas sabe como mãe é né? Disse que está com um mau pressentimento.

Do jeito que aquela mulher tem cara de bruxa, tenho até medo desses pressentimentos dela. Deus é maior.

— Ele está trabalhando agora. Só chega às 18:00 horas — informei, mas queria mesmo era colocá-la daqui para fora dando de bicuda só na cara. — Como você bem deve saber, já que faz um século que a rotina dele é essa e apesar da roupa infantil, você não nasceu ontem. — Provoco, só para não perder o costume.

— Você é uma figura. — *Uma que deseja ardentemente desfigurar você.* — É, eu sei dos horários dele. — Passa por mim indo em direção ao sofá. — Farei uma surpresa para quando ele chegar.

— Achar você morta e esquartejada no meio da sala seria uma baita surpresa — digo com um sorriso de lado.

— Telly, você sempre tão engraçada. — Se joga no sofá. — Vou fazer o prato favorito dele. Você sabe, ele sempre gostou da minha comida.

Só eu que vi duplo sentido nisso?

Ela sorri me provocando. Fingindo que não se importa com meus comentários.

— Claro! Fique à vontade, aproveita e limpa o chão. Ele deve adorar sua *limpada* também. Eu sendo você, pediria um salário de diarista, trabalhar de graça é foda.

— Ah não, eu faço por puro prazer.

1, 2, 3, 4... ela não vai me tirar do sério. 1, 2, 3, 4, 5.... ela não vai fazer eu cometer um crime.

— Vou para o quarto, enquanto você se diverte limpando e cozinhando... — zombo.

— Telly não precisa forçar simpatia comigo. — *Eu, forçando simpatia?* — Thomas está contigo e eu quero ele, você sempre soube disso. Não há porque fingir agora que me suporta.

Que vontade de meter a mão na cara cínica dessa vaca.

— A única que está tentando forçar algo é você. E não é porque quer ele e jamais vai ter que serei mal-educada. Para tomar meu homem, terá que fazer bem mais que usar roupas curtas, afinal, seios e bunda grande eu também tenho. E limpar, lava, cozinhar, também posso fazer. Tenta outra, porque só com isso jamais vai tê-lo.

— Veremos se jamais vou ter.

Aperto as mãos em punho imaginando ser no pescoço dela. 1,2,3... *mantenha a calma, Telly. 1,2,3!*

— Escuto isso há tantos anos e de mulheres melhores que você, no entanto, ele continua comigo. Então, boa sorte.

Saio para o quarto do Tommy. Saco o celular do bolso do meu short jeans e escrevo uma mensagem para ele "*Sua prima está aqui. Tem quinze minutos para chegar ou vou matá-la com minhas próprias mãos.*" Envio e jogo o celular sobre a cama.

Droga. Isso só mostra que o plano da mamãe daria certo. Eu sou ciumenta. Muito ciumenta. Extremamente ciumenta. Ciumenta nível hard.

Ainda bem que *mainha* não contratou *essazinha* para me fazer ciúmes. Poderia funcionar, porque não suporto essa tal perto do Thomas e se para me livrar dela for preciso colocar uma aliança no dedo dele, colocarei com prazer. Não admitiria para ela, mas Cristina é uma morena muito bonita e desejada. Mesmo que seja vulgar, tem um corpo bem moldado e admito, com mais curvas que eu. Já peguei inúmeras vezes Thomas admirando discretamente. Só não

pegou, porque é muito certinho para pegar a própria prima. Amém.

Deito na cama e o cheiro do perfume dele me invade quase me acalmando. Está aqui é tão familiar, tão certo, que fico imaginando se realmente já não vivemos uma relação estável há muito tempo sem eu ter me dado conta. Fico uns dez minutos de olhos fechados apenas respirando ignorando totalmente o motivo do meu ciúmes e o motivo que me trouxe até aqui.

— Oi — sou despertada por Tommy à porta do quarto de braços cruzados.

— Ela está na cozinha — entrego. Posso ouvir daqui o barulho das panelas. Ele provavelmente também consegue.

Thomas revira os olhos e sai em direção a cozinha e eu vou atrás só para garantir que ela vai ser chutada daqui.

— Oi Tom, vir... — começa limpando as mãos na blusa, mas Tommy interrompe.

— O que faz aqui Cristina?

— É assim que me recebe?

Por que mulheres oferecidas tem uma voz tão chata e faz uma voz ainda mais chata quando quer ser sexy ou fazer drama?

— Estou cansado e quero rever um processo antes das seis horas. Ficarei feliz se você viesse outro dia e que avisasse que vem.

Ficarei feliz se você viesse outro dia, repito na minha mente imitando sua voz.

— Tudo bem, só que sua mãe está preocupada com você.

— Falei com ela hoje e como pode ver, estou bem.

— É... Olhando bem você está incrível. Lindo como sempre — provoca o olhando de cima abaixo.

— Cristina.

— Eu vou — dá um beijo na bochecha dele —, mas volto em breve.

Vadia!

— Devolve a chave — mando.

— É da minha tia.

— Não perguntei de quem era, falei para devolver.

Ela olha para ele que simplesmente cruza os braços. Como se ele fosse ficar contra mim, bom, pelo menos não agora. Tommy não vai brigar comigo com ela como plateia e eu tenho razão, sem motivos para ela ficar entrando aqui sem eu saber.

Mesmo contrariada, Cristina devolve a chave para ele e sai pisando firme. Tento fazer o mesmo.

— Você fica. — Segura meu braço. — Vai embora por quê?

— Não me toque. — Ele solta meu braço. — Porque quero.

— Está brava comigo?

— Não estou brava, só que você dá muita liberdade para essas *mulherzinhas* que te cercam.

— Eu? — indaga como se perguntasse o preço do bacalhau. A calma dele em uma discussão me irrita. Essa cara de advogado negociando um contrato me dá vontade de estrangulá-lo.

— É, você. Se não desse ousadia, ela não se sentiria dona dessa casa e sua também — brado.

— Eu nunca fiquei com ela e sempre deixei claro que não ficaria.

— Ela tem o apoio de sua mãe, que aliás, me odeia.

— Tua mãe me ama, né? Nunca tentou te arranjar outro homem. — Revira os olhos. — Isso muda algo entre nós? Não. Então, não seja infantil, Telly.

— Melhor a gente terminar — grito. — Aí você pode achar uma da sua idade.

— Não quero uma da minha idade — se aproxima de mim —, quero você.

Essa me desarmou me fazendo lembrar do motivo de estar aqui. Era para estar me declarando e em vez disso, estou tendo uma crise de ciúmes. Mesmo eu tendo razão em brigar, não posso permitir que a Cristina consiga o que deseja: me separar dele.

— Me quer? — Ele assente. — Por quê? — me atrevo a perguntar.

— Como assim "por quê"?

— O que sente por mim?

— Por que isso agora, Telly? Nunca se importou com o que sinto.

— Não fala isso. Claro que me importo. Tudo que vir de você é importante para mim, Tommy — afirmo. — Eu só... Eu só não queria te pressionar a falar algo que não sente... E também, eu não queria falar...

— Falar o quê? Eu...

— Não interrompa. — Coloco meu indicador nos lábios dele fazendo com que se cale. — Não precisa dizer senão quiser, mas quero deixar claro que eu me importo e muito com o que você sente — digo sincera.

Nossa, não sabia que estava sendo uma vaca com ele ao ponto dele achar isso.

— O que você quer ouvir? — indaga em um sussurro, colando seu corpo ao meu, sua testa a minha antes de completar. — Quer ouvir que te amo? É isso?

Meu coração acelerar e preciso reprimir o sorriso. *Não enfarta agora, ele ainda não afirmou nada, ainda não teve uma declaração completa.* No entanto, só de ouvir te amo nos lábios dele já revira meu interior.

— Se for isso que você sente... — Ele continua com a testa apoiada a minha. Abraço sua cintura, sentindo seu cheiro, sua respiração, seu coração... E ali em seus braços me permito dizer: — Porque é isso o que eu sinto — Ele me encara e olhando em seus olhos digo com todas as letras: — Eu te amo, Thomas. Te amo desde que era apenas uma adolescente. Desde que te vi pela primeira vez. Sempre fui sua. Sua menina.



CAPÍTULO 7

E.T

Pela expressão de surpresa, incredulidade e outras coisas... Acredito que Thomas não esperava uma declaração minha, nunca na vida e nem na morte. Mais uma vez me pergunto se fui muito fria com ele esse tempo todo e o motivo dele nunca ter me deixado ou nunca ter se quer reclamado, porém, não me atrevi a verbalizar tais pensamentos. Vai que ele decida fazer isso logo agora que eu estou tentando ser diferente. Seria desolador.

Ainda observo sua reação quase exasperada de ansiedade por uma resposta. Um grito eufórico. Um brado retumbante. Pulos de felicidade. Voar na minha garganta... Qualquer coisa menos esse silêncio que está se tornando cada vez mais sufocante, como se uma serpente apertasse meu pescoço.

Thomas se afasta e vira suspirando. *Droga, deu ruim! Não devia ter dado ouvidos as baboseiras da minha irmã. Ela nunca foi boa com conselhos amorosos. Onde eu estava com cabeça?*

— Telly...

— Primeiro, fale, seja o que for olhando em meus olhos — peço puxando seu corpo para que olhe para mim. — Segundo, não faz essa cara e por último, não use seu tom de advogado diante de uma testemunha criança comigo. Odeio quando você faz essas coisas.

— É que não sei se fico feliz com o que acabei de ouvir ou se fico preocupado com você — responde rindo. — Uau! Por essa eu não esperava.

Isso é bom, né? Caralho por que tem que ser tão difícil? Será que nada no amor é fácil.

— Pois fique feliz. Estou bem, perfeitamente bem — Ando até o fogão ver se a vaca fez pelo menos a comida. — Conversei com a minha irmã hoje e não tem razão para não te dizer o que sinto.

Percebo que não tem comida e que fui burra. Devia ter expulsado depois dela ter preparado o jantar. Cristina realmente cozinha bem e comida pronta é sempre bem-vinda.

— Realmente, não tem motivo... — responde como se tivéssemos falando do céu azul e não dá porcaria dos meus sentimentos por ele.

Sério? Nem um eu também te amo? Até idem eu aceitava... Não que

eu esteja pressionando, longe de mim, mas sei lá, são as respostas comuns nesses casos. Pelo menos nos filmes acontece assim.

Mesmo chateada, não me deixo abalar por seu comportamento sei que é reflexo do meu próprio comportamento. Para ele deve ser estranho todo essa situação repentina e precise de um tempo para assimilar.

— Eu sei que não sou boa nessas coisas de demonstrar, mas também não vejo motivo para não assumir o que temos.

— Sério? — indaga mais uma vez incrédulo.

Por dentro eu estava puro drama: *Nossa Telly, você é o amor da minha vida. Minha loucura e minha razão, dona do meu amor. Eu sei auto estima. Pelo visto só você me ama*, mas por fora eu era minha crosta de gelo seguia intacta.

— Claro, se você quiser namorar comigo — *e começar a dizer que me ama*, completo em pensamento virando para olhá-lo. — E também se puder parar de me olhar como se eu fosse um ET.

— Você parece um ET. — Anda em minha direção a passos lentos. — Estou quase ligando para os irmãos Winchester, porque você deve ter sido possuída por um coração.

Apesar de saber que foi *zoação*, cada segundo me faz sentir mais mesquinha e idiota.

— Eu tenho um coração, sim — isso soou bem infantil.

— Sei... — Puxa-me pelo braço deixando um beijo em meu pescoço. — Não fique brava. É que eu achei que nunca diria isso...

— Não venha com essa, você também nunca disse e nem é romântico para ficar me cobrando nada.

— Claro, como eu ia dizer? Você parecia que ia morrer só de sonhar em falar de sentimentos. — Retira alguns fios de cabelo que caíam em minha testa. — Tinha que ver seu desconforto quando eu falava que te adorava, já imaginou se eu falo que te amo, você morreria ali mesmo e ainda me dava um pé na bunda. E eu sou romântico quando quero, já você...

Bom, minha família também não é conhecida pelo romantismo. Só o Ricky, meu gêmeo, que é exceção.

— Eu sei que fui uma megera às vezes, mas eu te amo... — fecho os olhos por alguns instantes, antes de completar sussurrando. — E estou pronta para ouvir, diz agora, diz que me ama, porque é tudo que eu mais quero ouvir

nesse momento.

Ele sorri e me olha tão ternamente que nem precisa dizer uma palavra sequer para sentir tudo que sente por mim e ainda assim ele diz:

— Eu te amo, Telly. — Minhas pernas *chegam tremer*. — Te amo antes mesmo de você fazer dezoito anos e te ter em meus braços, que aliás, eu torci como um fanático para você completar logo ou esse sentimento me sufocaria ou você iria conseguir destruir minhas barreiras, minha carreira e me enlouquecer.

Sorrio. *Quanto drama*.

— Esse era meu objetivo, você era muito chato e certinho, eu precisava ser sua perdição. Seu erro, seu pecado... Uma pena você ter resistido tanto.

— Pena mesmo, se eu soubesse que era tão bom tinha errado antes. — Foi a vez dele rir. — Seria meu melhor erro. O erro mais acertado que eu poderia cometer. — Leva os dedos até meus lábios me fazendo ansiar por um beijo seu. — Levei muitas broncas do meu pai. Naquela época, ele achava que eu te levava para o motel e não para casa. Ameaçou mandar me prender por pedofilia. — Ri recordando. — Ninguém acreditava que eu não ficava com você. Tinha umas mãos que até me olhavam torto. Como se eu fosse o pegador das menininhas indefesas — confessa me fazendo gargalhar. Realmente os pais ficavam loucos pensando no lobo perto de seus carneirinhos e as meninas loucas para serem atacadas por ele.

— Certo eles e elas. Você, um marmanjo com uma adolescente de dezesseis anos. Suspeito.

— Uma adolescente que testou todos os meus limites. Até punheta depois de velho bati pensando em você, olha o nível do fundo do poço que eu cheguei só para fugir da tentação.

Disso eu não sabia.

— Mentira?

— Quem dera que fosse. Fazia tempo que eu não tinha uma mulher e você não facilitava em nada.

— Verdade, nunca facilitei para você, mas no fim valeu a pena.

— Muito.

— Obrigada, por não desistir de mim durante minhas crises de

vaidade, de histeria, de imaturidade... E desculpa se muitas vezes fui egoísta e não percebi que não éramos mais só sexo.

— A gente nunca foi só sexo.

— Eu sei, apesar de tudo, eu sempre soube que somos muito mais que isso.

É bom ouvir e poder falar sobre nós sem medos. Acho que nunca conversamos assim, aliás, nunca ficamos assim tão nus um em frente ao outro, ainda que ambos estejamos completamente vestidos.

— É, mas mesmo assim, quando eu pensei que finalmente te assumiria, depois de quase um ano ficando com você... Ficando! — Enfatiza a palavra. — Você inventar a palhaçada de relacionamento aberto. Se não fosse mulher...

— Você seria gay.

— E presidiário. Por que minha vontade foi de te enforcar quando propôs isso.

Seguro para não rir. Já vi Thomas brigando, ele não conseguiria enforcar nem uma velhinha e nem é pela questão moral e sim porque ele é muito ruim nisso e mesmo eu sendo mulher, conseguiria bater nele facilmente, imagine um homem, bem, vou fingir que não sei desse fato.

— E por que aceitou minha proposta?

— Me fiz essa pergunta muitas vezes, mas toda vez que te via dormindo tão serena, tão minha em meus braços, eu sabia a resposta.

Ele sempre foi fofo assim ou estou experimentando o lado bom do amor? O lado bom de estar e poder dizer que estamos apaixonados. É muito bom isso. Bom que dá medo.

Prendo meus braços em torno do pescoço dele e deixo um beijo em seus lábios.

— Eu te amo tanto.

— Eu também. — Beija a ponta do meu nariz. — Preciso agradecer a minha cunhada por esse milagre. Se eu soubesse que seria assim depois que ela casasse, eu mesmo tinha arranjado um marido para ela há muito tempo.

— Besta! Não sei do que reclama, você bem que aproveitou. Pegou todas antes do nosso "rolo" deixar de ser aberto.

— Que todas? Nunca fui galinha, sabe disso. Por isso mesmo quis fechado, para controlar sua safadeza.

Dou um tapa em seu braço.

— E aquela morena peituda que você disse que pegou? — Estreito os olhos em sua direção.

— Você que me provocou dizendo que dormiu com um cara, né pregadora?

— Eu inventei isso — defendo.

— Imaginei, por isso que também inventei isso.

Safado. Mentiroso.

— Que filho da mãe.

— Também sei te provocar, Moleca.

— Falando em provocar, não sabe da melhor, descobri o plano da mamãe.

— Sério que existe um plano?

— Sim, eu falei que ia ter.

— E qual é?

— Me fazer ciúmes, como se fosse fácil.

— Como assim "*como se fosse fácil*?" Isso é muito fácil. Basta colocar um outdoor com uma modelo de biquíni na esquina que você já pira, até uma idosa do meu lado já te faz se morder de ciúmes.

— Mentira!

Não é para tanto.

— Telly, estou com você há anos, sei muito bem como é.

— Quer saber o plano ou não?

— Quero. Me conte mais sobre o plano. Como será isso? Ela vai pagar uma mulher para me seduzir?

— Quase isso. — Afasto dele, indo em direção a geladeira. Que fome.
— Não sei exatamente, só sei que a Clara quem ficou com a tarefa.

— Aquela que trabalha na lanchonete com sua mãe? A prima da vizinha?

— Tá sabendo bem hein. — Olho para cara dele por cima da porta da geladeira. *Bem até demais. Hum. Já não gostei.* — Então, acha ela bonita?

— Ela esteve lá no escritório hoje.

Perceberam que ele não respondeu à pergunta?

— Uau! Mamãe é rápida.

Acha ela bonita?

— Parece que deseja patentear uma marca de doces e foi lá no escritório pedir auxílio...

— Hummm deve ser um pretexto.

ACHA ELA BONITA?

— Vou jantar com ela hoje.

O quê?

— Por quê? — indago com urgência.

Para quê? Como assim gente?

— Porque ela pediu e cliente tem sempre razão — fala em seu tom de advogado recostando na pia.

Um caralho! Não sou obrigada. 1,2,3,4... se controla Telly 4,5,6,7... se controla.

— Acha ela bonita?

— Não reparei.

— Reparou sim, pode ser sincero, não ligo.

— Ela é bonita, sim.

Desgraçado. Filho da puta! Fica olhando as clientes depois mente dizendo que não reparar. Infeliz. Filho da égua. Babaca. Mentiroso.

— É mesmo?

— Seu olho esquerdo pisca quando está com raiva, mas não quer demonstrar. Aposto que mentalmente está se respondendo e contando.

É. Ele me conhece bem.

— Não estou com raiva... Só que mamãe como sempre gastando dinheiro com suas armações. Queria ser pobre assim, porque minha pobreza mal permite uma bala de mel.

— Você está com ciúmes, mas será apenas um jantar de negócios.

— Bom mesmo, não dê corda demais para isso e finja que não sabe de nada, cuidado para ela não te dopar.

— OK, Senhora, mais alguma coisa?

— Sim! Beije-me... — peço caminhando em sua direção. — Com vontade — completo reivindicando sua boca, que agora é oficialmente minha e todos em breve irão saber disso.



CAPÍTULO 8

JANTAR DE NEGOCIOS - PARTE 1

— Todos os seus desejos para mim são uma ordem — sussurra de olhos fechados ainda sobre o efeito do beijo.

Sorri, entrelaçando os dedos no meu cabelo antes de voltar a mim e me beijar com mais intensidade. Com mais vontade do jeito que gosto e pedi, fazendo minhas pernas ficarem bambas. Sinto sua mão adentrando minha roupa e o paro, interrompendo o beijo.

— Hoje não — peço.

Quero que seja especial nossa primeira vez pós eu te amo e acho que ele me entendeu, pois sem questionar retirou as mãos de mim, posicionou-as sobre a pia e voltou a me beijar. Agora lento, saboreando, me deixando mole e completamente molhada. Me excitando mais do que já estava.

Interrompi novamente o beijo assim que um gemido ameaçou escapar dos meus lábios. Minhas pernas estão bambas e minha respiração seguia o mesmo ritmo frenético do meu coração. Assim fica difícil ter um gesto romântico, porque estou quase jogando tudo para o ar, inclusive as pernas.

— Eu sei, "*hoje não*" — diz sorrindo e se afastando de mim. — Também não tenho tempo, apesar de ter muita vontade. Muita vontade mesmo.

Sei que está excitado. Posso ver e segundos atrás podia sentir toda sua vontade em tamanho, grau e gênero.

— Se controla. — Aperto seu nariz. — Você volta para o trabalho ainda hoje?

— Não exatamente, mas preciso ler um processo das empresas Castelli.

— Algum problema que envolva minha irmã?

— Zero. Só formalidades. Max me pediu para dar uma olhada em um financiamento... Essas coisas.

Ele estava sendo advogado: evasivo para não quebrar o sigilo. Mesmo que não seja nada demais ou algo que talvez envolva minha família, ele nunca me conta sobre os casos.

— Entendo.

Thomas caminha até o armário no canto superior da cozinha e começa a revirar. Graças a Deus alguém vai fazer comida antes que minha fome crie vida e saia rua à fora devorando pessoas.

— Só por curiosidade, sua mãe sabe que está me pedindo em namoro? — indaga, jogando uma embalagem de macarrão para cima e a pegando no ar. E eu só consigo pensar "*tomara que não faça sopa... De novo.*"

— Em momento nenhum eu fiz isso.

Acho que fiz, mas espero que não.

— Fez sim e vai fazer para minha família toda. Afinal, minha pureza você já tirou, me enrolou por anos, acho que mereço um pedido formal de namoro com direito a anel de compromisso e tudo. — Dramatiza com um sorriso arteiro.

— Repito: você está andando demais com Max, está pegando até as besteiras que ele diz. — Aponto fazendo ele que rir. — E além disso, a única que perdeu a pureza foi eu.

— E bem antes de me conhecer.

— O que disse?

— Que amanhã vou fazer um suflê — desconversa.

— Idiota.

Só o que faltava, Thomas está pegando todas as gracinhas do Maximiliano. Se tivesse perto eu batia nele, mas a fome não me permite movimentos bruscos, aliás, só me permite respirar e falar.

— Gostosa. — Manda uma piscadela para mim enquanto abre a geladeira, pega alguns legumes e temperos na geladeira e fico por um tempo apenas admirando sua maestria na cozinha. Tão prático como ele corta, lava e descasca como quem entende muito bem do assunto, só que faz isso de terno. Cozinhando de terno. Pode parecer estranho, mas achei sexy. Muito sexy. Estou ficando até excitada com a cena.

Homem cheiroso e que sabe cozinhar é meu número. Sem falar que, se der casório, pelo menos um de nós leva jeito para isso.

Thomas me encara enxugando as mãos no pano de prato como se esperasse uma resposta. É, infelizmente não dá para fugir.

— Irei contar amanhã para mamãe, mas já aviso, ela não vai com sua cara. Então, nem vai te convidar para almoçar. Nem pense que vai frequentar

minha casa — *mesmo se quiser vou dar um jeito de você não ir.*

Thomas não pode ficar amiguinho da mamãe, ela vai convencê-lo a casar e pior, pedirá ajuda no plano "*casa as filhas*". E isso é tudo que não quero e nem preciso a essa altura da vida.

— Pois ela vai ter que gostar.

— Gostar de quê?

— De mim, da minha presença. — *Não mesmo, não se depender de mim.* — Agora vou frequentar a casa da Amélia. Chamar de *Ogrinha*, esperei muito por isso, ninguém me tira esse prazer.

— Nem se atreva. Não vá com suas gracinhas.

Pensando bem isso pode ser bom.

— É *Ogrinha* com carinho, Loirinha, é sogrinha só que sem o S.

— Sei, você diz o mesmo quando chama de cobra — acuso.

— São tão parecidos.

— Quase sinônimos — debocho.

— Exatamente.

Estreitei os olhos em sua direção em um aviso de pare e se reprima, no entanto, olhando minha sogra, a naja da mãe dele, a senhora dos ossos secos, da costa oca, sou obrigada a concordar. Tem casos que cobra e sogras são realmente sinônimos, porém, não devo apoiar esse tipo de comentários a respeito da minha *mamis*.

— Você, às vezes, é muito besta e mais respeito com a senhora Amélia. — Caminho até ele, ficando em suas costas, tentando olhar para dentro da panela enquanto ele mexe com uma espátula os legumes. — Vai fazer o que para comer?

— Sopa.

Aff! Já vi que se casasse com ele ou morreria de fome ou viveria de sopa.

— Que delícia. Amo sopa — ironizei fingindo empolgação.

— Não reclama, não fiz feira ainda, tenho que ler processos importantes, então é o que dá para fazer senão quiser ir trabalhar com fome.

— Tem mesmo que trabalhar? Deixa para amanhã e faz um rango

gostoso para mim.

— Sim, tenho e você também, aliás, já está atrasada.

— Entro 19:30h hoje. Que Saco. Cansada dessa vida de adulto. Sempre tão corrida. Quero ser um bebê de novo — ouço ele rir.

— Bebê não faz bebê.

— Essa é a única parte boa de ser adulta. — Dramatizei, mas assim que sinto o cheiro da sopa, lembro do jantar dele com a Clara, meu estômago embrulha e a fome quase passa. Sem pensar levo a mão a boca.

— Que houve?

— Nada. — Não posso dizer que como tanto a sopa dele que até o cheiro me embrulhou. — Me conta sobre o jantar com a Clara assim que chegar em casa. Todos os mínimos e inúteis detalhes. — Ele resmunga algo e acena de forma afirmativa com a cabeça. — Não a elogie, não converse trivialidades, não sorria, não segure na mão dela e por favor, não se empolga. Ela é bonita, como você mesmo disse, mas não é escudo blindado. Se eu sonhar que você me traiu no primeiro dia de namoro, se prepara porque te atropelo feito tanque.

— Nos outros dias pode?

— Thomas, não tente ser engraçado. Não estou brincando. Se você...

— Primeiro: eu jamais daria em cima de uma cliente. Ainda que não te namorasse, é antiético — diz sério — Segundo: não dormir com outra quando podia, por que faria agora?

— Não sei, vocês homens não precisam de motivo para trair.

— Estaremos no restaurante *Espetinho*, se quiser aparecer por lá e me vigiar.

— Nunca prestaria esse papel, mas olha que coincidência, se algo der errado, será isso que vou fazer com você: espertinho.

Thomas revira os olhos e tenta me beijar, mas esquivo, me afastando.

— Posso te deixar no trabalho, ciumenta?

— Não, tô de carro e preciso devolver. No estado da Belly, não dá para deixar o carro dormir fora. Vai que Malu resolva nascer.

— Achei que era Mônica o nome da bebê.

— Não tente entender.

— Deve ser incrível ter um filho... — diz como quem não quer nada brincando com umas mexas do meu cabelo. Começou. Não é de hoje que ele vem fazendo insinuações com filhos. No fim Belly tem razão, ele irá desejar isso abertamente antes de mim e caberá a mim decidir se quero ou não formar uma família com ele.

— Melhor mexer a sopa ou vai queimar — desconversei, me desvencilhando de seus braços. Essa é uma das razões pela qual não gosto de compromisso sério, sempre leva a outro relacionamento mais sério do que o anterior.

Encosto na mesa cruzando os braços enquanto observo ele mexer a sopa. Se ficou desapontado com minha fuga, não irá falar muito menos demonstrar, mas...

— Está chateado?

— Por que estaria?

Isso é algo que digo quando estou chateada, então, presumo que sim, ele está chateado. Antes que eu possa responder, o telefone toca e agradeço mentalmente por essa interrupção. Thomas vai até a sala atender sem dizer uma palavra, nem sequer olhar para mim. Ótimo. Já começamos bem.

No entanto, não posso fingir que não tenho medo de assumir, de fazer planos... E se algo acontecer e estragar tudo, afinal aquilo que ninguém sabe, ninguém é capaz de destruir, mas quando todos sabem, ficamos expostos aos olhos cruéis do mundo. E não queria nossa relação exposta a tudo isso, mas também não quero que ele vá jantar com a concorrência brigado comigo.

Minutos depois ele entra na cozinha. Eu já tinha desligado a panela e já estava pensando em comer a sopa fervendo e ao mesmo tempo tinha vontade de atirar todo o conteúdo da panela na pia. A fome é grande, mas o nojo também.

— Quem era?

— Minha mãe — avisa colocando duas tigelas na mesa.

— Ah! — *Deus me livrai!* — Tommy — chamo mas ele continua engajado em nos servir. — Ter um filho eu não sei como deve ser, mas você seria um pai incrível.

Ele sorri, mas não diz nada. Fácil, fácil agradar meu homem. Vou levando-o no papo, os anos vão passando e eu sigo invicta. Sem nunca me casar.



CAPÍTULO 9

JANTAR DE NEGOCIOS – PARTE 2

Após jantar sopa, para o meu desprazer, Thomas me deixa em frente ao restaurante, ainda que eu tenha insistido que não precisava me trazer. Peço para o porteiro mandar alguém leva o carro para casa da minha mãe e trazer meu remédio para dor de cabeça, pois ultimamente sempre tenho tido dores fortes de cabeça. Muito estresse lidar com os clientes do restaurante e chegar em casa, ainda ter que estudar duas horas antes de dormir... É de enlouquecer ateus e cristãos.

Assim que chego, sigo o ritual de todos os dias, vou até o banheiro dos funcionários pelos fundos do restaurante, que ainda não abriu, mas todos os funcionários já se preparam para pegar no pesado. Preciso ser uma das primeiras a chegar para vestir o uniforme – saia lápis preta, blusa social branca com emblema do restaurante e uma sandália preta bico fino. Restaurante *granfino* é assim – fazer um belo penteado, uma maquiagem discreta e estou pronta. Maximiliano é hilário, gente boa, mas não como patrão. E já deixou claro se precisar demitir cunhada ele demite. O sangue ruim do pai correndo em suas veias as vezes incorpora.

Falando no cão, vejo ele andando em minha direção. Sai da frente que se não vem bronca, vem idiotice.

— Telly, cunhada linda, parabéns pelo namoro. — Max me cumprimenta com um abraço *super* e exageradamente apertado. — Mais uma que ajudo a desenrolar na família. Quando é o casório?

— Primeiro: eu nunca fui encalhada. Segundo: não vai ter casório e terceiro: como assim você ajuda?

— Belly me contou o plano dela de fazer você assumir o namoro com Thomas, achando que partiu de você quando na verdade foi tudo ideia dela e um pouco minha.

Só tem traíra nessa família. Abro a boca cinco vezes antes de conseguir falar:

— Mais que filha da mãe! E eu caí nesse velho truque. Eu mesma já usei isso com ela. Que ódio! Que ódio! — *Agrr! Belly me paga* — Não diga a ela que me contou isso.

— E era segredo? — Ele coça o queixo. Max sendo Max.

— Max, continue assim. — Dou dois tapas em seu peito.

— De qualquer forma, você e Thomas merecem estarem juntos oficialmente. Principalmente o Thomas, que é meu amigo e merece ser feliz.

Obrigada pela consideração. Quando era para casar com minha irmã esse safado era meu amigo, agora é tudo Thomas. Ingrato.

— Sim, ele merece, mas que fique claro que sempre fui solteira por opção e que não vou casar para agradar ninguém.

— Sei... Ouvia a mesma coisa e hoje metade de tudo que tenho é da sua irmã.

— Comigo é diferente.

— Essas diferentes são as que nos arrastam para o altar mais rápido.

— Ah, vai encher o saco da tua mulher, folgado. — Dou língua para ele, que gargalha e mesmo que eu tenha retornado para o banheiro e me trancado nele, ainda consigo ouvir Max cantando aos berros a marcha nupcial.

Por que, Senhor? Por que eu? 7 bilhões de pessoas na terra e tinham que colocar outro louco bem na minha família?

Respiro fundo. Retoco a maquiagem bem rápido, verifico que o mala do meu cunhado já foi e começo meu turno verificando se a decoração está do jeito que ordenei. Bom, minha função no restaurante é basicamente fazer, verificar ou cancelar reservas, manter o restaurante sempre agradável, atender as pessoas com um sorriso no rosto e dizer onde ficam suas mesas. Tipo uma recepcionista, só que com um pouco mais de trabalho e um salário melhor. O único benefício de ser irmã da dona.

Assim que termino de indicar o lugar da nossa terceira cliente, Greg, o gerente cuzão, resolve me chamar. Tudo eu.

— Telefonema para você na cozinha e Max pediu para trocar as flores da mesa 6 e 7.

— Se trocar essas terei que trocar de todas. Qual o problema com as flores?

— Não contesto as ordens do chefe. Apenas obedeco.

Minha vida cada dia acaba um pouco mais, porém, minhas obrigações só se multiplicam.

— Fica aqui enquanto vou atender e verificar isso — peço antes de

sair do meu posto para atender a bendita ligação. Aposto que é a Belly, outra pessoa ele nem dava o recado.

— Alô!

— *Nossa que "Alô" seco. Se eu fosse um cliente não fazia a reserva. Faz seu serviço direito.*

A vontade que tenho é de gritar com ela por ficar jogando comigo, mas como está imune a ódio, vou guardar para o futuro.

— Se fosse uma cliente não ligaria nesse número e aqui é um restaurante, vendemos comida, quer se molhar vai para chuva.

— *Nossa que mau humor. — você merece sua traidora! — Thomas reagiu mal a declaração?*

— Não. Ligou só para saber isso?

Ah se Max fica sabendo disso.

— *Óbvio, você não voltou e detalhes. Quero detalhes.*

— Ele também me ama — digo sem vontade.

— *Disso eu já sabia. Ele disse algo útil? Rolou algo útil?*

Um garçom passa me encarando. Ótimo, vão dizer que não trabalho só porque sou irmã da dona.

— Me declarei, ele também, nos beijamos e quando vi já estávamos nus — invento só para ela perder o interesse. — E suados de...

— *Esses detalhes eu pulo — interrompe exasperada. Sorrio, sabia. — Falo de detalhes importantes.*

Encosto na parede.

— Ele vai jantar hoje com a prima sonsa da vizinha que prefiro nem pronunciar o nome. Aliás, já deve estar...

— *Vai Safadão! Mal garantiu uma, já tá cobiçando outra. Vai montar um harém.*

— Pode zoar a vontade, mas eu confio no meu homem.

— *Eu não confiaria muito, a Clara é bonita, inteligente, interessante... Eles já se viram, né? Será que ele acha ela bonita?*

— Claro que não acha, falou que ela é uma sonsa, sem graça. Tommy só tenho olhos para mim — minto, porque sei que ela não vai me deixar em paz

se eu falar que Thomas acha a Clara bonita. Ainda não acredito que ele disse isso na minha cara.

— *Bom, se é assim, não há risco, pois vi a Clara saindo daqui com aquele vestido chama macho da mamãe. Aquele preto curto com transparência nos seios que ela diz ter achado os nove de seus onze maridos apenas vestida com ele. Acho que até um de nós foi concebido em cima desse vestido.*

— Vou ignorar a parte que você me traumatiza... Então... Não acredito!

Mamãe nunca empresta esse vestido. Diz que é uma dádiva e uma maldição que só ela é capaz de carregar, sem falar que é no mínimo estranho o cara que amo jantando com uma mulher usando o vestido onde eu posso ter sido concebida. Sinto cólicas cerebrais só de pensar.

— *Pois é* — sou tirada dos meus pensamentos pela voz da minha irmã —, *mas se Thomas não acha ela bonita, tudo bem, não tem com quer se preocupar.*

— Acha que ela transaria com ele? Ou pior, acha que ele transaria com ela?

— *Não sei... Química, clima pode rolar. Vinho vai, vinho vem, depois de nove meses sabe como é né. — Não sei não. — Aí só te restará colocar o chifre na terra e sair arando.*

— Não brinca com isso Belly. Não brinca.

— *Nem estou brincando. Bom, agora vou te deixar trabalhar em paz. Beijos.* — E desliga.

Trabalhar em paz!

Em paz!

EM PAZ?

Bato o telefone com força no gancho. Em paz eu estava, agora só quero saber onde Thomas está. Como está e principalmente, se o pau tá mole.

Volto para minhas funções, após cuidar das flores e dispensar Greg, mas meus pensamentos não saem do jantar a dois. A sós. Como um casal de namorados. Elogios. Vinho. Química. Como namorados. Vinho. Clima. Beijos. Ele acha ela bonita. Com vestido chama macho. Sorrisos. Afinidades. Olhares. Chifre. Gravidez. Casamento. Família. Felizes para sempre.

— Senhorita! Senhorita... — Uma mulher muito bonita e bem vestida me cutuca no ombro de forma dolorida. *Trabalhar em paz, logo eu que só*

arranjo encrenca. — Senhorita, pode ver minha...

— Pare de me cutucar senão quiser perder o braço... Não está vendo que já vou procurar a reserva? Se está com pressa faça meu trabalho — respondo fazendo a senhora me olhar chocada. Me arrependo logo em seguida. Se ela reclamar com Max minha cabeça rola. — Desculpa senhora. Estou com um problema conjugal. Acabaram de ligar dizendo que meu marido está com outra. — Faço cara de quem vai chorar e o semblante dela logo muda para pena.

Essa desculpa é perfeita. Qual mulher não se sensibiliza com uma outra mulher traída?

— Oh! — Leva mão ao peito. — Te entendo querida, não chore por esse infeliz. Homens são todos iguais. Por isso estou solteira, nenhum vale nada.

Viu. Emprego garantido, agora vamos a parte difícil.

— Obrigada, a senhora é muito gentil. — Aperto a mão dela em um gesto cálido. — Greg — chamo novamente o gerente. Ele já está acostumado a me ajudar em tudo, nem por isso deixa de fazer cara feia. — Acompanhe, por favor, a senhora até nossa mesa do menu especial. E depois retorne para cá. Preciso de você.

— OK.

Eles caminham em direção a mesa e eu me afundo em cogitações. A Clara é loira como eu ou pelo menos era da última vez que a vi, um pouco baixinha, bonitinha até, mas não tem grandes curvas, no momento eu também não tenho, mas... Ele não me trocaria por ela. Trocaria? Homem é safado. Pode ter a melhor mulher que nunca se contenta.

Desgraçado! Dormindo com a Clara enquanto eu trabalho. Isso não vai ficar assim. Nesse momento vejo a figura grande e careca do Greg andando em minha direção. Apesar de sua figura imponente, carrancudo e de longe me detesta, é tão perigoso quanto uma bola de algodão.

— Fique aqui — ordeno, pois se eu pedir ele não aceita.

— Senhor Maximiliano vai me demitir se eu permitir que a senhorita saia no meio do expediente de novo...

— Foda-se o Maximiliano — brado — Você vai me cobrir e ele não vai nem ficar sabendo.

— Senhorita, impossível...

— Se eu não voltar em duas horas pede para minha irmã me busca na

delegacia. Porque provavelmente matei duas pessoas. — Dou uma pausa, faço minha melhor cara de raiva, o encaro e em tom ameaçador continuo: — Ou talvez três pessoas.

— Claro senhorita, aviso sim para sua irmã, como quiser, vá com Deus.

— Obrigada, Greg, sabia que podia contar com você. — Dou um beijo em sua bochecha, apenas para provocá-lo e caminho à passos largos para fora do restaurante. Com cara de poucos ou zero amigos e cheia dos pensamentos homicidas.

Traz a farofa que hoje vai ter espetinho de gato para o jantar.



CAPÍTULO 10

JANTAR DE NEGOCIOS – PARTE 3

Saio do restaurante e para começar meu azar da noite já tinham levado "meu" carro, seria mais fácil e grátis ir de carro próprio. Porque pegar ônibus, lotado, a essa hora da noite é simplesmente o fim dos meus dias na Terra. No entanto, como não tenho alternativas, foi o que fiz, fui andando até o ponto de ônibus mais próximo, que aliás não é tão próximo assim e só me dei conta que não tenho ideia de onde é o restaurante quando chego no ponto. Burra! Nem me dou ao trabalho de procurar pelo meu celular, sei que esqueci no carro. Respiro fundo. Não tenho comunicação, tenho pouquíssimo dinheiro e muita raiva.

E agora, José?

Só me resta pedir informações e rezar para alguém conhecer o lugar. Pergunto para várias pessoas, que também esperam o ônibus, por um longo tempo, até que uma finalmente conhece um restaurante com esse nome e estou torcendo para ser o certo, pois não tenho verba para rodar a cidade atrás do *casal vinte*. Que ódio! Thomas falou como se eu conhecesse o restaurante e eu nem mesmo sei em que bairro fica. Será que ele estava me dando um perdido?

Vejo finalmente o ônibus que leva até o bairro do tal restaurante, e tenho quase certeza que é humanamente impossível entrar mais alguém nele, sou convencida do contrário quando eu mesma sou exprimida entre duas ou dez senhoras que foram o caminho todo se benzendo uma vez que eu pensava alto e pensava coisas homicidas, métodos de torturas e muitos, muitos palavrões. Ou seja, me achavam uma completa lunática.

Ah, quando eu chegar lá vou dar uma voadora ou melhor, vou jogar ácido em cima deles para ver suas caras de paus derretendo... Não, ácido é caro e vingança utilizando dinheiro deixo para Belly. Vai a voadora mesmo que de graça.

Aposto que estão rindo de mim. Posso até imaginar como estão no *jantarzinho* a sós.

— *Nossa, como você é lindo, Thomas, tão inteligente, bem-sucedido. Quero só para mim.*

— *Bora para o motel gata, tô cansadão daquela chata da Telly.*

Ok. A sonsa da Clara nunca diria isso, nem adianta fantasiar cérebro e Thomas muito menos, porém em outras palavras já não tenho tanta certeza...

Jantar de negócios. Sei. Não acredito que cai nessa. Dois sonsos. Falsos. Fingidos. Moralistas.

Assim que desci do ônibus entre empurrões e xingamentos, sem saber por onde continuar ou se o odor forte de suor que eu estou sentindo nasceu de mim ou de todas as pessoas que se esfregavam em mim, percebi com certo desprazer que teria que pegar um táxi, ainda que talvez não tenha dinheiro o suficiente para volta. Outro ônibus seria inútil, afinal não deixam diretamente no lugar que preciso. Gastei dinheiro atoa com o primeiro. Preciso urgente de um cartão de crédito, entretanto não posso ter um pois sou do tipo: *olha só uma bolinha de gude em promoção, não preciso, porém tenho cartão de crédito, é para pagar daqui a seis meses e em dez vezes mesmo, vou levar*. Mamãe até tentou ter um, mas cancelou quando tentei comprar um pônei pela internet, claro, no anúncio eles diziam ser um unicórnio e quem nunca quis ter um unicórnio? Ninguém pode me culpar por querer ser a líder suprema do universo com o poder dos chifres dos unicórnios. E eu só tinha dez anos na época.

Sorrio com esse pensamento, encontrando finalmente um táxi vazio. Entro direto sem cumprimentar o motorista e a primeira coisa que ele diz quando informo o nome do bairro é que não é um lugar perigoso, mas poderia ser para uma jovem sozinha, uma vez que o bairro anda sem iluminação pública – alguns postes queimaram – e sem coleta de lixo há dias devido à greve dos funcionários por salários atrasados, além de ser tarde da noite, com isso a taxa de assalto no bairro multiplicou e eu deveria tomar bastante cuidado. Contudo, ainda assim foi gentil ao ponto de me deixar em frente ao restaurante e agradecerei eternamente por isso.

Quando desci, logo percebi que o motorista tinha razão, estava muito escuro e quase pedir para ele ficar comigo segurando minha mão ou dar a meia volta porque eu preferia ser corna a ficar ali sozinha. Porém, a raiva gritou mais alto e acabei só observando meu refúgio se afastar e escondendo o dinheiro – dez reais do troco – no sutiã.

Observo a faixa azul totalmente suja e degradada pelo tempo, com dificuldade para focalizar a placa onde se lia *Espetinho* e ainda assim custei a acreditar. Que lugarzinho decadente, deve ter sido ideia da Clara, o escritório do Thomas é de renome, nunca chamaria um cliente por mais pobre que fosse para esse lugar ou nunca aceitaria deixar seu melhor advogado exposto a isso. Credo, podiam ter juntado o lixo em outro lugar pelo menos. Posso ver pelas janelas de vidro do restaurante que tem gente comendo lá dentro e pior, umas pessoas do lado de fora a poucos metros de mim comiam churrasco apesar de ter pilhas de

lixo por toda a parte.

Não sei como conseguem, o cheiro é muito forte e me deixa cada vez mais enjoada. Até meus olhos queimam com o odor. Preciso achar outro lugar aqui não dar para respirar e também não identifico O CASAL. Preciso entrar, mas eles podem me ver antes de eu ver algo para jogar na cara. Vai que eles não estão fazendo nada, vou bancar a louca ciumenta.

Droga! Pensa Telly. Quer saber? Primeiro eu surto depois procuro provas. Decidida, começo a me desviar do lixo para adentrar no restaurante, meu salto fica preso em algo que não consigo ver.

Só o que me faltava. Tento soltar, em vão, o salto sem precisar abaixar e tirar com as mãos. O Senhor me *livrai* de ter que pôr a mão em seja lá o que for. Eu já até sussurrava: "*sol, tu que és tão forte, derrete o lixo e desprende meu pezinho*", mas como a formiguinha também não estava tendo muito sucesso...

— Ei garota — gritam à trás de mim, bem próximo do meu ouvido.

Levo um susto tão grande que me faz perder o equilíbrio e cair estabanada no lixo. Não queiram sentir isso. Lixo não identificado tocou o meu rosto. O cheiro é tão forte que consigo sentir o gosto ruim na boca. Meus olhos agora lagrimejam de raiva, do odor forte ou só de tristeza mesmo. Meu cabelo. Minha pele, minha roupa... Germes, bactérias e micróbios para todo lado. Apesar da vontade de ficar jogada e feito um saco de lixo até alguém achar meu corpo na manhã seguinte, levanto com certa dificuldade e espero ser morta. Espero mesmo. Viro para olhar o desgraçado que me assustou identificando com dificuldades um senhor – mendigo provavelmente – sujo, baixo, maltrapilho e cabeludo que parece ter surgido do meio do lixo. Ele me encara e ri. Ri. De mim. E não é rir pouco ou discreto não, é rir de chorar e apontar o dedo.

Tchau balde, vou descer mais um pouquinho aqui no fundo do poço.

— Eu... — ensaio para dizer que tá mais fácil eu roubá-lo do que ele me roubar, afinal, não se rouba quem não tem nada, porém ele me interrompe ficando sério:

— Está invadindo minha área, mocinha... Essa área é minha. Minha área...

— Eu não tenho nada nem adianta me assaltar. — Até a dignidade já perdi e a merda desse salto que não solta. Puxo com força e meu pé que acaba saindo da sandália. Ótimo, vou ter que largar aqui.

— Esse ponto é meu — repete e eu continuo sem entender nada. *Que*

ponto? Que ponto é esse, gente? — Você não pode chafurdar aqui. É o meu ponto, tem outros por aí.

Lixo? É um ponto de lixo? Ótimo, agora virei ladra de lixo ou invasora da casa do lixo.

— Desculpa senhor... — Olho ao redor. — Eu meio que não sabia que lixo tinha... Dono. — E ainda uma franquia. Vários donos.

Ele diz umas coisas que não compreendo. Está visivelmente fora do seu juízo. Começa a fuçar o lixo, separar resto de comida e materiais recicláveis enquanto eu saio andando de frente para ele, porque não vou dar as costas para maluco. Quando tenho uma distância considerável, ainda pondero em comprar comida para ele, mas quando toco no sutiã no lugar onde guardei o troco do táxi... Nada do dinheiro. Zero money. *No* cascata. Sem Benjamin. Nem para o ônibus.

Não. Não. Não.

Não acredito que perdi todo o dinheiro que eu tinha. Que noite, *Paê!* Que noite! Percebo que minha situação atual é pior que a do velho, pelo menos ele tem um salto caríssimo, quebrado, mas caro, dá para vender e eu que nem sei onde estou.

Saio pela rua pisando na ponta do pé procurando o carro de Thomas para pelo menos uma carona, porém, o carro não está nessa rua, não vi nenhum carro saindo e não posso entrar suja no restaurante para ver se ele ainda está aí, pois vou ser expulsa quiçá presa, o que seria um *micão* e sinceramente nesse momento nem sei se estou no lugar certo ou se eles realmente vieram.

Merda. Merda. Literalmente merda. Caminho pela direção que cheguei até aqui para ver se acho uma alma caridosa. Tudo isso é culpa da Belly, ela que colocou pilha. Eu devia estar diva no meu lugar atendendo as pessoas. Toda linda e cheirosa... Meu Deus! O uniforme. Max vai me queimar viva, é o quarto que estrago em três meses. Não sei nem como faço isso. Mas quando vejo, já lasquei a saia. Já manchei a blusa e nesse instante acabei de deixar metade do meu salário preso no em alguma coisa enquanto volto descalça para casa. Bom que já vou acostumando, do jeito que estou afundada em dívidas será assim que andarei em pouco tempo suja, descalça, quase nua, talvez como Adão e Eva depois de expulsos: sem o paraíso, cobertos de vergonha, desempregada e cercada de serpentes.

Derrotada. Tento pegar um táxi, mas ninguém aceita uma fedorenta. No ônibus então? Preferi nem ir. Tenho pena das pessoas que vão se esfregar em

mim. Pior é que não sei chegar em casa sozinha, onde é que eu estou?

Depois de muito caminhar, pedir e implorar por informações finalmente consigo chego em casa. Sorte que moro em cidade pequena e todo bairro aqui é perto de algo conhecido, senão só iam me ver nos quadros de desaparecidos.

Entro em minha humilde residência exausta, frustrada, descalça, morta e fedendo.

Thomas pode sair para um cruzeiro marítimo de 100 dias com a Rihanna pelada que nunca mais na vida faço algo assim. Nunca mais. Aprendi a lição.

— Telly? — Belly grita assim que me ver faz uma careta, mas permanece sentada estática me olhando. — O que houve com você? Está horrível. — Fareja — E que cheiro é esse?

Lembro da minha conversa mais cedo com Max e respondo cínica:

— É o da sua falsidade. — Rebato e antes que ela responda, pego o lustre móvel que mamãe esqueceu aberto dentro de um balde próximo a porta e despejo todo em seu rosto e cabelo.

Só para a noite não terminar ruim só para mim.

— Que merda é essa Telly? Caiu no meu olho — berra.

— Óleo de peroba para sua cara de pau. E agradeça por estar grávida senão eu traria lixo tóxico, um montão deles, para jogar em sua cara. *Falsiane*. Armando pelas minhas costas.

— Não estou entendendo... O que houve com você?

— Houve que Max me contou seu plano — exponho. Ela dá de ombros. — E ainda foi me atazanar para ir atrás do Tommy...

— Não acredito que você fez isso, foi atrás dele no jantar? — Ela realmente parece chocada. — Era só para te provocar, não imaginei que você iria atrás dele realmente... E isso não explica o porquê você parece ter saído de um lixão.

— Pera aí — grito deduzindo tudo —, colocou pilha para eu ir só para me provocar?

Mui amiga você, hein.

— Mais ou menos. Achei que não fosse, era só para se roer de ciúmes.

— E ainda diz que imaginou que eu não fosse. Eu morro de ciúmes dele. Óbvio que eu iria atrás. Como você iria do Max.

— Eu iria, mas você é racional. A Clara jamais o conquistará porque Thomas é louco por você.

Ela tem sorte de estar grávida.

— Não sou racional se tratando dele. Porra Belly, sabe que tenho medo de perdê-lo e... Vacilou.

— Adianta eu pedir desculpas?

— Não, não adianta. Foi sacanagem isso tudo. — Começo a retirar a roupa. — Vou tomar banho.

— Telly. — Ela me segue limpando o rosto com a blusa. — OK. Eu mereço que me xingue, o banho de óleo, mas não fica zangada comigo, por favor.

— Belly, por favor digo eu, já fez demais por hoje. Só quero tomar banho e dormir.

— Não briga comigo. — Faz cara de choro. — Eu faço o que você quiser para me redimir. Peço desculpas até de joelho.

— Não ajoelha, pelo amor de Deus, não tenho forças para te levantar.

— *Afs* — resmunga, mas ri. — Desculpa, Juro que não faço mais nada. Só queria devolver o que vocês faziam comigo, mas como o Tommy é o amor da sua vida e agora está bem claro isso, vou parar e fica só aqui olhando minha irmãzinha amando. — Mesmo ainda brava sorrio. — Estou perdoada?

— Primeiro cumpra com o juramento de parar com essa sua *vingança*.

— Não é vingança...

— Tanto faz, só para. Já tenho problemas demais... Eu sei que pegávamos muito no seu pé, mas era só quando você fazia burrada.

— Você também não está 100% certa...

— Como diz dona Amélia: "Ninguém está 100% certo, sempre tem aquele 1% de burrada para detonar com todo os 99% de certeza" — interrompi. — Jure.

— Juro que não vou apronta mais nada com você.

Sorrio e ela faz que vai me abraçar, mas desiste, provoco fingindo que

vou agarrá-la, mas ela desvia. Não consigo ficar brigada muito tempo com essa vaca.

— Agora faz um chá para mim. Estou enjoado desde cedo. Até o cheiro desse óleo revira meu estômago.

— Hummm... Enjoada é... — *Lá vem!!*

— Não estou grávida. Uma mulher não pode mais enjoar que é gravidez?

— Falei a mesma coisa e... — Aponta para a barriga antes de completar: — olha só no que deu. — Estreito os olhos. — OK. Vou ver o que faço, não posso te dar chá sem a certeza.

— Belly, estou exausta. Prepara qualquer coisa e deixa as teorias para amanhã.

— E o jantar?

— Não quero falar sobre isso. Já basta eu ter caído em cima de uma pilha de lixo.

— Como assim? — Vejo ela tentando segurar o riso e já levanto a mão em sinal de *nem pense em fazer piadas*.

— Não quero relembrar isso e nem quero imaginar onde Thomas está.

— Presumo que em casa...

Mas em que condições?

— Vou tomar banho, porque estou cansada. Vir arando todas as ruas com meus chifres cansa *pakas*. Já prepara a colheita, porque o chão tá no ponto.

Belly ri.

— Como assim? Você viu algo? — pergunta com urgência. Essa gosta da fofoca.

— Nada, acho que nem foram ou já tinha ido quando cheguei.

— Foram. Ela já chegou. Vi quando Thomas trouxe a Clara para casa, uns trinta minutos antes de você chegar — informa. — Fiquei olhando porque não confio completamente neles dois.

— Com aqueles vidros fumê? — Viro seguindo para o banheiro e percebo um rasgo atrás da saia. Maravilha paguei calcinha a noite toda.

— Qual o problema com os vidros?

— Eu tenho é medo dessas caronas, não sabe quantas coisas já fiz ali dentro e muitas vezes com o carro em movimento. — Paro a porta do banheiro só para ver a cara assombrada dela. Quem vê pensa que não transa.

— Você é a própria perdição e ainda coloca o pobre Thomas a perder.

Pobre Thomas?

— Ele bem que gosta de se perder. — Dou um piscadela com um sorriso safado.

— Safada. — Vejo um sorriso safado também se formar no rosto dela. — Fica tranquila, não rolou nada nesse jantar, senão ele não teria marcado aqui perto.

— Aqui perto? — estanco.

— Sim, o restaurante que inaugurou outro dia. É, parece que você virou eu na vida — debocha. — Agora vai logo tomar banho que seu fedor tá fazendo meu nariz escorrer.

Entro no banheiro, estou impactada. Não acredito que fui tão longe e ele estava tão perto. Mas pensando pela lógica dela, o prejuízo hoje foi só financeiro e moral, ainda sou uma mulher apaixonada e comprometida com seu primeiro amor. E o melhor, é recíproco. Reciprocidade é uma coisa linda.



CAPÍTULO 11

MAMÃE E THOMAS JUNTOS

Esfreguei-me tanto, mas tanto durante o banho buscando limpar ou esquecer o dia, que estou totalmente vermelha, sensível e meu loiro quase virou branco e ainda assim continuo sentindo um cheiro ruim e a sensação de ter germes em mim. *Ok, respira, é só paranoia. Você esteve a noite toda linda no seu trabalho, o resto da noite foi só um pesadelo.*

Preciso achar meu celular. Checar onde meu homem se meteu e ir dormir com ele. Estou fedendo por causa dele então, vai ter que suportar dormir de conchinha com um saco de lixo... Quer dizer, comigo, cheirando a lixo.

— Telly? — sou desperta dos meus devaneios pela minha irmã que aparece timidamente a porta do quarto. — Está tão quieta, está tudo bem?

— Acho que sim, ainda estou fedendo? Acho que o cheiro grudou no meu nariz.

— Queria eu que fosse no teu nariz, grudou na casa toda. Principalmente porque você saiu jogando as peças de roupa pela casa toda.

— Droga. Não sei mais onde limpar. Tinha lixo em lugares que nem tocou no lixo. — *Lugares importantes.*

— Deve ser os que já nasceram com você.

— Não me provoque vadia — aviso —, não estou boa com sua cara hoje. Então, não vem com piadinhas.

— Desculpa. Mas fique sabendo que se mamãe tivesse em casa esse seu mico estaria no álbum da vergonha. — Ela caminha até a cama e sua cara de sono denúncia que falta pouco para hibernar. — Posso até ver ela contando para minha filha *"olha, essa foi a primeira loucura de ciúmes da tia Telly"*. — **Pior que não foi.** — *Nesse dia que ela ganhou o apelido de rainha da sucata.* — ela ri, mas eu não, principalmente por saber que mamãe realmente faria isso. — *Saiu usando sandálias de grife e voltou arrastando a patola no chão.*

Alguém já sabe o dia dos humilhados serem exaltados? Só para eu saber se vale a pena suportar a zoeira que me espera pelo resto da vida.

— Terminou com a gracinha?

— Não, mas vou guardar só para mim.

— Pode zoar, eu mereço. Mas se prepare, pois eu juro que ajudo Max a registrar sua filha como Mônica Maximiliana Castelli Oliveira.

— Pesado isso aí. Nem brinca. Sinto um arrepio só de imaginar.

Pego a escova de cabelo e caminho para sentar ao seu lado na cama.

— Belly, te magoava quando me intrometia em seus encontros?

— Raramente — fala como se os encontros dela já não fossem raros. Eu, virgem, peguei mais que ela durante os quase trinta anos de vida.

— E por que não reclamava?

— Você me conhece, nunca reclamava de nada. — Sorri sem humor. — Me desculpa se fiz isso hoje. Dei uma de Amélia. Sabe que te amo né, e faço tudo por você.

— Me ajuda com outro banho?

— Claro. Vou pegar alguns sais e podemos usar a banheira da Malu — debocha agora sim me fazendo rir. — Te vira loirinha, que você já é grande. Corrigindo, faço quase tudo por você.

— Dispensso a banheira. Prefiro zelar pelo resto da minha dignidade.

Entreolhamo-nos rindo. Desisto da ideia de mais um banho, não vai mudar muita coisa. Demorei séculos para conseguir um tom de loiro que fosse perfeito em mim e estou estragando de tanto lavar.

— E Thomas? — Belly indaga após um tempo em silêncio, indo pegar uma toalha na porta do quarto. — Quando vai trazer ele aqui? — completa retornando para a cama se preparando para secar com toalha meu cabelo.

— No dia que o sol ficar azul.

— Telly, se você não convidar, eu convido.

— Eu sei o que você quer. Continuar com a vingança pelos seus exs que fizemos correr.

— Agora você está me entendendo. Prepare-se *Telenzinha*, eu serei a Amélia da sua vida. — Ri maléfica.

— Prometeu que não ia continuar.

— Estou brincando, mas ainda quero que traga ele aqui, que seja parte da família e mamãe também quer isso. Ele é seu amor e vamos acolhê-lo como tal.

— Mamãe sabe da gente? Contou para ela?

— Max contou, ele não sabia que era segredo.

Que cunhado mais fofoqueiro!

— Não é segredo, mas vocês são rápidos. Novidades aqui se espalha igual incêndio em clima seco.

— Rádio Oliveira está sempre sincronizada na estação vida alheia.

Gargalhamos mais um vez e enquanto ela faz uma trança em meu cabelo, me senti igual quando éramos crianças e ela os penteava contando como foi seu dia no colégio. Lembro do pai dela sorrindo com a gente. Ele era legal apesar de tudo. Melhor que o meu... Abano a cabeça para não pensar nisso e retorno para sala já devidamente de pijama. Assim que vejo as peças de roupa que usei no espetáculo dessa noite, lembro da bronca maligna que vou tomar do Max amanhã, porém não vou ficar nessa sozinha.

— Você vai pagar o prejuízo de hoje — aviso indo ao encontro de Belly que me espera sentada no sofá com um sal de frutas para mim. Tinha até esquecido o enjoo.

— Deixa que eu me entendo com Max — concorda já sabendo que me refiro à falta no trabalho e estragar o uniforme.

Antes que eu pudesse terminar de tomar a mistura, a porta da frente é aberta e vejo minha mãe linda e loira com uma mala em mãos adentrar no cômodo. Ué, não sabia que tinha viajado.

— Cheguei e... — ela pausa e faz uma careta. Fareja. — Que cheiro estranho é esse? Nossa, quase dá para sentir um gosto ruim. — Estrala a língua. — É você Belly?

— Por que acha que sou eu?

— Sei lá... Você que gostava de se vestir feito mendiga, pode estar revivendo o passado.

— Longa história, mãe — interrompo antes que Belly conte meu mico e ele vá parar no álbum da vergonha. Se mamãe sabe dessa história, pode apostar que jamais vou esquecer disso. Será um eterno "*lembra daquele dia que você caiu de cara no lixo e fedeu a casa toda?*" Ou "*então, menina, tu não sabe. Ontem minha filha do meio não deu de cara no lixo? Tô te dizendo mulher. Essas meninas não sei não. Casar Deus me livre, agora, lixo, elas caem dentro.*"

Aqui em casa sempre foi assim. Deus vai perdoando e o povo só

zoando.

— Também não importa. Advinha quem vai ficar em casa por uns dias?

Nesse momento vejo o rosto tão familiar e ao mesmo tempo tão diferente do meu. Os olhos escuros, os cabelos pretos caindo na testa e o sorriso mais encantador do mundo...

— Ricky! — grito me lançando em seus braços. — Finalmente lembrou dos pobres. Saudades de você. Faz falta um pouco de sensibilidade no meio de tanta mulher bruta.

— Saudades também, eu só não lembrava desse cheiro ruim.

Saco.

— Solta ele, Telly, também quero meu irmão. — Belly me empurra. — Saudades, Adônis. Está mais magro. — Apalpa nosso irmão. — Trabalhando muito? Vou falar para Nayara...

— Belly, sei me cuidar, não precisa intervir.

— Mas...

— Mas nada, não procure problemas com sua cunhada...

— OK, mas que fique claro que só trabalha lá porque quer.

— Belly, o problema da sua cunhada é pau — Mamãe resmunga.

Dona Amélia não suporta a patroa do meu irmão, que no caso é irmã do meu patrão e ambos nossos cunhados. É uma grande e louca família.

— Mãe, não ameaça a minha patroa, já falei.

— Não o meu pau, o seu pau. — Revira os olhos. *Como assim não o meu pau?*

— Mãe, por favor. Tem menor no recinto. — Tampa as orelhas da nossa irmã. E eu só sei rir. Olha aí eu sendo exaltada ou vingada.

— Vai começa com a palhaçada?

— Brincadeira de leve, Maninha. Porque senti falta da minha baixinha encenqueira favorita.

— Encenqueira eu? Espera até ver seu sogro.

Eita! Pesado. Olho para mamãe que olha para o filho "*bom demais para qualquer mulher*", afinal, as filhas encalhadas encostadas pode né. Agora o

Adônis, deus grego, filho pródigo e favorito, nenhuma mulher merece. Depois ainda diz que não faz preferência entre os filhos. Imagina se fizesse, Belly e eu estaríamos agora disputando o ponto com o aquele senhor do lixo ou dormindo no pé do portão ao relento.

O silêncio que se instalou após a brincadeira nada inocente da grávida é quase constrangedor se não fosse pelo riso dela mesma. Alguém pare essa grávida antes que ela nos mate com essas brincadeiras.

Ricky também sorri por fim, antes de desmanchar o *climão*.

— Belly já ouviu sermão o bastante da mamãe. Não atça. A única coisa entre mim e a Nayara é um abismo. — *Nayara? Sem o senhora? Hum, não senti firmeza.* — Vocês têm uma semana para me mimar e engordar. Quero ficar forte assim igual você. — Bagunça o cabelo da nossa irmã e tenta em vão desviar de um tapa.

— Vai se ferrar, moleque.

— Não sei porque está magro, você cozinha bem. Te ensinei a...

— Ser uma filha — interrompe completando. — Já sei.

— Eu ia dizer dono de casa perfeito para se virar sem uma esposa.

— Agora, se você quer ser filha... — provoco.

— Telly.

— Não briguem crianças — Belly brinca. — Pelo menos não até eu pegar a câmera.

— Vocês parecem crianças — Mamãe grita, mas sorri. — É bom ter vocês aqui comigo. Parecem que nunca crescem. Principalmente a Telly que ainda mora com a mãe.

Dona Amélia quase tem um coração. *Quase.*

— Mãe, é que lhe amo muito para lhe deixar só. — Mando beijinhos.

— Sei.

— Vamos ter noite em família? — indago para fugir do campo minado. Logo em seguida a esse papo, vem casamento com certeza. — Precisamos desse momento juntos.

Ricky balança a cabeça afirmativo e procura algo em sua bagagem antes de exhibir os DVDs de *Jason Statham*. Os filmes desse ator são favoritos da Belly. Ela tem um tesão louco por esse homem e acostumamos a sempre assisti-

lo. Se dependesse de mim só ia ver filmes com o *Chris Evans* e do Ricky, só filme meloso, que também são os favoritos da mamãe. É, dona Amélia tem gostos peculiares.

— Vou pegar uns incensos. Aqui está irrespirável. — *Inferno! Ninguém esquece isso.* — Ah Telly — ela volta como se tivesse lembrado de algo —, Thomas mandou mensagem perguntando se você ia dormir lá, responde que não e que ele irá jantar aqui.

O quê? Meu celular tem senha... Como ela consegue fazer essas coisas?

— Mãe, a senhora não devia ter feito isso sem me consultar antes.

— Eu preciso de sua autorização para trazer gente para minha casa? Só rindo. E muito.

— Gente não sei, mas meu namorado precisa sim.

Mamãe me olha daquele jeito "*se correr o cipó estrala se ficar o chinelo canta*" e eu só penso "*Eita! Giovana. O forninho caiu.*"

Quando seu dia está tão ruim que você perde a vontade de viver e manda uma resposta dessas para sua mãe. Quero deixar tudo que é meu para uma instituição de caridade e que meus órgãos, se sobrar algum em bom estado, sejam doados.

Mainha continua me encarando. Encara de cima a baixo. Eu a encarro, mas claro com respeito e cara de arrependimento, meus irmãos provavelmente já estão preparando o discurso fúnebre e isso dura vários segundos. Isso sim é uma guerra infinita.

— Eu amo todas vocês, por favor não briguem hoje. — Ricky, para graça do Pai, interrompe o que seria o início de uma tragédia. — Eu realmente amo todas vocês.

— E eu vou preparar uns petiscos. — Ótimo, comida sempre é uma oferta de paz aceitável.

— Thomas estará aqui amanhã — digo, mas só porque gosto de viver. Mamãe sorri e vira para continuar seu caminho até a cozinha colocando fim em nossa disputa. Finalmente posso respirar aliviada.

— Telly, está menos enojada? Nem tomou a mistura toda — Belly comenta e vejo nossa mãe parar no meio do caminho. Oh bocuda! Cola logo em minha testa.

— Está enjoada desde quando?

— Foi só algo que comi mãe.

— Ou algo que o Thomas comeu. Das duas uma.

Abstrai e finge que não entendeu, Telly. Finge demência.

— Não estou grávida. Tenho certeza disso.

— Humm... É bom mesmo — mamãe resmunga, vira vai para sair, mas antes me olha, me olha de novo e finalmente sai. Hoje está difícil para mim. Deve ser assim que as pessoas se sentem ao serem enquadradas pela polícia. Não devem nada, mas mesmo assim temem.

— Tá marcada, viu. Radar Amélia Oliveira está disparado — Belly debocha. — É bom não estar nem ficar grávida mesmo. Aquele olhar é claro.

E eu sei o que significa: *filha minha não engravida sem aliança e casa própria, porque não tenho idade para criar filhos de ninguém. Sou jovem demais para isso.*

— Falando em Thomas, como vocês estão? — Ricky se pronuncia. E ninguém deixa o assunto morrer. — Fiquei sabendo que finalmente vão casar.

— Ninguém falou em casamento. Estamos namorando. Só isso.

— Ainda? Mamãe veio o caminho todo dizendo que um casamento beira mar combinava com vocês e já até conseguia te ver de noiva entrando por uma passarela com o sol se pondo no horizonte.

Nossa! Mamãe viaja mesmo com essa história de casamento.

— Ky, mamãe consegue me ver de noiva desde que viu uma vagina no meu ultrassom. E olha quem fala de mim? Logo você que até onde sei está solteiro e a bastante tempo. Só saindo com uma tal *estrangeira* — provoco. Ele olha para Belly que olha para mim. Ah, quando o segredo é dele ninguém pode comentar.

— Água. Queria um copo *de água* — desconversa. Esse meu irmão está virando um safado.

Só eu estou com a sensação de que lá vem bomba sobre nossas cabeças é ele quem vai jogar?

— Vou pegar — Belly avisa. Outra safada.

Espertos! Quando é com eles sabem fazer o assunto morrer rapidinho.

— Também quero.

— Vá buscar, oxe, que não sou empregada.

— Mas vai pegar para ele — faço bico.

— Ricky fez uma longa viagem. Você nem foi trabalhar.

Mas vim andando dos quibrocós até aqui. Por sua culpa.

— Pode fazer pipoca para gente pelo menos? Estou com fome.

— Posso.

— Obrigada. — Ela sai carregando o resto da mistura e eu puxo meu gêmeo para o canto da sala. — Agora conta com detalhes por que a mamãe acha que sua chefe é afim de você.

— Porque ela é mulher e... Não, é só por esse motivo mesmo. já basta.

— Nayara é bonita... Atraente, independente. Falar que nunca meteu os dedos naquele *black* seu safado?

Ele sorri, mas fica nervoso. De todas nessa casa ele é o mais transparente. Ricky pode ser o único homem da casa, mais alto, mais velho que eu, mas nunca foi bom em esconder o que sente. Ele é do tipo que fica corado quando mente e gagueja quando fica com vergonha.

— Telly, não inventa. — Retira o tufo de cabelo preto que teima em cair rebelde em sua testa. — Não sei de onde vocês tiram isso.

— Deve ser macio aquele cabelo — ignoro seu protesto. — Diz aí, nunca tentou? Sempre quis fazer isso.

— Só se for para ela meter a mão em você. Mulher brava, exigente, mandona, estressada, o próprio demônio.

— Hummm...

— Não começa... Vim para casa para esquecer o trabalho. Quero ser só o irmão caçula mimado e paparicado de sempre.

— Você não é o caçula.

— Mas sou seu único irmão. E gosto de ser paparicado. É estranho morar sozinho depois de morar aqui onde nada era só meu e nunca estava sozinho. Até minhas roupas dividia com você.

Quando éramos bebês dividimos algumas roupas e mamãe sempre nos lembra disso. *Tão lindo nessa roupa. Nem parece que é da irmã.*

— Irei te mimar muito. — Dou outro abraço apertado nele. — E me

ajude amanhã com Thomas e mamãe juntos na mesma mesa.

Ele sorri fazendo careta. Pelo menos terei dias de folga da mamãe e mais um aliado.

Até que essa noite teve seus altos e baixos, mas terminou bem. Tenho certeza que amanhã/hoje, afinal, já passa da meia noite, será pior. Enfrentar Max. Um jantar com Thomas e minha mãe. Todo um papo de casamento. Já falei suportar mamãe e Thomas juntos? Em um jantar? Certeza que não vai prestar.



CAPÍTULO 12

TESTE

— Como você aceita ir jantar lá em casa sem me perguntar antes? — indaguei entrando na casa de Tommy como um furacão.

Quando entrei ele estava sentado no sofá com o notebook no colo, e assim mesmo continua, nem se abala ou olha para mim. Parecia tão distraído, mas não se assustou. Se fosse eu já estava mortinha ao molho barbecue no chão. Afs. Ele age como se já tivesse acostumado ou esperando. Provavelmente a segunda opção. Não sou de dar chiliques... Todo dia. Mas de qualquer forma, sua postura inabalável me irrita. Me irrita muito, mas isso não é novidade.

— Acho que não tive opções. — Coloca o computador de lado e finalmente olha pra mim. Só então noto os óculos de grau. Ah, como amo ele de óculos. Já falei que ele fica sexy de óculos? Um tesão. Por um momento me imagino entre as pernas dele fazendo um... Do que mesmo eu estava com raiva? — ...mãe não deixou nem eu aceitar ou negar. — Qual era o assunto mesmo? Ah sim, o jantar. — Ela simplesmente fez o convite, ela mesma aceitou e pronto, desligou.

Cruzei os braços batendo o pé. Faz sentido. Isso é a cara da minha mãe.

— Então não vai.

— Se você quer assim, por mim tudo bem — aceita esfregando os olhos sob os óculos, demonstrando estar cansado. Provavelmente trabalhou a noite toda.

— Se quiser ir vai, não me importo a decisão é sua — falo sincera. É algo inevitável mesmo. Se não for hoje será amanhã.

— Vou pensar — responde simplesmente e então observo que ele ainda está de pijama.

— Não vai para o escritório hoje?

— Não, tenho um processo difícil. Vou ficar em casa estudando, por falar nisso, você não deveria estar na faculdade?

— Não tive aula hoje. Graças a Deus. Só faltam dois meses para finalmente dar adeus aquele lugar.

— Tem certeza que não vai participar da formatura? Podemos dar um

jeito.

Eu tinha desistido há muito tempo de ter uma festa de formatura. Minha família não tinha condições para isso e agora que tem, a ideia não me atrai mais.

— Eu tenho certeza, quero só meu diploma e o intercâmbio. — Bufo. — Tirar férias de tudo. De todos da minha vida. Será maravilhoso. — Arrependo assim que acabo de falar e percebo que ele ficou incomodado. Tenho que aprender a filtrar na hora da raiva. — Desculpa.

— Tudo bem. — Não parece tudo bem. — Vou fazer café para gente.

— Já é mais de meio dia.

— Fazer o almoço então. — Retira os óculos – que pena – e quase os quebra para guardar.

Esse vai se roer de ciúmes quando eu viajar, se eu viajar... São só dois anos no Canadá. Nem é tanto. Nem existe razão para ciúmes... A menos que eu encontre o *Wolverine* por lá... Aí já não respondo pelo meus poderes mutantes de pular e quicar que são ativados pela cara de mau dele. Ou o Ryan Gosling, afinal, quem não se apaixonou por ele no filme "diário de uma paixão" que atire a primeira pedra. E com certeza, se eu me esbarrar com o Ryan Reynolds, sempre quis pegar na espada do *deadpool* e calar aquela boca suja... Mas qual a probabilidade de dar de cara com esses canadenses dos meus sonhos? Abaixo de zero, ou seja, sem riscos para Tommy.

— Bom saber.

Bom saber o quê? Não me diga que...

— Eu fantasiei isso alto?

— Alto e claro. — Droga. Thomas tenta passar por mim para ir até a cozinha, mas seguro seu braço, impedindo de continuar.

— Sabe que te amo — comecei tentando me redimir — e temos anos juntos, já conheci muitos homens bonitos, gostosos, altos, musculosos da bunda du...

— Eu já entendi — corta meu raciocínio. — Pode me poupar quando quiser.

— Só quero dizer que não te troco por nenhum deles.

— Nem pelo Hugh Jackman?

Aí já é demais.

— Nem por ele — murmuro. Ele ri, com certeza sabe que estou mentindo. — Vou sentir muito sua falta. Só estou nervosa com esse jantar e falei besteira. Juro que não tenho esses poderes. — O riso dele aumenta e meu coração praticamente para. Não é sempre que ele ri tão abertamente.

— Você é demais.

— Eu sei. — Dou dois beijinhos no ombro. — Agora falando sério, você e minha família são tudo que tenho. — Pouso minha mão em sua nuca e o puxo para ficar cara a cara comigo. — E preciso — sussurro antes de beijá-lo.

Um beijo lento onde um explora e saboreia os lábios do outro. Como se nunca tivéssemos nos beijado antes ou como se nos beijar nunca perdesse a magia do primeiro beijo.

O beijo que começou lento como um pedido de desculpas ou só para demonstrar como o amo foi se tornando mais exigente, intenso. Avassalador. Exigente. Excitante. Cheio de mãos bobas e gemidos contidos.

Uma de suas mãos apertava minha bunda enquanto a outra segurava minha nuca. Cravei as minhas em seus braços, cabelos e por fim o membro duro que despertava todos meus sentidos. Que se insinua pra mim. Pede e implorar pra mim ter rendido a seu bel prazer.

De repente, em algum momento que nem me dei conta, já estava sem a roupa. Thomas sem a dele. Deitado sobre mim no sofá. Dentro de mim, me beijando ora lenta ora com urgência. Mordendo meu pescoço. Ávido. Minha boca, me deixando mole a sua mercê. E seu corpo inteiro parecia estar na mesma sincronia, me levando a loucura, me fazendo gemer e queimar em uma mistura de prazer e desejo.

Quando já suados, chegamos ao orgasmo. Quase completamente saciados do corpo um do outro. Enquanto nossas respirações e corpos voltavam ao normal. Com ele ainda dentro de mim, me dei conta de que não era para ter rolado assim.

— Que droga.

— Eu achei gostoso. — Ri contra o meu pescoço.

— Não o sexo, mas ter rolado assim...

— Assim como? — Apoia o peso nos braços saindo de dentro de mim e ocupando o lugar ao meu lado no tapete. Isso mesmo, tapete. — Não entendo.

— Queria que fosse especial.

— Sempre é especial. — Beija meus lábios. — Você está toda marcada. — Passa o dedo pelo meu pescoço. — E esse não fui eu que marquei. O que houve?

Lembro que antes de vir pra cá, tomei um banho reforçado. Só para o cheiro de lixo sumir de vez, toda marcada, mas cheirosa.

— Longa história. — Isso me lembra que... — Como foi o jantar ontem?

— Normal.

Normal? Isso lá é resposta?

— Clara deu em cima de você?

— Se deu não percebi. — Igual quando não percebeu que ela é bonita. — Não acho que ela é esse tipo de moça que paquera homem. Ainda mais comprometidos.

— E viraram amiguinhos agora?

— Não é isso, só que ela parece tímida... — Encaro. — E infantil.

— Reparou tudo isso menos se ela deu em cima de você. — Revirei os olhos ficando de peito pra cima.

— Telly, eu prefiro evitar brigas.

— E quem está brigando aqui? — brado virando bruscamente para olhá-lo.

— Ninguém, nem quero que ninguém brigue, por isso acho melhor mudar de assunto.

— Hummm... Vai sair de novo com ela?

— Sair é uma palavra forte. Sempre tive esses jantares e você nunca teve ciúmes. — Entrega-me sua camisa.

— Tive várias vezes. Mas não tinha o direito de cobrar — confesso colocando a camisa dele.

— E eu achando que era confiança.

— Mas confio, pelo menos na sua cabeça de cima. O problema é a de baixo.

— Pode confiar nas duas — sorri —, ambas amam, respeitam e

desejam só você. — Joga o corpo pra cima do meu. — E são fieis a você há muito tempo.

Odeio quando ele é fofo no meio de uma briga.

— Como vive tanto sem isso? — indago mais para mim do que para ele aproveitando para abraçar sua cintura com as pernas.

— Sem isso o quê?

— Essa cumplicidade de casal. — Aperto o nariz dele. — Desculpa eu ter chegado aqui aos gritos.

— Já acostumei com gritos.

— Quer ir no jantar?

— Sim, mas não há problemas se não puder ir... Queria fazer as pazes com sua mãe, afinal, quero poder te buscar e levar em casa. Como adultos.

Meu medo é esse "fazer as pazes".

— Ser amigo da minha mãe e namorado de uma das filhas dela é um atestado de subir ao altar em breve.

— Não tenho problemas com isso. — Beija meu pescoço. — Aliás, a ideia até me agrada.

— Nem tente falar isso pra minha mãe. E sei que você quer é morar junto.

— Também é um casamento.

— Para minha mãe é a morte.

Tommy ri. E eu começo a querer fugir do assunto. Esse terreno é minado demais pra pisar de guarda baixa, até brigar é melhor.

— E sua promoção? — indago lembrando que ele sempre fica entretido por horas falando sobre isso.

— Meu chefe avisou que irá revelar em breve. Estou ansioso.

Esse em breve deve ser uns cinco a dez anos.

— E ele só te enrola...

— Não é assim... Tudo tem seu tempo.

— Está sendo ingênuo ou inocente demais.

— Não vamos discutir isso de novo.

— Tá.

Anos trabalhando naquela porcaria de escritório, ele mais que o "chefe". Já investiu dinheiro do próprio bolso e tudo isso buscando virar sócio. E o canalha na promessa há anos, acho que desde antes de me conhecer enrolou o trouxa. O que me irrita é ele não ver que nesse tempo já estaria com o próprio escritório. Thomas é bom ou burro demais para não jogar tudo para o alto e virar concorrência. Tudo bem que ele tem o cara como irmão, mas é nítido que não é recíproco. Posso ver na cara do tal que só está sugando o besta. Já brigamos muito por isso. Muito mesmo, principalmente depois que o tal chefe deu em cima de mim e descobri quão baixo ele é. Não contei pra Thomas, mas começo a acreditar que devia ter contado...

Ficamos em silêncio por um longo tempo. Em certo momento ele começou a brincar com meu cabelo e me aconchego em seu peito. Eu sabia que não estávamos mais brigados. Gosto disso em nossa relação, antes de tudo somos amigos. Brigamos, discordamos, mas no fim nos amamos tanto que qualquer ressentimento fica pequeno.

— Que horas é o jantar? — é ele quem quebra o silêncio.

— Podemos ir 18:00 horas. Não temos um horário específico para isso. Tenho até que pedir folga ao Max ou trocar de turno.

— Falando nele... Ontem me ligou enfurecido dizendo que você saiu no meio do expediente... Telly, para onde você foi?

Eita lasqueira.

— Eu... Eu... Eu fui para... — *Pensa, pensa!* — Para casa de uma amiga. Ela me ligou dizendo que estava muito doente.

— Podia ter avisado para seu patrão. Precisa ser mais responsável com você mesma. Com suas obrigações.

— Eu sei. Eu sei. É fácil com os outros. Era mais fácil quando eu não trabalhava.

— Tenho certeza que irá tirar de letra se focar no que quer. Sempre teve ótimos conselhos e sabe ser sábia quando quer.

— Verdade — fico um tempo em silêncio —, mas então, você e a Clara vão jantar de novo?

— Você não esquece nada... Passei o caso dela para outro, não é difícil. Não vou compactuar com esse plano da Amélia.

— Ahhhhhh Obrigada.

Por isso que amo esse homem!

— Vamos comer algo. Estou faminto.

Ele levanta e tento fazer o mesmo, mas der repente começo a ver tudo rodando e me sento no tapete com as mãos apoiando a cabeça.

— O que houve?

— Nada... Eu só levantei muito rápido e fiquei tonta.

— Telly... — Ele faz uma cara séria. — Existe a possibilidade de você estar...

— Não. Eu tomei os anticoncepcionais normalmente todos em dia, minha menstruação desceu – *estranha, mas desceu* –, acho que vou aproveitar e voltar a tomar injeção, é mais seguro.

— Mais seguro é você ir ao médico ou fazer um teste de farmácia. Dá para fazer agora mesmo.

— Thomas... — chamo passando as mãos pelos meus cabelos. *E se dar positivo, o que faço com a minha vida?*

— Só para ter certeza ou eu não viverei em paz.

— Tudo bem — concordo. O Senhor que me ajude. — É só estresse. Sabe que estou muito estressada ultimamente.

É só estresse.

— Ainda assim, prefiro que faça o teste. Vou ligar para a farmácia e pedir.

Apenas balanço a cabeça em afirmação. Na real estou com muito medo. E se eu estiver grávida? O que será de mim?

Menos de vinte minutos o cara entrega o que será o marco em minha vida e menos de dez minutos já fiz o teste. Saio do banheiro, minha mãos tremem esperando os traços aparecerem e um Thomas aflito. Extremamente ansioso. Observa-me, talvez, tentando adivinha o resultado do teste apenas pela tensão do meu corpo ou simplesmente buscando as palavras certas, já que quando finalmente se pronuncia, sua indagação sai baixa e cautelosa:

— E então? Qual o resultado?



CAPÍTULO 13

MINHA MÃE ENVERGONHADA?

Demorou um tempo até eu mesma entender a situação. Até tudo aquilo percorrer minha corrente sanguínea desfazendo os nós de tensão e formando camadas de alívio.

— Telly, está tentando me matar? — Olho para um Thomas aflito. — Diz logo o resultado.

— Negativo. Não estou grávida — anúncio.

Falar em voz alta me deu a sensação de *UFA! Graças a Deus*. Mas a cara de decepção dele mostra algo que todos já sabiam, menos eu. Estamos em fases diferentes. Ele quer ser pai e eu não quero ter um filho.

— Tem certeza? Esses testes falham... Todos deram negativos? — *Que todos meu fi? Só fiz um.*

— Tommy, não tente se iludir, eu já tinha quase certeza que esse seria o resultado, apesar dos sintomas... — Afundo as mãos no meu cabelo. — É melhor assim.

— Tem razão, vou tomar banho. — Ele parecia meio desnortado como se tivesse certeza do resultado positivo e tivesse feito planos e tudo ruiu como um castelo de areia.

— Não ia comer?

— Perdi a fome. — Passa por mim entrando no banheiro. Só o que me faltava, ter que me preocupar com essa súbita vontade dele de ser pai, como senão bastasse minha mãe querendo me casar.

Olho para a porta fechada do banheiro. Apesar de perceber a tristeza dele, sei que é melhor assim. Eu não saberia o que fazer. Com certeza um casamento seria inevitável e tenho outros objetivos, outros sonhos, caminhos a percorrer na vida antes de tudo isso. Preciso conquistar tudo que planejei para mim antes de pensar em qualquer outra coisa.

Dou uma última olhada no teste antes de colocá-lo em minha bolsa. Preciso mostrar a Belly, só para ter certeza do resultado. Se precisar até faço outro, mas o importante é tirar essa ideia da cabeça do Thomas. Só preciso saber como.

O resto do dia passou rápido, e fugi bastante do Tommy. Ele mesmo, depois do banho, concordou comigo e continuou com a cara de quem já tinha comprado o berço e de repente perdeu o bebê. Eu nunca disse estar grávida, pelo contrário, sempre soube não estava.

Sopro o ar irritada desistindo de ir para o estágio pela primeira vez, antes de qualquer coisa eu preciso conversar com Max e tentar salvar meu emprego. Eu sabia que seria difícil, mas é inadiável. Preciso de outra folga, preciso do emprego e meu chefe já está virado comigo.

Chego no restaurante e entro pelos fundos como de costume, tenho quase certeza que Max está em algum lugar organizando tudo para a noite. O restaurante abre durante o dia, mas o movimento é menos que a noite.

Não demora muito para eu encontrar meu cunhado dando uma bronca em um garçom. Péssima hora. Tento fugir, mas ele infelizmente me vê.

— Cunhada, ao que devo sua ilustre presença? Será meu aniversário? Será a volta de Cristo? — Cruza os braços. — Diz aí esse milagre, está na bíblia? Uma vez que, nem quando você é obrigada, você aparece por aqui — debocha e sua cara não é das melhores.

Cadê o cara auto astral que me contratou?

— Max, juro que precisei sair ontem para um caso de vida ou morte.

— Telly, não foi a primeira vez e eu já te dei muitas chances.

— Só dessa vez — imploro —, juro. Foi tudo culpa da Belly.

— E você sempre tem uma desculpa com o nome da minha mulher.

Para você ver como sua mulher está sempre metida em tudo. Só não mais que sua sogra. Oliveira deve vir do grego "*intrometexion na videixon dosotreixon*" ou então "*videxion dosotreixon eu adorunexon*". Não precisa ser fluente em grego – como eu – para ter certeza disso.

— Dessa vez foi sério, aposto que ela te contou.

— Não me disse nada. — *Vagaba!* — Só essa chance — cede e quase pulo em cima dele. — E não terá mais folga e quando terminar a faculdade, vai fazer dois turnos para compensar.

Oxe! Me põe para dormir na masmorra também e dá umas chicotadas antes de cada turno.

— Concordo, só preciso de um favorzinho. — *Quem não chora não mama.*

— Quer folga para o jantar? Pode ir. — *Foi até fácil.* — Por que não folga logo a semana toda? — Essa conversa começou a cheirar pior que meu banho ontem no lixo.

— Está me demitindo... de novo? — *E em menos de três minutos.*

— Ah não. — Coloca a mão no peito como se estivesse ofendido. — Falando assim parece cruel. Vamos colocar assim, estou te dando uma caixa de papelão para retirar todas as suas coisas do restaurante e voltar com uma bolsa de grife como cliente.

Ele está usando deboche para me demitir? Filho da mãe... E pera! Onde achei dinheiro para bolsa de grife?

— Não venha com piadas. Preciso desse emprego.

— Não precisa. Você precisa de dinheiro e eu de uma funcionária. Telly, você sai no meio do expediente dia sim, dia também. E está prejudicando minha imagem junto aos outros funcionários... Como vão me respeitar com você me fazendo de palhaço? — *Você se faz de palhaço sozinho, Max,* penso, mas ainda tenho juízo o suficiente para não verbalizar. — Eu estava disposto a te dar outra chance, mas já está querendo faltar de novo.

— É para o jantar da sua sogra — *Ingrato.* Depois de tudo que fiz por ele.

— O jantar é para Thomas... Você não precisa estar presente.

Abro a boca várias vezes, mas esse realmente é um bom argumento. Eu só vou porque preciso atrapalhar. Para começar, vou ir de surpresa umas duas horas antes do combinado e pegar mamãe no flagra.

— Belly sabe disso? — Cruzo os braços batendo o pé. Um mania de quando estou irritada.

— Óbvio. Não tomo decisões importantes sem a permissão... Quer dizer, opinião da minha mulher.

— E concordou?

— Sim! Você pode trabalhar com sua mãe, desempregada você não fica.

— Agora está sendo cruel. Sabe como a mamãe é como patroa.

Pior que senhora de engenho. Imagine mãe patroa? Mãe, aquele ser que vê a gente sentado por cinco minutos e já diz que não fazemos nada. Que não ajudamos em nada. Que parece que vivemos de luz e nos põe para limpar a

lua até virar sol. Aquela mesma que nos vê sorrindo e acha que só porque mostramos os dentes estamos fortes, bons e saudáveis o suficiente para levantar uma carreta. Que adivinha tudo. Onisciente e onipresente. Que é impossível de enganar.

Repreendo logo esse tipo de emprego.

É como tentar fugir de uma cobra de duas cabeças com os poderes do Xavier e o olhar do ciclope.

Max ri e dá de ombros.

— Só lamento por você. Mas Clara está saindo para escrever um livro ou abrir um negócio dela, sei lá e você pode ocupar o lugar dela na lanchonete. É boa fazendo doce. — *Teve duplo sentido aí?* — Pelo menos isso. — *Ele acabou de dizer que sou inútil?*

— Se já decidiram tudo por mim sem me consultar. Ok. — Viro para sair, mas me recorro de algo. — Quero meu seguro desemprego.

— Você não trabalhou tempo o suficiente para isso.

Inferno. A noite já começou boa. Agora sim saio. Poderia pegar carona com ele, mas prefiro ônibus do que dividir o carro com patrão ingrato. Com Ricky aqui não tenho mais carro, sem emprego então, vou ter que viver da mesada do meu pai. Detesto usar o dinheiro dele ou qualquer coisa que venha desse homem.

Ando mais alguns minutos até dar de cara com Thomas me esperando em frente a minha casa com cara de poucos amigos.

— Que cara é essa? Será que devo colocar uma placa escrita: "*não se aproxime, cão bravo*" pendurada no seu pescoço.

— Sem brincadeiras. Onde estava? Me disse para esperar aqui dezesseis horas e já são dezessete horas e trinta minutos.

— Tive um problema. Porque não entrou? — Ele me olha como se eu tivesse dito para surfar nas larvas de um vulcão.

— Deus me livre de encarar sua mãe sozinho.

Medroso. Seguro em sua mão o arrastando para dentro.

— Mãe! Mãe! — chamo aos gritos só porque sei que ela não gosta. — Já estou aqui.

Mamãe aparece à porta da sala do jeito que eu sempre sonhei. Aliás,

ela conseguiu superar minhas expectativas. Eu só queria pegar ela raspando o bigode, mas ela me aparece com um saco plástico na cabeça - provavelmente fazendo hidratação -, gosma verde na cara e aquelas roupas folgadas que geralmente usamos dentro de casa. Creme depilatório nas pernas e fubá nos joelhos e axilas para clarear. Confesso que também uso esse truque, mas jamais durante o dia.

Só sei que hoje não precisa fingir que não se arrumou. Geralmente quando trazemos gente para cá para casa, ela finge que não estava esperando e que vive feito *socialite* em casa. Toda no salto, no cabelo de prancha, trabalhada na *make* e nas roupas caras. Fez isso com Max, mas comigo não. Se estamos em guerra e em lado opostos, que vença a melhor.

Sabe aquele meu testamento? Então, ele ainda está valendo, porque minha boca quer rir, mas meu coração diz que alguém fará ele parar se eu fizer essa besteira.

— Não esperava vocês agora. — Ela me olha em uma censura clara e várias ameaças, gritos contidos. Nunca tinha visto mamãe muda e talvez, bem talvez, um talvez enorme, envergonhada. Minha mãe envergonhada? Vivi para ver isso.

Será hoje o dia da minha morte?

Como diria Belly: Alguém viu meu bilhete para o paraíso? Acho que acabei de perder.

— Desculpa, pensei ter avisado que chegaríamos mais cedo. — Faço cara de inocente piscando os cílios.

— Também peço desculpas por ter chegado cedo... A senhora está... Linda? — Ele também quer rir, mas tem amor a própria vida.

— Obrigada. Sem problemas. Já te vi nu, né? Acho que temos bastante intimidade. — *Afs!* — Vou pegar algo para vocês beliscarem. — Sorri. — Vem comigo, Telly?

Para senhora me beliscar? Eu não, obrigada.

— Vou ficar aqui com Thomas.

— Thomas pode ficar sozinho. Não é porque mama que ele é bebê. — Thomas engasga e começa a tossir. Eu falei para não vir, agora aguenta. — Fica à vontade Thomas. Sinta-se como se estivesse sendo filmado por seus pais. — *Ou seja, não fique à vontade.*

Amélia me arrasta pelo braço para cozinha.

— Trapaceira. — Belisca umas duzentas vezes meu braço. — Chegou cedo de propósito.

— Ai, mãe — grito alisando os lugares. — Eu mãe? Longe de mim fazer uma coisa dessas.

— É — Belisca. — Não se preocupe. — Belisca outra vez. — O que é seu está guardado.

Agora me preocupei. Tenho que recomeçar a pensar meus planos, principalmente os que envolvem minha mãe. Volto para a sala toda marcada e com dores para todo lado. Mão pesada de pedreiro!

— Cadê seus irmãos? — Thomas indaga olhando nossas fotos espalhadas pela sala. Entre várias, tem uma enorme da Belly vestida de noiva com Max ao seu lado em destaque. Quando ela botou essa foto na sala?

— Acho que Belly foi ao médico. Está apreensiva. Falta pouco para Malu nascer e ela está entrando em colapso. Qualquer dor ela grita que está nascendo.

— Ah. Max também. Diz que agora dorme no chão que a mulher do nada começa e chutar e socar ele no meio da noite dizendo que se ela não dorme direito, ele também não.

Por isso o mau humor dele.

— E eu perdendo de ver isso. Vou prestar atenção hoje e filmar se for possível.

Jogar até no YouTube. Nós dois rimos imaginando a cena e acabei lembrando de mamãe, pronto, juntou tudo que a lágrima até desceu.

Mamãe apareceu minutos depois segurando uma bandeja, graças a Deus já tínhamos parado de rir. Estava mais composta com os cabelos molhados soltos. Rosto limpo, pernas limpas, axilas e joelhos clareados, bigode raspado e outra roupa. Não sei para que ela faz tudo isso. É uma mulher de quarenta e poucos com cara de trinta ou menos. Com corpo de vinte e cinco. Gostosa pacas. Uma loira dessas, *bicho*, usando fubá nas axilas. Quem precisa sou eu que sou filha e necessito estar mais gostosa que minha mãe.

— Thomas, agora sim estou apresentável, aliás, estamos. — As piadas com o episódio que ela nos flagrou transando nunca tem fim. Ela sorri colocando a bandeja sobre a mesinha de centro da casa e eu quase tenho outra crise de risos

com o conteúdo. Não creio. — Como Telly não avisou que vinha mais cedo, ainda não temos nada pronto, mas podem beliscar isso.

Mano do céu! Aliás, Pai do céu! Ela trouxe chuchu. Chuchu CRU. E nem foi cortado ou descascado. Só um chuchu na bandeja. CHUCHU. Cara, desisto, ela é melhor que eu. Não dá para competir com essa mulher. Mordo a língua, a bochecha e todo o interior da minha boca para não rir.

— É muita gentileza. — Ele faz uma careta. E nem comeu esse troço ainda. — Mas não estou com fome.

— Mas isso daqui não mata fome não!

Fome não, mas uma pessoa com certeza mata.

Mamãe sorri, olha para mim e sai provavelmente para aprontar ou fazer a janta.

— Isso é sério? — Thomas indaga com o chuchu na mão.

— Pior que sim, melhor comer para fazer média.

— É chuchu cru, Telly. Nem raspou os espinhos... Não tem como comer isso e parece que nem foi lavado.

— Tá bom, vou preparar outra...

— Ah, não precisa, esse está bom. — Morde e o chuchu e tenho a impressão de...

— Está insinuando que minha comida é pior que isso?

— Desculpa, não posso falar de boca cheia. — *Filho duma égua. Pois deveria ter veneno nisso aí.*

Antes que mate esse filho da mãe, meus irmãos chegam e nos encaram, aliás, encara Tommy.

— Por que ele está comendo chuchu? — Ricky questiona confuso.

— Amélia — respondo rindo. Eles entendem e também riem.

— Boa sorte cunhado. Vai precisar — Ricky Debocha dando dois tapinhas nas costas de Tommy.

Logo o chuchu ficou para escanteio e iniciamos um papo animado sobre a gravidez de Belly, casamento e lembrei-me do teste que ainda estava na minha bolsa em algum lugar da casa e o quanto é perigoso trazer algo assim para cá para dentro. Se mamãe acha, ainda que o resultado seja negativo, me esfolo só pela ideia. Melhor esconder e enterrar esse assunto.



CAPÍTULO 14

GENRO QUERIDO

Em pouco tempo estávamos reunidos e sentados à mesa para jantar. Max ainda não tinha chegado e espero que não esteja me evitando. Afinal, somos da mesma família e aqui nessa casa, pelo menos, deve prevalecer a união e a harmonia. Qualquer desavença deve ser resolvida e esquecida. Só Letty que é exceção, pois nunca realmente quis fazer parte da família. A ovelha rosa cheia de glitter e purpurina que não se encaixa nos padrões Amélia de ser e muito menos encaixamos em seu padrão de qualidade.

Remexo no prato sem a menor vontade de comer salada. Mamãe adquiriu o hábito de comer salada antes do prato principal do almoço e do jantar e como sempre somos obrigados a aderir suas manias.

— Então Thomas... — Ricky inicia, quebrando o silêncio de garfos e facas batendo nos pratos. — Quais seus planos para o futuro?

Isso foi o que ele disse, mas no fundo o que meu irmão quis dizer exatamente foi: *mamãe quer saber se tem planos para casar com minha irmã, mas pediu para eu perguntar em um fingido desinteresse.*

Olho para o meu irmão com cara de brava, mas ele está com cara de paisagem. E de pensar que no passado era eu quem fazia esse papel.

— Meu maior plano no momento é me tornar sócio do escritório onde trabalho. — Tommy sorri, lança um olhar em minha direção antes de completar. — Esse é o mais palpável pelo menos. Sinto que está chegando.

É mais fácil chegar o dia do nosso casamento do que dessa promoção.

— E casar? — Quase engasgo. *Será que pensei alto?* — Já está com mais de trinta e ainda não tem planos para isso? Já, já o guerreiro não levanta para batalhar, aí... adeus — essa é minha mãe tentando ser discreta.

Ainda com a insinuação altamente sexual, meio envergonhado, Thomas ri e não é o único. Belly e Ricky parecem adorar o show. Belly principalmente foi a mais que passou por esses momentos.

— Esse tipo de plano não depende só de mim. Então, nem faço mais. Quando minha noiva quiser, nos casamos e pronto.

Agora sim engasgo com minha própria saliva. Noiva? *Noiva?* Thomas está brincando com fogo. Pode começar esse jogo perigoso e depois não

aguentar, vai ter que lidar com as consequências, porque nem o *Usain Bolt* conseguiria correr das garras casamenteiras da minha mãe, imagine Tommy que nem faz caminhada. Chuto a perna dele por debaixo da mesa quando vejo o sorriso de outdoor estampado no rosto da minha mãe.

Tenha piedade!

— Então vocês estão noivos?! — debruça na mesa na direção de Tommy — Essa safada da Telly não nos contou nada.

— Não! Não estamos noivos — nego rápido — Foi só uma expressão. Uma brincadeira dele.

— Ah... E quando vão ficar? — observa Tommy enquanto mastiga a plantaço, quer dizer, a salada.

— Quando...

— Perguntei para Tommy. — Nossa, que cortada violenta. Alguém avisa que não estou no cardápio e que sou um bebê sensível?

— Em breve.

O que ele pensa que está fazendo?

— Mãe, pode ir buscar o jantar de verdade? — decido mudar o foco do assunto. — Estou com fome de comida. Sabe que não gosto de salada.

— Vai você, menina, não vê que estou conversando? — Abana com a mão como se expulsasse um mosquito.

— Mas mãe... — ela belisca minha perna por debaixo da mesa. *Aí.* — Já vou.

Agora sei porque ela quis sentar entre Thomas e eu. Belly ao meu lado ri de tudo e Ricky está calado, mas o prato dele é o único vazio. Esse come quieto. Desde que chegou parece sempre pensar em algo importante de seios e vagina. Depois vou dar uma prensa nele. E óbvio sobrou para eu ter que ir buscar o jantar.

— E filhos? — Paro antes mesmo de levantar. A palavra com F não. — Já pensou em ter? — fico ouvindo mamãe perguntar como se estivesse em um encontro, não conhecendo o namorado da filha.

— Com certeza. — Reviro os olhos enquanto mamãe se derrete sobre a mesa mais que manteiga em panela antiaderente.

Caminho lentamente até a cozinha só para continuar ouvindo a

conversa deles.

— Vamos nos dar bem, deixando o passado e aquela visão pavorosa de lado, claro.

Se ela está falando de Thomas nu... Não tem nada de pavoroso nessa visão. Aliás, adoro. Adorava, pois sei o que ele está fazendo. Dando uma de Max. Conquistando a mãe para atingir objetivos maiores com a filha. Comigo não vai funcionar.

Vou rápido pegar o escondidinho de camarão e a farofa de cuscuz com galeto assado. Só mamãe para fazer essa misturada. E Grey achando que tem gostos peculiares, só porque não conhece dona Amélia.

Retorno rápido, antes que marquem meu casamento, com tudo bem equilibrado em uma bandeja.

Temos uma pequena sala para jantar. Basicamente mamãe dividiu a cozinha. Agora que não trabalhamos mais com encomendas em casa não precisava de uma cozinha tão grande, então, metade foi destinada para isso. Assim que coloco a comida na mesa, Max entra esfregando as mãos.

— Cheguei para dar PT de tanto comer — grita olhando para a comida, mas logo outra coisa desvia seu foco. — Ele está sentado no meu lugar? — aponta para Tommy. Max, desde que foi "adotado" pela família Oliveira, sempre senta ao lado da sogra. — Por que ele está sentado no meu lugar?

— Não seja infantil, Max. Sente-se ao lado da sua esposa. — Mamãe manda e ele resmunga, mas acaba sentando a mesa na extremidade entre Belly e Ricky.

— Cadê meu prato?

— Por que você não pega? — mamãe pergunta e todos paramos de nos servir. Estáticos. *Eita!* Ela praticamente dava comida na boca dele e agora manda pegar o próprio prato. Fim dos tempos.

Max faz uma cara de filho pródigo rejeitado pela mãe e quase tenho pena.

— Eu pego para você, Max — Belly se oferece, mas ele acaba rejeitando o pedido e no caminho para a cozinha, passa por mim e sussurra:

— Quero ele fora daqui.

Sorrio. Dramático. Ciumento. Coitada da minha sobrinha na adolescência. Quando retorna, Belly consola ele com um beijo e algo a mais pela

cara de safado que faz e pela mão dela sob a mesa. *Afs*, que deselegante, na mesa com a gente jantando. Cutuco ela que pisca para mim com um sorriso *arteiro*.

Ficamos um tempo apenas jantando. Até que está agradável. Talvez eu esteja paranoica mesmo com isso de casamento e Belly tenha razão. Ela deve estar tramando algo a logo prazo. Acho que vou pausar a operação: não caso e deixar rolar.

— Pode repetir, Tom — *Tom? Intimidade hein*. — Coma bastante, querido genro.

Querido genro? Que forçado!

— Quando ele virou "querido genro"? — Eu ia pergunta, mas Max se adiantou.

— Max...

— Só estava querendo saber o que perdi, Mônica. Afinal, até ontem não tinha nada disso. Eles nem se gostavam. Hoje já...

— Max, relaxa. Isso é igual chifre: a primeira vez dói, mas depois acostuma. Foi assim quando fui trocado por você, agora, já acostumei. — Meu irmão brinca. Homens sempre tão dramáticos.

Mamãe os ignora, mas todos acabamos rindo da brincadeira com fundo de verdade.

— Max e Ricky sem ciúmes, só me preocupo, pois Tom é bem magricela.

Ela sempre diz que ele é magrinho. Ok! Pode não ser tão forte como Max ou tão alto, mas é quase e é gostoso. Tem seus gominhos e Max é negão. É gigante e esculpida pela própria natureza. Que Belly e Tommy não me ouça dizer isso, aliás, ninguém me escutou dizendo isso.

— Mãe para de implicância. E vocês dois vão procurar louça para lavar.

Ricky imita o que falei e todos rompemos em gargalhadas. O resto do jantar ocorreu entre risos, provocações, em dois idiomas diferentes o "gritando e berrando" e para finalizar, mamãe mostrando o álbum da vergonha. Nem eu acreditei nas minhas fotos da adolescência. Deus operou vários milagres no meu corpo e de pensar que já conhecia Tommy e mesmo tendo me conhecido na época das espinhas, bem magrinha das pernas separadas, antes de eu ter esse cabelo loiro hidratado, cheiroso e bem cuidado, com uma franja na testa, ficou,

se apaixonou e está comigo até hoje. Tinha até fotos dele comigo no álbum, da época que todos achavam que tínhamos uma amizade colorida, quando nossa amizade ou caso sempre envolveu muito mais que isso.

Aproveitei e tirei uma selfie nossa de agora, vou revelar e colocar no álbum. Acho que isso vale a lembrança, meu primeira jantar em família com o amor da minha vida.

Demorou para Tommy ir embora daqui e já ter se tornado um filho para minha mãe. Genro querido. Sabia que esse dia chegaria. Thomas é uma amor. Só não conquistou mamãe antes por falta de diálogo e por termos transando aqui em casa e assim, quebrado regras importantes da casa. Entretanto, finalmente esse dia chegou e falei para Tommy, minha mãe adota todo mundo considere-se um Oliveira.

Só sinto pena do coitado do Max e do Ricky, eles que adoravam serem paparicados por Dona Amélia como os únicos homens da vida dela, nem fizeram questão de disfarçar o ciúmes em ter mais um marmanjo ciscando no bosque das oliveira. Já Thomas, só falta mudar o sobrenome porque até ontem chamava minha mãe de ogra e de cobra. Hoje, só faltou chamar de amor. Minha rainha. Ah, se *mainha* sabe desses apelidos carinhosos arranca os cabelos cor de mel dele, fio por fio, com os dentes.

Sorrio com o pensamento, girando para ficar de bruços no sofá, não vou tentar atrapalhar a relação dos dois, confesso que planejava fazer isso pois essa amizade só vai levar a um plano de casamento, mas após o resultado do teste, Tommy estava triste e quando saiu daqui, estava feliz. Sorrindo. E mesmo eu dando bolas foras, quase sempre isso é tudo que importa para mim. Fazê-lo feliz como ele me faz feliz.



CAPÍTULO 15

LASQUEI-ME

Os dias após o jantar passaram como um flash. Três semanas pareceram três dias ou talvez fosse eu que estava tão mergulhada entre terminar a faculdade, estágio, ficar com Thomas e procurar um novo emprego que não percebi o tempo voar diante dos meus olhos.

Pedi a Max e Belly que não dissessem nada sobre a minha demissão para ninguém até ter arrumado outro emprego e de preferência, com eventos. Quero trabalhar na decoração de casamentos, aniversários, formaturas ou até mesmo design de lojas, marcas, roupa. Amo essas coisas e sei que vou acabar me dedicando mais que trabalhando na recepção de um restaurante.

Meu cunhado até tentou me ajudar, mas rejeitei qualquer ajuda quero conseguir por conta própria, assim, quando falar que fui demitida de novo e em pouco tempo, mamãe não vai ligar, mas Tommy? Vai surtar. E preciso já ter outro para amenizar a situação. Ele agora vive dizendo para economizar meu salário, pois está planejando algo para gente. Morar juntos com certeza, não vou discutir sobre isso. Mamãe jamais permitiria. Ela é capaz de pegar as malas e morar junto com a gente. Sem casamento, sem permissão.

Além do mais, estamos tão bem. Tão juntos. Tão felizes nesses últimos dias que dá medo de tudo ruir como um castelo de cartas e fico evitando discussões desnecessárias.

Estou tentando ser uma namorada romântica, fiz jantares românticos para ele. Tentei, já que acabei queimando a comida. Macarrão é mais fácil quando minha mãe faz. E ele fez para mim e não foi com sopa. Mandou flores na faculdade, nos meu ex-trabalho, até para minha mãe mandou. Tivemos passeios, cinema e de vez em quando jantamos na minha casa, mas quase sempre mesmo, o que fazemos é ficar na casa dele juntinhos comendo besteiras e assistindo alguma comédia romântica até pegar no sono.

Mentiria se dissesse que não estou apreciando tudo isso. Até que namorar sério não é tão ruim quanto pensei. É muito maravilhoso poder dizer que ama o outro e demonstrar esse sentimento sem medo de estragar tudo.

Os dias estão tão bons que nem sentir mais enjoos, tonturas ou dores de cabeça e insônia. Realmente era estresse, pois agora que fui demitida, não sinto mais nada. Aliás, sono é o que mais tenho. Até voltei a engordar. Tem como a vida ficar melhor? Ok! Só achando um novo emprego antes que

desconfiem. Como sempre fui de folgar muito, acho que ninguém desconfiou de todo meu tempo livre que nem é tanto assim. Precisei mentir uma ou duas vezes, mas quando eu conseguir outro, sei que ninguém vai ligar para isso. O importante é que as coisas nunca deram tão certo para essa família de azarados a qual faço parte como está dando agora.

Finalmente o dia dos humilhados chegou.

Ouçõ meu celular tocando em algum lugar da casa interrompendo minhas recordações felizes enquanto curto a preguiça *pós-encher-a-pança-com-comida-de-mãe* me tomar por inteiro. Viro de bruços na minha ex-cama. Logo agora que estava aproveitando que minha irmã não está pregada em cima dela. Belly agora vive no banheiro. Xixi por segundo. A barriga está enorme. Esperamos que ela dê à luz ainda esse mês.

— Mãe! — grito ao ouvir novamente o celular tocar. Ninguém nunca liga para mim. — Mainha. Mamãe. Diva maravilhosa. Shakira brasileira. Musa. Britney Spears da Bahia. Loira do tchan.

— E o quer que tu quer, ave de agouro? Porque só pode estar querendo alguma coisa.

Afs! Não pode mais ser carinhosa sem interesses nessa casa.

— Pode ver quem está ligando para mim, por favor? O celular está na minha bolsa.

— Ninguém faz nada aqui, só eu — reclama, mas sei que está na sala assistindo TV ou seja, também está fazendo nada. — É um número desconhecido — grita segundos depois.

— Ignora então.

Não vou deixar minha preguiça por qualquer coisa.

— OK vossa majestade. Rainha dos sete mares — debocha antes de eu escutar um barulho de coisas caindo.

Não acredito que ela deixou minhas coisas caírem no chão. Mais desastrada que... Com o estrondo, uma imagem vem a minha cabeça.

O teste!

Esqueci de tirar da bolsa. Esqueci de mostrar a Belly. Esqueci completamente da existência. Nem deveria ter trazido isso para casa. Ainda que eu não esteja grávida, se minha mãe ver o teste vai dar ruim como se eu estivesse grávida. Levanto de um pulo e corro para sala, dou de cara com Belly quase me

chocando com ela no caminho.

— Cuidado Telly — grita assustada. Não respondo contínuo meu caminho, porém chego muito, muito tarde, minha mãe já está com o teste na mão olhando o resultado como se segurasse um gato no colo. Minha mãe não gosta de gatos então, quer dizer que estou ferrada.

— O que significa isso Telly? — indaga mostrando o teste de gravidez.

— Não sei nem o que é esse treco... É um termômetro? — Ela me olha com sangue nos olhos. Fingir de inocente nunca dá certo. — Tudo bem, é um teste de gravidez... Mas eu... — pauso para pensar em uma boa desculpa — usei... para fazer uma pegadinha com Thomas?

— Está respondendo ou me perguntando? — *A alternativa que lhe convencer a me deixar viva.* — Só espero que não esteja tentando mentir para mim. — Revira os olhos e bate o teste na palma da mão pensativa. — Está grávida, Telly?

— Como pode ver no resultado, não, não estou.

— Cadê os outros testes? Ou só fez esse?

— Só fiz esse.

Mamãe ri sem humor, não diz nada, apenas pega sua bolsa e sai. *UFA!* Essa foi por pouco. Não sei como fui esquecer essa porcaria aí dentro, mas dessa vez, acho que escapei. Retorno para o quarto ainda meio apreensiva, Será que ela foi buscar o Jack Estripador para me matar? Ou algum maníaco da motosserra?

— Que foi? Saiu correndo igual uma louca — Belly indaga alisando a barriga por cima da roupa e se olhando no espelho do guarda-roupa. Isso mesmo, temos um guarda-roupa agora.

Fico bastante tempo admirando-a fazer isso, um gesto tão singelo, mas que demonstra o quanto ama a filha. O quanto está feliz em estar grávida. O quanto Malu já é amada. Suspiro, não sei se eu seria assim, Belly sempre foi meio mãe e eu sempre fui totalmente filha.

— Telly?

— Nada — finalmente respondo com voz derrotada —, nada de importante. — Jogo-me na cama, mas a paz não reina por muito tempo, logo tsunami Amélia entra e joga três teste de gravidez em cima de mim.

— Faça. Agora. Os três. Na minha frente e dê na minha mão — frisa cada palavra.

Belly me olha quase apavorada. Imagine eu, que estou correndo risco de vida.

Calma Telly, se um deu negativo, por que esses iriam dar positivos?

Faço o teste da forma mais humilhante possível e minutos depois, entrego os três feitos nas mãos da minha mãe. E fico só clamando pelo resultado negativo.

Qual é? Fui uma menina boazinha esse ano... Essa semana, tá, ontem, enquanto eu dormia, me comportei bem, mereço isso de presente. Dá um desconto vida.

Passado a eternidade necessária para o resultado, ela vira o teste para mim, me mostrando claramente o resultado, duas listras, e quase, quase, minha pernas cedem me lançando no abismo que se formou embaixo dos meus pés em um grande, estrondoso e ecoante:

Lasquei-me!



CAPÍTULO 16

GRÃOS DE AREIA

Sabe o elogio de que tudo estava indo bem, dando certo na minha vida e humilhados sendo exaltados? Pois é, eu e minha boca grande para estragar três semanas de paz com apenas um pensamento.

— Então, qual o resultado da sua teimosia Telly? Vamos, fale, porque não sei se sou capaz de falar sem usar as mãos.

— Positivo — murmuro.

— Ah, meus parabéns mamãe — minha mãe debocha batendo palmas.

— Esses negócios erram e...

— Só erram quando dar um resultado diferente do que você queria, né? Porque, quando deu negativo, você aceitou sem questionar... Aliás, aquilo nem era um negativo. Será que não sabem nem ler um teste de farmácia? Deus do céu me *iluminai* para eu não fazer uma besteira com essa menina.

— Eu tomo cuidado, sempre tomei e usei anticoncepcionais. Eu... Nem estava fazendo sexo com tanta frequência assim.

Se bem que nem precisa fazer com frequência. Bem que dizem: pobre cospe na *beijuda* para lubrificar e já engravida de gêmeos. Droga! Devia ter mudado o anticoncepcional quando falhou com Belly.

— Pode mentir para si mesma o quanto quiser, mas você está grávida. Grávida Telly. Tem dimensão disso? — Passa a mão pelo cabelo quase os arrancando. É hoje! Ouço as trombetas anunciando o fim da minha jornada na Terra. Foi bom ter atingido o tom de loiro perfeito antes de morrer.

— Não temos certeza — tento negociar. Vida, quebra só essa para mim. Juro que não faço mais merdas.

— Temos sim. Está e porque é burra — grita me fazendo encolher e sentar na cama com toda minha insignificância. — Não me escuta e olha que avisei tanto. Desde o início e você teimando. Estava tão na cara que aconteceria — brada, segurando no meu braço com força.

— Está me machucando, mãe.

É agora que eu apanho?

— Minha vontade é de bater em você... — Aperta meu braço ainda

mais. — Por sempre se achar tão madura. A entendida e *super* adulta. E nunca ter me escutado como deveria.

— Calma gente — Belly tenta intervir, mas mamãe só precisa olhar para ela preferir ficar calada, mais encolhida que eu, na outra extremidade do quarto.

Nessas horas que eu queria ter a filha caçula do Michael, da série "eu, a patroa e as crianças" cantando a canção feliz "*Ei pessoinha. Ei, ei pessoinha. Sorria.*" Assim que Malu nascer, essas serão as primeiras palavras dela, pois sei que vou precisar disso para o resto da vida. Mamãe sempre vai lembrar-se desse episódio da minha vida.

— Vai me matar agora? — as palavras pulam da minha boca em um tom de brincadeira em vez de apavorado e arrependido, que é como eu queria que tivesse saído.

— Ah não, não vou tirar esse gostinho da vida. — Afasta-se de mim, caminhando pelo quarto. — Apesar de estar com uma vontade enorme de segurar no seu pescoço com força enquanto você tenta desesperadamente respirar. — Meu olho quase salta no chão do tanto que arregalei. Nossa, que violência! — Tantos conselhos que eu dei. — *A maioria dos seus conselhos envolviam ter filhos*, penso, mas jamais direi. Prefiro ficar calada a deixando derramar toda a raiva em um sermão maior que o da montanha.

— Mãe, olha o coração — Belly pede, mas é ignorada.

— Ensinei e comprei vários métodos para vocês não pegarem DST ou terem uma gravidez indesejada. E o que fazem as duas? Ficam grávidas! — Abana as mãos, exasperada.

— Mas eu sou casada...

— Não já mandei você ficar calada? — Olha séria para minha irmã antes de colocar o dedo em riste e virar para mim. Pelo menos estou dividindo a bronca com Belly. — Mas já que está grávida... É bom. É ótimo.

— É?

Estou assustada com a cara dela dizendo essas coisas.

— É. Para você quebrar a cara e aprender pelo caminho mais difícil como a vida realmente é.

— Vou fazer o de laboratório e provar que esses testes erram. Eu sei que tomei as pílulas certinhas.

— Oh meu Senhor! É da pílula que você se gaba? É por isso que você tem certeza que não está grávida?

Sai do quarto sem me dar chance para resposta. Sai do quarto e eu continuo sentada esperando ser atropelada de novo por ela. Segundos depois, volta com a embalagem do remédio que eu estava tomando para dor de cabeça e me ajudava a dormir melhor na mão. Estou precisando dele.

— Que foi agora?

— Está vendo esse remédio? Esse que você se auto receitou? Pois é, ele corta o efeito da pílula e pelas cartelas, você já tomou bastante.

Não acredito que fiz essa cagada. Agora sim a ficha cai e minhas pernas tremem. Mesmo sentada, tenho certeza que vou cair. Estou zonzona e meio desnorteada. Grávida! Eu e um filho. Eu cuidando de um filho. Que desastre.

— Mãe...

— Agora está entendendo. Não se preocupe, pode morar aqui. Não vou expulsar ninguém dessa casa, só Belly, porque tem onde morar.

— Muito obrigada mãe — Belly debocha.

— Mas não pense que vou te ajudar a criar ou a cuidar do seu filho. Terá que aprender sozinha.

— Tudo bem. — Nesse momento, eu estava preferindo ficar sozinha pensando no que fazer do que discutir com minha mãe algo sem volta.

— E outra, irei monitorar, pois também não vou permitir que meu neto ou neta tenha menos que o melhor. E aí de quem não dar o que eles merecem.

Tenho calafrios só de imaginar ela me vigiando.

— Só espero que não queira me forçar a casar. Aceito tudo isso, não vou... — me calo antes de completar a frase, pois ela levanta a mão ameaçando me bater.

— Não venha querer colocar banca para cima de mim não, posso mudar de ideia quanto a morar aqui ou pior. Tapa na cara ainda pode. — *Vixe.* — E não forço ninguém a casar. — *Mas arma até conseguir o que quer.* — No entanto, não se preocupe, sei que não está preparada para isso. É inconsequente demais e Thomas não merece o castigo de ter que criar um bebê e a esposa.

Nossa, depois dessa eu preferia o tapa que ela mirou para dar na minha cara. Iria doer menos. Minha mãe que deveria ter feito o filme Tropa de Elite no lugar do Wagner Moura, iria ter gente pedindo para sair sem ela nem ter pedido

para sair.

— Está sendo cruel comigo. É algo que aconteceu em um deslize meu.

— Não, não estou. Só não foi essa educação que eu te dei. Quer ser independente? Ótimo, mas não é querendo ser mais que eu que você vai conseguir isso. Muito menos me desafiando, por isso está quebrando a cara.

— Não quero ser mais que a senhora. Só queria fazer minhas escolhas e...

— Quando eu impedi você de escolher? Você quis fazer duas faculdade e aceitei. Você quis trabalhar, te apoie. — Olha para Belly. — Sua irmã que te acostumou a achar que ser independente é moldar os outros a sua vontade e o Thomas terminou de fazer isso. Cedendo a todos seus caprichos.

— A senhora que nos ensinou a lutar até conseguir tudo o que queremos.

— Telly, não começa a dar uma de Letty, que distorce tudo que eu falo. — Suspira. Parece mais calma. — Eu só quero mostrar o melhor caminho para vocês, sem precisar quebrar a cara tantas vezes como eu quebrei... Mas você fez sua escolha, quis o mais difícil quando o outro caminho era tão óbvio e óbvio.

— Como assim?

— Parabéns, você agora tem várias escolhas para fazer sozinha. Então, comece a pensar se realmente tem toda a maturidade que acha que tem para tomar a melhor decisão para você e essa criança que é sua responsabilidade. — Caminha até a porta, mas antes diz: — Aprenda que a vida é como o Senhor Barriga, ela sempre cobra, só que nesse caso, você é obrigada a pagar por mais que treze meses de aluguel.

Assim que mamãe se retira, Belly que eu já tinha esquecido a sua presença no quarto, me abraça bem apertado.

— Ela só está nervosa — murmura. — Vai sim te ajudar com seu bebê e a Maluzinha e eu também vamos cuidar de vocês.

— Obrigada, mas... Posso ficar um pouco sozinha?

Ela acena de modo afirmativo e sai também. Deixando-me sozinha. Porém, não completamente afinal, agora tem um bebê crescendo dentro de mim. Aliso a barriga, mas não sinto nada. Nenhum sinal de que tem outra vida em formação dentro de mim.

Por que isso agora?

Não foi assim que planejei minha vida. Estava tudo tão certo. Tinha tudo bem organizado. Toda minha vida estruturada. Deito na cama olhando para o teto e me perguntando: como me perdi em um beco sem saída se esse caminho fui eu mesma que criei? Onde me perdi? Por que agora vejo minha vida ser arrastada para o desconhecido como os grãos de areia são arrastados para o mar quando tudo parecia tão certo?



CAPÍTULO 17

FEIJÃOZINHO

Já passa das três horas da manhã e não consigo dormir nada ainda, nem sequer fechei os olhos. Estou me sentindo mais perdida que a Dory ou o Nemo. Para terem ideia, nem jantei. Eu não jantei. Nem lembro se na vida em algum momento eu já tinha pulado uma refeição ou ficado mais de doze horas sem fome, porém, desde o descobrimento da minha gravidez, isso caiu como uma bomba em minha cabeça. Virei um robô. Não sei o que fazer, o que sentir, por onde começar. Aliás, por onde começar eu sabia, contar para Tommy. Só controlei o impulso de correr e contar tudo para ele porque preciso de um tempo para organizar minha mente.

Seria mais fácil se mamãe estivesse ao menos olhando na minha cara. Amélia resolveu me evitar. Saiu após me descascar, voltou e ficou sem dizer, escutem bem, *sem dizer uma palavra*. Nunca pensei que minha mãe acabaria muda e que seu silêncio me machucaria tanto. Prefiro que grite, que xingue, que me bata, que arme, prefiro até que me case, mas ficar brigada comigo não dá para suportar. Mãe para os outros são tudo, mas tudo nem sequer se compara a imensidão do que *mainha* é na minha vida. E pior, acho que ela não tem ideia disso.

Belly também aderiu ao silêncio e ao desconforto, não sabe se toca no assunto ou ignora. Se tenta me alegrar ou me deixa quieta na minha. Se conversa com nossa mãe para que nos entenda ou deixa por isso mesmo.

A regra sobre não poder ter desavenças dentro de casa mais uma vez só se enquadra aos outros, aos filhos, pois mamãe está fazendo *climão* aqui. Por algo que não foi minha culpa. Eu só queria transar. Quando ia imaginar que um remedinho de nada ia fazer esse estrago? *Tá* bom que ela fez uma lista de remédios que cortam o efeito, mas ninguém lê aquilo. E o que tá feito, tá feito.

Só a chegada do meu irmão e de Max na hora do jantar aliviou o clima, provavelmente agora já sabem das boas novas, que eu estou grávida e praticamente rechaçada da família. Agora sim, o cargo de favorita nunca será meu.

Estou aqui há horas olhando a escuridão da sala, fazendo nada e me sentindo em frente a um espelho. Se não fosse a presença do meu irmão dormindo ao meu lado, estaria ainda mais perdida. Sinto Ricky se movendo, estamos dividindo um colchão na sala e me dá um aperto no peito de imaginar

que meu bebê viva o que passamos quando criança. Ainda que hoje saiba que nada irá faltar, o medo existe. Sinto os dedos do meu irmão passeando por meu cabelo enquanto ele canta baixinho uma melodia em espanhol.

Desde que senti ele deitado do meu lado, estou fingindo estar dormindo para evitar conversas, ainda assim, me abraçou e agora, por um bom tempo, está fazendo carinho no meu cabelo. A canção para e:

— Não consegue dormir?

— Não. A surra que levei da mamãe ainda está martelando e doendo.

— Mamãe não te bateu, pelo menos isso ninguém me disse.

— Fisicamente não, mas mentalmente um surra daquela. Tomei uma baita surra de língua. Cada palavra era um estalo. Se fosse de chinelo já tinha parado de doer.

— Ela é boa nisso. Maluca, brincalhona, mas quando fica séria... Tenha medo, se apegue com Deus e use a bíblia como escudo — brinca, apertando meu nariz.

Mal consigo ver seu rosto, apesar do horário avançado, a casa continua muito escura, mas não preciso vê-lo para saber que está sorrindo com um jeito de menino que apaixona fácil e com isso, está tentando me fazer sorrir como sempre faz.

— Estou com medo, Ricky e não é da mamãe. É medo de ser mãe — confesso e meu irmão me abraça apertado.

— É só um bebê. Vai tirar de letra.

— Vou é ficar louca. Mais louca.

— Louca você já é, e a avó do bebê também e criou quase quatro filhos, então...

— Como vou cuidar de uma criança, Meu Deus?

— Sei que assim que ouvir o coraçãozinho dele batendo dentro de você, saberá o que fazer. Essas coisas só aprendemos na prática e acho que é normal ter medo. Eu também ficaria, mas sabe o que seria maior que o medo?

— O quê?

— A felicidade de ter um filho.

— Não sei se estou feliz.

Mas também não estou triste. Sinto como se estivesse anestesiada.

— Não diz isso.

— Eu não tenho juízo. Ainda estou na faculdade, vou desistir do intercâmbio. Nem emprego tenho...

— Quando foi demitida?

— Faz um tempo já.

— E quando ia contar para gente?

— Por favor. Hoje não... Está tudo dando errado e não quero outro sermão.

— É a vida, mana, não podemos planejar tudo. Seria sem graça se fosse sempre como queremos.

— Droga. Preferia que fosse sem graça, pelo menos ia estar sem graça no Canadá, em um iate, ao som ao vivo da banda *Simple Plan* comendo lasanha com vinho *rosé*.

— Tem resposta para tudo hein, magrela? — Sei que deve ter revirado os olhos. Ficamos um bom tempo abraçados em silêncio. — Thomas já sabe?

Thomas. Como vou contar isso para ele depois de ter dito que não estava grávida? Vai achar que estou brincando com ele, com os sentimentos dele. Vou perder a lucidez de tanto pensar.

— Não, óbvio que não contei ainda, senão estava deitada dormindo nos braços dele respirando o cheiro excitante dele, não aqui sentindo seu perfume doce enjoado — brinco empurrando seu peito. Ele ri me apertando contra se pescoço. — Para, idiota!

Mamãe sempre borrija perfume feminino nas roupas dele. Ela diz que afasta as mulheres indesejadas e as desejáveis também.

— Ei!

— Estou brincando, irmãozinho, vou contar para Tommy pela manhã. — Suspiro. — Ele vai gostar da notícia. Sei que queria muito isso, mesmo que nunca tenha pedido.

— E você não gosta da notícia?

— Nem sei o que sinto ainda. É tudo muito confuso...

— Espero que não pense em abortar.

— Não! Isso não — nego rápido. — OK que não queria um bebê por agora, mas estou grávida e vou ter meu filho ou filha. Vou cuidar, vou amar,

mesmo que ela ou ele me odeie no futuro.

— Está no caminho certo para ser uma boa mãe e pode contar comigo para tudo. Vou amar seu feijãozinho e te ajudar no que precisar.

— O que você sabe sobre criar uma criança?

— O mesmo que você, ou seja, absolutamente nada. — Rimos juntos tentando não fazer muito barulho. Muito besta esse meu irmão. — Finalmente consegui um sorriso.

— Obrigada pelo apoio.

— Disponha. Vai ser a segunda mãe mais sem juízo da família.

— A terceira. Tem a Belly antes de mim.

— Nossa, de repente vamos ter dois bebê em casa. — Deito no seu peito me sentindo mais leve. — Mamãe vai amar a casa cheia de netos.

— Ela não parecia muito feliz quando descobriu ou enquanto espancava o jantar. Só ficou menos perigosa depois que Max e você chegaram. Max precisa vir morar aqui e você voltar para casa. Vocês acalmam a fera.

— Ela está feliz no fundo. Principalmente quando pegar o netinho ou a netinha no colo com aqueles olhos verdes do Tommy. Ela vai se apaixonar.

Sorrio imaginando uma menininha de olhos verdes e cabelos cor de cobre como do pai. Sorrindo de forma enigmática e cativante como o dele, que aquece todo meu ser ou simplesmente quieta lendo um livro com o pai. Falando nele: *o que será que seu papai está fazendo?*

Tommy ligou hoje várias vezes, mas não estava pronta para contar ainda. Isso muda tudo e não sei como lidar. Sinto como se tivesse uma granada ativada nas mãos sem ter onde jogar.

— É, tem razão, vai ser tão lindo ou linda.

— E difícil como a mãe.

Deus me livre. Ainda lembro da praga da mamãe.

— Vira essa boca para lá. Isola.

— Agora dorme que esse bebê precisa de descanso.

— É estranho, porque não sinto nada. Pensei que sentiria algo...

— Ainda não, mas vai sentir. É tudo recente. Seu bebê já está aí. — Toca na minha barriga. — E logo isso será evidente.

— O que seria de mim sem você?

— O que seria desse monte de mulher sem mim? Sou o juízo dessa casa.

— Não se preocupe já, já você acha uma mulher para acabar com esse seu juízo — provoco.

— Acho que já achei.

Abro a boca e o encaro na penumbra para ver se é uma brincadeira, mas aparentemente não. Ou está escuro demais para identificar qualquer coisa.

— Quero detalhes. Todos. Não me poupe de nada. Nada mesmo.

— Hoje não. Aqui em casa não. Ainda não. É tudo meio confuso, muito confuso e complicado.

Principalmente porque mamãe não apoia nenhum namoro dele.

— Vixe, já vi que é amor mesmo. — Dou um beijo em sua bochecha.
— Quando estiver preparado me conte tudinho.

E mamãe, pensando que eu iria deixar seus cabelos brancos, espera até ficando sabendo dessa novidade. Pelo menos vai me esquecer um pouco assim que farejar mulher rodando o território do seu menininho.

— Pode ter certeza que vou. Irei precisar de você e da Belly. Se tudo dar certo.

— Dar certo ou errado?

— Certo.

— Tenha medo.

— Você agora é imune.

Está grávida.

— Vai nessa. Quase apanhei hoje. Mesmo grávida. Meu medo é dormir e acordar com a cabeça raspada.

— Drama.

— Sério, mamãe está com aquela cara de quem martela algo maléfico.

— Que bom que estou de partida então. Amanhã, Nay já...

— Nay? Ui, que intimidade com a patroa. Max está sabendo disso?

Ele sorriu apenas escondendo o rosto no meu cabelo. Será que esse

descarado está mesmo pegando a irmã do Max ou só está querendo? Ela não faz muito o perfil de quem vai fazer meu irmão feliz e ninguém faz nosso Adônis sofrer. Prevejo confusões.

— Dorme cabeça de vento e nem adianta fazer suposições. Tem tudo para dar certo e tem tudo para dar errado. — Beija minha testa e me aconchego nos seus braços, mas duvido que eu consiga dormir.

— Errado ou certo, só quero que você seja feliz — sussurro.

Ficamos em silêncio, em instantes, senti sua respiração ficar serena e sabia que ele estava dormindo, porém, eu continuava acordada. Deixo minha mão vagar até minha barriga, *é, feijãozinho nem chegou ao mundo e já fez um reboião na vida da mamãe. Não vejo a hora de contar para o papai. Ele tem mais juízo que a mamãe e com certeza vai cuidar melhor de você. Só não pode gostar mais dele do que de mim. Sou um desastre, mas vou dar o meu melhor para você.*

Sorrio fechando os olhos antes de sussurrar:

— Juro que serei a melhor por você, Feijãozinho.



CAPÍTULO 18

MALU

Vejo pelo monitor vários borrões que o médico insiste em dizer que é meu bebê e só acredito ter realmente um serzinho ali pois escuto o baralho de seu coração batendo freneticamente me fazendo sorrir emocionada. Olho para o lado e vejo que não sou a única emocionada. Tommy também está e até mais que eu. Ele segura minha mão, sorri para mim em seguida olha para a tela como se pudesse ver todos os traços de nosso Feijãozinho. Ainda que não consiga vê-la, já consigo senti-la. Consigo sentir algo que não sei explicar e mesmo com uma barriga bastante aparente, sei que falta muito para tê-la em meus braços e ver meus traços misturados com os de Thomas em cada pedacinho desse novo ser que cresce cada dia mais dentro de mim, talvez na mesma velocidade que meu sentimento por seu pai fica mais forte.

— Telly! — tento achar a voz, mas parece tão distante. — Mãeee. — Mãe? Fico ainda mais confusa, porém a voz parece mais perto — Tellyyyy!

Abro o olho e demoro ainda uns três ou quatro segundos para me situar a realidade, percebi que dormir, nem notei e meio inconsciente estava sonhando.

— Tellyyyy... — ouço novamente o grito e finalmente percebo que a voz que me chama insistentemente em sonho é da minha irmã e na loucura da minha cabeça, salto da cama em um pulo e quase sou atropelada pelo meu irmão correndo em direção ao meu quarto. Eu estava em estado de pânico e alerta. Meu coração batia em toda parte, pois os gritos eram apavorados. Só espero que não seja uma barata, pois quase morri do coração. Mais um pouquinho e perdia meu bebê.

— O que houve? — ouço meu irmão fazer a pergunta de um milhão de dólares assim que aponto a porta do quarto.

Ele e eu estamos ofegantes não da corrida, mas do susto. Só de vê-la sentada na cama olhando para os lençóis, já me acalmo deduzindo a situação.

— Minha filha... — Segura a barriga, deitada na cama ainda de camisola, parecendo sentir muita dor. — Vai nascer... — sopra o ar com força — agora.

Ricky olha para mim apavorado como se não soubesse o que fazer.

— Respira Belly. Fica calma — mando indo pegar no guarda-roupa as

coisas dela e do bebê para saída da maternidade, que já estavam previamente preparadas. — Ricky, vá pegar o carro.

Estou calma por fora, mas por dentro... Jesus, essa cara de dor aí é de muita dor, nível hard ou só dor, dor mesmo? Porque sabe né, daqui uns dias sou eu aí, se for demais estarei terceirizando para Tommy sofrer por mim. Não é justo eu sofrer sozinha.

— Cadê Max? E mamãe? Ela prometeu que estaria comigo assistindo o parto.

Não sei quem inventou isso de assistir ou filmar parto. São imagens de dor e sofrimento que jamais devem ser vistas ou lembradas.

— Vou mandar mensagem para eles, fica calma. — Pego celular dela em sua bolsa no canto do quarto, com as mãos cheias de malas, ainda assim, mando mensagem para Max, mamãe, Tommy e até para Letty. Família Oliveira toda e seus agregados.

— Manda para o papai também. — *Papai? Nossa! Já está assim?* Sabia que ela tinha perdoado o cara que ajudou minha mãe a produzir esse ser maravilhoso que sou eu, mas não sabia que tinha virado *papai*. O *papai* que não estava nem aí para os filhos. Que deixou ela se... Enfim, se ela quer tê-lo ao seu lado, posso fazer nada.

— OK. Mando mensagem para ele também. — Faço isso claramente não querendo e logo em seguida ajudo minha irmã a caminhar até o carro e a entrar nele.

Meu irmão, mesmo nervoso e inseguro com a situação, é quem dirige até o hospital que todos já sabíamos qual é de tanto que minha irmã e seu marido falarem desse momento. Belly foi o caminho todo gritando para ir rápido que estava com uma dor do caralho, apertando minha mão ao ponto de quase quebrá-la e quando Ricky ia rápido, me batia pedindo para o mandar ir devagar. Tentei medi a frequência das contrações, mas foi missão impossível com a histeria dela. É ela quem está em trabalho de parto, mas sou eu que sofro as dores.

Assim que chegamos ao hospital, mais de meia hora depois, para honra e glória, Max já estava lá na frente nos esperando, mais nervoso que no dia do casamento, imagino quantas regras de trânsito ele quebrou para chegar aqui tão rápido. Só espero que não tenha carros da polícia preparados para prendê-lo a qualquer momento dentro do hospital como nos filmes de Hollywood.

Enquanto entramos com minha irmã no hospital, somente Max e eu, já

que Ricky foi estacionar o carro, uma equipe já nos espera a postos. Belly é sentada em uma cadeira de rodas.

— Como está, Mônica? — ouço Max perguntando enquanto encaminham-na ao que imagino ser o centro obstétrico para fazer os procedimentos médicos de praxe. Checar os sinais vitais, dilatação, pressão essas coisas. Hospital particular. De rico. Chegou, já é encaminhada. Tudo certinho. Se fosse o público, ia ter o bebê no chão do pátio em plena luz do dia e ainda cortar o cordão umbilical com um canivete cego.

— Com muita dor. Com muito medo e ao mesmo tempo extremamente feliz. Esperei muito por esse momento. — Ele sorri e dar um selinho nela.

— Também estou feliz. Obrigado por me dar o melhor presente do mundo.

— Cadê minha mãe?

— Está a caminho. Já vai chegar, não se preocupe.

Uma enfermeira empurra sua cadeira enquanto, parada, assisto a interação deles. Max a beija novamente e depois volta para perto de mim.

— Eu vou entrar, mas assim que sua mãe chegar, diga que ela é a responsável por minha morte. Porque Belly vai surtar comigo, combinamos de ela acompanhar tudo.

— Relaxa Max e parabéns. — Abraço sorrindo.

— Obrigado e o mesmo. Sei que está grávida.

Max sabe? Quem contou para o fofoqueiro máster da família? Nem preciso dar a notícia a Tommy, porque a essa altura até com os ETs Max já fez contato para contar a novidade, já que na Terra todo mundo já deve saber. Maximiliano, a melhor frequência da rádio Oliveira. Informações mais instantâneas que *miojo*.

— Max você não disse para Tommy que eu...

— Não falei nada para ele, mas se tiver pretendendo esconder, vou ter que contar.

— Não, não estou. Jamais faria isso. Ele é o pai e tem seus direitos.

Max assente de cara fechada.

— Que bom que pensa assim.

— Vamos Senhor Castelli? Sua mulher exige sua presença na sala pois

não fez nada sozinha e não parece extremamente feliz, mas não se preocupe, está em um hospital. Prestaremos um socorro rápido.

— O que quis dizer com isso? — Max indaga seguindo a enfermeira com cara de *"alguém me ajude, por favor."*

Sorrio. Belly sempre botando pânico no marido, mas se ele receber os tapas que levei, vai precisar de atendimento mesmo.

— Está um inferno para estacionar lá fora e são só oito da manhã — Ricky reclama me assustando. *Afs*, as pessoas deviam ter sinos no pescoço igual rebanho de gado, não posso me assustar mais hoje.

— Que susto, Ricky. Que matar meu bebê?

— Credo. Deus é mais. Desculpa, não notei que estava distraída. — Alisa minha barriga. — Já levaram ela?

— Já sim. Finalmente vamos conhecer Maluzinha.

Nesse instante mamãe passa por nós como um foguete, tento chamá-la, mas ela se joga sentada no sofá da sala de espera com cara de zero assunto. Pouco tempo depois, Tommy entra. Estranho. E caso não fosse tão surreal, eu diria que estavam juntos, mas não seria possível.

Encaro o homem da minha vida e está tão lindo. Está sempre lindo. Como eu fisguei um galã desses? E como sempre, meu coração erra uma batida quando ele me olha e sorri. Como se o universo soubesse que eu precisava dele quando nem eu sabia o quanto. Ele nem teve tempo de falar ou chegar até nós, corri em sua direção e me atirei em seus braços chorando, quase o lançando ao chão. Amo demais esse homem e estou com medo do que está por vir.

— O que houve? — Aperta-me nos seus braços. — Não me diga que o parto não ocorreu bem...

— Não! Não é nada com o parto da Belly... — Fungo tentando controlar. Nem eu sei porque estou chorando. — Eu só... Preciso de você.

— Estou aqui. Por que está chorando, Loirinha? Não lembro qual foi a última vez que te vi chorar.

— Estou sensível com a situação. Só isso. — Afasto dele enxugando as lágrimas.

— Tem certeza? — Puxa-me de volta para seu abraço. Fecho os olhos, mas logo lembro que estou em um hospital e ainda que tenha meu irmão, minha mãe e poucas pessoas, estou dando um show, sem motivos. Afastei tentando me

recompor.

— Preciso conversa com você depois. Tenho que te contar uma coisa que irá mudar nosso relacionamento completamente.

— Telly, está me assustando.

Dou um beijo em sua boca só para mostrar que entre nós vai ficar tudo bem se depender de mim.

— Vamos esquecer isso por hora e foca na minha sobrinha.

Sentamos ao lado de meu irmão e me pego olhando para Tommy e pensando como seria uma menininha ou um menininho de olhos verdes e cabelos cor de mel ou talvez loirinha como ele me chama. Lembro que a irmã dele era loira quando pequena ou moreninha como eu quando criança, já que hoje sou naturalmente loira.

Também me pego pensando que não vou ter que abrir mão de muita coisa. Posso arranjar um emprego temporário, afinal, Belly trabalhou por muitos meses grávida e é casada com um milionário imagine eu, membro do lado pobre da família.

A faculdade praticamente já terminei. Então, meu bebê não irá atrapalhar nada. Claro que tenho que pensar em uma casa para nós antes que mamãe nos coloque para fora. Bom, se eu casar com Tommy terei uma, serei dona e senhora dela, mas serei esposa, mãe e dona de casa também. A única coisa que não poderei fazer é o intercâmbio. Nunca. E talvez tenha que abrir mão de achar o emprego dos sonhos porque agora tenho outra prioridade mais imediata: ter que ajudar sustentar uma criança. No entanto isso não é um sinal de maturidade?

Belly fez isso por nós e agora entendo ela. Não quero nada que vá ficar entre mim, meu bebê e o pai dele. Absolutamente nada. Encosto a cabeça no ombro de Tommy e brinco com seus cabelos da nuca.

— Está estranha hoje — ouço a voz dele e contenho a vontade de contar aqui mesmo que estou esperando um bebê e esse é o motivo da minha *estranheza*.

— Está demorando, não acha? — mudo de assunto ignorando seu comentário.

— Acho que não, essas coisas demoram mesmo. Ela não entrou tem muito tempo.

— É, pode ser.

Ficamos em silêncio por um longo tempo. Em quatro ou cinco horas depois, Max aparece com a cara demonstrando que chorou muito. Acho que o parto já tinha acabado faz séculos e todo esse tempo ele estava no banheiro escondido chorando feito criança.

— Como elas estão? — mamãe indaga com urgência. — Ocorreu tudo bem?

— Sim, graças a Deus, elas estão bem e o parto foi um sucesso. Quem sofreu mais fui eu que quase tive a mão quebrada por sua irmã. Acho que saiu uns três osso do lugar. Sua irmã é bem forte — reclama.

— E a bebê?

— Minha filha é linda. Muito linda apesar de parecer uma mistura de joelho com maracujá de gaveta. A cara da mãe.

— Belly sabe que você acabou de chama ela de mistura de maracujá com joelho?

— Brincadeira cunhada, Malu é o ser mais lindo que já vi na vida. Também minha cara, impossível ser feia.

Claro, ó Deus ébano da beleza.

— Não importa com quem saiu parecida, o importante é ter saúde — Ricky diz entrando na brincadeira. — Quando podemos vê-la?

— Eu primeiro — grito.

— Calma. Já falei com o médico que a família é grande, pois minhas irmãs estão a caminho e ele liberou de dois em dois por poucos minutos e só a noite. — Ele desvia o olhar pela sala como se procurasse alguém. — E seu pai, Telly, não vem?

— Não tenho pai, aquele senhor não me respondeu. Como sempre trocando a família por negócios rentáveis. Mulheres. Deve ter uma reunião importante.

— Telly, hoje é dia de festa, não procure confusão. Vou ver a Malu primeiro com nossa mãe e depois você vai com Tommy, aproveita esse tempo para conversar com ele.

Sem pressão.

Confirmo com um aceno de cabeça, mas em vez de conversar com

Tommy, fico na sala até me liberarem para ver minha irmã, o que só acontece a noite também. Arrasto Thomas até o quarto e entro sem bater, Belly está deitada na cama e parece ter vencido o *Usain Bolt* e o *Michael Phelps* em um mesmo dia. Os olhos estavam fundos, os cabelos presos de qualquer jeito, vestia a camisola horrível do hospital e ainda sem maquiagem. Nossa mamãe com certeza registrou esse momento para o álbum. Pelo menos, o sorriso e o brilho em seus olhos mostravam que não se importava com sua aparência.

— Como se sente?

— Primeiro: me sinto enganada na televisão, após o parto as mulheres ficam lindas — brinca. — Segundo: sinto como se tivesse criado o mundo todo em uma manhã ou seja, ainda exausta.

— Doeu muito?

— Dor? Dor perto do que senti é prazer. O que senti foi como se um dinossauro tivesse pisado na unha encravada do meu mindinho do pé e com isso esmagado todo meu corpo. Até a alma gritava de agonia, sem gritar, porque não podia.

Misericórdia!

— Mas passou pouco tempo depois né?

— Pouco tempo? Você estava esperando o mesmo parto que eu? Durou uma eternidade. Depois pareceu que estavam moendo todos meus órgãos em um triturador. — *Nem estou em pânico.* — Aí, eu ouvir o choro dela e sabia que a pior parte já foi.

— Mamãe devia ter usado isso para falar sobre gravidez. Só de ouvir já me dá vontade de não transar nunca mais. Melhor anticoncepcional. — Rimos, Thomas inclusive. Acho que não percebeu as entrelinhas da brincadeira. Eu e ela tocamos olhares cúmplices.

— De qualquer forma, em breve você terá o seu — alfineta.

— É, terei — entro no jogo.

— É? — exclama incrédulo. — Uau! O que eu perdi? — Thomas indaga surpreso.

Dou um beijo na minha irmã. Seguro a mão de Tom puxando-o para fora do quarto. Assim que saímos, encosto na porta cogitando a ideia de falar de uma vez que estou grávida. Nunca fui muito romântica mesmo e é uma situação peculiar. E imagino que ele vá reagir do mesmo jeito se eu falar aqui ou em

Pequim.

— Tommy. — Levo a mão dele, que ainda está na minha, até próximo ao meu coração.

— Oi — responde sério.

— Eu... Nós vamos... — *Por onde começo?* — Eu estou...

— Telly — sou interrompida por minha mãe. — Pode ir ver sua sobrinha agora, aliás, pode esperar aí, vão trazê-la ela para o quarto.

— Que bom. — Solto a mão de Tommy.

— O que ia me dizer?

— Vem comigo — chamo segurando no braço dele pronta para arrastar até os berçários que seria um lindo lugar para dar a notícia, mas antes percebo um olhar. Uma troca de olhar rápida entre Tommy e minha mãe. Um olhar que diz tudo. Eu conheço essa troca de olhares, eu conheço esses dois, eu conheço esse cheiro e é cheiro de armação. Mamãe está aprontando, Tommy está ajudando e eu tenho certeza que isso envolve um contrato nupcial e um par de alianças douradas enfeitando nossos dedos.



CAPÍTULO 19

TEMPO – PARTE 1

Paro, viro para Tommy, coloco a mão no seu peito mesmo com vontade de colocar ela na cara dele sessenta vezes ou até os olhos mudarem de cor. E então, empurro-o até o outro lado do corredor. Eu não consigo viver com dúvidas. A incerteza ou certeza de que ele está mancomunado com minha mãe depois de tudo que eu disse sobre essa história de casamento, depois de ter me ajudado na operação: não caso, me faz te cólicas de raiva. Não posso permitir uma coisa dessas bem embaixo do meu nariz. Até hoje sinto cheiro de lixo por causa dessa história para agora, justo agora, ele se juntar com ela.

Ah não.

— O que está fazendo, Telly? — ele sussurra, entre mim e a parede, percebendo que estamos chamando muito atenção. — Isso não é uma fantasia sexual maluca não, né? — Olho para ele confusa e só então percebo que teve um Q sensual no meu ato. — Espero que não esteja incluído nos seus fetiches estranhos transar no meio do corredor de um hospital. — *Oxe! Credo! Que horror... Porém interessante. Muito interessante.* — E pode parar de me puxar para todo lado que não sou elástico.

Apesar de sorrir maléfica para mostrar que a coisa vai ser feia, que meus pensamentos são intimidantes, só pensei "*Ei! Essa frase é minha.*"

Fico um bom tempo o observando em silêncio, ainda com a mão em seu peito, até finalmente me pronunciar pausadamente:

— Fala. Tudo.

— Fala tudo o quê?

— Não se faça de inocente, cretino — acuso firme, mas sem levantar a voz. — Eu sei que você está de complô com minha mãe — condeno espetando seu peito com meu indicador.

— Eu?

— É! Você, *genro querido* — debocho tentando imitar a voz da minha progenitora.

— Eu?

— Vou lascar essa sua cara de dublê de galã com uma seringa ao ponto de nem a bruxa da sua mãe te reconhecer se você falar novamente esse "eu". —

Faço uma pausa diminuindo ainda mais meu tom de voz antes de completar entre dentes. — Eu vi.

— Viu o quê? Eu não sei do que você está falando — desvia o olhar para um ponto acima da minha cabeça e depois olha para mim com cara de advogado.

Mentiroso. Falso. Safado.

— Você olhou para minha mãe... Aliás, você chegou praticamente junto com ela mais cedo. Estavam juntos, não foi?

— Espera! Está com ciúmes? Acha que tenho um caso com ela? — indaga rindo.

— Claro que não, não foi esse tipo de olhada ou encontro. Foi tipo olhar cúmplice. Vocês estão aprontando. Eu conheço essa história Tommy, eu faço parte de armações antes de você sequer pensar em se formar em direito. Não tente. Eu não vou cair.

— Loirinha — segura meus braços e antes que eu consiga me esquivar, deixa um beijo em minha boca —, relaxa que o pior que você pode esperar das armações da sua mãe sou eu como seu marido. E acho que não estou tão ruim assim. Já me aturou por oito anos mesmo, pode fazer isso um pouquinho mais.

Meu Senhor! Isso foi quase um pedido de casamento? Livrai-me desse momento só mais um pouco. Tipo, uns trinta anos.

— Não venha fazer piada.

— Não é piada.

— Thomas, eu...

Meu celular começa a vibrar interrompendo a conversa e não sei se fico P da vida ou grata. Pego o aparelho no sutiã e percebo que é um número desconhecido. Maldito número desconhecido que bagunçou minha vida. Desligo com mais raiva do que pretendia, mas o infeliz torna a ligar. Que saco!

— Insistente não? — Tommy olha para a tela. — Pode atender se quiser. Não vou atrapalhar vocês.

— Não vem de ciúmes não. Não vai conseguir me enrolar.

— Telly, atende, pode ser importante.

Reviro os olhos. É sempre trote ou a operadora. Acreditem, as únicas

pessoas que ligam para mim estão presentes. Com o resto é só redes sociais. Coloco o celular novamente na minha bolsa antes de, em tom ameaçador, avisa:

— Essa conversa ainda não acabou. — E saio andando de volta para o quarto para ver minha sobrinha. A essa altura ela já estava no quarto no colo da mãe.

Max tem toda razão, mesmo com cara de recém-nascido é a xérox dele, só que em vez de ser presunçosa como o pai, nasceu fofa como a tia.

— Ela é linda — digo retirando um pouco da sua manta para vê-la melhor. Sinceramente, estou sem coragem de pegá-la no colo. Tão frágil.

Malu é coberta de uma pelugem bastante acentuada, parece cabeluda, mas já puxei um pouco sua *touquinha* e constatei que é carequinha da Silva, aliás Oliveira Castelli. Ela dorme tranquilamente nos braços da mãe e aproveito para brincar com suas mãozinhas que permanecem fechadas. Deve ser esse o lado da mãe. Adora dormir e detesta gastar.

Minha sobrinha é tão pequenininha que nem parece ter levado nove meses para ficar pronta. A altura pelo menos será mais um ponto parecido com a mãe. Aproximo para sentir seu cheiro.

— O que está sentindo? — Belly corta o silêncio. — É inexplicável, não é?

Sei que ela está falando da maternidade. Enchi meu peito e olhos saber que em pouco tempo estarei olhando para a minha ou meu filho em meus braços, talvez nesse mesmo quarto de hospital.

— É inexplicável! — concordo me afastando delas.

— Ele já sabe? — Belly não precisa dizer o que ou quem para eu saber do que se trata.

— Ainda não.

— Telly, é só dizer. Qual a dificuldade nisso?

— Eu vou contar. Hoje.

Agora, mais que nunca preciso falar com Tommy.

— Não quer segurar?

— Queria, mas tenho medo de não aguentar a emoção e desmaiar com ela no colo — confesso rindo.

Ficamos um tempo em silêncio apenas sentindo a atmosfera até minha

irmã romper o silêncio:

— Telly — inicia meio sem jeito. — Você realmente mandou mensagem para nosso pai?

É irônico. Eu considero mais o pai dela, que Deus o tenha, como meu pai e ela considera mais o meu pai como o dela.

— Óbvio que mandei.

— É que Max me falou que até agora não o viu.

— E qual a surpresa? Aquele senhor vive para decepcionar e não fazer a menor diferença na vida dos filhos.

— Telly, para de ser dura com ele. Aproveita, é seu pai. Errou sim, mas se arrependeu. — Bufo revirando os olhos e cruzando os braços. — Entretanto, falando nisso, sabe se Max falou com o pai dele?

— Creio que não, sabe que eles não se falam mais.

Porque o pai do Max é um babaca preconceituoso que não aceita ver o filho casado com uma ex-faxineira ou simplesmente um babaca ao ponto de não gostar do próprio filho, aparentemente, sem motivo nenhum.

— Tenho esperança da Malu reaproximá-los e amolecer o coração dele.

Minha irmã ficou lelé pós-parto. Só pode. Que coração o pai do Max tem? Só se achar um perdido na rua.

— O Sr. Castelli, nunca ligou para vocês, nem para saber da neta. Aquilo não tem coração para Malu amolecer.

— É um imbecil que não sabe a sorte que tem. Arranco os olhos dele se rejeitar minha filha ou tratar mal meu marido na minha frente... — Olho para ela com cara de deboche. Ela tinha prometido tratar esse assunto com maturidade e perdoar Sr. Castelli por tê-la chantageado e quase ter separado ela de Max. — Quer dizer, impossível rejeitar um ser tão lindo e inocente e que Maluzinha faça o rabugento do vovô perceber que quem está perdendo é ele.

— Você esquece e perdoa tudo muito fácil, depois da babaquice desse senhor, quero nem olhar para foto dele nos jornais. Por mim, atropelavam com uma motosserra ligada.

— Nossa! Que horror Telly. — Faz uma careta enquanto dou de ombros. — Talvez só com uma faca, para cortar o nariz em pé dele.

— Ou mostrar sua conta bancária agora, chupa que a faxineira hoje pode tanto quanto o doutor ou até mais, pois a empresa perdeu bastante com o escândalo e até hoje luta para se recuperar.

— Nem lembre. Deve nos odiar ainda mais. Pelo menos moramos longe, fora Ricky, Sr. Castelli não é obrigado a conviver com nenhum Oliveira — Sopra o ar e fico imaginando se o problema não está exatamente no Ricky.

— Pois é. — Limito-me a responder, se ele não comentou nada, não vou dar uma de Max e espalhar tudo por aí.

— Nem ligo que ele não goste de mim. Só queria que gostasse do meu marido ou pelo menos, tratasse bem. Ele sim liga e por baixo de todo seu bom humor, sei que sofre calado.

— Não se preocupe. O pai do Max já está colhendo o que plantou e nem sabe — digo ainda imaginando o casal NaRi que tenho certeza ser real. — Estou só de camarote esperando a vida dar voltas, aí seu querido sogro vai ganhar bem mais que um chute no saco e mordidas de dona Amélia.

— Oi? Quando rolou isso? Por que ninguém me contou? E o que você sabe e eu não sei?

— Tantas coisas irmãzinha, que daria até uma série de TV... Mas isso é história para outro carnaval — digo enigmática. Aproximo, deixando um beijo na testa da minha sobrinha. — Tchau irmãzinha. — Belly tenta me segurar, porém não tem êxito.

— Volta aqui. Conta a fofoca toda. Tellyyyyy. Vadia.

Saio do quarto rindo, eu também não vi nada dessa história, mas a fofoca rola nos bastidores da família.

Como não vejo Tommy do lado de fora do quarto, vou à sua procura. Preciso saber dessa história dele com minha mãe, mas acima de tudo, preciso contar sobre o bebê. Afinal, em pouco tempo será evidente.

— Brigou com Tommy? — Ricky é quem questiona cruzando os braços assim que me vê entrando na sala de espera.

— Não brigamos, apenas uma opinião contrária.

— Hum...

Meu irmão se remexe no sofá. Sei que ele está incomodado por ter passado o dia quase todo de pijama em um hospital. Já tinha visto umas cinco enfermeiras devorando seu corpo e meu irmão, na maioria do tempo, é um cara

tímido. Convenhamos que se não fosse meu irmão, eu também apreciaria. Que homem não fica gostoso em calça flanela e blusa regata preta? Ninguém pode culpá-las.

Mesmo agora, com outra roupa, suas bochechas continuam corando quando vê alguma enfermeira piscando em sua direção.

— Onde está Thomas?

— Ele foi embora, pensei que tinham brigado.

Como assim?

— Tommy foi embora?

— Sim.

Estranho. Thomas não faz esse tipo de drama. O alerta na minha cabeça grita "*algo errado que não está certo*". Sei que ele está armando e como não sabe mentir para mim, vai fugir. Conheço ele há tanto tempo que sei que está escondendo algo antes mesmo dele estar escondendo algo. Seu modo advogado nunca funcionou comigo.

Ainda bem que já vi minha sobrinha. Tenho certeza que esse papo não vai me deixar de bom humor e com certeza devo voltar para cá como acompanhante de moribundo.

— Vou atrás dele — aviso.

Caminho para fora do hospital e assim que saio, vejo uma loja em frente com uma vitrine cheio de roupas de crianças. Fico um tempo na frente e mesmo sabendo que não tem o tamanho da Malu ou para meu bebê, a loja sequer está aberta, mesmo assim, cogito comprar algo, mas descarto a ideia assim que lembro os centavos na minha conta bancária.

Aproveito que Ricky está lá dentro e pego o carro no estacionamento. Quase não consigo dirigir de tanto nervosismo, sei que não vou só para confrontar sobre o que ele anda aprontando, mas também para contar que estou grávida. Porém, como fazer isso? Qual o melhor jeito de falar que está grávida? Era para ter trazido o teste. Talvez com um sapatinho, lembro que Belly contou assim. Ah foda-se, vai ir na lata mesmo.

Chego no meu destino sem ao menos perceber e a vontade de correr como se estivesse fugindo do altar persiste. Ainda assim, desço do carro, abro a porta com minha chave e fico um tempo encostada na porta completamente distraída. Sei que ele está em casa pelo carro parado a frente do portão

— Oi — é Tommy quem se pronúncia primeiro com um copo de água na mão. Estou tão área hoje que nem percebi sua presença, mas também não me assustei. — Está bem?

— Sim, eu... — Só então noto o chefe dele sentado no sofá me olhando. Mesmo involuntariamente fico em modo de alerta. Não gosto desse homem. Tenho que repreender o inimigo sempre que saio de noite para não topar com o que é ruim logo de cara.

Edson me olha com o desdém de sempre e eu o encaro sem abaixar a cabeça.

— Bom, pense bem antes de qualquer decisão. — Dá dois tapinhas nas costas de Tommy. — Já vou indo. Vejo que tem companhia melhor que eu.

Até o capeta é companhia melhor que você.

— Pode ficar se...

— Não, ele vaza — interrompo caminhando até Tommy. — Eu preciso falar a sós com você.

Só com a presença de Deus.

— Tchau Telly. É sempre um prazer te ver.

— OK.

Ele sai e Tommy encosta na parede me encarando.

— "Ele vaza", que foi isso?

— Não gosto dele.

— Isso está claro. Só nunca me disse o porquê.

— Ele abusa da amizade de vocês.

— Fora isso. — Cruza os braços desconfiado.

Cogito dizer que o babaca já deu em cima de mim mesmo sabendo do meu caso com ele, mas temos tanto para falar que

— Só.

— Telly, me responde sinceramente, sei que já perguntei, mas... Ele deu em cima de você alguma vez?

Suspiro cansada de mentiras.

— Sinceramente, sim.

— Porra Telly! — Chegar me assustar. É raro ele xingar. — Por que não me contou antes? Vou atrás dele agora.

— Nem pensar. — Seguro seu braço. — Já passou. Não tem importância. Estou melhor agora que você já sabe.

— Não parece. Você está meio pálida.

— Estou bem, só não dormir direito. Nem comi direito hoje.

— E ainda diz que está bem. Vou esquentar pão com manteiga e queijo para você.

— Só pão?

— Tem sopa.

Prefiro comer meu próprio braço.

— Pão está ótimo.

— Foi o que imaginei. — Sorri me dando um selinho. — Estava pensando que poderíamos morar juntos. — Solta como quem não quer nada. — Você sabe que há anos quero isso e aquele dia lá na sua casa, no jantar, só confirmou. Quero poder dividir a família com você e óbvio, fazer a nossa.

Cínico! Quer jogar, então vamos.

— Minha mãe não concorda com essa história de juntar os trapos.

— Eu sei o que ela pensa sobre morar juntos sem casar, mas quero saber o que você pensa. São quase oito e...

— E está cansando.

— Não é cansando propriamente. — Pega o pão na parte de cima do armário. — Eu entendo você. Entendo sua mãe. Mas sei lá... Estou velho já, como ela mesma disse.

— Seu pau está ótimo, Tommy.

— Telly! — grita colocando o pão no grill.

— Desculpa, não resisti. — Seguro o riso. — Mas eu... Estou confusa.

— Confusa... — Entrega-me os pães em um prato. — Cada dia quero mais — abraça meu corpo contra a mesa —, dividir a minha vida, a rotina com você — se afasta suspira e completa — e cada dia parece que você quer menos isso... Quer viajar só. Quer morar só e não sei em qual lugar da sua lista de prioridades eu estou.

— Tommy, está armando com minha mãe? Essa conversa faz parte do plano?

— Telly, presta atenção. Estou falando da gente. Me abrindo para você.

— Eu sei, mas já disse, estou confusa no momento. Tem algo que você ainda não sabe.

Se fosse uns três dias atrás eu saberia a resposta para tudo. Eu seguiria os meus planos e talvez sem perceber, terminasse sem ele, mas agora que estou grávida... Preciso pensar muito.

— Eu já sei o que você quer me dizer.

— Sabe? — pergunto cautelosa. — E o que achou?

Tenho certeza que não estamos pensando na mesma coisa. Tommy já teria colocado um berço no meio da sala se soubesse que vai ser pai.

— Que você merece — *viu?* — Afinal, queria tanto esse intercâmbio.

— Intercâmbio?

— Sim, também recebi a ligação deles avisando. Não era isso que queria contar?

— Não acredito! — Quase fico animada, mas lembro que estou grávida e não vou poder ir. Tanto tempo esperando e sai quando já tinha desistido. A vida é irônica, não?

— Já tem uma semana que ligaram para mim, você parece estar o tempo todo querendo me dizer algo, imaginei que já teriam te avisado, mas você estava em dúvida, então também não disse nada.

— Por que ligaram para você?

— Você deve ter dado meu número e como pelo jeito você não atende o telefone, ligaram para o número alternativo.

Isso é! Nem lembrava.

— Não quer que eu vá?

— Jamais te impediria de nada. Mas se você decidir não ir, confesso que não vou reclamar. Você ainda tem tempo para ir, só quero ter a certeza que irá voltar.

— Eu voltaria de qualquer lugar. — Aproximo dele, o abraçando por trás. — Sabe que você é meu lar. Meu refúgio.

— Pior que estava fazendo planos para gente. Pensei que poderíamos juntar nossos salários, também tenho uma boa economia guardada então, poderíamos aumentar essa casa. Comprar mais móveis. Pintar. Você adora fazer isso e...

— Fui demitida.

— De novo? — confirmo — Por quê?

— O mesmo de sempre: por ter faltado.

— Telly! Se nem sua família suporta, fica difícil te defender. — Passa a mão no rosto. — Vou falar com Max e pedir uma quinquagésima chance.

— Já faz um tempinho.

— Que faltou ou que foi demitida?

— Que fui demitida — confesso de cabeça baixa observando os pães esfriando sobre a mesa. Já nem sinto a menor vontade de comer.

Ele estreita os olhos em minha direção.

— Como, se não faz três dias que eu te deixei lá no restaurante?

— Omiti de você — confesso. — Belly... — não, ela poderia ter falado o que fosse, eu não devia ter bancado a louca ciumenta e ido atrás dele. — Eu fui atrás de você no jantar de negócios com a sonsa da Clara e larguei tudo lá, Max me demitiu no dia seguinte.

— Você não me fez de palhaço te levando e buscando no trabalho todo dia com o preço que a gasolina está só para continuar fingindo que ainda trabalhava lá.

Falando assim, realmente parece algo horrível, mas ele que insistia me levar.

— Desculpa. Fiquei com vergonha.

— E para mentir? Você não tem vergonha? — *Só faço merda.* — Me diz o que ganhou com isso?

Lixo por toda parte. Um mau cheiro terrível e zoeira para vida toda.

— Na verdade, fui para o lugar errado e quebrei a cara. Aprendi a me controlar mais, ser menos ciumenta e a confiar em você. — Bom, não sei se aprendi tudo isso, mas... poderia ter sido pior.

Na verdade, desde o início fui imprudente e imatura. Não devia nem ter começado com a operação: não caso. Acho que tudo deu errado, daí foquei

tanto nisso que acabou sendo só eu. Mamãe nem fez nada. E talvez eu esteja paranoica. Eu mesma baguncei minha vida. Minha história. Meu romance.

— Não, você não aprendeu, se tivesse aprendido teria me contado que foi demitida, em vez de me fazer de trouxa.

— Só queria achar um emprego primeiro... Eu não queria brigar com você, nem decepcionar.

— E olha no que deu? Eu achando que estávamos fortalecendo a relação nessas últimas semanas... Que vivíamos cúmplices. Mais unidos.

— E estamos.

— Assim? Com você me enganando?

— Eu te amo e não queria te magoar. Entende, por favor, Tommy, você é meu namorado e meu melhor amigo.

Estava tudo bem antes, foi só começar a namorar que tudo deu errado. Eu falei que isso ia acontecer.

— Não sei mais de nada. Acho que nós dois estamos confusos. Eu não reconheço a menina por quem me apaixonei. — Vira de costas para mim e tenho vontade de abraçá-lo por trás novamente. — Você quis tanto se auto afirmar, mostrar algo que talvez você já fosse... E fez só... besteira.

— Não fala assim.

— Como deseja que eu fale quando descubro que vivemos a base de mentiras suas? Quando descubro que estou fazendo papel de idiota? Que todos os planos que achava ser nossos foram só meus? — Vira para mim bradando: — Diz, Telly, como?

— Não sei... Mas juro que será diferente daqui para frente.

— Sim — Olha em meus olhos e os verdes dos seus está mais escuro. — No entanto, precisamos de tempo e espaço para decidir o que realmente queremos.

— O que está querendo dizer com isso? — indago mesmo temendo a resposta.

— Telly, ficaremos separados por um tempo. Nós dois estamos precisando disso.

— Não! Eu preciso de tudo, menos disso, ainda mais agora que estou... Então, fico diante de um dilema moral: digo agora que estou grávida e

talvez ele fique comigo pelo bebê ou espero até ter certeza do que deseja?



CAPÍTULO 20

TEMPO – PARTE 2

Olho fixamente para o amor da minha vida que está na minha frente pedindo um tempo e não sei o que fazer. Acho que devo ter atingido o nível máster de *insuportabilidade* – se é que essa palavra existe – para depois de oito anos ele querer distância de mim. E, pensar que minutos antes ele estava fofo, quase me pedindo em casamento. De quem foi a ideia de me dar livre arbítrio, quando claramente eu não sei tomar decisões importantes, nem decisões sem importância? Se alguém puder revogar meu direito de tomar decisões, eu ficaria *gradicida*.

Coloco minha vida no piloto automático pois ultimamente estou fazendo mais estrago que caminhão sem freio.

Desvio os olhos para o teto depois para o mar de águas verdes. Seus olhos demonstram que não está sendo fácil, mas que ele também não está disposto a chorar na minha frente.

— *Ainda mais agora que...* Continue.

Fala. Fala que está grávida, me ordeno pelo pensamento, mas as palavras não saem.

— Tommy, eu não estou confusa com nosso namoro. Eu sei que te amo e que quero ficar com você.

— Não estou duvidando do seu amor, nem do meu. Só sinto que precisamos disso. Se for para ser e o que for para ser será, hoje ou amanhã. Mas precisamos de um tempo separados para pensarmos.

Eu sei que devemos deixar a pessoa amada livre para ela voltar ou permanecer e todo o blá, blá, blá, mas sou do time: se ama deixe-o livre de outras pessoas. Elimine a concorrência já. Principalmente quando sei que tempo sempre vem sair com outras pessoas no pacote e não quero nosso relacionamento assim de novo.

— Posso argumentar sobre isso?

— Poder você pode, mas não irá me fazer mudar de ideia. — Apoia na mesa. — Telly, não quero mais discutir as mesmas coisas.

— Eu também não, mas faz parte. Namorados, amigos também brigam. E além de namorados sempre fomos melhores amigos. Dividimos tudo.

— Nem tudo né, aliás, ultimamente não estamos dividindo nada. Você está jogando comigo e com si mesma o tempo todo. — Ele suspira, passa as mãos nos cabelos antes de completar: — Melhor você comer antes que o pão fique duro e depois te levo em casa. Já está tarde para você andar sozinha por aí.

— Não seria a primeira vez, posso e prefiro ir só.

Até me dando o fora ele é fofo e cuidadoso comigo. Por que eu não caso com esse homem? Não pode ser só teimosia e medo de estragar tudo, afinal, isso eu já fiz.

Sento à mesa e faço o que ele pede mesmo sem apetite algum. Sei que preciso me alimentar bem pelo bebê.

Tommy permanece na outra extremidade da mesa, como se temesse chegar perto. Cruza as mãos sobre a mesa e não evita me olhar enquanto como.

— Você está diferente. Tem algo... No seu olhar.

E na barriga também.

— Deve ser o reflexo da lâmpada — brinco fazendo ele sorrir, pelo menos ainda sou a única que o faz sorrir com facilidade.

Após a piada, ficamos em silêncio. Eu, por ter o que dizer, mas sem saber como. Não estamos mais juntos e não quero que minha gravidez vire um trunfo, uma chantagem emocional.

— Esse tempo será bom para nós dois.

Fale por você. Nem começou e já me sinto péssima. Será que tem como ficar pior?

— Quanto tempo seria esse *tempo*?

— Pode ser enquanto você estiver no intercâmbio, podemos aproveitar que já ficaríamos separados fisicamente.

— Espera, tipo, dois anos? — quase grito.

— Seria tempo suficiente para decidir e o melhor, sem o risco e o ímpeto de ir ver o outro em casa. Menos doloroso.

Dois anos!

— É muito tempo... e se nos apaixonarmos por outra pessoa?

Dois anos!

— Isso prova que não nos amamos de verdade. — Ele olha para um

ponto acima da minha cabeça e quando retorna para os meus olhos, eu sei que ele está no modo advogado, só por suas respostas. — Edson me propôs há algumas semanas ficar à frente de um escritório que ele fará no sul do país...

Ora, ora, então o santo também tem segredos.

— E quando ia me contar essa proposta?

— Eu não ia aceitar, porque sou um imbecil de trinta e cinco anos que está sempre cedendo a vontade de uma menina de vinte e quatro anos e tentando fazer nosso romance dar certo.

Uau! Nunca o vi tão magoado. Parabéns para mim.

— E agora? Você vai se mudar? — indago mais uma vez, temendo a resposta. Meu coração fica do tamanho de uma semente só de imaginar.

— Se já não ia aceitar antes, imagine depois de descobrir que o babaca paquerou minha mulher. A vontade é socar a cara dele, amanhã mesmo me demito.

Ciúmes! Pelo menos ainda sou sua mulher.

— Será o melhor que você faz. Edson é um sanguessuga. — Termino de comer e me sinto um pouco enjoada. — E agora, o que irá fazer?

— Tenho outras propostas. Vai depender muito do que rolar entre a gente. — Esquiva do assunto. — Hoje vi que sua mãe tem razão. Não adianta só um querer, só um ceder sempre, fazer as vontades e mimar o outro. Relacionamento é a dois, se um só segura o outro lado desaba e nunca dá certo.

— Quando minha mãe disse isso?

— Não importa, tenho certeza que você pode descobrir sozinha. Afinal, você gosta de operações. — *Sério que ele tá jogando tudo isso na minha cara?* — O importante é que você pode curtir, sair, conhecer novos lugares, novas pessoas, do jeito que sempre quis.

— Que história é essa? — grito. Eu estava calma e civilizada até agora. — Eu nunca quis isso. Você que está querendo, seu safado. Já entendi tudo. Eu sei que essas novas pessoas incluem pegar várias outras mulheres.

— Por mim, você pega quem quiser.

O quê?

— Eu estava falando de você — berro.

— Telly, não é nem por mim, digo mais por você. Fui seu único

homem e junta com a diferença de idade que... Talvez por isso você sinta nossa relação tão imatura. Como um namorico de colégio e eu como um bobo, só vou na sua onda.

— Não vejo assim, para mim é até um namoro moderno.

— Moderno? Me apaixonei por você, pelo seu jeito como um adolescente e por você esqueço todos os meus planos e sonhos e tento o tempo inteiro encaixar minha vida na sua.

— Então, agora me deixe encaixar nos seus planos. Eu não vou mais para o intercâmbio. Posso aprender inglês e francês aqui mesmo, quem sabe no futuro realizo o sonho de morar fora de conhecer o Canadá?

— Não quero que se encaixe em meus planos.

Esse homem quer me enlouquecer. Só pode.

— O que deseja então?

— Por isso o tempo, para você pensar e descobrir.

Depois mulher que é difícil. Falava logo e estava tudo resolvido.

— Então é isso mesmo que você deseja?

— Nesse momento é o que mais quero e preciso. — Aceno com a cabeça buscando as palavras. Ele não quer ficar comigo, mas sei que o certo é contar que ele vai ser pai.

Dois anos ele perderia bem mais que eu. Momentos de um filho que jamais voltariam.

— Antes de chegar aqui eu já tinha decidido não ir para o intercâmbio. Não estou mudando de ideia só porque você está pedindo um tempo. Na verdade, achei que nem sequer ganharia. Quando me disse que ganhei foi... ímpar. Afinal, foi méritos meu. Mas o preço é tão alto... E eu já nem... — dou de ombros.

— Como assim?

— Só me deixe falar. — Olho para um ponto da mesa. — Eu vejo essas duas possibilidades de futuro. Uma parece um sonho distante: mora só, ser independente, viver em um país maravilhoso. Solteira. Parece tão tentador. — Caminho até ele que me observa atentamente. — Mas é só um sonho, e a segunda é realidade. Ficar aqui ter um lar... — Deixo minha mão vaga pelo cabelo dele. — Você, lutar pelo nosso amor e provar que ele é forte e verdadeiro. Que foi capaz de, sem a gente perceber, florescer e dar fruto. — Coloco a mão

na barriga e sorrio. Ele me olha atônito provavelmente deduzindo tudo.

— Está... Está grávida?

Confirmo acenando com a cabeça incapaz de falar, pois as lágrimas escorrem por minha face sem pedir permissão. E não tenho vergonha delas, pois são lágrimas de felicidade.



CAPÍTULO 21

BONS E VELHOS AMIGOS

Ele fica tanto tempo em silêncio que fico na dúvida se está vivo ou morreu e virou uma escultura. Pelo menos é uma estátua bem-dotada. Enxuguei as lágrimas que já não desciam mais e quase começo a rir de nervoso. Só me controlei para ele não achar que é brincadeira.

— Não vai dizer nada?

— Desculpa, estava esperando você dizer que é brincadeira... — *Oi?* — É sério? — Toca minha barriga, talvez buscando algum indício que comprove porém, nem eu consigo ver as mudanças de fato. Só sei que engordei e sinto uma coisa que não sei explicar, apesar dele estar sempre dizendo e ainda que eu me sinta diferente, no espelho não me vejo diferença.

— Eu não brincaria nesse momento. Nem com isso. Sei que bem guardadinho aí no seu peito sempre houve o desejo de ser pai.

Tommy sorrir, abertamente e está tão emocionado quanto eu.

— Um desejo imenso eu diria. — Ele levanta a minha blusa. Sua mão permanece na minha barriga fazendo uma leve carícia, como se acalmasse uma fera. Deveria fazer isso quando sinto fome, meus órgãos viram verdadeiros gladiadores em uma arena de batalha que até em me dar medo.

— Demora para ficha cair mesmo — comento numa mistura de rindo e chorando, já nem sei. Provavelmente é a gravidez. Espero não me tornar o tipo de pessoa que chora até com a cor do céu. Tipo, o céu não está azul e *dale* lágrimas descendo. No início da gravidez Belly era assim, chorava até pelo cravo brigar com a rosa.

Ou era os hormônios descontrolados ou era maconha das brabas.

— Telly... — começa pensativo —, você fez o teste outro dia... e deu negativo. — Encara. — Me diz que você não mentiu para mim.

— Não, não menti, eu descobri tem dois dias apenas... — Não evito sorrir ao vê-lo abaixar e beijar minha barriga. Nunca o vi venerar tanto minha barriga e olha que ela sempre foi linda. Invejável. — E só descobrir pois minha mãe me obrigou a fazer outros depois que achou aquele teste na minha bolsa e todos deram positivos.

— Eu sabia. Sabia que estava grávida. Tinha quase certeza, mas o teste

foi um banho de água fria. — Pouso minha mão no cabelo dele e fico fazendo um cafuné. — Posso te mostrar algo? Não me ache ridículo.

— Pode. E te acho ridículo o tempo todo.

— Engraçadinha — debocha, levantando. Ele sai do meu campo de visão em direção ao quarto e volta segundos depois com uma caixa nas mãos. — Abre — pede, me entregando o objeto.

Abro a caixa com cuidado e vejo uma *touquinha* amarela e uma blusa branca com desenhos e a palavra papai grafada.

— O que significa isso?

— Comprei quando achei que estava grávida. Antes do teste — confessa e posso ver que se sente envergonhado. — Passei em frente à loja... Não sei, me deu um ímpeto e comprei. Ia te dar quando descobrisse e dizer que eu já sabia. — Agora ele ri. — Bom... Depois daquele teste, não tive coragem de me livrar.

Tou mais apaixonada agora. Abraço ele bem apertado e Deus me ajude com essa vontade de chorar toda hora.

— Ainda bem que não se livrou. Estamos desempregados, toda ajuda é bem-vinda. — Ele ri.

— Já podemos vestir a camisa do “*Lisos Futebol Clube*”, pois nesse time seremos titulares e artilheiros.

— Contando que eu receba o salário do Neymar, assino com qualquer um.

Rimos mais uma vez e depois ficou um silêncio estranho como se tivesse medo desse momento acabar.

— Telly, você ia me contar que estava grávida se eu não tivesse pedido um tempo?

— Óbvio. Aconteceu tudo tão rápido que... Nem sabia como te contar. — Afasto dele que retorna sua postura normal. — Não viaja achando que vou usar meu bebê para te obrigar a ficar comigo. Quer seu tempo? Não fico feliz com isso, mas respeito você e sua vontade.

— Não estava pensando isso. Você pode ser imatura, moleca — *obrigada mister perfeição* —, mas mau caráter nunca foi. Só é sua cara enrolar por vários dias. — *Isso é!* Volta a sorrir e em euforia quase grita. — Caraca! Meu Deus! Eu vou ser pai. Nem dá para acreditar. Já sabe o sexo do bebê?

— Não... Ainda não fiz nenhum exame.

— Então vamos marcar logo, para depois de amanhã. Não quero nenhum dos dois correndo riscos.

— Eu menos.

— Se prepare, pois vou ser um pai insuportável. Vou cuidar muito bem de vocês. Mesmo que sua teimosia tente me afastar e ainda que você não precise.

— Isso quer dizer que continuamos juntos?

Ele passa a mão no cabelo parecendo em dúvida, depois esfrega o queixo liso e esse tique me lembra de Max e principalmente me lembra de armações. Max sempre me lembra isso.

— Isso quer dizer que: não sou seu inimigo... Não vou sumir, continuaremos juntos como bons e velhos amigos.

Não sei se isso é bom. De namorada a *friendzone*. Que ladeira abaixo. E para completar, amizade com ex é igual ficar em pé por muito tempo, uma hora dá vontade de sentar e permanecer sentada.

— Bons e velhos amigos? Tá bom... Mas se prepare, pois não vou desistir da gente. — Ele sorri de lado.

— Acho bom, pois não quero que desista, como também não quero desistir da gente.

Então, para que esse tempo?

— Já vou, mas antes quero que saiba que do meu jeito moleca, como dizem, eu te amo muito.

— Eu sei... — Aproxima de mim, coloca meu cabelo para atrás da orelha, por um momento acho que vai me beijar na boca, mas em vez disso beija minha testa e mesmo involuntariamente, seu cheiro e o calor de seu corpo tão próximo me excita. — Já que não deseja que eu te deixe em casa, por favor, dirige com cuidado e durma um pouco. O dia foi intenso.

— Pode deixar. — Limito-me a responder e, sem esperar mais nenhuma palavra, caminho até a porta da frente e sinto uma insegurança me invadir. Medo de dar tempo e espaço e não volta a vê-lo nunca mais.

Seguro a maçaneta da porta, mas não abro, encosto a testa nela por alguns segundos.

Estava lidando bem com isso, mas pensar em ir para casa e saber que

se eu sentir saudades dele amanhã não vou poder vir aqui vê-lo. Nem o tocar. Que irá demorar para sentir seu cheio ou seu toque novamente.

Eu até entendo que ele precisa de um tempo, porém, também sei que é apenas mágoa pela minha omissão ou pelo meu momento ciumenta descontrolada, mas não posso deixar que ele vá viajar para me evitar e assim, correr o risco de nunca mais nos encontrarmos novamente. Não ao menos sem lutar por esse amor.

São oito anos juntos, mesmo que não oficialmente, temos um bebê a caminho e não dá para fugir disso. É história demais para terminar assim. Eu poderia ir para casa e chorar enquanto Jorge e Mateus pisam covardemente nos cacos do meu coração, talvez faça isso em outra madrugada, mas hoje, quero ver o sol brilha nos braços dele.

Afasto-me da porta, retiro meus sapatos, conto até cinco, dou graças a Deus pela depilação em dia e o banho também, só então retorno para a cozinha. Ele ainda está lá, debruçado na cadeira com a cabeça apoiada nas mãos cobrindo seu rosto. Como não percebe minha presença, resolvo chama-lo:

— Tommy.

— Esqueceu algo? — Ele me olhar meio confuso.

— Sim! — Dou a volta na mesa até ficar próxima e de frente para ele.

— O quê?

— De deixar claro que vou lutar por nós dois. Nem que tenha que te reconquista — anuncio antes de levantá-lo e empurrá-lo contra a parede, segurar a gola de sua camisa e arrebatá-la sua boca em um beijo quente. Voraz e exigente. Demorou um pouco para ele ceder e corresponder, mas quando fez, minhas pernas estremeceram e minha pele se incendiou. Foi minha vez de ser presa entre um corpo quente e sedento e a parede fria.

Senti suas mãos explorando minha pele, me apalpando, seu corpo me apertando, quase sugando minha força vital e quase rasgando minha roupa. Uau! Puxei o ar com força enquanto ele mordida e chupava minha garganta. Meus pensamentos estavam como meus sentidos, totalmente entregues ao desejo. Diversos gemidos se perdiam entre nós como eu me perdia no calor dos seus braços e no sabor de seus beijos.

— Telly... — sussurra ofegante.

— *Shiu!* — Puxei ele pela camisa para lançá-lo no sofá, mas ele foi mais rápido e me deitou sobre o móvel, fazendo-me gritar de susto.

— Te machuquei?

— Não, só me pegou de surpresa.

— Ainda bem... — Sorriu, mas logo ficou sério e seus olhos prometiam travessuras. Como rasgar minha blusa deixando meus seios ao seu bel prazer uma vez que nem estava usando.

Uau de novo! Essa versão eu não conhecia.

Sem trégua nem para respirar, fecho os olhos ao sentir sua boca nos meus seios. Ele lambia, beijava e mordida dos meus seios ao umbigo em uma tortura cruelmente deliciosa. Empurrei sua cabeça levantando o quadril exigindo ser tocada ali. O mais rápido possível e como para me torturar ainda mais, com uma paciência invejável, ele foi retirando meu short assim como a calcinha e então, finalmente sentir sua boca entre minhas pernas. Chupando-me e se deliciando, porém, não mais que eu.

Anos juntos, ele sabia cada ponto de prazer meu como a palma de sua mão e principalmente ele sabia me dar prazer, como eu também sabia lhe proporcionar.

Fechei os olhos xingando e gemendo seu nome, puxando seu cabelo e rebolando em sua boca devassa. Sinto os espasmos me invadirem, meu corpo ficando mole e sei que estou perto do orgasmo, porém ele para, solto um suspiro indignada e o olho sanguinária em um aviso claro para que nem pense em me deixar sem gozar. Não demorou muito para sentir sua boca novamente me dando prazer e dessa vez, só parou quando atingi o orgasmo.

Olho para ele sorrindo ainda sobre o efeito da sensação maravilhosa do orgasmo. Tommy se inclina sobre mim, apoiando o peso em seus braços.

— Adoro sua cara pós-orgasmo — sussurra no meu ouvido. Morde minha orelha. — Sua vez, Moleca.

Puxei-o mais para mim, nem precisava dizer duas vezes.

Ele me ajuda a despi-lo com pressa, mas tomo posse da situação, deixando-o apenas com a cueca e começo a tortura. Abocanho sua ereção por cima da cueca, ouço-o ofegar e sussurrar alguma coisa inaudível. Repito o movimento três vezes antes de finalmente tirar sua ereção para fora da cueca colocando adentro da minha boca. Primeiro só a cabeça depois a extensão, sempre massageando com a mão, foi assim até sentir seu corpo estremecer em um orgasmo próximo. Não o permiti gozar. Não só por maldade, mas porque tinha mais planos.

Sentei sobre ele, encaixando nossos corpos como se fosse a primeira vez. Demorei olhando em seus olhos e sentindo nossos corpos se moldarem um ao outro.

Amo a forma como seus olhos mudam de cor – para um verde mais claro ou escuro – de acordo com suas emoções. Adoro a forma como me olha com desejo. Excita-me ouvi-lo gemer. Adoro a forma como seu corpo encaixa no meu. O ritmo de nosso corpo fazendo amor. Amo como ele cuida do meu corpo e do meu prazer, sempre me fazendo chegar ao orgasmo antes dele e de como ele chama meu nome pouco antes do seu. E principalmente, amo ter a certeza de que ele ainda é e sempre será meu.



CAPÍTULO 22

O ACORDO

— Acho que você furou minha cabeça... — ouço a voz rouca de Tommy na minha orelha quebrando o silêncio e me fazendo rir de olhos fechados. — E em mais de um lugar. — Sinto seu hálito quente e o som do seu riso.

Que drama! Admito que talvez tenha empurrado ele com força contra a parede sem que estivesse esperando, mas já olhei sua cabeça, está apenas com um galinho de nada.

— E eu acho que você arrancou metade do meu lindo cabelo puxando como se nunca tivesse transado. — Ele ri. — Então estamos quites — rebato me apoiando no peito dele para observar seu sorriso. Estou alcançando níveis altíssimos e perigosos para uma apaixonada. Fico admirando o sorriso. Os olhos. Os lábios dele, como se minha vida dependesse disso. Hoje mais que o normal.

Será verdade que a gente só dá valor depois que perde? Espero que não, pois nesse caso sou uma péssima perdedora e vou querer revanche até conseguir levar o prêmio para casa.

Remexo-me em seus braços fazendo caminhos com a ponta dos dedos por seu peito. Estamos deitados no tapete da sala completamente nus, cansados e suados após mais um round de sexo que nem chegou a ser selvagem, mas sinto como se tivesse sido. Estou exausta, faminta e morrendo de sono, lutando para permanecer de olhos abertos, entretanto, não reclamo, quero cada minutinho desse momento com ele. Se não vai ser eterno, então que pelo menos os momentos durem para sempre.

— Moleca. — Aperta meu nariz. — Linda. E ficará ainda mais barrigudinha.

— Ficarei ridícula. Magra, alta e com o barrigão. Toda uma cobra cipó depois de engolir um boi — zombei fazendo careta, imaginando essa linda cena —, porém uma ridícula feliz.

— Minha mulher nunca fica ridícula.

Minha mulher. MINHA MULHER. Eu me iludo fácil.

— Há controvérsias, mas concordo com você.

— Acho bom. — Alisa meu cabelo com um longo suspiro. —

Desculpa se passei dos limites mais cedo com você e falei algo que te magoou.

— Pedir um tempo confesso que... Imaginar ficar sem você me machucou, porém te entendo, não foi legal, não foi certo o que fiz, mesmo tendo boas intenções, devia ter dividido tudo com você como sempre fazemos... Pois é, às vezes dou uma de Belly e faço umas merdas.

— Coitada da Belly, às vezes você supera até ela.

— Também não é para tanto — defendo-me. — Desculpa omitir sobre o emprego, por ter de enganado e feito você gastar gasolina atoa, por mentir e te seguir — peço sincera. — Me perdoa? Não quero que vá para longe de mim e principalmente, do nosso filho. Eu tive um pai ausente e não quero isso para ele.

— Perdoo. Não vou para lugar nenhum. E principalmente, não serei um pai ausente. Jamais.

Levanto a cabeça me apoiando no cotovelo.

— O que pretende fazer?

— Primeiro preciso me reorganizar financeiramente, tenho uma ótima economia, então, não se preocupe, não vou deixar faltar nada para vocês dois... — Aperta meu nariz. — Sua mãe deve estar novamente apaixonada por mim depois dessa notícia. Nem imagino o escândalo que ela fez.

Nem queira imaginar.

— Oh se tá. Apaixonadíssima.

Tão apaixonada que para mamãe, é Deus no céu e Tommy queimando no inferno ao lado de satanás. Só perde para o amor que ela está sentindo por mim.

— Pensando seriamente em voltar a evitar sua casa. — Ri. — Foi ela que te fez mudar de ideia sobre o intercâmbio?

— Como? Afinal, teoricamente, só você sabia que ganhei o intercâmbio.

— Verdade. Tinha esquecido disso. E por que desistiu então?

— O bebê foi o motivo principal. Assim que descobri a gravidez, já sabia que teria que desistir. Seria, ainda mais, complicado criar um filho sem assistência nenhuma. Em outro país, outra língua, praticamente sem respaldo financeiro e pior, longe do pai... — *É bastante assustador.* — Só eu me virava, agora grávida? Não, não vou ser egoísta de submeter uma criança ao desconhecido dessa forma quando aqui ela será bem melhor cuidada e amada por

todos... Ainda não sou mãe, mas vou aprendendo.

— Você já é sim. E será muito boa nisso.

— Espero que sim. — Fecho os olhos. — Às vezes me dá muito medo. E você? Não fica pelo menos apavorado? De repente será pai.

— Ainda não. De certa forma eu queria isso há muito tempo e agora só consigo pensar: *Caraca! Vou ser pai finalmente.*

— Que bom. Vou deixar as fraldas e os primeiros banhos para você.

Ele me olha com os olhos arregalados.

— Agora estou apavorado.

Só faço rir. Homem sempre fica com a parte fácil. Tenho crises só de pensar em dar banho em um recém-nascido.

— Tá pensando — aliso o cabelo dele —, mas nosso filho não foi o único motivo. Comecei a gostar da ideia de ficar com você, assim juntinho, sempre que quiser, de ter uma família. Acho que acabei tendo interesse nos seus planos de morar juntos e nem percebi — digo brincando, mas com fundo imenso de verdade.

— Humm... não parecia isso quando propus.

— Mas agora é.

Ele ri da minha resposta bastante infantil me fazendo rir também.

— O que faço com você, Moleca?

— O que sempre fez. — Apoio novamente em seu peito olhando em seus olhos. — Cuida de mim. Me dá juízo e me ame. Sou a mesma de antes, a mesma por quem se apaixonou, só... Sei lá... Mais doida, grávida e com a espada do casamento sobre minha testa pronta para me rachar ao meio a qualquer momento.

— Falando assim, parece até que sou ruim para casar.

— Ah não! Você é muito bom e em vários locais e ângulos diferentes acabei de comprovar isso mais uma vez — digo maliciosa, descendo a mão até quase tocar seu pau, que infelizmente encontra-se adormecido.

— Safada.

— Sempre... Mas não se trata de você, só não quero ser forçada a casar por alguma armação da mamãe e quis tanto estragar os planos dela, que agi feito boba e estreguei os meus e os seus...

— Talvez não tenha estragado os planos de ninguém, só adiado — diz alisando toda a extensão dos meus cabelos até o meio das minhas costas. Gira o corpo me deixando por baixo. — Até que isso pode dar certo.

— Isso o quê?

— Nada... — beija a ponta do meu nariz. *Hummm. Detesto papos estranhos.* — Gostando do que estou ouvindo.

— Principalmente quando era um gemido acompanhado pelo seu nome.

— Com toda certeza. — Rimos juntos antes de nos beijarmos por um longo tempo. — Gosto do seu jeito. Não quero que perca isso.

— Seria mais fácil se você dissesse o que deseja de mim.

— Telly...

— Não, aliás, não diz nada. Não quero que volte atrás no tempo que pediu.

— Não?

— Não! Só quero um... Acordo.

— Acordo. — Afasta. — Que acordo?

— Confie em mim. Saberá quando começar.

— Um acordo com você às cegas?

— Isso.

— Os cabelos da minha nuca ficam arrepiados de pavor com essas suas ideias, principalmente quando me envolvem diretamente. Minha nuca clama para eu fugir de todos os seus planos e acordos.

— Sua nuca é uma traidora. Dei muito carinho para ela durante todos esses anos, deveria me apoiar mais — aponto indignada.

Quando eu meti alguém em furadas? Todos os meus planos e acordos são ótimos... Só alguns que as vezes saem do meu controle e acabo com lixo no cabelo ou grávida.

— Ainda que minha razão grite para não aceitar, meu coração diz que sempre irá confiar em você e sou obrigado a concordar com ele, já que não tenho opções.

— Opções você sempre tem. Escolha entre: sim, claro ou como você

quiser querida?

— Fico com: como você quiser querida.

— Ótimo. Não vai se arrepender.

— Já estou me arrependendo — murmura me fazendo rir.

Deito minha cabeça em seu peito ainda com um sorriso nos lábios, em algum momento ele adormeceu e fiquei um bom tempo só olhando-o dormir. Depois levantei e comi o resto do pão que tinha no armário com a sopa fria mesmo, que não vou dormir com duas fomes.

Quando estou satisfeita, coloco a louça na pia. Vou até o quarto, pego um edredom pois está um pouco frio, logo em seguida retorno meu lugar em seu peito, ele me abraça, me aconchegando e assim adormeço pensando no meu acordo com ele, ouvindo sua respiração ritmada e sentindo seu peito subir e descer sereno. Sem ao menos me importar que o tapete é totalmente desconfortável, pois estou no melhor travesseiro do mundo, os braços do homem que amo.



CAPÍTULO 23

VANESSA – PARTE 1

Acordo não muito tempo após adormecer, a claridade e a fome me impedem de continuar desfrutando dos braços de Tommy ou de *Morfeu*. Então levanto. Tommy ainda dorme, esse tem um sono que até a bela adormecida tem inveja. Coloco o Edredom direito sobre ele e vou escovar os dentes e tomar banho, espero que ainda tenha roupa minha nessa casa e graças a Deus tem. Já vestida, vou tomar o café da manhã. Ainda bem que tinha umas frutas, torrada e iogurte, porque só de pensar em fazer café minha fome passa.

Assim que termino o café, dou um beijo nele. Escrevo um bilhete "fofo": *"Comi metade de suas compras, mas o importante é ter saúde. Te ligo quando marcar a consulta. Adorei a noite e lembre-se do nosso acordo. "*

Estou quase saindo quando vejo o primeiro presente do bebê num canto da sala. Acho que no meio de nossas *peripécias* foi parar lá. Pego tendo a primeira ideia para nosso "*acordo*". Não sabia muito bem o que fazer quando propus, mas agora estou tendo umas ideias geniais. Vou até o quarto, retiro algumas roupas dele de uma das gavetas de seu guarda roupa, pego a *touquinha*, o conjuntinho e um par de luva e sapatinho, tudo da mesma cor, nem lembro de ter visto tudo isso quando ele me entregou de madrugada, no entanto, agora parece ainda mais lindo. Cheiro a primeira roupinha do meu bebê antes de colocar tudo bem arrumadinho na gaveta. Fico uns minutos me olhando no espelho, principalmente a barriga. Parece maior hoje. OK que comi *pacas*, mas gosto de pensar que já está crescendo.

Forço-me a sair de frente do espelho, preciso sair antes dele acordar, não quero que me veja, quero que veja só a surpresa. Será tudo feito sem explicação, ele terá que entender como eu tive que entender o que ele quer. Bom, pelo menos acho que entendi.

Saio da casa dele que ainda dorme e vou direto ver Belly no hospital, já são mais de meio dia, imagino que permitiriam minha entrada. Creio que amanhã finalmente será sua alta e vou poder babar em minha sobrinha de dia a noite sem interrupções.

Como previa, liberaram minha entrada e já entro no quarto da minha irmã sem bater. Vejo Belly sentada na cama com Malu no colo mamando. Nem me importo em cumprimentá-la, já vou deitando em um local vazio da cama e chorando minhas pitangas.

— Tommy pediu um tempo.

— Telly, levanta — ordena entre dentes. — Visitante não pode se jogar na cama da parida.

— Eu tomei banho agora.

— Levanta logo!

— Já levantei e só para constar, também estou grávida.

— Mais uma razão para não ficar igual pano de chão se jogando em todo canto.

— Tá. Tá. Tá. — Reviro os olhos. — Mas você ouviu o que eu falei? Sobre Tommy?

— Posso fazer nada *uai*. A única que pode é você.

— Nossa, até mamãe daria um conselho melhor.

— O que deseja que eu diga?

— Que tal: "Por que ele fez isso? Você é tão maravilhosa. "

— Diga o porquê, mas imagino que descobriu que você foi demitida e que seguiu ele no jantar de negócios, ou seja, você mentiu e omitiu. Falei para contar. Eu disse que ele ficaria virado, não entendo o motivo da sua surpresa.

— É, foi exatamente isso.

— Eu avisei.

— Mas também ganhei o intercâmbio — faço um barulho com a boca — e disse você não sabia.

— Parabéns? Eu acho... — diz meio sem saber o que falar. — E como está com tudo isso?

— Um tanto anestesiada.

— Até que você está encarando muito bem.

— Espera até ficar de noite. Será Marília Mendonça e Jorge e Mateus a noite toda com o som da batida das minhas lágrimas e soluços.

— Que drama!

— Sério. Irei passar a noite toda nos sonetos: *Oh meu amor, que amargura sinto em minha alma, porque o boizinho, pediu um tempo, mas como vou dar tempo para ele? Se o coração não tem relógio e nem o amor tem hora para amar.* — Coloco a mão na testa só para dramatiza ainda mais. — *Queria te*

dar espaço e o universo, porém meus passos só querem um jantar a luz de vela em frente a lareira de nosso lar. Responde meu amor. Como vamos dar um tempo se meus lábios que sentir o teu agora desenhando meu...

— Por favor né — interrompe meu momento lírico quase gritando. — Que castigo presa no hospital e ainda ouvindo uma poeta de araque nascer. Já vivi dias melhores.

Mais uma poeta de coração partido que os felizes e amados jamais irão entender.

— Quer trocar de vida? Você pelo menos tem dinheiro e emprego.

— Dou todo o meu dinheiro para você nunca mais recitar nada. — *Nem foi tão ruim.* — E de chifres já bastam os que eu imagino.

Como assim?

— Que chifres?

— Tempo? Quando ver, Tommy já estará com outra.

Sei que está brincando só pelo fato de estar segurando o riso, mas ainda assim não deixo de querer matá-la.

— Não sei porque vim te pedir conselho.

— Você não precisa de conselho. Tenho certeza que sabe o que fazer.

— Pode ser, mas não tenho certeza se é o certo. Preciso de outras opções.

— Tente, afinal, só saberá assim e lembre-se: não precisa de planos sempre, só seja você e o resto virá.

É, ela tem razão. Só vou saber tentando e sendo espontânea ao mesmo tempo. Difícil essa minha vida, que inveja da Malu, nem precisa se preocupa em limpar a bunda. Alguém sempre faz isso por ela. Começo a brincar com as mãos da minha sobrinha e crio coragem para pegá-la no colo. Não é tão mole quanto pensei. É tão... Tão emocionante, mesmo que ela pareça estar dormindo.

— Olha, pegou certinho. — Belly parabeniza. — Será minha babá oficial.

— Sonha com isso — rebato. — Contei a Tommy sobre a gravidez — digo passando o polegar no rostinho dela. É tão linda.

— Droga.

— Droga por quê? Não era para falar?

Por essa reação não esperava.

— Não é isso. É que apostei com mamãe que você ainda ia enrolar por uns quatro dias.

— Eu não enrolei. Só aconteceu várias coisas ao mesmo tempo.

— Sei... E aí, qual a reação dele? Feliz, imagino.

— Muito feliz. Amou a ideia. Até presente para o bebê rolou. Será um pai babão.

— Igual o amigo... Falando nisso, viu meu marido?

— Foi hospedar as irmãs dele em sua casa.

— Deus nos ajude a suportá-las.

— Amém. Espero sinceramente que Marcelo Castelli não apareça por aqui.

— Marcelo? Tá íntima do capeta agora?

— *Tá* repreendido. Só não vou tratá-lo com respeito chamando de senhor.

Malu começa a reclamar em meu colo se mexendo e chorando. Então, entrego ela para a mãe, a parte boa de quando o filho é dos outros, quando começa a chorar é só dar para mãe, mas quando a mãe é a gente... *Se correr o bicho pegar, se ficar o bicho come.*

— Já vou indo Belly. Mamãe e Ricky devem querer te ver também.

— Como estão as coisas entre você e ela?

— Não sei, não conversamos ainda. Não dormi em casa ontem.

— Onde dormiu?

— Com Tommy.

— Não estavam... Deixa para lá. Vocês são um casal muito confuso para serem entendidos.

— É muito amor envolvido. Sei que não iremos ficar separados mesmo com esse tempo.

— E você ainda pretende viajar para o Canadá?

— Não.

— E está feliz com isso?

— Nem feliz, nem triste. Seria difícil eu grávida sozinha no Canadá. E acabaria infeliz, prefiro minha vida como está... — *Aliás, como vou fazer ficar.*

— Sabe, tive medo em alguns momentos, que você entrasse em desespero e tirasse...

— Nem diz isso. Em nenhum desespero eu tiraria meu filho. Mesmo não planejando e mudando drasticamente minha vida, viagem posso fazer várias, mas esse bebê aqui — toco minha barriga — é único. É fruto da minha história de amor, é um presente e eu não recuso presentes. — Brinquei fazendo-a rir emocionada.

— Essa é minha irmã. Orgulho de você, Moleca.

Sorrio.

— Adoro conversar com você, me faz clarear as ideias. — Dou um beijo em sua testa. — Agora vou marcar uns exames, antes que Tommy faça isso. — Faço carinho na cabeça da Malu por cima da touca. — Tchau Malu.

Saio do quarto dando de cara com Tommy recostado na parede ao lado da porta.

Será que estava ouvindo a nossa conversa?

— Oi — cumprimento.

— Oi.

— Veio ver a Malu?

— Não... Sabia que estaria aqui... Quero... Preciso... — começa meio desnorteado. Enfia as mão no cabelo e observo que aparentemente nem os penteou hoje. Nem fez a barba. Nossa, nem sabia que ele saía na rua sem o básico. Conheço-o, sei que aconteceu algo grave e fico logo preocupada.

— O que aconteceu?

— Preciso que venha comigo.

— Detesto quando fala comigo nesse tom de advogado defendendo um criminoso. — Dou um beijo em sua bochecha. — Gostou da surpresa?

— Que surpresa?

Droga, ele não viu. Definitivamente aconteceu alguma coisa. Ele teria notado aquela bagunça.

— O que aconteceu com você?

— Não sei como te dizer... Só vem comigo. — Puxa-me pela mão em direção a saída do hospital.

— Tudo bem. Eu vou, mas vai pagar três hambúrgueres para mim como retribuição.

— Acredite. Não terá clima para isso depois, mas pago.

— Agora está me assustando. Fala de...

Ouçõ meu celular tocando me interrompendo, e ele nem precisa tirar do bolso para saber que é meu. Só o toque já entrega. O celular dele jamais teria Eminem como toque. No entanto, o pior nem é ele está andando por aí com meu celular no bolso, é que Tommy atender como se fosse dele.

Como assim? Desde quando? Nem percebi que tinha esquecido na casa dele e que bom que está íntimo do meu celular. Cara de indignação é pouco. Eu estou é besta com isso.

— Oi Vanessa.

Vanessa. WTF? Cadê o respeito e a consideração? As vagabunda estão ligando para mim para falar com ele. Agora estou entendendo essa história de tempo, já está até de caso com outra. É bom, já está em um hospital pois seria para cá mesmo que eu iria mandá-lo. Paro bruscamente puxando seu braço, quase jogando o celular longe.

— O que está acontecendo Thomas? Quem é Vanessa? É bom ter uma excelente explicação ou vou comer um prato chique no almoço: ovos mexidos a lá bicudas.

— Calma Telly. É sua irmã, por parte de pai.

Demoro um pouco para lembrar da enteada do meu pai, mas isso já me deixa em alerta. Nunca falei com essa *guria* e pelo estado de Tommy, não vou gostar da notícia.

— Vou perguntar pela milésima vez: o que está acontecendo?

— Te falo no caminho.

Ele sai andando e vou atrás. Meu Deus, vou ter um infarto. Alcanço-o já dentro do seu carro. Mil teoria se passa na minha cabeça e nenhuma boa. Minhas mãos tremem e meu coração parece sair pela boca.

— Pelo amor de Deus, fala o que houve ou vou ter um treco — peço colocando o cinto de segurança.

— Fique calma. Olha o bebê.

Fiquei mais nervosa só de ouvir isso. Segunda ou terceira vez que ele me pede calma hoje é motivo suficiente para ficar ainda mais nervosa.

— Fala tudo de uma vez, porra! — berro.

— É algo com seu pai...

— Meu pai? — interrompi.

Apenas a menção já fez o sangue correr gelado em minhas veias e meu coração falhar duas batidas. Já sabia que era algo com ele. Tento indagar mais alguma coisa, porém minha voz já saiu tão esganada para dizer essas duas palavras que até sentia uma mão no meu pescoço apertando, me impedindo de pronunciar qualquer outra coisa. Talvez a forte mão da culpa e do remorso.

— Não sei bem onde ou quando, sua irmã estava muito abalada e agora a ligação caiu antes que ela pudesse me dizer algo, mas... — Ele desvia os olhos para um ponto acima do meu ombro como sempre faz quando quer esconder suas emoções e vira o modo advogado que eu tanto detesto. — Seu pai sofreu um acidente de carro e...

— E? — pergunto sentindo as lágrimas inundarem meus olhos. Só conseguia pensar que ele havia morrido. Morrido. Sem nunca ter tido o meu perdão.

Não, por favor, isso não. Não iria suportar.



CAPÍTULO 24

VANESSA – PARTE 2

Ainda que eu esteja morrendo de medo e angústia, querendo e não querendo saber o que houve, fecho os olhos impedindo as lágrimas e em um fio de voz indaguei:

— Ele está... Meu pai está morto?

— Não. Ele está vivo, mas em coma. — As lágrimas escorrem em um misto de alívio e desespero.

— Isso... Não pode ser real... A imprensa teria noticiado e... Que brincadeira é essa Tommy?

— Jamais brincaria com algo assim sabe disso. — Inclina no banco me abraçando. — Eles abafaram tudo, não querem imprensa no local e é tudo recente. Não sei detalhes... Já disse, Vanessa estava muito nervosa e não estive com sua irmã. Ela irá te informar melhor.

— Preciso ligar para Ricky e minha mãe. Não é uma boa ideia falar para Belly, ela ainda não teve alta e com certeza vai querer vê-lo de qualquer maneira.

— Liguei para eles, já estão lá no hospital ou a caminho e liguei para Max também.

— Obrigada por pensar em tudo.

— Sempre. — Beija o topo da minha cabeça e depois meus lábios, um pouco mais demorado.

Thomas se ajeita em seu lugar de motorista e começa a dirigir. Encosto a cabeça no banco olhando pela janela sem prestar nenhuma atenção no trajeto.

Não pensava em nada até a primeira lágrima descer. Eu não tinha nada a ver com o acidente, mas me sentia culpada. Eu devia ter me reaproximando dele antes, mas sua rejeição machucou demais todos nós. Mais que isso abriu um abismo entre nós. Trocar os filhos por uma amante e pedir desculpas só depois de ser abandonado por ela foi demais para mim que já não o via como pai. Não conseguir perdôá-lo por ter sido tão babaca ao ponto de não ligar se os filhos talvez não tivessem o que comer.

E minha rejeição o ultrapassou e foi parar na Vanessa. Nunca quis conhecê-la, aliás, por muito tempo ignorei sua existência mesmo também sendo

inocente nessa história toda. Ela foi a família que ele escolheu, mesmo nem sendo filha de sangue.

No entanto, agora, tudo isso parece tão longe e pequeno. Só quero que ele fique bem.

Fecho os olhos e é triste não ter lembranças boas nossas. Aliás, até as ruins são escassas. Foram raras às vezes que o vi ou que falei com ele. Sinto a mão de Tommy em minha perna afagando e um sorriso nasce em meus lábios. Tommy sempre foi mais que um namorado e sei que se um dia deixar de ser, sempre será parte da minha vida.

— Vai ficar tudo bem — sussurra.

— E se não ficar?

— Irá ficar. Precisamos ter esperança e pensar positivo.

Olho para fora e vejo o enorme hospital, nem percebi que já tínhamos chegado. O carro mal para no estacionamento e desço imediatamente sem esperá-lo, ando de pressa quase correndo. Encontro minha mãe de braços abertos na porta da recepção e a abraço bem forte, que devolve na mesma intensidade. Acho que todo o *climão* pela minha gravidez foi superado e esquecido.

— Como está se sentindo filha?

— Péssima. Nervosa. Ansiosa. — Ela passa a mão pelo meu cabelo.
— Como isso aconteceu? Tommy não soube explicar direito.

— Ninguém sabe ao certo, só seu pai para nos dizer, mas ao que tudo indica, ele dormiu ao volante quando voltava para casa e capotou em uma curva.

— Já podemos vê-lo?

— Sim. Ricky está com ele, você poderá entrar assim que ele sair.

Olho uma mulher que está um pouco mais atrás de minha mãe em pé, próximo as cadeiras da recepção. Sei que é Vanessa. Ainda que nunca tenha a visto pessoalmente, só pela forma que olha para mim e seu estado: olhos fundos com orelheiras, bastante pálida, parece mais velha do que realmente é. Não a vi antes, mas com certeza sem essa capa de tristeza é uma mulher linda. Alta, com grandes curvas, olhos e cabelos pretos no estilo *chanel*. Bem vestida. Parece meiga e muito bem-educada.

— Oi — Vanessa me cumprimenta meio sem jeito. — Sou Vanessa.

Pareceu um robô.

— Oi Vanessa — respondo abraçando-a bem forte. — Aconteceu faz muito tempo?

— Têm uns cinco dias.

Nossa!

— Eu... Eu queria ter ficado sabendo antes.

— Ele está desacordado desde o acidente. Um amigo que trabalha aqui viu quando ele deu entrada com traumatismo craniano e ligou para mim... Tentei avisar para vocês antes... Você não atendia e não tenho o endereço de vocês ou outros contatos... — ela fala tudo muito rápido algumas coisas eu mal compreendo. — Tommy me explicou que não atende números desconhecidos. Tentei o Ricky, mas não ia. Descobri depois que o número dele mudou, não quis dar notícia para Belly por estar grávida e também não somos íntimas, só falei com ela umas poucas vezes...

Agora ela fala um pouco mais devagar, com a voz embargada de quem tem chorado muito ultimamente:

— Que bom que vocês vieram. Tenho certeza que ele irá ficar feliz em ouvi-los ou sentir a presença de vocês. Papai sempre gostou muito de Tom. — *Tom?* — Ficarão feliz em recebê-lo também. Sua mãe disse que Belly já teve o bebê. Ele irá gostar dessa notícia também. O marido dela esteve aqui, mas não entrou.

Ela voltava a falar tudo muito rápido e quase sem nexos. Parece estar em uma crise de ansiedade ou simplesmente ficou aqui todos os dias sem descanso e o cérebro está dando pane.

— Há quanto tempo está aqui sozinha?

— Desde o acidente. Somos a família um do outro. Bom, tenho um filho também, mas é muito novo. Está com a babá. Fiquei com medo de sair e...

Volto a abraçá-la para tentar acalmar seus sentidos. Não a conheço, mas parece estar em uma crise emocional. Contudo, a intimidade como falou de Tommy me deixei tão intrigada ou enciumada que não dava para simplesmente deixar para depois. Eles já se conheciam e preciso saber de onde.

— De onde conhece Thomas?

— Ele é advogado do seu pai há anos. Não sabia?

— Nosso pai — corrijo — e não, eu não sabia. — Olho para Tommy que vira olhando para trás como se não estivessem falando dele. Pode disfarçar,

mais tarde a gente conversa. Eu não recebi uma lição de moral dele para ele viver de segredinhos.

— No entanto, também não tinha o número dele. Os pertences do seu pai se perderam no acidente.

— Nosso pai. Não precisa ficar na defensiva, Van. Ele é seu pai também. — *Até mais que meu* completo em pensamento.

— Desculpe... É estanho, até ontem você me odiava.

Acho que Vanessa tem uma visão errada sobre mim e não posso culpá-la.

— Não te odiava, talvez um pouco quando tudo aconteceu, só ignorava tudo que viesse do José, principalmente você. — Abano a cabeça. — Vamos deixar o passado para lá... Já, já se acostuma. E bom, se é notícia boa que faz ele melhorar, tenho uma ótima. — Coloco a mão na barriga. — Estou grávida.

— Sêrio? — Confirmo com um leve aceno de cabeça. — Parabéns. — Abre o primeiro sorriso e vejo esperança em seus olhos. — Papai vai amar essa notícia. Dois netos em tão pouco tempo. Ele ama crianças, principalmente brincar com elas. Meu filho que o diga.

— Espero que ele possa brincar com os meus também por muito tempo.

Vejo Ricky vindo em nossa direção e corro para abraçá-lo bem apertado. Sei que além da dor, do medo de perder, ele sente culpa por não ter sido próximo quando teve tempo.

— Como ele está? — mesmo sabendo a resposta, não evito a pergunta idiota, no entanto, antes que ele pudesse me responder uma mulher me empurra e o abraça.

Só depois de três segundos de indignação percebo ser a Nayara, irmã do Max. Isso que é escancarar a porra toda e perder o medo do perigo. Meu irmão trazer a *crush* para o mesmo ambiente da nossa mãe. Não vai dar certo. Pelo menos já estamos no hospital, essa zona de guerra pode ter mortos ou feridos.

Eles se separam e tentam manter uma postura mais indiferente e profissional. Tarde demais. Essa bandeira que deram foi global.

— É uma cena forte — comenta respondendo minha pergunta. Agora

nem tem mais graça.

Nayara sai de fininho para perto dos demais que conversam encostados no balcão. Mamãe acompanha todos os seus movimentos com os olhos.

— Imagino... — Aproximo dele. — Já estão assumidos assim? — Aponto com a cabeça em direção a Nayara. Ele olha dela para mamãe, que olha dele para Nayara.

— Não começa a fantasiar. Estou de cabeça cheia já. E melhor você não entrar, está grávida...

— Gravidez não é doença. E vou entrar sim.

— Ok. Você sabe o que faz.

Não sei não, mas nesse momento não terei paz se não falar com ele. Estou com medo sim, de como vou encontrá-lo, mas ainda assim vou até seu quarto acompanhada pelo médico, que fala sobre o estado do meu pai que está confiante em sua melhora e outras coisas das quais não conseguir prestar atenção, no fim acabo ficando sozinha a porta do quarto.

Fico um bom tempo segurando a maçaneta fria e só depois de me encher de coragem entro, ciente de que vou lidar com uma forte cena e é exatamente isso que encontro. Meu pai intubado, ligado a elétrodos e cateteres. Seu rosto está bem machucado, sua cabeça, tórax e uma das pernas estão enfaixados. Coitado do meu pai.

Aproximo-me da cama e deixo um beijo com delicadeza em sua bochecha. Seu olho esquerdo está meio roxo. Fico imaginando o sofrimento da Vanessa em vê-lo no primeiro dia do acidente. Provavelmente ele estava em um estado pior. Deve ter sido muito doloroso para ela.

Por vários minutos não consigo dizer nada. Fico apenas ouvindo o som dos aparelhos que o mantém vivo. Vou acabar chorando e não quero chorar, quero só lhe dar boas notícias e parecer forte. Preciso ser forte. Tomo fôlego e abro a boca várias vezes tentando dizer algo que não me fizesse desabar:

— Oi pai. Se estiver me ouvindo, sei que já reconheceu minha voz, mesmo estando um pouco falha e mais aguda. Não se preocupe não estou triste. Só quero dizer que descobri sobre seu estado hoje e vim imediatamente te ver. E hoje descobri que mesmo achando que te odiava, eu te amo mais do que posso explicar ou até mesmo do que quero admitir — minha voz falha e faço uma longa pausa antes de prosseguir: — Quero que saiba que seus filhos e seus netos, a filha da Belly, da Vanessa e o que carrego em meu ventre estamos te esperando

de braços abertos para enchê-lo de beijos. Então acorde para poder conhecê-los e claro, me apoiar nisso tudo. Coloca juízo nessa minha cabeça oca e quem sabe poder me levar até o altar ou simplesmente me defender da mamãe. Sabe, estou grávida solteira e isso em algum lugar do planeta dela é um crime terrível e imperdoável. — Sorrio. — Então, vou precisar do senhor para me defender dela. — Meu sorriso logo vira choro — Só acorde, por favor.

Solto sua mão e caminho depressa para fora do quarto chorando alto. Encosto na porta, tentando controlar a vontade de gritar. Gritar bem alto. Sinto braços forte me envolver e não preciso olhar para saber quem é. Nossas peles se conhecem tão bem que basta uma tocar a outra para dispensar qualquer apresentação ou outro sentido.

— Não chora — sussurra —, não chora pois acaba comigo não poder te consolar.

— Acha que ele vai ficar bem?

— Tenho certeza disso.

Fico no seu abraço por um longo tempo. Sentindo seu cheiro e seu calor, acalmando meu próprio corpo.

— Não vou perder a esperança. — Enxuguei as lágrimas com confiança. — Ele irá acordar.

— Isso. — Beija demoradamente minha testa, depois a boca. — Pode contar comigo sempre e a qualquer horas.

— Obrigada. — Abraço Tommy novamente. — Por estar aqui comigo.

— Sempre. Sou seu melhor amigo e companheiro para todas as horas. Lembre-se disso.

Devo ter feito algo muito bom em algum momento da vida para merecer um homem como esse.

— Vai entrar para vê-lo?

— Não. Ele já recebeu muitas visitas hoje. Prefiro te levar para casa e depois avisar que não trabalho mais no escritório.

— Depois vou para casa. Quero fazer algo antes.

— Está dormindo mal, comendo mal... Telly...

— Eu vou me cuidar. Pode ir.

— Tem certeza? Posso realmente te deixa em casa e fazer algo para

você comer.

Em outra ocasião eu não dispensaria, mas agora, só de imaginar comer me dar náuseas.

— Ficarei bem. — Esbocei um sorriso antes de deixar um beijo em seus lábios. — Te ligo qualquer novidade.

— OK... Venho vê-lo mais tarde e te levar para casa, caso ainda esteja aqui. Precisa comer e descansar direito. Pense no bebê.

— OK, capitão. — Bato continência. — Te amo. Muito.

Tommy faz uma cara de surpresa como se eu nunca tivesse dito isso antes ou como foi na primeira vez que eu disse. Sei que está algo indefinido entre nós dois, mas nesse momento aprendi a dar valor a pessoa que está comigo. Caso meu pai se for agora, ele irá sem nunca ter escutado essa frase, no entanto, ele não esteve comigo como o homem a minha frente e se algo acontecer, quero que Tommy saiba o quanto é amado por mim. Ainda que ele não diga também. Observo Thomas caminhar para longe de mim, sem me responder, já ia reclamar, quando ele para, vira e diz:

— Eu também te amo. Muito — diz com um sorriso de lado e então continua seu caminho.

Olha para a porta do quarto onde meu pai *dorme* e penso na Vanessa. Hora de me aproximar dela. Preciso conhecer a irmã que por muito tempo ignorei. Tenho um sobrinho e nem sabia. Já passamos muito tempo separados por besteira então, nesse momento de dor é o momento ideal para nos unir. Sei que ela sofre mais que todos nós por ter crescido ao lado dele. Meu pai foi um safado, um babaca, covarde e mau caráter, mas... Todos tem razão, preciso perdoar o passado. Só assim vou seguir em frente com maturidade.

Vou ser mãe e sei que a rejeição de um filho dói tanto quanto de um pai ou uma mãe. Quando meu pai se arrependeu, sua rejeição doeu nele tanto quanto em mim. E isso também me faz lembrar a Letty, com ela também não fiz o menor esforço para ter uma relação. Pelo contrário, aceita de boa a distância que ela impôs.

Suspiro caminhando de volta até a sala da recepção. Foco apenas na Vanessa sentada em um dos sofás, com um copo de água nas mãos olhando para frente. Aposto como ela está lembrando os momentos bons.

— Vanessa. — Sento entre ela e meu irmão, mamãe está a nossa frente ao lado da Nayara que mexe no celular distraída e imponente, toco sua perna e

seguro a mão de Ricky. — Me fale um pouco sobre você. — Sorrio para sua cara de interrogação. — Quero conhecer minha irmã mais velha, meu sobrinho e recuperar o tempo perdido.

Emocionada, ela sorri e novamente posso ver um brilho de felicidade em meio ao mar de tristeza que reflete seus olhos. E isso aquece meu coração.



CAPÍTULO 25

COMO ASSIM PARABÉNS?

Dias depois...

Olho a parede branca do quarto de hospital já me sentindo tão íntima dela. Por alguma razão queria fazer uns rabiscos. Desenhar esperança nas paredes, quem sabe assim ela revive dentro de mim, pois me sinto como a parede: em branco, precisando de alguém para me colorir nesse momento.

Já se passaram sete dias desde que soube do acidente do meu pai e durante todos esses dias vejo essa parede branca diariamente. Uma semana que só faço vigiar o sono do meu pai.

Somente agora entendo Vanessa por não querer sair de perto dele. É como se papai fosse partir caso não esteja por perto. Cuidando ou zelando seu sono. É como se nossa presença aqui estivesse mantendo-o vivo. E o meu caso é ainda pior, sei que se ele se for ninguém vai me contar por eu estar grávida.

Direciono o olhar para a máquina que mostra seus sinais vitais lembrando daquela tarde, há sete dias, em que eu e Vanessa passamos um longo tempo conversando e de alguma forma aquilo nos deixou mais fortes e confiantes por alguns dias. Uma tarde juntas parecia que nos conhecíamos a vida toda. Também não é para menos, conversamos muito e quase não reconheci a menina acanhada e ansiosa que encontrei. Ela confessou que sofria de ansiedade, mas fazia tratamento regular.

Falei sobre mim, principalmente sobre minha ligação com Thomas que ela demonstrou muita curiosidade pois papai dizia ser algo só nosso. Falei um pouco mais abertamente sobre os motivos que me levaram a não aceitar a família construída por ele e ela foi compreensiva mesmo querendo defender o homem que a criou do indefensável. Quando mais precisamos de um pai, José não estava e isso não pode ser mudado ou apagado. Entretanto, concordamos que ela é inocente nisso tudo e quero fazer parte de suas vidas de agora por diante.

Mamãe, como sempre intrometida, começou a falar de casamento, de como Belly casou graças a ela – como se o mérito quase ou todo não fosse de Max que conquistou minha irmã mesmo no meio de uma armação – e que ela é excelente em arranjar marido. Aproveitou para dar aquela alfinetada no meu irmão dizendo que maridos sim, esposas não. Vanessa ainda brincou que pagaria até se trouxesse o marido amarrado para ela também em vinte dias. Melhor que ela não duvide do poder de dona Amélia.

Foi uma conversa libertadora e descobri muito sobre minha outra família. Só não conheço seu filho ainda, mas vou conhecer em breve. Assim que reorganizar minha vida e tomar coragem para sair de perto da cama de meu pai. Quem diria que eu acabaria amiga de uma irmã que até ontem eu ignorava a existência. Se me perguntassem sobre ela, juro que não saberia responder se estava viva ou não, como era ou até seu nome. Apaguei-os da minha vida quase que completamente ou fingi bem até para mim mesma que não existiam.

Só fiz contato com meu pai pela Belly pouco tempo atrás quando resolvi aceitar a pensão para que ela pudesse viajar tranquila e parar um pouco de se sacrificar por nós. Sei que ele já pagava para minha mãe mesmo com minha recusa e era assim que ela pagou minhas faculdades e algumas dívidas da casa. Não supre a presença paterna, não apaga o que ele fez, mas foi uma ajuda de qualquer forma. No entanto, desde que aceitei o dinheiro gastei muito pouco por orgulho mais do que por não precisar, só que agora estou grávida e será um dinheiro bem-vindo. Dará para investir no que eu pretendo fazer no futuro próximo e no meu bebê, já que o pai dele também está em uma fase ruim.

Porém, para todos os meus planos, antes preciso do meu pai, para poder ficar bem novamente comigo mesma. Os médicos estão confiantes em sua melhora, mas meu pai ainda está instável. Hora ou outra demonstra algum sinal. Mexe o dedo, a mão ou olhos e ainda que os médicos afirmem que são espasmos musculares, gosto de pensar que é ele tentando voltar para nós, que é um sinal de que está acordando.

Às vezes eu converso com Vanessa para ficar com ele e papai reage melhor a sua presença. Ela diz que seu batimentos aceleram ao ouvir sua voz, só que ela teve que assumir os negócios ou parte dele por isso eu fico mais tempo aqui. Ricky também ficava, mas partiu ontem. Era inevitável ter que voltar ao trabalho, contudo, liga diariamente querendo novidades e para me aconselhar a retomar a rotina também, pois essa que estou só iria destruir minha vida. E ainda que esteja ciente disso, permaneci diariamente no hospital, saindo apenas esporadicamente, pois tenho um acordo às cegas com Tommy para cumprir.

Eu sinto, quando estou fora desse quarto, que não estou preparada para voltar e encarar a vida de frente. Belly está feliz em sua ignorância. Ela ainda não sabe do acontecido, desconfia mesmo eu tentando disfarçar, com a gravidez estou emotiva e várias vezes ela me pegou chorando, nas raras vezes que fui em casa descansar. Na grande maioria vou na casa de Thomas.

Tommy tem sido meu alento e foi inevitável não estarmos juntos. O tempo e espaço foi esquecido, assim como as brigas, mas a necessidade

continua. Eu quero ser sua namorada sem ele ter a menor dúvida de que sou sua melhor escolha. Como sei que ele é a minha e durante esse período difícil da minha vida nossa história, nosso amor se firmou em mim como para vida toda.

Thomas é o único – mamãe está cuidando da Belly, da Malu e de outras *coisitas* – que vem todos os dias ficar nem que seja por alguns minutos fora do horário de visitas comigo e só falta babar na minha barriga. Desde que ela começou a aparecer, ele a olha com admiração, quase como se pudesse ver em seu interior cada detalhe do bebê.

Para o desespero geral da nação, ainda não comecei o pré-natal e isso é motivo de brigas entre nós. Tommy, às vezes, ameaça me arrastar até um consultório ou pedir na justiça um mandato. Mas é aquilo, tenho medo de sair e o pior acontecer. É como se estivesse ligada a ele por um cordão umbilical invisível que não pode ser rompido.

Suspiro encostando na porta. Com a boa maré que estou, vou acabar tendo varizes além das estrias de tanto ficar em pé. Mesmo tendo um pequeno sofá no canto do quarto, não consigo ficar sentada, parada, preciso ficar andando para lá e para cá. Ao menos estou sem salto.

Vou pedir para mamãe ficar uns dias aqui para ver se enche aquela bunda *à la* Paola Oliveira de estrias, em alguma momento ela terá que ter. Não dar para ter aquela bunda lisa toda vida.

Sorrio do pensamento bobo, mas é saudades da minha mãe, não tenho passado muito tempo com ela e como Dona Amélia sempre foi muito presente, ocupa um imenso lugar no meu dia a dia que faz uma baita falta. Acho que isso será o que eu mais vou sentir falta quando sair de casa. Das maluquices e da presença diária da minha mãe. Aquela que está comigo até nas mais loucas ideias e sempre arranja uma maneira de deixa os filhos felizes.

Olho para o sofá e vejo o livrinho que Vanessa lê para nosso pai. Ela diz que papai parece gostar de ouvir sua voz narrando as histórias, que seus batimentos aumentam. Às vezes isso também acontece quando eu converso com ele, ou em outras quando ajudo nos alongamentos ou a mudá-lo de posição.

E há momentos como esse que fico apenas em silêncio. Não sinto falta de dizer nada. Gosto desses momentos com ele e tem trazido esperança e boas lembranças.

Ouçó batidas na porta e antes mesmo que uma enfermeira avisasse, eu sabia ser o fim da visita. Mesmo que estejam abrindo exceção me deixando ficar por muito tempo, ainda assim preciso deixá-lo alguns momentos sozinho.

Saio da sala para ir até um restaurante próximo almoçar, depois ir em casa tomar banho, trocar de roupa e voltar para o hospital, porém assim que fecho a porta vejo tudo girar e sou obrigada a quase sentar no chão. As tonturas e os enjoos voltaram com força nos últimos três dias, creio ser a rotina maluca que estou.

— Está tudo bem? — Tommy indaga preocupado me amparando e assustado. Não esperava encontrá-lo aqui perto da porta do quarto.

— Estou bem, só uma leve tontura, mas já passou — tento tranquilizá-lo.

Respiro fundo e percebo ele me olhando com a pior cara de repreensão do mundo.

Tommy tem passado bastante tempo procurando emprego, por enquanto está com uns clientes fiéis a ele que preferiram romper com o escritório e continuar só com ele. Isso fez Thomas começar a cogitar a ideia de ter seu próprio escritório e anda empolgado com essa ideia, mesmo não sendo algo que se construa da noite para o dia. Sei que ele vai conseguir e comigo ao seu lado.

Ele ainda não notou meus planos com aquele acordo, estou sendo sutil para ele só descobrir quando estiver tudo certo entre nós. Estamos *renamorando* um ao outro do jeito certo dessa vez. Mando flores para ele, não tem muito o que dar de presente para homens. Ou me dou linda e loira saindo de um bolo ou dou roupa e isso não cabe no meu orçamento. Então, vai flores mesmo que maior parte pego no jardim da casa de minha irmã.

Tommy também aderiu essa minha iniciativa e traz flores e chocolates para mim praticamente todo dia. É algo que ele fazia muito no início e acho que eu não valorizei, mas agora me certifico de ser grata por cada gesto romântico seu.

— Isso é seu corpo dando sinal de que precisa ir ao médico.

— Oi para você também. — Dou um selinho em sua boca. — Hoje não tem flores?

— Hoje não, prefiro que venha comigo buscar.

— Humm.

— Fica aqui não vai resolver nada. E hoje você não vai me dobrar. — Segura minha mão me puxando. — Vai ir na consulta sim, cansei de remarcar.

— Tom...

— Sem Tom. Sem Tommy. Sem mas. Sem menos. Sem *amanhã eu vou*. Você vai na consulta hoje até amarrada e/ou arrastada por mim e o corpo de bombeiros inteiro se for preciso. — *Eita! Fala isso não, senão vira fetiche*. — Tá me dando nervoso ver sua barriga crescendo sem fazer os exames necessários. — Ele continua me levando para algum lugar enquanto fala: — Não vai adiantar nada... Se você perder o bebê.

— Não fala uma coisa dessas nem como hipótese. Meu Feijãozinho é tudo para mim.

— Então vamos cuidar melhor para ele se desenvolver com saúde. — Passa as mãos nos cabelos em um gesto nervoso.

— Ok. Eu me rendo. Vamos à consulta.

— Aleluia. — Joga as mãos para o alto. — Foi uma parte das minhas economias, mas consegui marcar em um bom consultório e o melhor de tudo, aqui perto.

— Você está muito mão de vaca. Eu sei que você tem um boa grana guardada, pare de chorar miséria.

— É a crise. — Dá de ombros. — E tenho certeza que notícias do bebê fará bem a você e ao seu pai.

— Isso é. Então vamos lá, talvez dê até para descobrir o sexo do bebê e sem economias se for menina.

— Para sempre né, porque mamãe gosta de gastar, *fifilha* também vai gostar. — Ele ri apertando meu nariz. — Mas se for menino vai ser advogado como o pai.

— Ninguém merece outro metódico.

— Independente do sexo e da personalidade, espero que venha com bastante saúde e que vamos até transar para comemorar.

— Tá safado hein.

— É saudade. — Segura minha cintura. — Minha namorada tem me evitado muito ultimamente.

Não tenho evitado, só não tenho vontade para isso. Nunca pensei que diria isso.

— Ela está dando seu tempo. Para não te confundir mais.

— *Touché.*

Thomas ri, olha para os lados certificando que ninguém presta atenção na gente e rouba um beijo meu.

Caminhamos para fora do hospital e só de perceber que tem um lugar especializado do outro lado da rua torna minha recusa em não querer sair de perto do meu pai bem humilhante. Espero que meu filho não sofra nada por isso.

Thomas e eu atravessamos a rua já ficando em frente ao lugar. Não é tão grande quanto o que meu pai está, mas parece tão limpo e organizado quanto o outro.

Sentamos em uma das cadeiras na sala de espera e noto que há poucas mulheres, umas quatro ou cinco, todas sem acompanhantes. Não sei se por opção, só que estou grata em ter o pai do bebê comigo nesse momento.

Não demora muito e uma mulher bem bonita e simpática nos informa para aguardar uns instantes que logo seremos atendidos pelo doutor. Olho para ela, que tem os cabelos estilo chanel, me fez lembrar de Vanessa e que ainda não falei com Tommy sobre ele ser advogado do meu pai e nunca ter mencionado isso.

— Tommy. — chamo virando para ele. — Por que não me contou que era advogado do meu pai?

— José me fez prometer não dizer nada.

— Simples assim?

— Não estávamos juntos ainda quando ele me procurou pela primeira vez. Você tinha quase dezessete anos, eu acho. Ele queria saber se nós dois...

— Se estávamos juntos.

— Isso, sua mãe tinha falado da nossa proximidade, sou mais velho que você, então ele veio querendo ser pai. Conversou comigo sobre isso e alguns anos depois quando ficou mais evidente que rolava algo entre nós e realmente rolava... Acabou pedindo para me informar mais sobre você. Como recusei, ele me contratou para ficar por perto e de qualquer modo, puxar assunto e saber sobre você

— Você pediu um tempo quando descobriu que eu omiti de você sobre o emprego e omitiu tudo isso.

— É diferente.

— Diferente o caralho. Toda aquela lição de moral para cima de mim e

é um mentiroso. — Tento me controlar para não gritar ou voar em sua garganta.

Falso moralista! Hipócrita! Cuzão!

— Nunca menti. Você nunca me perguntou nada. — *Ele não disse isso.* — E seu pai me fez prometer que não comentaria nada nunca, para ninguém, principalmente para você e sempre cumpro minhas promessas. Não fiz para evitar brigas ou porque você não ia gostar, até porque ele como cliente, eu não tinha muita escolha. — *Até que faz sentido.* — E sabe que nessa história sua com ele eu sempre estive do seu lado.

— Não é o que parece.

— Nunca falei mais do que ela está bem. Respeito sua decisão em relação a ele, sei que fazia falta, mas não foi correto o que ele fez e nunca fiz ponte entre vocês, pois sei que um dia no seu tempo você iria acabar perdendo sem minha interferência. Seu pai fez a cagada com os filhos ele que lute para conseguir o perdão deles.

— Traiu minha confiança do mesmo jeito.

— Desculpa Moleca, não foi minha intenção e não quero brigar com você. — Beija meu pescoço querendo fazer média. — Não aqui. Não hoje. Não agora.

— Também não quero brigar com você. Tipo, nunca mais... Estou nervosa e tudo isso me deixou mais nervosa. — Seguro a mão dele. — Acha que fui uma imbecil com ele?

— Não, não foi, qualquer um no seu lugar teria rejeitado, eu inclusive. Ouvir do próprio pai que não somos seus filhos para um adulto é doloroso, imagine para uma criança... Mesmo escutando sem querer. — Ele faz um carinho no meu rosto. — E antes disso, você nunca teve a presença paterna dele. Eu também apagaria da minha vida se estivesse no seu lugar. É difícil pedir perdão, mas perdoar é mais difícil ainda.

Como dizem: quem bate esquece, quem apanha não. No entanto, é bom ouvir que não fui idiota egoísta. Às vezes me sinto um monstro. Um monstro que antes dessa angústia era ele. Era assim que ele me parecia.

— Sim, mas ele pediu e demorei para perdoar. A última vez que o vi fora da cama de hospital foi no casamento da Belly e nem falei com ele e a Vanessa, eu esqueci da existência dela completamente... E ela é inocente nisso tudo.

— Eu te entendo. Tudo isso. Eu entendo seus motivos.

Sabe aquela fase do relacionamento em que você pensa que está cada dia mais apaixonada pelo cara? Estou vivendo essa. Às vezes, minha vontade é ajoelha e pedir Thomas em casamento. Graças a Deus, antes que eu faça essa burrada, uma atendente interrompe nossa conversa avisando que é minha vez, nos encaminha até a sala, troca algumas palavras com o doutor saindo em seguida.

Assim que ficamos a sós com ele, o médico foi logo fazendo várias perguntas, passando milhões de exames com certa urgência. Repreendeu-me por não ter começado o pré-natal assim que descobri a gravidez que já está um tanto avançada. Passou orientações e mais sermões.

E finalmente, pediu para que eu deitasse na cama e abrisse o short, para fazer uma ultrassom. Esse é o momento que eu tanto queria.

Fiz imediatamente o seu pedido e Paulo, o obstetra, logo passou um tipo de gel gelado na minha barriga me fazendo olhar para a tela, antes mesmo das imagens começar, como se não quisesse perder um segundo do meu Feijãozinho. Quase esqueci de Thomas tamanha era minha ansiedade.

Continuo olhando a tela, porém é difícil identificar os traços. Ver o bebê ali deveria precisar de um olhar cirúrgico, mas o coração sim, ouço bem e o som enche o ambiente. Um som forte que funciona como a mais linda melodia para meus ouvidos.

Uma lágrima de felicidade escorre pelo meu rosto, como no sonho, olhei para Tommy que me olhou emocionado. Estendo a mão para ele que aperta tornando esse momento ainda mais nosso.

— Nosso Feijãozinho — sussurrei fazendo Tommy rir.

— Sim, nosso Feijãozinho — a voz dele soa embargada.

Encaro a tela buscando mais detalhes, porém já vi umas cinco mãos ou pé e algo parecido com cabeça e pernas fechadas. Sou péssima nisso. Ainda bem que nunca tentei medicina, seria humilhada logo no primeiro dia.

— Já dá para ver o sexo do bebê, doutor? — indago, pois se depender de eu perceber qual é, ficaremos aqui até a copa de 2026.

Doutor Paulo parece não ter escutado minha pergunta, pois presta atenção no monitor enquanto desliza o aparelho sobre minha barriga para lá e para cá. Seu cenho está franzido e ele está focado no que faz. *Ótimo, estou tomando um gelo do médico.*

Olho para Tommy indignada com seu silêncio enquanto o médico me

deixa no vácuo, no entanto, ele também parece intrigado ou seduzido pelas imagens na tela. O silêncio no ambiente me deixa angustiada.

Merda! Só eu que não consigo entender nada?

— Está tudo bem com meu bebê? — Tornei a perguntar quase berrando. Do jeito que tenho levado *pisão* nessa dança que é a vida, já estou pensando no pior.

O médico continuou focado na tela por uns segundos. Depois vira para mim com aqueles expressões de médico de novela que mesmo sendo coisa boa parece coisa ruim.

— Está tudo bem sim, está tudo bem com seus bebês.

Bebês?

— Bebês? Tipo plural de bebê? Mais de um?

Deus me ajude que esse "S" no final de bebê signifique que meu bebê está com muita saúde. "S" saudável até demais, porque se for de dois bebês podem preparar meu caixão. Se não morrer agora, morro depois quando estiverem na adolescência.

— Sim, a senhorita está grávida de trigêmeos. — *TRIGÊMEOS!* — Parabéns! — declara com um largo sorriso no rosto.

Trigêmeos? Tri de três. Gêmeos de bebês. Três bebês juntos. Três bebês chorando juntos. Três bebês fazendo cocô juntos. Como assim parabéns?

Antes que eu pudesse indagar ou balbuciar qualquer coisa, dizer que ele está completamente louco, impossível eu estar grávida de trigêmeos, ouço um baque e viro assustada para ver o motivo do barulho ou grata por talvez ser o mundo finalmente acabando e me livrando de arrancar a roupa e sair completamente nua e louca, sem rumo, pelas ruas da cidade, mas percebo que é algo pior... Não creio! Não acredito que Thomas desmaiou.



CAPÍTULO 26

SMMA

Ainda olho para o candidato mais forte – ênfase no *mais*, porque no forte depois de hoje ficou difícil – a se torna meu marido *estatelado* no chão e tenho vontade de socar o rostinho lindo dele.

Como assim Brasil? Nem eu desmaiei. E olha que só de imaginar as dores do parto e o pós-parto... Deus, que tenha piedade de mim. Belly teve uma só e quase morreu imagine eu com minha penca de filhos? Sim, só de imaginar, minha vontade é deitar desacordada ao lado dele e de preferência em posição fetal para ver se a vida tem pena de mim. Queria. Adoraria, mas diferente de Tommy que sucumbiu apenas ao peso dos boletos futuros ou da onda de choro e cocô que está por vim nos soterrar, eu fiquei firme.

— Doutor, tem certeza disso? O senhor pode ter passado o *treco* em outro lugar... Sei lá — tento argumentar mais com a vida do que com o obstetra.

Três filhos? Pegou pesado na lição hein destino? Eu já aprendi. Já cresci e já amadureci, podia ter dado um desconto. Uma hora a vida poderia me dar um desconto.

Doutor Paulo ri do meu comentário e balança a cabeça negativamente, incrédulo e ao mesmo tempo divertindo-se com a situação. OK. É uma teoria ridícula, mas é fácil ri quando não vai ter três filhos logo de cara.

— Sim, eu tenho certeza, inclusive gravei o vídeo do seu ultrassom e tem as imagens que serão impressas. Pode passar por outro obstetra para ter uma segunda opinião, se esse for seu desejo, no entanto, creio não ser necessário, pode ver claramente no ultrassom os três bebês.

Quem pode ver claramente? Eu que não sou.

— Não sei o que fazer com essa notícia — digo com uma voz chorosa que até em mim causou espanto.

Não surta!

— Comece se acalmando — aconselha limpando o gel da minha barriga, logo em seguida me ajuda a descer da cama.

Acho difícil me acalmar nesse momento, ainda assim respiro fundo. Fecho meu short e os olhos.

Queridos filhotinhos, será que podem fica na barriga da mamãe por

uns vinte meses? Eu estava quase me sentindo preparada para um. Um apenas. Agora três? Só fazendo faculdade, cursinho profissionalizante de como ser mãe de múltiplos e muita terapia. Alguém funda a SMMA (*Sociedade de mães de múltiplos em apuros*).

— Vou me acalmar — anuncio. — Pode, por favor, acordar o frouxo do pai? Não respondo por mim se eu tiver que fazer isso. — Peço e estou tão perto dele que merecia um *pisão*.

Dr. Paulo sorri novamente e apesar dele já ter passado, aparentemente, dos cinquenta anos, percebo que é charmoso quando sorri.

— Acredite. Essa reação é mais comum do que a senhorita pensa e muitas vezes nem são mais de um bebê.

— Pior que eu acredito.

Homens! Valentões quando estão bêbados, mimados diariamente, mas só a menstruação atrasar que viram anjos, todo dia cantando uma canção diferente para Deus ou santos cheios de promessas e o mais comum, viram mutantes com o poder de desaparecer do mapa. Pelo menos, os que caem desmaiados na consulta por, talvez, não aguentar a emoção, são perdoáveis. Tem piores por aí provando que nem sempre todos são iguais.

— Dê um desconto para ele.

Um médico não deveria estar mais preocupado com uma pessoa desmaiada?

— Eu até dou, mas o que faço da vida agora?

— Durma. Durma bastante e namore também, em pouco tempo isso será um privilégio. — *Até o médico me zoando. Que fase essa minha.* — Senhorita Oliveira, uma gravidez de múltiplos não é comum ainda mais naturalmente, na primeira gravidez e para sua idade, mas acontece e pelo que contou no início da consulta, a senhorita é gêmea.

— Sim.

— Pode ser fator genético você ter a tendência genética a ovular mais de uma vez no mesmo ciclo ou até mesmo por causa de algum medicamento que está tomando...

— Preciso parar de tomar remédio, até agora só foderam com tudo.

— Precisa parar de se automedicar, acredito que se não sabe dos efeitos colaterais, nem deve ter passado pelo médico ou no mínimo ter lido a

bula.

Nossa! Dá tempo de fazer companhia para Tommy no chão? Que rasteira! Vai com calma, doutor, que minha coluna não é boa para aguentar tanta voadora.

— Tem razão. — Limito-me a concordar.

— Vou encaminhá-la para um médico materno-fetal. Toda gravidez de múltiplos precisa de cuidados e acompanhamento especial e redobrado. Entretanto, lembre-se a maior cuidadora dos seus filhos é você. Todo cuidado é pouco para que eles não venham nascer prematuros, abaixo do peso ou qualquer outro problema. Os riscos em gravidez como a sua são altíssimos. — Respiro fundo prestando atenção em cada palavra. Estou ciente dos riscos. — Por isso não deixe de ir às consultas.

— Prometo não falta. E o sexo?

— Não consegui ver, estão com as pernas fechadas, mas posso afirmar que são gêmeos *trivitelinos*, portanto, não são idênticos e podem ter sexos diferentes.

— É claro que não são idênticos. Um vai me dar mais trabalho que o outro.

— E — enfatiza me interrompendo —, a senhorita está de 14 semanas. Se cuide bastante, bem mais, não deixe de ir às consultas e qualquer anormalidades não hesite em procurar seu médico. Vou falar com seu namorado também para que ele lembre de suas consultas. — Escreve algo em um pedaço de papel. — Sua saúde e de seus filhos depende muito de você. É uma responsabilidade, principalmente sua, cuidar muito bem deles. — Ele me encara — Mais alguma dúvida?

— Sim. Por que eles não se mexem?

— Se mexem sim, desde a 7ª semana de vida, é que são movimentos tão suaves e como é sua primeira gravidez, a senhorita não consegue sentir ou identificar, pensa ser gases, fome, cólicas e até mesmo seus órgãos. Não se preocupe, como a senhorita não tem muita gordura abdominal, com 16 semanas já estará sentindo-os com certa nitidez. Algumas mães relatam ser uma sensação como borboletas voando ou bolas de ar.

Ouçó tudo atenta, tentar prestar atenção em algum movimento deles. Não vejo a hora de sentir.

Enquanto isso, no conto de fadas... Thomas segue desmaiado. Minha

vontade é ir embora e deixá-lo aí virar o capitão América e passar trinta anos dormindo ou então, acordar na base da bicuda. Isso tudo é culpa dele. Eu era virgem. Quase uma santa... OK, não era para tanto, mas era virgem.

— Doutor, será que o senhor pode armar uma rede para ver se o Thomas já emenda à tarde com noite e dorme melhor até a ninhada fazer dezoito anos?

O médico ri mais uma vez e agradeço por ele ter senso de humor, abaixa ao lado de Tommy antes de anunciar:

— Não tem necessidade, ele já está acordando.

Olho para Thomas, que pisca os olhos tentando se situar, com a pior cara do mundo. Nem a Cuca ganha de mim. *Palhaço, perdeu a consulta toda.*

— Trigêmeos... Isso foi verdade? — indaga já de pé. *Ah, uma rasteira.*

Enquanto isso, minha cara só piora. Tá atrasado no assunto querido.

— Sim, o senhor será pai de três. E por favor, não desmaie de novo. — Ri e pelo jeito é o único se divertindo com a situação. — E faça sua namorada fazer todos os exames e se alimentar bem. Cuidados redobrados agora. Já dei algumas orientações a ela, vou repassar para você e vocês podem pegar meu cartão na recepção.

— Vou cuidar deles muito bem. — Beija meus cabelos, mas eu permaneço de braços cruzados com cara de zero amigos.

Eu que não o quero comigo na hora do bebê nascer. Em vez de fazer o meu parto, vão é ficar reanimando o pai da criança. Não era ele que queria ter filhos, pois deveria estar pulando de alegria, vai ter logo é três de vez e vai trocar fraldas todos os dias.

Dr. Paulo realmente repassa todas as informações para Tommy. Fez outras recomendações, passou exames e mais exames e mais recomendações. Até me senti uma criança de tanto que ele orientou e repetiu.

Assim que saímos da consulta sem quase nem lembrar meu nome, fui direto em direção ao estacionamento do hospital onde presumo que esteja o carro de Tommy. Só queria ir para casa.

— Vai ficar no hospital? — Thomas questiona me seguindo de perto.

— Não. Quero ir para casa. Preciso mudar minha rotina e principalmente, pensar em tudo que me espera. Tenho que fazer muitas coisas antes dos bebês nascerem.

— Três! É um pouco assustador, não é? — questiona me segurando pelo braço tentando me fazer andar mais devagar afim de me acompanhar na caminhada. Estava já quase correndo.

— Um pouco? E você desmaiou, imagine se fosse muito. — Viro para ele já na entrada do estacionamento — O que precisa acontecer para você ficar assustado? Não é pouco, é mega assustador. São três filhos, para um casal com zero experiência, sem espaço e sem emprego.

— Confia em mim?

— Sim... Mas não tem a ver com confiança...

Thomas se aproxima ainda mais e me abraça forte me fazendo calar a boca. É tudo que eu mais precisava.

— Eu sempre deixo o surto para você e não dá para nós dois pirarmos nessa situação. Já deu por hoje com meu desmaio. — Beija os meus cabelos. — Eu vou cuidar de vocês quatro, já disse isso.

— Não vem ser fofo. O médico disse que é culpa sua eu estar com uma gravidez de múltiplos.

Ele ri contra meu pescoço. Sabe que estou brincando.

— Por ser minha culpa, proponho que nós dois deveríamos nos casar ou no mínimo morar juntos. Assim eu posso assumir totalmente minha culpa e em regime fechado por uns cem anos. Faço até questão de lavrar em ata cada detalhe desse acordo.

— Exagerado. — Brinco empurrando ele, sem esconder o sorriso.

Nunca pensei que um dia eu desejaria casamento, filhos... No entanto, estou praticamente vivendo tudo isso, vou ter três filhos do homem que amo. Namoro com ele há oito anos e a vida é tão frágil. Por que não dividir a casa com ele se já estou dividindo a vida faz tempo?

— Exagerado não, fazendo valer meu diploma. Você é a cliente mais difícil que já tive. Estou oito anos tentando um acordo.

— Você gosta de tudo arrumadinho. Do seu jeito na sua casa. Vai aguentar minha bagunça?

— Estou há anos amando cada detalhe da sua bagunça na minha vida, no meu corpo e até na minha cabeça. — Abraça minha cintura com um braço e me puxa, colando nossos corpos. Sua outra mão faz um carinho suave no meu rosto. — Estou louco para ter você e sua bagunça na minha casa também e para

sempre.

Mais um daqueles momentos em que eu desejo imensamente pedi-lo em casamento. Tommy nunca fez o pedido direto. Com aliança e todas as letras, apenas insinuou ou fez um convite... Agora, o pedido diretamente? Nunca, porém se fizesse o pedido de casamento hoje, acho que minha resposta já estava bem óbvia.



CAPÍTULO 27

JUNTE-SE A ELA – PARTE 1

Olho para ele pensando que ainda bem que sou filha da mãe e não preciso ficar esperando pedido de filho *duma* égua nenhum. Do mesmo jeito que adiei o relacionamento sério, faço o casório acontecer. Sei que no fundo Thomas não tem o desejo tão acentuado de casar – morar juntos sim, casar não – como Max tinha. Meu cunhado sabia o que era ter passado muito tempo sem o amor da sua vida e que com seu pai contra poderia separá-los e ficar novamente anos sem Belly, por isso precisava de cada minuto com ela.

Bem mais casável que Thomas. *Me namorar* há anos sem concorrência alguma. Primeiro em praticamente tudo. O único empecilho, além de mim mesma, era sua família pela nossa diferença de idade, porém, mesmo assim eles nunca influenciaram em suas decisões. Tanto que estamos junto até hoje. Podem falar mal de mim, preferirem a Cristiana, mas nunca armaram para nos separar e mesmo se fizesse, não iam conseguir. Se nem o próprio Thomas ou eu mesma conseguimos ficar longe um do outro, não será terceiros que farão isso acontecer.

No entanto, se um de nós não der o primeiro passo ficaremos na promessa eterna e obviamente serei eu, já estou dando meu jeitinho para que suas insinuações virem realidade.

— Cem anos de condenação em regime fechado em uma casa lotada de gente? Não está sendo muito duro com você mesmo?

Já faço a insinuação na maldade e ele sabe disso, pois sorri de lado com cara de safado colando seu corpo ao meu. Algumas pessoas que entram no estacionamento olham a cena com estranhamento provavelmente pensando "*que pouca vergonha e logo na entrada*". Mal sabem elas que o assunto é um pouco pior apesar de estar disfarçado.

— Até que comigo não estou sendo. — Pausa, morde minha orelha antes de sussurrar: — Mas posso ser bem duro com você. — Olha para os lados e se esfrega em mim.

Adoro o lado safado dele. Eu que ensinei.

— Confesso que estou louca para te ter como mordomo particular ou escravo sexual para o resto da vida. Eu bagunço e você arruma, a gente transa e assim vivemos a vida. — Brinco fazendo alusão ao que ele disse antes. Esse é meu lado romântico. Digamos que com exceção do Ricky, o resto da família não

tem uma veia romântica.

Ricky uma vez disse que o coração das mulheres Oliveira bombeia uma mistura explosiva de veneno, matérias pirofóricas e vaselina.

— Essa conversa está sugestiva demais — diz com largo sorriso.

Amo a forma como ele sempre sorri para mim com os lábios e os olhos. Magníficos olhos verdes. Não deixo de imaginar pelo menos um dos bebês com os traços do pai e principalmente com o caráter dele.

— Pois é, acho que a porcentagem de sangue safado e casamenteiro da minha mãe está falando alto hoje.

— Não brinca com isso.

— É uma brincadeirinha com fundo de verdade.

— Isso quer dizer que se eu fizer o pedido você responde aceito?

— Quer dizer que terá que pagar para ver.

Tommy revira os olhos murchando o sorriso.

— Você deveria ter feito direito, dá uma ótima juíza ou promotora, daquelas bem carrascas e difíceis de engolir.

Como assim difícil de engolir? Eu engulo tão fácil.

— Meus poderes maléficos só funcionam com você, porque te amo, um pouco menos depois do seu desmaio durante a consulta.

— Esquece isso — pede fazendo uma careta — e não conta para ninguém. — Pede fazendo cara de cachorro sonso.

— Até parece, estou me xingando por não ter fotos e vídeos. Estará em ilustração no álbum da vergonha e na capa do álbum do bebê.

— Eu não desmaiei, apenas conferi o solo, se estava firme para a mulher da minha vida desfilar.

— Sei... — Ele tenta me beijar, porém me desvencilho de seus braços. — Vamos logo para casa.

Thomas segura minha mão e me guia até o carro. Entramos e assim que termino de colocar o cinto, pego o celular dele e já vou logo mandando uma mensagem para Vanessa pedindo para ficar com nosso pai hoje. Já estou com quatro meses de gravidez, preciso marcar os exames atrasados o mais rápido possível. Agiliza as coisinhas deles nem que seja em cores neutras. Daqui a duas semanas já posso fazer ultrassom de novo para saber o sexo e aí sim vamos às

compras com gosto.

Espero que sejam todos homens porque se vir mulher vou saber que é tudo coisa de dona Amélia. Essa mulher deve ter pacto com Deus porque tudo que fala uma hora acontece. Não é possível.

— Amanhã vamos a outra consulta. — Thomas anuncia interrompendo meus pensamentos. — Vou marcar hoje à noite.

— Tudo bem. — Ele me encara e eu encaro de volta. — Que foi?

— Estranho você não discutir.

— A saúde dos meus filhos veem em primeiro lugar. E sei que preciso de cuidados extras.

— Três de uma vez. Ninguém vai acreditar.

— Para você isso não muda nada. Eu que vou parir. Eu que vou cuidar.

— Muda muito e sabe disso. Sou o pai, vou cuidar também.

Deixo-o se comprometer bastante. Quando nascer terá que cumprir com cada fralda de cocô.

O resto do trajeto foi feito em silêncio, eu me imaginando com três filhos. Tenho nem seios para dar mama a três. Os três chorando juntos e eu dizendo que só tenho dois braços. Os três *cagados* de uma vez sujando a casa toda. Eu cuidando de um enquanto o outro bebe a água do cachorro. Eu brincando com dois enquanto o outro brinca de se labuzar com a manteiga. *RIP Telly, mãe de três.*

Thomas também não puxou assunto, talvez ou provavelmente pensando nos bilhões em fraldas e leite Ninho que terá que arcar. Vai ser um Deus nos acuda. E de pensar que Belly teve só uma, não é justo, se eu vou ter três ela devia ter sete, no mínimo.

Trigêmeos? Isso é coisa de quem faz tratamento. De quem tem dinheiro. De quem ora por um milagre, não de desempregada com a vida feito um ônibus desgovernado sem um protagonista gato para salvar. Na verdade, até tem, mas nessa novela que é minha vida até o mocinho fica desmaiado no clímax.

— Telly, está me machucando — ouço a voz de Tommy quase esganiçada e só então percebo que estou com a mão nos *países baixos* dele. *Calma Telly, isso ainda vai te proporciona minutos, horas e dias de felicidade. Não vamos piora as coisas.* — Não será fácil, só que me deixar aleijado não vai

adiantar nada.

— Eu sei que não, mas cuidado comigo, sou irmã da capadora. — Brinquei lembrando-me do apelido da Belly no colégio. O meu geralmente era a irmã da capadora. Ainda bem que fomos embora logo daquela cidade ou iam mudar para castradora. Meu pavio também não era um dos mais longos.

Ele me olha assustado, mas acaba rindo.

— Vamos dar conta. — Da uma tapa em minha coxa. — Agora pode me explicar àquelas roupas de bebê na gaveta lá de casa? Já tem mais do que as que eu dei. Não estou entendendo.

— Não pode? Não pode ter roupas dos seus folhos lá? Vive dizendo que a casa também é minha.

— Pode. Claro que pode. É sua, faz o que quiser. Só é estranho ter as roupas lá para depois ter que levar para sua casa, afinal, nos primeiros dias não vai poder ficar indo e voltando da casa da sua mãe.

— Quem disse que vou levar para casa da minha mãe? A sua casa é minha casa agora — afirmo.

— E onde eu vou morar? — Dá uma fredda brusca e agradeço por sempre colocar o cinto.

— Está louco?

— Desculpe. Foi por impulso.

— Você pode morar onde quiser.

— Depois dos trinta e cinco anos voltar para casa dos meus pai será bem humilhante e ainda mais depois de ser pai. Acho que vou dormir na praça.

— Falando nisso: já contou para eles sobre minha gravidez?

— Ainda não — responde voltando a dirigir.

— Por quê?

— Prefiro pessoalmente. Eles estão a caminho. Devem chegar amanhã ou depois.

— Humm... Agora sua mãe vai poder dizer que finalmente te dei o golpe da barriga.

— Agradeceria se pudesse não discutir com ela.

— Impossível. É a minha única diversão quando a família *chatonilda*

se junta. — Haja saco. — Ainda mais agora que a casa é minha e tenho três herdeiros no meu ventre. Vou deitar e rolar.

— Tenho até medo. Mas pelo menos um orgulho, pois eu estou indo para o fim do poço — lamenta virando a esquina. — Uns ganham, outros perdem. Uns ganham quando outros perdem.

Sorrio. Jura que ele ainda não entendeu? Não entendeu que meu plano, nosso acordo às cegas, é morarmos juntos? *Anta!*

— Seus pais moram muito longe. Por que você não fica a poucos metros dos seus filhos?

— Não tenho grana para duas casas — anuncia entrando na rua da minha casa.

— Quem está falando em duas casas é você. — Reviro os olhos e controlo a vontade de chutar seu saco, o carro estaciona na frente da minha casa, desço sem dar tempo para ele retrucar ou entender. — Até logo Tommy. — Inclino na janela do carro. — Vou dormir com você hoje. Venha me buscar às 22 horas.

Thomas me encara com um sorriso nos lábios, acenando de modo afirmativo. Acho que ele finalmente está entendendo meus planos com nosso acordo. Deus ajude, porque se não entender agora, só vai entender no dia.

Meus planos é juntar nossos objetivos de vida. Dividir, somar e multiplica nos planos. Agora é tudo à dois ou à cinco. Nossa grande e maluca família. Mereço tentar construir uma família com ele. Demorou uns dias, mas eu entendi o que Thomas queria quando pediu o tempo. Ele não quer que eu siga seus planos, nem que deixe os meus. Deseja simplesmente que façamos nossos planos juntos e para dar esse passo à frente, preciso da ajuda da minha mãe.

Desde que comecei a colocar o acordo às cegas em prática – sendo mais romântica mais atenciosa –, penso em pedir o auxílio dela. Em parte, para descobrir o plano dela e em parte, porque ela arma melhor que eu. Se não pode com ela, junte-se a ela.

Talvez Tommy ainda não saiba, mas estou criando nosso tão sonhado por ele e temido por mim, contrato vitalício. Nosso começo de anos felizes juntos.



CAPÍTULO 28

JUNTE-SE A ELA – PARTE 2

Entro em casa sorrindo, pularia se não estivesse grávida, aliás, pularia se houvesse a certeza de não virar uma jaca madura espatifada no chão. Toco minha barriga, mamãe e Max podem até dizer que é cuscuz com ovo, mas sei que são meus filhos crescendo dentro de mim. Ainda está tão pequena e já tem três pessoinhas dentro dela.

Quase me assusto com os berros, quer dizer, a doce voz da minha querida mãe ecoando por toda a casa e me arrancando de um momento em paz. Ela canta uma daquelas músicas que a gente ouve uma vez o refrão, fica na cabeça, mas o resto da letra ninguém sabe. Apesar de eu não reconhecer a letra, percebo pelos números de vezes que ela diz "*lá*" que dessa ela não sabe nem o refrão.

Sigo sua voz e quando me aproximo da cozinha sinto um cheiro de coisa queimando. A musa dando show e a casa pegando fogo. Começo a rir, pois sei que vou encontrá-la dançando e não deu outra. Mamãe pensa que está arrasando tanto, mas tanto, que faz até os agudos, os graves, os falsetes e solos de guitarra usando a vassoura com direito a bater o cabelo e pular pela cozinha. *Mas gente!* Deve ser para isso que ela quer morar sozinha.

— Sinto interromper a estrela, mas... — Não tenho tempo para completar a frase, assim que mamãe escuta minha voz quase desaba de bunda no chão com o susto. A vassoura voa longe e ela tenta desgrudar os fios de cabelo do rosto. Suada e ofegante, me encarar irada. Calma dona Amélia, eu ainda moro aqui.

— *Tá arruinada? Quer matar tua mãe?*

— *Afs*, não quis assusta a diva do rock, só parece que tem algo queimando por aqui.

Mais uma cena que eu deveria ter gravado. Nessa família e associados, o melhor é já andar com as câmeras em mãos. É mico atrás de mico.

— Merda! Esqueci o arroz no fogo — grita correndo para desligar o fogo, no entanto, pelo que vejo vai ser difícil salvar alguma parte. Já era.

Como a pessoa não sentiu o cheiro?

— Melhor ir fazendo outro. Não posso comer comida ruim. Precauções

médicas.

— Vai ficar sem arroz. Come só lasanha com salada. Arroz foi feito para duas coisas: ser esquecido no fogo e queimar. — Joga a panela com arroz dentro da pia. — Como foi na ultra?

Eu ia questionar como ela ficou sabendo, mas desisto de entender os superpoderes dela ou a velocidade com a qual a fofoca se propaga nessa família. Eu desisto.

— Foi tudo bem.

— Só isso? — indaga com urgência. *Essa gosta de uma fofoca.* — Descobriu o sexo do bebê? Cadê as imagens?

— Não descobri os sexos dos bebês — friso bem a última parte e ela parece captar a informação.

— Está grávida de gêmeos? — Coloca a mão na boca.

— Não! De trigêmeos. — Sua boca abre em um O. — Não se finja de inocente. Sei que foi a senhora.

— Eu? Que fez o quê? Te engravidou? Ainda que eu fosse essa bruxa toda, não tenho esse poder. A varinha que faz esse feitiço aí tem outro nome e você bem que gosta de *conjurar patrono* em cima dela.

Fiquei mais chocada em descobrir que minha mãe fez uma referência a Harry Potter do que com a insinuação inadequada e completamente censurável dela.

— Mãe, pelo amor da *piriquita* pela *rolinha*. Use seu filtro. Seu neto pode estar escutando isso.

— Não está. Manu está dormindo junto com a mãe.

— Netos — corriji. Ainda não acostumei com o plural. — Falei dos meus. Você vivia dizendo que eu ia engravidar e ter uma penca de filhos, abusando da sua vontade de falar e acontecer.

— Vivo dizendo para não chover de madrugada que as roupas estão quase enxutas no varal, mas sempre chove. Nem tudo que falo acontece. Apenas o óbvio.

Reviro os olhos. Parece criança pequena, tem resposta para tudo sempre. Que saco!

— Mesmo assim é sua culpa. — Arrasto a cadeira e sento a mesa perto

da travessa com lasanha. *Oba! Oba!* — Ainda vai me ajudar com eles?

— Lembro-me de ter dito que não ia ajudar. Então, como assim "ainda"?

Só testando para ver se tinha esquecido e dando início ao assunto que preciso falar com ela. Estou com vergonha de pedir. É raro, mas eu sinto vergonha, principalmente quando começo a pagar com a língua. Eu que tanto lutei contra o casamento, filhos... Ter que me juntar a ela para algo tão simples e ao mesmo tempo tão complicado e especial. É quase humilhante.

— E com Thomas? Pode me ajudar com ele pelo menos?

— Nossa, tão nova, nem teve os bebês ainda e já não *tá* dando conta do homem. Traz que faço o sacrifício.

Wt? A garfada de lasanha que coloquei na boca subiu para o nariz tamanho meu espanto. *Que isso dona Amélia?* Safadeza nua, crua, sem filtro e sem romance na mistura.

— Vou fingir que não ouvi isso — digo em uma crise de tosse. Esfrego a testa tentando apagar a imagem que se formou e tento controlar minha respiração. — Não é esse tipo de ajuda mãe... Se é que essa safadeza é algum tipo de ajuda.

— É dinheiro? Emprego? Encontrar o amor em dois dias? Dessas opções para ele, a única que consigo é a terceira.

Claro, o amor dele sou eu e estou na sua frente. Fica fácil encontrar.

— Preciso que me ajude na mudança...

— Era com filhos, depois com Thomas, agora com mudança... Vou começar a cobrar essas ajudas disfarçadas de exploração de vulnerável.

Para de me interromper toda hora, penso em dizer, contudo preciso dela e brigar não é o caminho... Espera! Ela disse vulnerável?

— Eu vou mudar. — Ela me olha quase em desafio ou em uma ameaça de pare, nem pense e recue, porém continuo: — Estou indo morar com Tommy — informei com todas as letras fazendo mamãe levar a mão ao coração.

Preparar e amparar o meu coração também, porque o drama vai ser forte e grande. Eu devia ter deixado que pretendo me casar com ele, só que antes vou me mudar para nossa casa.

— Morar? Tipo, morar juntos sem casar?

Olha uma chance de zoar minha mãe. Isso é raro. Deixá-la só sofrer mais um pouquinho.

— Sim.

— Pai do céu, Senhor dos exércitos, me leva antes disso. Recuso-me a ver minha filha em desgraça. — Mamãe põe a mão no coração, uma voz chorosa e eu seguro o riso. Ela é ótima atriz em situações como essa. Desaba na cadeira ao meu lado — Por que não pinta minha sobrancelha bem grossa? Ou urina na tampa do vaso? Melhor ainda, por que não bate à porta do quarto também... Já que gosta tanto de fazer coisas que me desagradam.

Que drama!

— Brincadeira mãe. — Revelo e ela apenas me encara. — Só porque não estou para drama. Quero casar com ele sim, mas queria mudar logo.

— Fale o resto.

— Precisamos aumentar a casa dele, não tem espaço para as crianças. Se puder ajudar na vaquinha — *que acabei de inventar* — para aumentar nossa casinha...

— Tenho uma ideia melhor. — Arrasta a cadeira, levantando logo em seguida. — Espere aqui.

Observo mamãe sair da cozinha e fico degustando a segunda fatia de lasanha, minutos depois ela volta com uns papéis nas mãos. Entrega para mim e retoma seu lugar ao meu lado. La vem bomba.

— O que é isso?

— Um documento. Seu pai comprou uma casa para você há quase dois anos... Na verdade, uma para você e outra para Ricky. — Essa revelação me deixa chocada.

— Por que nunca me contou isso mãe? Os outros já sabem?

— Não. Ele me fez prometer que só entregaria quando você e seu irmão quisessem casar e sair de casa.

— Eu não mereço — sussurro olhando a papelada um tanto atordoada.

— Merece. E seus filhos também. Não é uma mansão, mas é uma casa espaçosa e bastante bonita.

— Espero poder agradecer a ele... Queria tanto que ele me levasse ao altar.

— Tenha fé, afinal, se ele não te levar pelo braço, vai te acompanhar em seu coração.

— Obrigada mãe — seguro a sua mão por cima da mesa — por ser a pessoa mais incrível do mundo.

— Tem que agradecer muito — brinca, mas vejo que está emocionada. — Voltando ao assunto do casamento, o que você tem em mente?

— Já vou lhe explicar. — Retiro minha mão da sua. Vou me juntar a ela, porem nada me impede de tirar proveito disso para saber sua armação —, mas antes, qual sua armação? E não minta, sei que aí tem. O que fez? Induziu-me a comprar o remédio para que eu engravidasse? Fez inseminação enquanto eu dormia? Isso explicaria os trigêmeos.

— Primeiramente, jamais faria algo que colocasse em risco sua saúde. Segundo, jamais faria isso. É cruel e absurdo. Não envolvo vidas inocentes em nada. Seus atos, sua consciência. Lide com isso sem me colocar no meio. Avisar eu avisei. Deus foi até muito generoso no seu castigo. Te deu três presentes.

Devo concordar. Vou ter três vezes menos sossego, mas alegria será em dose tripla.

— Pula o sermão, estou ciente de tudo isso agora conta o que fez ou vai fazer?

— Não precisei fazer quase nada, você fez tudo tentando estragar tudo.

— Conte-me mais sobre isso.

— Basicamente o convenci a te chutar. Só e apenas.

Oi?

— An? Como assim me *chutar*?

— Falei para Thomas terminar com você.



CAPÍTULO 29

EXPLICAÇÕES

Nesse momento, sinceramente, não sei se estou chocada ou conformada. Minha mãe não conhece a palavra limite e jamais aceita algo que ache errado, só que dessa vez ela foi muito longe. É inaceitável. Preciso de excelentes explicações antes de surtar e soltar os cachorros em cima da minha própria mãe e ser provavelmente morrer por isso.

— Comece a dar explicações Dona Amélia. — Controlo muito para não gritar. — Explique por qual razão, motivo ou circunstância a senhora pediu para o homem, que sou loucamente apaixonada, terminar comigo?

— Resumindo, basicamente, é isso.

Achei que o intuito era fazer Tommy casar comigo ou eu casar com ele. Como terminando comigo, isso aconteceria? Só para mim que isso não faz sentido?

— Isso o quê? Mãe, a senhora não disse nada.

— Telly, quer que eu desenhe?

— Essa conversa não está fazendo o menor sentido. — Coloco a mão na cabeça antes de bradar: — Eu sofri com o término, sabia?

— Ah Telly, ele nem se afastou.

Só não sofri muito pelo bebê, pelo acordo para ganhar tempo impedindo que ele fosse para longe de mim e logo em seguida, foi o acidente e não tive muito tempo para pensar ou sentir tudo o que aconteceu entre a gente. No entanto, isso não diminui a culpa dela. Sofreria muito caso não fosse o arrastão da vida que sofri nos últimos dias.

— Como dorme a noite? Com tanta maldade na cabeça.

— Deitada de barriga para cima com um pijama azul, máscara a base de abacate e touca na cabeça, mas prefiro nua, descabelada nos braços de algum *novinho* moreno.

— Oi?

— Como eu durmo — responde simplesmente dando de ombros. — Me pergunto como você consegue dormir pisando no amor dos outros todos os dias.

— Não piso no amor de ninguém, principalmente de Thomas. Eu o amo.

— Não consciente. Só convenhamos que oito anos empurrando com a barriga o relacionamento, cozinhando o homem em banho Maria, sem querer conversar sobre sentimentos, falando de morar e viver no Canadá sozinha. Como se Thomas fosse ficar para sempre esperando você lembrar que está namorando com ele e ligar. Se esquecendo que a mãe dele está toda cheia de más intenções, só esperando você errar. — *Como ela sabe de tudo isso?* — Pensa Telly, tudo isso fere até meus sentimentos, que ultimamente não se abala com nada, imagine o dele que tem tanto medo de te perder?

Se isso feriu os sentimentos inexistente da minha mãe é que realmente um vacilo foi feio. Preciso repensar, pois talvez eu tenha feito algo bem errado achando ser certo.

— Vejo que andou conversando muito com Thomas — murmuro sem saber o que dizer. A lasanha já ficou esquecida no meu prato, assim como o contrato em cima da mesa.

— Não conversei tanto com ele, só sondei com seus irmãos e observei as coisas. — Alisa meus cabelos. — Não quero diminuir você. Gosto de como planeja, tem metas, sonhos, corre atrás do que acredita, busca crescer... Só faz isso de um jeito meio errado e muito focado em uma coisa só.

— Era uma vontade minha... E eu queria dividir com ele como a viagem era importante para mim. Por isso falava tanto dela. Queria que ele me entendesse...

— E como ele é importante para você, disse você falava? — Acho que não com a frequência que deveria, então nego com um aceno de cabeça. Ela senta do meu lado. — Não era para ser cruel com você, só mostrar que isso machuca. É como deixá-lo sempre em último plano e uma hora ele acabaria cansando e terminando com você. Eu só tomei a frente e te fiz acordar. Te liberei de um sofrimento bem maior. Acredite, eu sei quando o relacionamento está caminhando para o fracasso mesmo com os dois se amando muito.

— Thomas sempre soube que é especial para mim... — Suspiro. Ela tem razão. — Eu não enxergava dessa sua ótica. Não percebi que estava magoando ele.

— É que só olhar para nosso próprio umbigo limita a visão.

— Tenho o direito de sonhar.

— Tem, claro que tem. Ninguém está te impedindo disso. Sou a maior apoiadora de seus sonhos, dos sonhos de todos meus filhos. Só não pode virar uma chata por isso e admita que você muda de sonho o tempo todo e sei que em seis meses no Canadá, quando o fogo no rabo passasse, estaria de volta ao Brasil atrás do Thomas e poderia ser muito tarde.

— Por que acha isso?

— Digo isso porque antes mesmo de te ver no ultrassom, você já era uma parte minha. Já te amava e já te conhecia. — Pega com a mão um pedaço da lasanha no meu prato e coloca na boca. — Sei o que você realmente ama, tipo decoração de ambiente, design, moda... Fazer doces. São coisas que te fazem bem. — Sorri. — Thomas e agora seus filhos sem dúvida são seus amores maior. Seus olhos brilham só de falar deles. Com o intercâmbio você só estava empolgada. Há uma diferencia gritante: entre sonho/objetivo e empolgação com uma ideia.

— É...

— Não me interrompe. Estou dando as explicações, não sou uma megera. Admito ser um pouco casamenteira — *um pouco?* — e deixar vocês apavoradas com isso, mas também sei esperar o momento de cada uma e deixando claro, você não precisa casar com Thomas para me agradar, pode continuar morando aqui ou na sua casa. Contudo, você agora já está com outra forma de pensar e já pode demonstrar que ama sem pudores, pois amada você já é. Não é obrigada a nada se não estiver preparada.

— Então, posso morar com ele sem casar? — questiono provocativa.

É fácil falar isso quando está mais que óbvio que agora sou eu quem quer casar com ele, antes não existia essa compreensão.

— Isso só por cima do meu cadáver em estado de putrefação. Nesse caso a regra é clara e não abre parágrafo para discussões.

Depois não sou obrigada a nada.

— Então, a senhora irá pagar a cerimônia do meu casamento.

Ela sorri de orelha a orelha e solta um gritinho estridente quase explodindo meu tímpano. Já é avó, mas nunca muda.

— Até duas. Se ele assinar o termo de *não aceito devoluções*, um seguro para garantir que não vou gastar dinheiro atoa. Esses homens hoje em dia estão espertos. Pega uma filha e quer devolver a filha mais não sei quantos netos. Fiquem com as flores de vocês depois de darem mudas.

Faz uma careta e depois gargalha me fazendo rir estrondosamente também. Disso vou sentir falta. Muita falta.

— Eu sei que a senhora me ama.

— Só enquanto tiver três netos meus no seu ventre. — Brinca. — Amo mais que minha própria vida. — Aperta minha mão fica um tempo em silêncio. Parece emocionada e eu também estou.

— Eu também te amo. Hoje entendo como é esse imenso amor.

— Gravidinha destrambelhada, o que pensava em fazer com seu namoro se ganhasse o intercâmbio? Afinal, você queria morar lá. Fico me perguntando o que se passa na sua cabeça.

— Não pensei nisso, mas ele iria me visitar e eu depois também poderia...

Realmente. Às vezes, eu não penso amplamente e não ia fluir o relacionamento desse jeito. Ainda bem que desisti. Morar seja lá onde for, só com ele e com meus filhos.

— Já é avoada assim sem filho, imagine quando a ninhada nascer. — Ri. — Perguntou ao menos se Thomas toparia te visitar?

— Não...

— Vou te contar algo que você pelo visto não sabe, e que me fez ver o quão Thomas é o cara que eu escolheria como genro. Ele pensou, pensou tanto que estava tentando um emprego lá no Canadá só para ficar perto de você.

Fico sem reação com essa relação. Thomas nunca me falou nada. Não acredito que ele largaria a carreira, anos de trabalho e dedicação. Eu jamais aceitaria esse sacrifício. Talvez por isso não tenha dito. Lá seria muito pior para arrumar trabalho do que aqui.

— Como... Como descobriu isso? Tem certeza?

— Descobri por acaso uns meses atrás... Ele perguntou para seu pai se conhecia alguém lá no Canadá para indicá-lo, ouvi sem querer, o resto deduzi e recentemente quando me juntei a Thomas confirmei, e foi aí que eu quis muito ele como genro. No início eu não acreditava muito nessa relação de vocês. Depois que o peguei nu aqui então... Já pensei logo, ela não dá conta, ele tem outra.

— Mãe!

Que horror! Ela sabe como estragar uma conversa séria e

emocionante.

— Foi brincadeira essa última parte.

— Por que achava isso?

Mamãe se aproxima e quase em tom conspiratório, como se fosse contar um segredo, diz baixinho:

— Porque ele é bem avantajado apesar de não parecer e você não é lá muito inexperiente. — Demorei três segundos para compreender que não era disso que eu estava falando. Alguém censura essa mulher.

Preciso arranjar um encontro para minha mãe urgente. *Tá* muito assanhada hoje, deve ser falta de sexo.

— Primeiro, eu dou conta e sozinha — *assim espero* — e estava perguntando por que você não acreditava no nosso relacionamento.

— Sei lá. Era muito estranho esse rolo de vocês. Achava Thomas um *bananão* — *isso foi na maldade?* — Entretanto, percebi que além de se amarem muito, ele é capaz de tudo para ser feliz com você. Como Max. Não entrego minhas filhas a homens que não sejam capazes de tentar pegar as estrelas só para vê-las sorrindo. Quero que o casamento de vocês seja para sempre e repleto de alegrias.

Já está falando em casamento.

— Se entendo bem, pediu para ele terminar para eu poder provar que o amo.

— Para você mostrar a si mesma que o ama. Demais. Ao ponto de casar com ele. Eu queria que sentisse falta e o gosto amargo de como seria perder o amor dele. Você estava muito acostumada a tê-lo a sua disposição. Não culpo Thomas, cada um tem o jeito de amar e vocês provaram que se amam. Ele só te superprotegeu pela situação com seu pai, por tudo que passamos com dívidas, agiotas... Imagino que ele saiba de tudo. — Confirmo novamente com um aceno de cabeça. — Qualquer felicidade via como uma recompensa da vida e entre o fato dele ter sido seu primeiro também, suponho.

— Sim, ele foi o meu primeiro. Realmente várias vezes ele foi meu porto seguro como várias vezes eu fui o dele.

Esfreguei a testa. Tudo que ela disse faz sentido. E me sinto uma idiota. Tantas vezes toda empolgada falando para ele da viagem, de tudo e nunca o incluí. E ele sempre se encaixando. Isso só mudou depois que ele pediu um

tempo. OK que não ficamos separados realmente, mas o golpe doeu, o medo de perder bateu e eu tomei um belo choque de realidade nesse momento para nunca mais agir daquele jeito. Eu amo Thomas sim, o suficiente para dividir a vida inteira com ele e não quero mais planos meus, só desejo planos nossos.

Levanto e dou um abraço na minha mãe, no entanto sem conseguir evitar pergunto:

— Ele topou muito fácil terminar comigo?

— A princípio foi difícil convencer, Thomas apenas falou que ia pensar. Fiz a proposta uns dias depois do jantar. — *Sabia que esse jantar tinha um propósito.* — O medo dele era você sofrer.

— Seu não?

— Não, a gente sofre para aprender. É bom para crescer e eu sabia que você não iria permitir que ele partisse. Acordaria em tempo para tomar as rédeas da sua vida. Antes mesmo de estar grávida você desistiria de tudo só para ficar com Thomas. Conheço você, se empolga com algo depois passa, mas quando se apega e fica com algo, é para sempre. Desde pequena é assim.

— Nem imagino o *certinho* aceitando tudo isso.

— Ele não aceitou a armação, sua atitude o fez aceitar, às vezes acho até que ele nem estava seguindo o plano. Ficou tão magoado com você que foi espontâneo.

Só pedrada.

— Preciso pensar sobre tudo isso.

— Está brava?

— Evidente, mas é uma lição: jamais apresente seu namorado a sua mãe — zombo.

— Lição cruel. Que tal jamais deixe de ter reciprocidade e empatia?

— Também é boa. — Levanto deixando um beijo na testa da minha mãe. — Faz um favor para mim?

— Qual?

— Descubra como Thomas gostaria de ser pedido em casamento.

— Se você fará o pedido, faça de modo espontâneo. Nada é mais especial que isso. Não planeje. Não pense, só faça.

Sorrio. Verdade. Mais uma verdade. Sinto-me meio imponente. Se não

fosse minha mãe eu estrangulava, entendo os motivos, agradeço a lição, mas a vontade prevalece e o pior é admitir que ela está certa. Hoje está tudo muito claro para mim.

Preciso conversar com Thomas sobre tudo isso. Pedir desculpas e repetir mil vezes que o amo. Não sei se precisava pedir um tempo para me fazer cair na real, mas de uma coisa eu tenho certeza, só com a informação de que Tommy largaria tudo para ir comigo para o Canadá, eu já o pediria em casamento.



CAPÍTULO 30

CAIXINHA DE VELUDO – PARTE 1

Fico um tempo com a testa apoiada na parede da sala, ainda tentando digerir tudo que escutei da minha mãe. Talvez, se ela não tivesse casado onze vezes, eu diria que Dona Amélia é especialista em relacionamento e com certeza esse é o segredo de estar casada há tantos anos, mas como casou e está solteira há anos, ela é apenas excelente em palpitar na vida dos outros. Uns palpites dignos de loteria.

Se eu tivesse tido essa conversa antes já estaria casada com vinte anos, sem pensar que sou muito jovem pra isso. Afinal, o amor não tem dessas, ele chega ao seu tempo e prevalece pelo tempo que quiser. E espero que nesse caso ele tenha feito morada, pois não aceito viver outra história de amor que não seja a minha com Thomas.

Toco minha barriga fazendo carícias sutis. Sei que nesse momento ter o pai comigo fez toda a diferença. Grávida de trigêmeos sozinha, talvez eu surtasse. Ninguém diz, entretanto, sei que todos estão preocupados com a gravidez, com o futuro dos bebês e eu também estou. Não posso protegê-los de tudo, nem dar tudo quiserem, mas um pai amoroso e um lar, eu posso.

— É, meus amores, acho que vocês terão que entrar na Igreja com a mamãe — digo olhando para minha barriga.

Não quero perder mais tempo, assim que eu tiver o *sim* – não aceito outra resposta – do pai deles, marcaremos a data para no mais tardar, três meses. Entrarei na Igreja grávida ou de resguardo, mas em três meses estarei casada.

Decidida, caminho até meu quarto onde a acampada Belly ainda está, mais fácil eu casar e sair de casa do que ter um quarto só meu.

Assim que entro no quarto comprovando meu pensamento anterior, vejo minha irmã sentada na cama dando mama enquanto cantarola baixinho uma canção de mimar. Max está ao seu lado fazendo carinho na cabeça da filha. Essa cena é tão linda que me emociona. Sei que em breve vou viver uma cena como essa.

— Oi — falei, timidamente, a porta do quarto.

— Chorando de novo Telly? — Minha irmã me olha preocupada e só então notei que uma lágrima desceu. — O que está acontecendo?

— Nada.

— Nada? Seu coração é a própria Elsa cantando "*Let go*" e espalhando o inverno eterno e do nada, agora vive derretendo. Não diga que é o aquecimento global porque não vou acreditar.

Não controlo o riso, sorrio abertamente. Sou parecida com ela no quesito amor, apaixonamos, mas é difícil nos entregar. Somos parecidas também em fazer a outra rir quando está ou parecer triste. É algo no nosso DNA. Só que esse meu choro não foi de tristeza e sim de emoção.

— É a gravidez, achei lindo vocês três e quando vi estava chorando.

— Eu era assim também. — Bate em sua própria testa. — Uma chorona.

— Verdade.

— E como vai sua gestação?

— Bem, só descobrir algo que não esperava... — Sorrio e talvez se eu repetir para todo mundo, uma hora acredito. — Estou grávida de múltiplos.

— Pensei que toda mulher ficasse grávida de múltiplos. Homem vezes mulher vezes sem proteção é igual a gravidez.

— Max continue quieto — Belly manda revirando os olhos —, ela está grávida de gêmeos. — Quase grita de tão empolgada. — Parabéns irmã.

— Na verdade, estou de trigêmeos.

— Trigêmeos? — ela grita e confirmo com uma careta. Todo mundo fica espantado quando digo. — Boa sorte, você vai precisar.

Gosto da minha irmã porque ela é realista.

— Thomas, aquele filho da puta. — Max levanta e começa a andar de um lado a outro. — Querendo dar mais netos que eu. Nem sabia que era uma competição.

Muito menos eu.

— Menos Max. Bem menos — sua esposa pede.

— Menos nada. Ele está querendo ser o genro favorito. — Nós duas reviramos os olhos para esse drama. — Vamos ter cinco de uma vez. Vou mostrar minha potência

— Só se for você e um jegue. Comigo jamais. Não estou ficando doida. — Mexe na mão da filha. — Uma só para mim é o suficiente. Não é

quantidade, é qualidade. A nossa é a mais linda.

Olha a audácia!

— Os meus terão olhos verdes.

— Se puxar o pai, agora a minha já está aqui e qualquer um pode ver que é linda. Já, já estará com a cabeça toda cheia de cachos. Diva extrema Power.

— Os meus são maioria — digo pegando meu roupão atrás da porta.
— Maioria ganha e pronto — grito, antes de sair do quarto completo: — E eu sou a favorita.

— Não é não — ouço Max gritar.

Vou para o banheiro tomar banho de uns três dias, quero limpar até minha alma de qualquer vestígio da Telly egoísta. Quero estar renovada, com uma capa nova e pronta para casar.

Alguns minutos depois, quando meus dedos começam a mudar de cor, desligo o chuveiro, coloco o roupão. Sem evitar, antes de fechá-lo, olho minha barriga no espelho. Quase inexistente, mas já tem uma dona bastante orgulhosa. Fecho a peça e saio sorrindo do banheiro direto para o quarto me arrependendo imediatamente, os pombinhos estão na minha cama no maior beijo. Da para sentir a tensão sexual da porta, que aliás poderia ter ao menos sido fechada.

— Credo — falo interrompendo os dois —, fecha a porta, não sou obrigada a presenciar esse tipo de coisa.

— Quando não é a cria atrapalhando é a irmã pentelha. Namorar ficou proibido — ela reclama.

— Está de resguardo então, fique quietinha. Nada de namorar por enquanto. Não vai querer costurar tudo de novo né?

— Telly, que horror. Era só um beijo.

Um beijo cheio de segundas, terceiras e quartas intenções.

— Deixe o namoro para depois que eu sair. Max vaza. Preciso me vestir. — Ele revira os olhos, levanta da cama e dá um beijo na testa da mulher e o outro na minha.

— Também te amo cunhadinha. — *Chato.*

— Falando em cunhado, como Thomas reagiu?

Eu sabia que ela estava falando do fato de eu estar grávida de

mútiplos.

— Opa! — Max retorna. — Isso muito me interessa. Aposto que se *cagou* todo.

Fofoqueiro. Já gosta de ver o circo pegando fogo.

— Quase isso, só que coroadado com um belo desmaio.

— Jura?

— Juro. Um mico secular.

— Que todos eles pagam, convenhamos. — Ela ri. — Max desmaiou assim que Malu nasceu.

— Mentira! Ela que desmaiou.

— Fecha a cara, idiota, que não sou você.

Eles começam a brigar entre si, um acusando o outro, lembrando coisas do século XIX, apontando, gritando e depois se beijam. Casais são loucos. Saio do quarto quase traumatizada, sem saber a fofoca completa e continuo só de roupão.

Vou para o quarto da minha mãe pegar uma roupa sua. Acho que ela saiu, pois a casa parece vazia. Não está no quarto e pelo silêncio, nem na cozinha. O mais estranho é que meu celular está no quarto dela. Na cama. *Oxe!* Pego o aparelho e há duas novas mensagens abro a primeira, pois é de Vanessa. Informando que não tem novidades ou como ela mesma escreveu:

"Aqui está tudo na mesma."

Ler isso é bom e ruim ao menos tempo. Ruim por ele ainda estar em coma e bom por ele estar vivo. Papai precisa acordar. Não quero ter que adiar o casamento para depois do nascimento dos bebês ou para depois que papai acordar. Quero confiar que em dias ele vai recobrar a consciência e pelo menos me ver entrando na Igreja.

Jogo o celular sobre a cama e percebo uma caixinha. Pego-a e constato que é de veludo. Nem preciso abrir para saber o que é. Sento na cama resgatando meu celular do colchão. Pego o celular e leio a outra mensagem que apesar do número desconhecido, sei ser dela.

"Agora não tem nada que impeça o pedido. Boa sorte! P.S: fui namorar."

Ignorando a parte desnecessária da mensagem, é incrível como se

tratando de casar uma filha, dona Amélia pensa em tudo.



CAPÍTULO 31

CAIXINHA DE VELUDO – PARTE 2

Tommy chegou pontualmente às 22 horas. Nem esperei ele descer do carro, já vou toda saltitante ao seu encontro.

— Oi.

— Oi! Essa corrida em pulos é felicidade por me ver ou vontade de cair e se machucar? — indaga em um tom mais reprovador do que brincalhão. *Chato.*

Até cogitei rebater bem mal-educada, mas seu cheiro me invade antes mesmo de sentar ao seu lado no carro. O cheiro tão familiar de seu sabão misturado com perfume e loção pós-barba sempre me faz sentir uma cumplicidade enorme que só me dá à certeza de que estou no caminho certo. De que casar com ele é muito mais que uma empolgação passageira e que a caixinha de veludo no bolso do meu short é maior que qualquer bronca ou mal humor.

Admiro seu rosto por uns segundos e ele parece esperar por uma resposta, mas não reparo apenas nas rugas que se formam em sua testa demonstrando estar zangado, percebo também que ele cortou os cabelos nas laterais, mas uma mecha ainda cai rebelde em sua testa. Mecha que eu já perdi as contas de quantas vezes arrumei durante um cafuné.

— Um pouco a primeira e zero da segunda, mas principalmente pressa para dizer que te amo muito. — Inclino em sua direção dando vários beijinhos em sua boca antes de completar: — Ficou ainda mais lindo com esse corte.

Thomas está com aquela cara de quem peida numa fila. Todo desconfiado. Não posso ser carinhosa que ele já acha que estou tramando algo.

— Obrigado. Precisava mudar, já que minha vida mudou.

— E irá mudar ainda mais. — Seguro seu braço encostando a cabeça no seu ombro. — Te amo.

— OK! Cadê as câmeras? — indaga procurando as tais câmeras. *Assim me ofende.* — Pode tirar essa peruca Ricky e manda a Telly entrar e parar de graça. Eu não vou cair nessa pegadinha.

Agora sim ofendeu. Eu não pareço um homem de peruca. Afs! Fala como se eu não fosse um amorzinho, mamãe e Belly são as insensíveis da família.

— Primeiro, Ricky de peruca não fica parecido comigo e segundo, eu não posso ser carinhosa com meu namorado?

— Poder até pode, mas comum não é... Agora compreendo quando Max diz que tem mais medo quando a mulher está carinhosa do que quando está brava. É assustador. Parece que vai me matar sorrindo.

— Que exagero. Só estou feliz.

— Hum... Em casa conte-me mais sobre o motivo.

Tommy liga o carro, percorrendo o curto caminho entre nossas casas. Faço esse trajeto ao seu lado desde os dezoito anos. Bate uma melancolia pensar que não vou mais fazer com tanta frequência. Não vou ver minha mãe todos os dias, em compensação, ficarei mais ao lado de Thomas.

— Está tão pensativa — comenta entrando na rua onde fica sua casa.
— Ainda sobre os bebês?

Ouçoo sua pergunta, mas não repondo imediatamente, ver a casa dele me faz lembrar que será outra coisa que vou sentir falta. Estou com a escritura da que ganhei do meu pai na bolsa, mas se Thomas quiser morar aqui vou aceitar de boa. A gente se aperta. Já vivi sem nada e aprendi que pode faltar tudo em um lar menos o amor.

— Não, pensava em minha mãe, em algo que preciso fazer, em coisas que minha mãe me contou hoje... — esclareço enquanto Tommy estaciona na garagem de casa.

— Prossiga. Coisas que minha sogra diz sempre são importantes.

— Falando assim minha mãe gama — zombo abrindo a porta do carro para sair do automóvel e ele me imita. — Mamãe me contou que meu pai me deu uma casa. Sabia disso?

— Sim. — Fecho a porta do carro com força. — Como advogado dele, cuidei disso. Uma sua, uma do Ricky e outra para Vanessa. Belly já estava com Max, portanto, já tinha uma casa.

Não lembrava esse detalhe. Óbvio que como advogado do meu pai ele já sabia disso.

— Hum...Viu a casa?

— Sim — diz simplesmente abrindo a porta da casa.

— Odeio saber que você tem segredos. — Sopro o ar com força o seguindo para dentro.

— Calma.

— Se não tem objetos voando é porque estou calma — berro. — Por que nunca me contou?

— Não podia, por questão de ética profissional. Já te expliquei isso.

Ele passa as mãos no cabelo em um gesto cansado e irritado. Já vi que ele está estressado e brigar não está nos meus planos.

— Me beija.

Thomas fica confuso com meu perdido repentino.

— O quê?

— Me... — pauso caminhando devagar como uma tigresa em direção a sua presa. Seguro seu rosto encostando meu corpo ao dele. — Beija.

— Maluquinha.

— Por você — sussurro contra sua boca antes de ser beijada por ele.

Fecho os olhos saboreando cada detalhe do beijo. Os lábios. A língua. A forma possessiva e ao mesmo tempo delicada que ele sempre me beija.

O beijo fica mais exigente, mais quente e agora nossos corpos inteiros estavam degustando um do outro. Thomas segura meu cabelo puxando minha cabeça para trás tomando posse da minha garganta com mordidas e chupões, deixando-me excitada. Tommy é o tipo de homem que não parece não demonstrar, mas tem uma pegada que *desgrama*.

Sua mão puxa minha blusa como se fosse lascar, me fazendo esmorecer em seus braços. Permito que ele me levante do chão já aproveito para fazer de sua cintura minha refém. Ele tenta me deitar no sofá, mas impeço seu movimento interrompendo o beijo.

— Quero no quarto. — Liberto-me de seu colo e o puxo pela camisa. — Na cama.

— Já faz tempo que não a usamos — brinca. — Se sentir qualquer coisa que não seja prazer me avisa.

Sei que se refere ao fato de eu estar grávida e já com uma barriga simplória. Sei também que os bebês estão muito pequenos e podemos brincar um pouquinho sem machucá-los.

— Estou sentindo nesse exato momento.

— Mas nem penetrei ainda...

— Em meu coração já e há muito tempo. — Puxo-o com as pernas cruzada em sua cintura. — Estou sentindo amor.

Ele ri pensando provavelmente que fiquei maluca de vez. Thomas permanece segurando seu próprio peso nos cotovelos, mas logo gira o corpo me deixando por cima. Sei que está com medo de me machucar, porém estou grávida e não me transformei em porcelana.

Retiro sua roupa com a ajuda dele e em seguida a minha sem pressa. Temos a vida toda para nos amar. Nua, sento em seu colo apenas esfregando minha vagina húmida em sua ereção. Sem penetrar. Esfrego seu pau no meu clitóris me torturando e torturando-o também. Tesão ultimamente não me falta, basta vê-lo que já fico louca. Continuo deslizando seu pau por minha boceta, apertando contra meu clitóris.

— Caralho! Quer me matar de tesão? — Tommy cobre o rosto e sopra o ar com força enquanto com um sorriso eu continuo com a tortura deliciosa

Sem dizer nada, posiciono seu pau e sento lentamente de olhos fechados e com os lábios entreabertos. Que delícia. Fico um tempo tendo aquela sensação de tê-lo dentro de mim antes de começar a rebolar sem pressa. Suas mãos apertam minha cintura e tenta ditar um ritmo mais acelerado e eu permito. Meus seios acompanham o movimento de sobe e desce do meu corpo como se tentasse, o hipnotizando e logo vai parar em sua boca para meu deleite. Um gemido escapa pelos meus lábios junto com um palavrão. Aproveito e dou um tapinha em sua cara safada.

— Gostoso!

Fecho os olhos e abro a boca com a cabeça erguida para o teto. Inclino um pouco para frente e tomo sua boca em um beijo molhado com direito a mordidas e chupadas de língua.

— Fica de lado — pede contra minha boca com a voz afetada.

Faço o pedido quase lamentando em ter que libertar seu pau e sinto um tapa forte na bunda antes dele se posicionar atrás de mim. Levanta um pouco uma das minhas pernas e me penetra com cuidado.

— Tudo bem?

— Vai ficar quando você começar a se mexer e sem toda essa delicadeza.

Tommy ri contra meu pescoço causando arrepios. Aproveita para deixar mordidas e cupões por minha nuca, orelha, garganta, ombro e costas.

Sinto meu corpo estremecer, pegar fogo de prazer e minha respiração falhar anunciando o orgasmo. Nossos gemidos aumentam, aperto os lençóis enquanto nossos corpos colidem um com o outro com mais intensidade, com mais vontade e prazer.

— Que delícia — gemi sentindo meu corpo ser estremecido pelo orgasmo.

Sinto a respiração dele em meu pescoço que também se modifica e sei que irá gozar também. Ele ainda sussurra que me ama pouco antes de apertar seu corpo no meu e enterra o rosto no vão do meu pescoço.

Tommy logo sai de dentro de mim, mas permanece no mesmo lugar. Também fico largada na cama, suada e com a respiração ainda descompassada, tomando folego. É bom sentir esse “desconforto” entre as pernas que indica a presença recente dele. A sensação de todos os sentidos aflorados que antecede a moleza e o sono.

Rolo para deitar sobre o peito de Tommy. Ele beija meu rosto e meu cabelo. Adoro como ele é carinhoso após o sexo, indica que somos mais que isso e sempre fomos. Mesmo antes de admitir. Agora sim podemos conversar. Aposto que ele não está mais tão estressado e nada melhor e íntimo que conversar nos braços dele completamente nua.

— Preciso ter uma conversa séria com você.

— *Vixe*. Devo me preocupar? — Abraça-me fazendo carinho no meu cabelo.

— Só se você já tiver planos para o resto de sua vida.

— Isso foi mais assustador que romântico.

Pior que ele tem razão.

— Estou tentando te mostrar o quanto amo você. — Aliso seu peito.

— Estou vendo e isso já mostra muito. — Beija o topo da minha cabeça. — Ficou chateada com a história da casa?

— Não. Ele me surpreendeu com isso. Nunca imaginei que se lembrasse de mim ao ponto de me dar uma casa para quando eu quisesse sair de casa. Pensar no meu futuro quando nem eu fazia isso.

— José lembrava muito de você, do seu irmão e da Belly. Sentia-se culpado. É difícil de acreditar, mas seu pai ama vocês de verdade.

É realmente difícil acreditar no amor dele depois de tudo. Estou

tentando parar de lembrar o passado. Lembra-me de como sua mesa era farta e a nossa vazia. A ferida se abre e a mágoa volta. Não vou permitir todo esse rancor de novo, o tempo ruim ficou para trás. Graças a nossa união e a força das duas mulheres da minha vida, mamãe e Belly, ficamos e estamos bem.

— Ainda bem que para compensar o pai, o planeta me deu o melhor homem do mundo.

— Tantos elogios e hoje nem é o meu aniversário. Sempre acreditei em milagres, apesar de que posso apostar ter dedo da minha *ogrinha* querida nesse romantismo todo.

— Tem a mão inteira. Tivemos uma longa conversa. Ela me contou sobre a armação de vocês. — Cutuco seu peito para mostrar que não gostei, ainda assim acabo rindo.

— Está tudo bem entre a gente?

— Sim, quero me redimir pelas besteiras. Desculpa se te magoei. Quero que me diga sempre quando eu fizer algo que você não gostou como vou dizer se você fizer algo que eu não gostei.

— Desculpada. Nunca fico magoado com você por muito tempo.

— Tá aí seu erro. Eu fico uma eternidade então, nada de vacilo.

— Já estou ciente — informa segurando meu nariz com os dedos.

Ficamos uns minutos em silêncio, mas eu ainda tinha muito pra falar.

— Tommy — chamo-o virando o pescoço para olha em seus olhos. — Por que nunca me contou que planejava ir para o Canadá?

— Claro que sua mãe ia contar isso. — Desviar o olhar e posso dizer quase envergonhado. — Eu me sentia meio intrometido nos seus sonhos. Em nenhum momento você falou que queria que eu fosse. — Suspira. — Nem sei se eu realmente ia. Só são muitos anos juntos para acabar assim.

— Não é que eu não queria que você fosse, só não queria te fazer escolher entre mim e seus sonhos, aliás, nunca sequer imaginei que seria capaz de cogitar largar tudo e ir comigo.

— Meu sonho não é aquele escritório, é ser advogado. Isso eu já sou e levo essa capacidade comigo para qualquer lugar. Sempre soube que o babaca do Edson não me tornaria sócio, mas gostava de trabalhar lá. Fiz meu nome do zero, isso ele nunca engoliu, e lá no Canadá poderia fazer de novo, porém, o que sinto por você nunca senti antes. Pensei, *estou velho demais para procurar por algo*

que tenho e vou deixar escapar para o Canadá. Mais fácil largar tudo e ir com ela.

— Eu me sinto grata por isso. Sinto tanto amor por você que seria bom mudar para uma casa maior ou essa aqui vai explodir. — Brinquei aproveitando para fazer o convite.

— Quer morar lá na sua?

— Eu quero morar com você, aqui, lá, embaixo da ponte, não importa, em qualquer lugar se for com você.

— Era disso que eu estava falando. Cumplicidade. Vamos morar lá sim, não irá me diminuir morar na sua casa. Não sou esse tipo de homem. A partir do momento que fomos para lá, ela virará nosso casa. — Tommy coloca as mãos juntas em sinal de oração. — Finalmente vamos morar juntos. Obrigada meu Deus! Uma evolução inédita da espécie Oliveira.

Que pecado! Agradecendo a Deus pelado.

— Idiota! — Dou um tapa no seu braço e ele me agarra beijando meu rosto diversas vezes. — Para com isso.

— Você não faz ideia do quanto eu te amo. Do quanto te desejo.

— Faço ideia, pois sinto o mesmo. Você foi a melhor coisa que já conquistei e vou lutar contra tudo para te manter por perto. Já disse: o que mais amo no mundo é minha família. E você faz parte dela. — Respiro fundo desprendendo-me de seus braços. Levanto da cama indo até meu short no chão do quarto, pego no bolso a caixinha de veludo. É agora ou nunca. Viro para Thomas que deitado na cama, olha para mim curioso.

— Telly...

Faço gesto para ele parar de falar. Ajoelho no chão. Nua. Será uma "bela" história para nossos filhos. Espero que pelo menos esteja sexy. Abro a caixinha exibindo o par de alianças que ele olha sem acreditar. Respiro fundo duas vezes antes de fazer o pedido.

— Thomas Azevedo de Medeiros, aceita casar com essa maluquinha indecisa, mas que te ama pra caralho?



CAPÍTULO 32

TRATADO DE PAZ

Não acredito que eu fiz isso!

Não acredito que eu fiz isso!

NÃO ACREDITO QUE EU FIZ ISSO!

Eu pedi um homem em casamento. Eu pedi meu *crush* em casamento. Agora só falta o sim para correr para o abraço. Nesse momento, Tommy olha para mim mais com tesão do que surpresa. Isso que dá pedir o namorado em casamento pelada.

— É a cena mais sexy que eu já vi na vida. Estou sem palavras.

Idiota, penso revirando os olhos.

— Que tal duas palavras: eu aceito.

— Boas, mas prefiro, vou pensar no seu caso.

— Thomas! — grito ficando de pé.

— Brincadeira. — Percorre de joelhos pela cama vindo em minha direção. Ele está com um lençol na cintura. Eu devia ter me enrolado é um também. — Claro, óbvio que quero me casar com você. — Jogo-me em seus braços com um grito estridente de felicidade.

— Pensei que ia dar um de difícil...

— Pra quê? Já prolongamos demais esse namoro. Você reclamava do Edson me enrolando, mas também não ficou atrás. — Escondo o rosto no peito dele. *Pior que ele tem razão*. — Bem que sua mãe falou que você cedo ou tarde faria o pedido, mas confesso que duvidei.

— Posso até demorar, mas ainda sou uma mulher de atitude. Levo frango, mas também faço gol.

— Cadê minha aliança?

Ops! Na euforia joguei longe, só fiquei com a caixinha. Pego as alianças da cama, ia colocar no dedo dele, mas ele toma da minha mão.

— Olha, fez até uma homenagem na aliança.

— Fi... Fiz?

Meu Deus, por que não olhei isso antes? Tenho é medo do que mamãe

escreveu aí. Que olho bom! Olha que ele usa óculos. Tá com a visão melhor que a minha.

— Já vi que não foi você.

— Mamãe que comprou e me deu — confesso —, mas eu iria te pedir em casamento hoje até com um lacre de camisinha.

— Ainda bem que minha sogra pensou em tudo — comenta examinando com atenção. — Finalmente, né. — Ele faz uma careta. — Romântico.

Acabamos rindo. Figura essa minha mãe. Observo a meu anel e também tem algo escrito.

— Tchauzinho — leio em voz alta.

Amélia sendo Amélia.

Ignoro a brincadeira e coloco o anel no dedo de Tommy. Ele faz o mesmo.

— O mais estranho é que deu certinho no meu dedo.

— No meu também, mas sei que ela vive tirando minhas medidas enquanto estou dormindo.

— Não é agradável pensar que ela fez o mesmo comigo. Sinto-me até violado só de imaginar.

— Bobo. Deve ter sido coincidência — digo só pra tranquilizá-lo, mas vindo da minha mãe, não duvido de nada.

Levanto da cama e vou para o banheiro tomar banho rapidinho sozinha. Se ele for junto vai rolar sexo de novo, não quero abusar ou correr o risco de cair no banheiro. Sexo é bom, mas dá trabalho. Assim que saio ele faz o mesmo.

Enquanto meu noivo – é bom falar isso – toma banho, aproveito para assaltar a geladeira. Quando volto Tommy já está deitado. Apago a luz pouco antes de deitar na cama ao seu lado com um sorriso bobo no rosto.

Coloco minha cabeça apoiada nas costas dele quase adormecida, no entanto, ouço a voz sonolenta dele romper o silêncio:

— Esse pedido foi sério mesmo?

— Sim.

— Posso marcar a data do nosso casamento para o mais breve

possível?

— Sim.

Satisfeito com as respostas, o silêncio recai novamente no ambiente. Abraço seu corpo sentindo seu cheiro inconfundível. Se for para dormir todas as noites assim, eu caso com o maior prazer do mundo, penso pouco antes de adormecer.

Acordo assustada com batidas fortes na porta. Dormi tão bem que até babei. Levanto meio desnorteada para ver quem é o cabra que vem a essa hora na casa dos outros. E Thomas, cadê? Não estava dormindo ao meu lado.

— Tommy — chamo, porém só escuto as batidas na porta.

Abro a porta já preparada para mandar a pessoa para casa do caralho, ainda bem que percebo a tempo que é só o capeta. Um dos três espíritos ruins da Terra logo atrás da mortandade que assola o meio dia, da seta que voa de noite, a sogra que visita pela manhã.

Iupi! A mãe dele chegou. Mereço. Logo agora que acabei de ficar noiva. Estava tão feliz e para completar, o desgraçado do Thomas resolveu sair. Sozinha na cova do leão.

— Bom dia — cumprimento, contrariada.

— Thomas está?

Mal-educada.

A senhora baixinha de cabelos grisalhos e um corte horrível, muito bem arrumada em um *terninho* azul entra arrastando uma enorme mala de rodinhas fazendo questão de passar por cima do meu pé. Espero que a cabelo do visconde de Sabugosa não esteja mudando para cá. Que continue no sítio do pica pau amarelo.

E como se não fosse pouco ter a rainha Elizabeth em minha casa, vejo Cristina entrando também. Ah não, seguro seu braço barrando sua entrada. Tá pensando que aqui é granja?

— Você não. — Empurro para fora e fecho a porta. — Não sou obrigada.

— Abre essa porta garota — Cristina grita esmurrando a porta.

— Não seja infantil Telly.

— Não vou tolerar essa mulher dando encima do meu... — sou

interrompida pela porta que é aberta abruptamente por Tommy.

— Cheguei! Em tempo de evitar uma guerra. Aleluia. — Cristina aproveita para entrar também. *Fecha à porta do curral, a vaca já entrou.* — Mãe, por que não avisou que já estava na rodoviária? Eu iria buscá-la.

— Quis fazer uma surpresa. Exijo que deixe a Cristiana ficar. Sua namoradinha implicou com ela e você sabe que ela me faz companhia.

— Cristina pode ficar em um hotel enquanto a senhora tenta ser amiga da Telly.

Ser minha amiga? Olhamo-nos de cima a baixo. Jamais. Mais fácil o Genaro descobrir o que a Maria Chiquinha foi fazer no mato.

— Impossível! Diz logo que é porque você é capacho dela. — Revira os olhos. — Esse chá de calcinha é poderoso.

— Mãe, por favor. — Ele pega a mala dela e eu observo tudo. — Cadê papai e minha irmã?

— Preferiram ficar lá. E diante do que vejo, fizeram bem.

— Pensei que todos estariam aqui.

— Depois da sua briga com Edson? Seu pai anda atravessado com você.

— Sério? Ele pareceu entender quando contei.

Óbvio que não, conheço meu sogro, ele é maravilhoso, não brigaria com Tommy por isso. Essa mulher fica inventando coisas para fazer a gente brigar. Cruzei os braços soprando o ar ruidosamente.

— Podemos conversa a sós?

Megera!

— Sim. — Tommy vira para mim. — já volto Moleca. — Deixa um beijo na minha boca e percebo que ainda usa a aliança. Pelo menos está firme nisso.

E espero que continue assim, penso olhando-o se afastar para nosso quarto. Vejo a porta ser fechada. Oba! Vou poder ouvir a conversa, mas antes pego no braço da Cristina para botá-la para fora, porém ela sai de livre e espontânea vontade. Resolvido esse problema, corro para ouvir a conversa. Encosto a orelha na porta apesar de não ser necessário. Eles falam alto.

— *Até quando vai continuar com essa pirralha? Tanta mulher da sua*

idade.

Começou. Parece até que ela é da idade do marido. Com essa cara da bruxa do 71.

— *No mesmo dia que a senhora parar de se iludir com um romance entre mim e a Cristina.*

— *Ela é a mulher certa para você.*

— *Diz isso porque criou ela "a sua imagem e perfeição".*

— *Sei das coisas. Estou casada há mais de quarenta anos.*

— *Com brigas constantes, perdendo traições...* — *Olha, meu sogro pula cerca.*

— *Faz parte.*

— *Não quero meu casamento assim.*

— *Casamento? Está pensando em casar com ela? O que fiz para merecer isso?*

— *Queria que todos da família estivessem aqui, pois queria comunicar a todos as novidades.*

— *Imaginei. Tenho até medo do que possa ser.*

Abaixo para olhar pela fechadura. Ah como eu queria um ângulo bom para poder ver melhor a cara de pamonha da minha sogra ao saber que vai ser vovó e ganhará oficialmente uma nora.

— *Telly está grávida e vou me casar ela.*

Vejo pela fechadura Rosa, minha sogra, desabar na cama.

— *Por isso ela hoje está se achando tanto a senhora e dona da casa. Grávida! Tanta mulher mais madura que saberia cuidar de você.*

— *Não estou doente e nem sou criança, eu mesmo posso cuidar de mim. Quero uma esposa, mãe não uma babá.*

Receba.

— *Filho, uma esposa precisa saber cuidar de tudo. Da casa, dos filhos e principalmente do marido. Cristina eu mesma ensinei, conheço e confio. Ela é um moça direita e já sabe tudo que você gosta.*

E já sabe tudo que você gosta, imito. Nojenta. Eu também sei do que ele gosta e até na cama, coisa que a Cristina não sabe e nunca vai saber. Reviro

os olhos tentando me controlar, espero que essa conversa acabe logo antes que eu perca minha paciência e principalmente porque essa posição está doendo minha coluna.

— *Mãe, você nem se permitiu conhecer a Telly, está julgando baseado que a Cristina deveria casar comigo. Viu ela pouquíssimas vezes e ficou implicando desde o início. Sabe que estamos juntos há anos.*

— *Ela era menor.*

— *Nunca toquei nela quando era menor. Sabe disso.*

— *Mas te provocava. E pelas coisas que fazia quando nova já sei que não é uma moça recatada.*

A bruxa deve acreditar que a Cristina é virgem. Iludida. Aquela vagabunda não me engana. Posso não ser recatada, mas pelo menos não coloco mulheres para cercar homem comprometido.

— *Mas é quem eu amo. Com quem quero casar e ter filhos.*

— *E se você desse uma chance a Cristina? Só uma.*

— *Não. Fora de cogitação.*

— *Nem quando ela for para o Canadá?*

Ora, ora! Ainda bem que não fui. Aposto que planejavam vim com tudo. Quando o gavião sai, as carniças fazem a festa.

— *Ela não irá mais.*

— *Claro que não. Sabia que essa viagem era invenção. Essa garota é esperta, finalmente conseguiu te laçar. Grávida. Vai sugar o pouco que te restou. Conheço uma golpista quando vejo.* — Também, vendo pela amizade dela com Cristina, deve conhecer muita golpista. — *E na família dela tem histórico.*

Como é que é? Seguro a maçaneta para entrar. Calma Telly! Não entre lá e mate essa senhora.

— *Mãe!* — brada que até eu prefiro não entrar. — *Para de achar que toda mulher além das que você gosta são golpistas.*

— *Todo mundo leu o escândalo que foi a relação da irmã dela com Max. Saiu em vários sites.*

E várias pessoas leram errado pelo visto, minha irmã não é golpista. O babaca do pai do Max que acha isso.

— *Não vou discutir essa história com a senhora. E para você saber*

que não são golpistas, o pai da Telly tem muito dinheiro. Quem estaria dando o golpe sou eu que nem tenho emprego, não ela.

Tantos anos ignorando esse detalhe e vivendo apenas com o essencial, é estranho ouvir alguém usar Telly e muito dinheiro juntos na mesma frase.

— *É, mas perdeu o emprego. Brigou com o primo por uma mulher.*

— *Meu Deus! Vamos passar o dia aqui discutindo.* — Espero que não, minha coluna está doendo. — *Não por uma mulher, minha mulher. Ele é falso, além de ser egoísta. Telly só adiantou o processo. Cedo ou tarde eu pediria demissão.*

Pelo que o conheço, não pediria não. Por mais que não estivesse gostando, ia permanecer lá, para evitar brigas.

— *E isso é razão pra agredir seu primo? Não foi assim que te criei.*

Olha, teve agressão e ninguém conta. Eu merecia ver isso. Que orgulho. Vou pedir em casamento de novo.

— *Bateria de novo e não seria com as mãos. Quero ver como vai manter aquilo em pé sem mim. Eu que tenho boa parte dos clientes, vou cumprir o contrato e assim que estiver casado, vou começar meu próprio escritório. Nome eu já tenho mesmo.*

— *Faz o que quiser e quando chegar cansado do trabalho, vai limpar e fazer comida para continuar mimando a esposa.*

— *Se eu quiser: qual o problema?*

— *A Cristina sabe fazer tudo. Vai cuidar de você como eu cuidei.*

Reviro os olhos. Mulher chata. Coloca o filho de volta no útero.

— *De novo isso mãe* — O tom dele é baixo, mas sei que está no limite já. — *Faz o seguinte. Vou dar uma chance para Cristina.*

O quê? Quase perco o equilíbrio. Não estou há minutos debruçada nessa fechadura para ouvir uma merda dessas, até ela parece chocada.

— *Sério?*

— *Sim. Quando casar vamos precisar de um empregada. Pede para ela manda o currículo, já que sabe cuidar tão bem das tarefas da casa. Dou o emprego para ela, mas minha esposa será a Telly e ponto final.*

Precisei de um esforço enorme para não gritar que amo esse homem. É assim que se faz, amor.

— *Você é adulto, pode tomar suas próprias decisões. Eu lavo minhas mãos.*

Lave as mãos, de preferência, na sua casa.

— *Mãe, a senhora sempre fica feliz com minhas conquistas. Vou casar, vou ser pai. Você será avó. Não te deixa feliz? Não ganho parabéns?*

— *Parabéns filho.* — Vejo pelo buraquinho da fechadura que eles se abraçam. — *Está feliz?*

— *Pra caramba.*

— *Se você está feliz, eu estou. Só entenda que sempre preocupo com você. Será sempre meu bebê.*

— *Que ninguém te ouça.* — Posso escuta seu riso. — *Pode tentar se dar bem com Telly?*

— *Vou tentar me abster de alguns comentários verdadeiros sobre ela.*

— *Já é alguma coisa.*

— *Para quando é o casamento?*

— *Estamos estudando as datas.*

— *E o bebê?*

— *Os bebês. São três.*

— *Três? A smilinguida está grávida de trigêmeos?*

Essa bruxa me chamou de quê?

— *Mãe, acabou de prometer.*

— *Desculpa. Força do hábito.*

— *Preciso que vocês parem de brigar.* — Vejo-o caminhar até a porta e quase caio tentando me esconder. *EITA porra.* — *Telly, eu sei que você estava escutando atrás da porta. Vem cá.*

— *Eu? Jamais* — digo com cara de paisagem. — *Estava no banheiro.*

— *Sei.* — *Puxa-me para dentro.* — As duas apertem as mãos e prometam uma trégua. Preciso desse tratado de paz para não enlouquecer.

— *Prometo* — falamos juntas e pelo jeito, sem a menor possibilidade de cumprir, porém Tommy sorri satisfeito, é o que importa. Dá um beijo na mãe e outro em mim. Como que selando o tratado.

— Quanto a Cristina?

Vou cancelar minha assinatura no tratado se essa mulher ficar aqui.

— Fica no hotel — decreta.

— Se é assim, irei ficar lá também.

— Como quiser — responde dando de ombros.

Rosa sai fingindo estar tudo numa boa.

— Milagre ter ficado contra ela.

— Não fiquei contra. Só cansei de discutir — esclarece. — Se fosse um homem que estivesse dando em cima de você, eu também colocaria para fora.

— Preciso falar com você sobre nosso casamento — avisa me puxando pela mão até a cama. — Fui ao cartório e passei na Igreja. Se começarmos a preparar tudo esse mês dará para fazer nosso casamento em três meses.

— Estarei de sete ou oito meses. Por mim está ótimo. Não quero casar na Igreja. Sabe, de tanto minha mãe falar de casamento a beira mar, quero casar assim.

— Tem certeza?

— Sim. E você? Onde prefere casar?

— Se você for a noiva, para mim, qualquer lugar é perfeito. — Ele segura minha bochecha, sem parar de sorrir, encosta sua testa na minha, depois me abraça. — Te amo.

— Eu também te amo.

Ergo meus olhos acima dos ombros de Tommy e vejo sua mãe nos observando. Acho que mesmo não levando jeito para dona de casa ou sendo uma mãe nata, ela sabe que sou capaz de fazer seu filho feliz e talvez o tratado de paz possa dar certo.



CAPÍTULO 33

DETALHES

Deito no sofá quase cochilando. Estou exausta, meu dia foi cheio. O primeiro de muitos. Depois da invasão da família Azevedo, que aleluia realmente foi para um hotel, passei o resto da manhã com Tommy falando do que gostaríamos ou não que tivesse na cerimônia do nosso casamento. Ele não tem muitas preferências, como todo homem, então só fazia uma observação ou outra.

Decidimos os padrinhos, alguns meio óbvios, como Max e Belly. Os outros ainda precisávamos confirmar com eles, tipo Doutor Paulo, Vanessa e minha irmã caçula. Precisava falar com *modeLetty* até para estreitar laços. Agora que perdoei Vanessa, só quero mais tempo com todas as minhas irmãs. A vida é curta demais para ficar com picuinhas. Sei que nesse momento Letty está em turnê pela Europa com uma campanha a qual é a representante, mas não custa nada convidá-la para ser madrinha do meu casamento.

No período da tarde, Tommy e eu fomos ao cartório fazer a habilitação para o casamento. Perdemos horas lá, poderia ser pior se Tommy não tivesse se adiantado e pego minha certidão em casa. Pedido feito, agora é com o cartório. Thomas está se saindo uma Amélia da vida: pensando em tudo e super-rápido. Medo de a noiva desistir será?

Logo após o cartório, nos dirigimos até o hospital fazer uma visita e contar as novas para o meu pai. Aproveitando que já estava perto da clínica do Doutor Paulo, aproveitei para fazer o convite para ser meu padrinho. Ele aceitou na hora, ratificando o que já tinha dito: o risco do bebê ser prematuro em gravidez de múltiplos é muito alto e nos aconselhou a casar em, no máximo, no meu sétimo mês de gravidez. Vai ser correria. Eu jurava que o mais difícil era convencer as pessoas a casarem, mas já vi que casar é caro, burocrático e cheio de detalhes.

Após a consulta, Tommy finalmente me deixou em casa para falar com minha mãe e começar a definir minha parte dos preparativos. Ele vai cuidar dos trâmites legais e as bebidas. E eu? De todo o resto como sempre. Não basta pedir em casamento, tem que sobrar tudo pra mim. Posso nem reclamar, estou feliz e quero cuidar de cada detalhe desse momento.

Quando entrei em casa não tinha ninguém, o que é muito estranho, aqui tem sempre alguém cantando, gritando, cozinhando... Belly e Max parecem

terem ido embora, pois sumiram as coisas deles e o até o berço da Malu. Não sei se mamãe ainda está com o tal cara com quem foi namorar ontem ou na lanchonete. Sem nada para fazer, fui comer e agora estou aqui deitada de olhos fechados com as pernas para cima quase dormindo. Comer e dormir: as duas coisas que mais faço e mais tenho vontade de fazer.

Fico um bom tempo lutando contra o sono e implorando para alguém chegar. Cheia de novidades e ninguém para dividir. Que saco! Vou ligar logo pra Letty, assim tenho alguém para contar as novidades e resolvo a questão dela ser uma das minhas madrinhas.

Sento no sofá, alcanço meu celular no encosto do sofá e faço a ligação.

— *Alô!* — atende no terceiro toque.

— Oi Letty, sou eu, Telly...

— *Sei que é você. Para isso que salvo os contatos. Economiza meu precioso tempo com apresentações desnecessárias.* — Lembrei porque nunca nos demos bem. — *O que você quer?*

— Conversar e parabenizar minha irmã caçula. Então, se puder parar de me morder eu agradeceria muito. Estou em missão de paz.

— *Não sei o que teríamos para conversar, mas vá em frente, tente não me entediar.*

Metida. Pirralha. Mimada. Filha da... Mãe.

— Vou casar. — Ela finge bocejar e isso me irrita muito.

Paciência Telly, paciência.

— *Meus parabéns, felicidades e blá, blá, blá...*

— Obrigada. — *Eu acho...* — Só liguei porque queria te chamar para ser uma das minhas madrinhas de casamento.

A linha fica muda por um tempo, provavelmente não esperava o convite. Nós sempre formos cabeça duras e vivemos batendo testa. Sempre foda-se para tudo. Se alguém um dia tivesse dito que eu casaria, grávida de trigêmeos e convidaria Letty para ser minha madrinha, eu não acreditaria e chamaria a pessoa de Amélia.

— *Eu? Quer que eu seja sua madrinha de casamento?*

— Sim.

— *Nossa... Eu... Eu não sei o que dizer.*

— Diga sim.

— *Mas quando é o casamento? Estou em turnê e deve durar mais uma semana. Não sei se vou poder.*

— Sem problemas. Faltam várias semanas para o casamento e o nascimento do bebê.

— *Que bebê? Belly me avisou que Malu já nasceu.*

Belly, aquela pessoa que sempre insiste nas pessoas que ama, mesmo sabendo que Letty finge *cagar e andar* pra gente está sempre incluindo a caçula. Tentando ser mais como minha irmã mais velha.

— Sim, mas estou grávida de trigêmeos.

— *Nossa! Tri? É muita gente. A cegonha está tendo trabalho.*

A piada nos fez ri. Se não me engano foi à primeira vez que ouvi a risada da minha irmã. A primeira vez também que ela fala algo em tom descontraído. Tem DNA Oliveira nessas veias.

Welcome to the family Oliveira, Letty!

— Sim, está tendo muito trabalho. Fiquei em choque quando descobri a gravidez, principalmente quando soube que são três... Hoje estou feliz com a notícia.

— *Vou levar uns presentes para Malu e para seus bebês. Já sabe o sexo?*

— Ainda não, mas aviso assim que souber.

Ficamos em silêncio, um desconfortável. Sinto-me conversando com uma estranha. Não temos muito assuntos em comum e eu não sei como falar o que temos para preencher as lacunas sem parecer que estou falando com esse objetivo e fica estranha como nesse momento.

— *Telly?*

— Sim?

— *Parabéns!*

— Obrigada.

Letty nem parecia a menina grossa e mal-educada de sempre e aproveitou esse momento de paz para desligar. Assim não dá tempo para brigas.

— Letty, *te ligo* depois. Beijos.

— *Beijos.*

Desligo o telefone e logo em seguida a porta é aberta mostrando uma contente e sorridente Amélia. Noite boa. Dia bom.

— Já aqui? Achei que ia passar o dia com Tommy.

— Ah vim só te comunicar que é oficial, vou casar. Thomas aceitou o pedido.

— Alguém tinha dúvida?

— Ah, mãe, não estraga. Preciso me casar antes dos sete meses de gravidez. Ajude-me a adiantar logo algumas coisas do casamento para não ficar para cima da hora. Preciso ir com calma pelos bebês, e rápido ao mesmo tempo.

— Bom, já falei para a Belly cuidar do Buffet. Só faz a lista com as preferências de vocês e passa para ela. Você pode fazer a decoração ou podemos contratar. Tommy fica com a parte legal que deve ser iniciada imediatamente.

— Já cuidamos da habilitação, fomos hoje ao cartório. E dentro de quinze dias podemos fazer o agendamento.

— Sei, ele esteve aqui de manhã cedo. O casamento será na Igreja?

— Não, quero na praia.

— Querer não é poder. Primeiro, nessa cidade não tem praia. Segundo, casamento por diligência é mais caro e eu que estou pagando. Terceiro, está grávida e sua gravidez estará avançada, uma viagem para a praia de carro pode forçar seu parto ou se for um lugar longe, será inacessível aos convidados.

— Se eu for um ou dois meses antes?

— Seria uma alternativa, mas e o acompanhamento aos bebês?

— É, tem razão. Poxa, queria casar ao ar livre.

— E pode. Tem um lago lindo há meia hora daqui e realiza cerimônias. Praia é muito arriscado.

— Tudo bem.

— Falando em cerimônias, tem uma amiga que abriu uma empresa de eventos. Pediu para eu perguntar se você quer trabalhar com ela.

Quase infarto.

— Jura mãe?

— Juro.

— Ahh! Óbvio que quero. Muito obrigada.

— Mérito seu. Ela me falou que amou a decoração do restaurante da sua irmã. Falei que era obra sua e ela logo se interessou.

Estou tão radiante. As coisas estavam dando tão erradas para mim e agora está tudo dando certo. Dá até medo, mas com medo mesmo eu aceito tudo.

— É maravilhoso. Não sei o que faria com três filhos, casa... É tanto gasto. A coisa ia ficar feia.

— Não ia ficar feia porque eu jamais iria deixar faltar algo para você e agora tem seu pai também.

— Verdade. Acho que acostumei com os perrengues da vida... Tenho medo de precisar e na hora não ter, como foi com papai. Quero ser responsável por minha família, mas se precisar não vou hesitar em pedir ajuda.

— Isso aí. A empresa não é grande, está começando agora e fazem apenas decoração de casamentos, mas já é um trabalho.

— E vou fazer o que gosto.

Sinto meu celular vibrando em minha mão, no visor brilha a foto de Belly grávida e seu nome. Ela nem me deixa falar nada, só ouço seu grito:

— *Ahhh... Ahh... Ahh... Tommy acabou de ligar para Max falando do casamento. Vagabunda, nem me disse nada.*

— Foi mal. Tanta coisa.

— *Mal o caralho. E então, vai casa né? O que houve com a operação: não caso?*

— Foi substituída pela operação: caso.

— *Ahhh... — Belly grita. Grita de novo e de novo e meu ouvido grita junto. Depois começa a rir feito uma maluca. Tô ficando preocupada. — Não acredito. Finalmente! Fi.nal.men.te.*

— É... Só falta uma coisa para ficar tudo certo... — Quase ia falar demais.

— *Essa coisa é o acidente do nosso pai José? Max me contou. Fiquei com raiva por não saber antes, mas entendo que era um momento delicado.*

— Foi um baque muito grande. E preferimos te poupar.

— *Na próxima não me poupa. Essas coisas prefiro saber logo. Estou indo vê-lo daqui a pouco, mas não podia deixar de te parabenizar por seu*

momento. — Ouço um choro. — *Preciso ir ver Malu. Beijos.* — E desliga sem espera resposta. Maluca!

Mamãe senta ao meu lado me olhando com aquela cara de olhos brilhando. Imagino como deve ser bom conseguir tudo que quer.

— Estou orgulhosa de você e confesso que vou sentir falta das minhas filhotas em casa.

— Sabia que ia. — Envolver-a em um abraço. — Pode fazer meu vestido?

— Claro. Já fiz uns rascunhos. Comprei uns tecidos também, está lá no quarto. — Ela tira uns papeis da bolsa. *Anda sempre preparada.* — Depois você vê, Para decidimos os detalhes.

Incrível como ela pensa em tudo referente a casamento. Imagino que desde o meu nascimento.

Pego os papéis com rascunhos de vestidos de noivas. Todos tem uma legenda de como ficará mais ou menos pronto e no corpo. Com os tipos de tecidos e buquês. Logo que bato o olho em um modelo de barriga de fora me apaixono. Posso me ver nesse vestido. É um modelo bem ousado com saia esvoaçante em camadas verticais e laterais abertas. A parte de cima é de manga longa transparente com poucos detalhes em renda, apenas uma parte tipo *cropped* em tom de rosa bem bebê para cobrir os seios e o mesmo tom se repete na barra da saia e na barra da calça. Atrás, a parte de cima é aberta em V com uma parte enorme no fim que servirá como calça no mesmo tecido da saia. No lado há uma observação de que os cabelos ficarão soltos com uma coroa de flores com três rosas no mesmo tom do *cropped*, um buquê colorido de flores naturais e os pés descalços.

É sexy. É delicado. É diferente. É exibido. É ousado. É muito Telly.

— Quero esse com certeza — anuncio entregando o desenho para ela quase pulando no sofá. Tommy vai surtar, mas vai ser esse.

— Sabia. Sua cara. Vou deixar para fazer bem próximo a data... Agora chega de planejar. Vamos começar a colocar esse casório em prática?

Confirmo com vários acenos afirmativos de cabeça. Que comece o corre, corre para mais um casamento na família Oliveira.

Operação: agora eu caso!



CAPÍTULO 34

CORAÇÃO

Dias depois...

Eu esperava que a essa altura, três semanas após o pedido de casamento, os preparativos para meu casamento estariam a todo vapor. Eu até cogitei a ideia de passar a lua de mel em uma ilha paradisíaca com tudo pago só curtindo a vida de casada – *vai que cola* –, mas mamãe logo cortou *meu barato* me lembrando de que quem casou com um milionário foi Belly, não eu, e que eu vou passar no máximo no sofá sentadinha de repouso ou de resguardo. E para ratificar meu triste fim, Dr. Sandro, o médico que acompanha minha gravidez, muito bem recomendado por Doutor Paulo, prescreveu horas de repouso. Sem qualquer tipo de atividades físicas ou esforço, isso inclui dirigir, fazer sexo e até andar. Quase indaguei se podia respirar profundamente, no entanto, estava nervosa demais para brincadeiras.

Tive um pequeno sangramento depois de alguns exercícios. Queria ser mais saudável, acho me empolguei e talvez tenha feito demais. Não sei... Só sei que faltou pouco para eu surtar e entrar em pânico. O médico fez vários exames e logo me tranquilizou dizendo que está tudo bem comigo e com o trio, mas que é um sinal de pare e descanse ou poderia se torna um grande problema. Esse “pare e descanse” duraram semanas. E nunca pensei que reclamaria de não ter o que fazer. Tornei-me o que eu mais temia, a pessoa que não consegue ficar parada. Passei tantos dias na cama que estava vendo a hora de alguém deitar e se cobrir comigo.

O resultado dessa boa vida, virei uma bola. Minha cara virou uma melancia. Meus seios estão maiores, mais sensíveis e mais pesados. Minha barriga deu um salto junto com meu umbigo. Quero nem comentar sobre o cabelo e a torneirinha de xixi que virei. O que mais me irrita é Thomas ficar me olhando dormir e sempre que acordo, mente dizendo que estou linda. A ursa hibernando mais linda que ele já viu. A grávida mais linda do mundo, que sonha com o dia em que finalmente vou ser sua esposa.

Com todos esses problemas da gravidez, Tommy praticamente se mudou para a casa da minha mãe, vive mais aqui que na casa dele. Está extremamente preocupado comigo, principalmente à noite quando sinto um pouco de falta de ar, o obstetra me explicou que é pelos altos índices de progesterona e que é normal também sentir a barriga pesar. Tudo eu já ligo para

ele ou para Dr. Paulo. Estou com medo, até tento não pensar coisas ruins, mas estou com medo. O que tem me ajudado bastante a não pirar é conversar, ler e falar da gravidez *trigemelar* com outros pais de múltiplos. Thomas e eu vamos a palestras e encontros on-line quase sempre. É magnífico como para todos foi surpreendente, apavorante e incrível descobrir que esperam três e não um bebê.

Entretanto, nem isso me faz relaxar da ideia de que está faltando pouco mais de dois meses para o casamento e não posso ficar ansiosa com isso, pois já tive muito tempo em repouso absoluto e não posso, nem quero, me dar ao luxo de complicar ainda mais minha situação. Pelo bem dos meus bebês, porque casar eu caso até de cadeiras de rodas. Já foi um pesadelo ter que adiar o casamento por mais duas semanas do planejado, para a primeira semana do meu oitavo mês de gestação.

Parece praga da bruxa da mãe dele. Rosa e a Cristina devem estar fazendo uns *trabalhos* para mim, mas não vão me abalar. Eu preciso casar com Thomas, só assim a mãe dele vai nos deixar em paz. Para ela casamento é eterno, no entanto, enquanto estivermos noivos o céu é limite.

Mesmo que elas já tenham ido embora e concordado em não se intrometer entre nós, fico imaginando alguma armação contra mim. Não posso evitar. Vou enfartar se as coisas voltarem a dar errado. Estava tudo tão certo, em um dia estava feliz escolhendo o desenho do meu vestido de noiva e uns três dias depois estava prestes a ir conhecer nossa casa quando notei as manchas na calcinha, logo em seguida o repouso absoluto.

Não tenho visto papai. Nem vi minha casa. É um tanto longe, mas preciso ir antes do casamento. Nossa lua de mel será em casa, o obstetra cortou a viagem. De qualquer forma, estou grávida mesmo e nem poderei transar, apesar da vontade só crescer. Parece que tem um ator pornô adormecido dentro de mim que foi acordado pela gravidez. Ah! Se não fosse o repouso eu poderia fazer sexo até subir o cheiro de *piriquita* assada. Afinal, de acordo com meus exames e graças a Deus, fora o sangramento, está tudo certo com eles. Estão no peso e no tamanho ideal e estão se desenvolvendo como a natureza manda, sem anomalias genéticas. O que é maravilhoso. Dou a vida por meus Feijõezinhos e estou louca pra saber o sexo e poder fazer o enxoval e claro, escolher os nomes.

Os dias de repouso terminaram anteontem. Hoje já posso me locomover com mais liberdade e aproveitei pra marcar consulta para ver o sexo do bebê. Como uma forma de dizer que o susto já passou, pela manhã, enquanto tomava banho, os senti mexendo claramente pela primeira vez. Fiquei louca, comecei a chorar. Gritei por Thomas, mas ela já tinha saído e quando chegou,

eles não se mexeram mais. Preferi nem dizer nada, será uma grande surpresa. Tommy está esperando muito esse momento. Belly diz que vou ser a mãe mais coruja do mundo. Tudo deles eu faço festa e choro e que pra quem não queria compromisso sério, estou me saindo uma bela Amélia.

Não vou negar, sou mãe coruja mesmo.

Sorrio. Estou sentada na recepção da clínica de Dr. Paulo, já sonhando com o momento em que vou ouvir e ver a imagem deles no monitor. Deito a cabeça no ombro de Thomas encaixando sua mão na minha.

— Senhorita Telly Oliveira? — Ergo a mão ao ouvi a recepcionista me chamar. — Sua vez.

Levanto e Thomas faz o mesmo, somos encaminhados para a sala já tentando controlar o riso. Não tem como vir aqui e não se lembrar do mico dele espatifado no chão e de todas as piadas que meu cunhado fez com isso.

Dr. Paulo, como de praxe, faz inúmeras perguntas e eu respondo todas atentamente. Neguei outros sangramentos ou dores. E ele elogia que estou em dia com os exames e até passei em uma nutricionista. Recomendou que eu continuasse fazendo algumas horas em repouso.

Finalizado a parte chata, deito na cama e faço o procedimento de sempre. Em poucos minutos sinto o gel gelado sobre minha barriga, em poucos instantes o som dos corações deles batendo enche o ambiente. Amo esses sons. Os corações dos meus bebês batendo viraram minha melodia favorita. Agora já consigo até identificar com mais facilidade os três bebês na tela do monitor e se Deus quiser, hoje consigo saber o sexo.

— Já consegue ver os sexos, Dr. Paulo?

— Falta apenas mais um... — Ele move o treco pela minha barriga. — Agora pronto — anuncia deixando a imagem em pausa. — Qual o sexo?

— Uma menina — falamos juntos com um largo sorriso no rosto.

Uma só? Está ótimo.

— Na verdade todas são meninas. — Ele sorri para gente antes de completar: — Parabéns. — *De novo esse parabéns?*

Não podemos evitar olhar para o lado, onde Thomas está, esperando para desmaiar. Meu futuro marido está branco feito papel, provavelmente lembrando-se de Max falando sobre ter três meninas cheias de atitudes, mau humor, TPM e garotos.

— Pode desmaiar. Dessa vez eu compreendo. — Parece zoeira, mas falei sério. Dr. Paulo ri já acostumado com nossa maluquice e não demora em escutarmos o barulho que me faz rir também. Thomas realmente desmaiou. Não acredito nisso!

Digo e repito: Tommy não vai estar no nascimento das filhas.

Dessa vez ele acordou rápido e acho que fingiu o desmaio para aliviar a própria tensão. Confesso que estava um pouco preparada para ter um trio de meninas. Minha mãe sempre disse que teria meninas e ultimamente ela tem acertado todos. Tadinho dos homens da família, continuam minoria, perdidos no meio de tanta mulher de personalidade e principalmente, coitado do Thomas.

Assim que saímos da consulta, Tommy diz que tem uma reunião importante e que depois, se necessário, vem me buscar. Já eu vou direto para o hospital contar as novidades para meu pai, hoje é a primeira vez após o repouso absoluto que vou vê-lo. Sinto falta de conversar com ele. Seu estado ainda é o mesmo. Vanessa e Belly têm ficado mais tempo com ele e nesse momento, vejo minha irmã Belly e minha mãe conversando na recepção do hospital.

— Uau. Deve ser crime alguém com esses olhos brilhando entrar em um hospital.

— Não consigo evitar. — Coloco a mão no barrigão tentando controlar o sorriso. Meus Feijãozinhos viraram uma colheita. Estão enormes como a mãe. — É sempre maravilhoso ouvir os corações delas.

— Delas?

— Mais mulher na família?

— Sim... — afirmo esticando o “*im*”

— Ah... — elas gritam quase sem som. Olham para todos os lados certificando que ninguém está nos vendo comemorando, vem me abraçar repetindo o *grito* sem som.

Minha mãe parece mais minha irmã ou amiga que qualquer outra coisa.

— Um milagre você estar calma — Belly constata.

— O médico me proibiu de ficar nervosa. Só quero que tenham saúde.

— Isso é uma evolução. Vai tentar o parto normal?

— Acho que sim. Está muito longe para começar a imaginar o parto. Prefiro nem pensar.

— Não tão longe, mas relaxe. Você e seu irmão foram de parto normal, fiz muito repouso também.

— Isso será um incentivo. Eu me sinto tão feliz que às vezes bate uma culpa... Meu pai aqui...

— Ele está vivo e vai acordar. — Mamãe beija minha testa. — Nesse momento precisa ficar feliz e confiante. Esse momento é único.

— É mana, vamos confiar. Agora conta, já sentiu elas mexerem?

— Sim. Hoje pela manhã. — Elas abrem boca em um grito sem som. — Já vinha sentindo umas coisas... mas hoje senti claramente. É estranho e lindo ao mesmo tempo.

— Que tal se fossemos ao cinema? É um programa legal e não te cansa.

— Queria ver meu pai antes...

— Claro, vá vê-lo — mamãe diz olhando para Belly. Sensação de que estão tramando ou escondendo algo.



CAPÍTULO 35

SURPRESAS E DESPEDIDA – PARTE 1

Ainda pensando sobre a troca de olhares entre minha mãe e minha irmã, caminho até o quarto onde papai está adormecido. Sinto-me meio ansiosa, faz tempo que não o vejo. Quando estive aqui pela última vez, já tinham retirado quase todas as faixas e as feridas estão cicatrizando normalmente. Tudo isso aumentava a sensação dele só estar dormindo após um dia difícil no trabalho ou após uma festa animada e que o menor ruído o faria despertar com olhos negros sonolentos e que sempre me olhavam carregados de culpa. Esse olhar às vezes o envelhecia mais que a aparente calvície e os cabelos já grisalhos.

Agora seus olhos não podiam me ver e até agradecia isso. Mais difícil encarar esse momento se visse seus olhos tristes. Não quero lembrar dele assim, apesar de antes não me importar. Não quero mais esse olhar. Quero recomeçar. Receber seu olhar meigo. Ver seu semblante tranquilo como ele está agora, deitado naquela cama, só que acordado.

Há poucos segundos do meu destino meu celular toca, cogito não atender por ter urgência em ver papai, mas desde o acidente não consigo ignorar mais nenhuma ligação. Retiro o celular da bolsa percebendo que é de Thomas. Não consigo evitar que meu coração acelere imaginando ser algo ruim.

— Que houve?

— *Telly, será que pode vir me buscar? Meu carro quebrou.*

— Como? Apesar de estar quase um elefante, duvido que eu consiga te carregar nas costas, afinal, já estou levando muita gente até para um elefante.

Apesar de ter soado grossa, eu estava aliviada.

— *Que mau humor! Sua mãe falou que ela estaria com seu pai hoje, pede carona a ela.*

— Está bom, desculpa, mas poderia ter chamado um taxi.

— *Vem logo, estou próximo à rodoviária da cidade. Um lugar meio perigoso e o sinal é péssimo...* — De repente a linha fica muda.

Imagino que a ligação caiu. Prefiro acreditar que caiu, ele não seria louco de desligar na minha cara e o lugar nem é perigoso. Tento retorna a ligação, mas só da caixa postal. *Saco.* Venho outra hora aqui, não dá pra ver meu pai rapidinho. Temos muito para conversar. Volto para a recepção, mamãe e

Belly ainda estão lá agora sentadas... Em silêncio. O que é raro e estranho.

— Já? Que rápido.

— Realmente filha, suas visitas são as mais demoradas.

— Tommy quebrou o carro, ligou pedindo para irmos buscá-lo próximo à rodoviária, nem consegui entra no quarto.

Elas balançam a cabeça em afirmação, trocam olhares com *sorrisinho* cúmplice antes de caminharmos para fora do hospital. Sei que estão tramando alguma coisa como sei que estou prestes a descobrir o que é.

Na estrada a mais de trinta minutos dando voltas, porque mamãe resolveu ir por um atalho que nunca vi, que tenho quase certeza que não leva até a rodoviária e mais certeza ainda que estou sendo enrolada por elas.

Mamãe diminui a velocidade, mal estaciona e já pula do carro deixando a porta aberta. Olho pela janela para ver se não é o Eric Zimmerman pelado na rua. Só para isso para explicar esse ato de imprudência e desespero. Mas para minha frustração e surpresa, paramos em frente a um condomínio e não parece próximo a rodoviária. Observo ela conversar com alguém na portaria provavelmente pedindo informações e em segundos, retorna ao veículo.

— Sabia que íamos nos perder — digo assim que ela entra no carro, soprando o ar com força.

— Não estamos perdidas.

Claro que não, debocho mentalmente.

Em vez de fazer o retorno para irmos a rodoviária, a entrada é liberada e entramos. *Ué. Que estranho! É como se...* Vejo deslumbrada pela janela o momento em que paramos em frente a uma casa enorme com grande e bem cuidado jardim apenas com gramas. Mato a charada. A frente é na cor salmão com alguns vasos decorativos. Tem apenas um andar e dá para ver mais ao lado a piscina e a porta da frente. Aquelas portas enormes lindas de madeira que sempre vi em novelas e filmes. Vejo o carro de Thomas na garagem e o de Max também. Mentiroso.

— Bem-vinda a sua casa.

É sim uma mansão e estou apaixonada por ela.

— Nossa! É incrível e grande.

Desço do carro quase correndo. Já sabia que não era pequena, mas vendo agora é muito grande. Entrei na casa deslizando as mãos na porta como se ela fosse o tanquinho do Cauã Reymond. Que tesão de porta. Olho para o interior da minha casa sedenta e emocionada. Caminho devagar pela sala enquanto observo ela se desenhar para mim. Por dentro é mais linda ainda. Não tem muitos móveis, nem jarros ou quadros na parede, apenas o sofá e a TV. O cômodo está pintado em um tom dourado com um vermelho rubi. O piso do chão é escuro e parece madeira.

Saio caminhando até a sala de jantar com uma mesa grande e um lindo lustre. Depois até a cozinha americana. Tudo em cor clara contratando com alguns tons vibrante. Sei que posso pintar do meu jeitinho, mas essa está muito como eu queria. Não acredito que esse tempo todo me perguntando sobre a casa, mostrando catálogos e tudo mais de casa, noivas e bebês, eles estavam preparando essa surpresa pra mim.

— Pode colocar completa com os móveis que quiser. Pode mudar as cores também.

— Está perfeita.

Elas me puxam até uma porta fechada e já começo a chorar. Vejo na porta a frase "*cantinho das trigêmeas*".

— Esse é o quarto das minhas netas — mamãe anuncia abrindo a porta do quarto.

Entro no cantinho todo em lilás com alguns detalhes em rosa e vermelho. Borboletas na parede. Tem três berços e cômodas brancas com detalhes em rosa. Bonecas. Cortina rosa na janela. É tão lindo e tão rosa. Mas... e se fosse menino?

— E se fosse meninos? Ou se tivesse um menino?

— Esperamos Thomas confirmar, se houvesse meninos íamos deixar a surpresa para outro dia e trocar tudo, mas minha intuição de avó dizia serem todas meninas e enquanto dávamos voltas e voltas, terminaram de montar os detalhes em rosa. Montar os móveis. Tudo.

— Thomas?

— E Letty, Max... E uma montanha de homens.

Letty, Thomas e Max? Tinha tudo para dar errado, mas que bom que deu certo.

— Não decoramos tudo. Só o suficiente para se mudar logo se for preciso.

— Caso minhas sobrinhas cheguem antes da hora.

Uau!

— Agora venha.

— Mais surpresas?

— Sim, claro. Sua despedida de solteira. — Minha irmã grita com voz *diabólica*. Sei que vai descontar as brincadeiras que fiz na dela.

Belly me puxa até o fundo me fazendo rir limpando as lágrimas. Mamãe me empurra para ala que imagino ser da piscina que tem uma churrasqueira de acordo com a planta da casa, enquanto ela continua me puxando. Antes mesmo de chegar lá, já ouço as vozes. Assim que piso o pé, vejo que Tommy já está lá, sentado, sem camisa, sem chinelo, marcado de batom e com cara de quem tomou mais de duas doses de bebida fortes e entre duas mulheres. *Efeito Max!* Meu sorriso vira careta. Não sei porque Tommy assim parece tão atraente. Atraente demais para ficar exposto.

Olho bem desafiante para Clara, Ana, umas amigas minhas da faculdade, outras ex-colegas dele do escritório, a madrinha do Max, outras garotas que não conheço, mais quatro rapazes amigos do Max. Sei disso porque estavam no casamento dele. Entretanto, meu noivo sem camisa no meio de tantas mulheres é a única coisa que chama minha atenção. É despedida de solteiro ou de noivado?

— Opa! Chegou a noiva — Max grita levantando o copo de bebida e rindo à toa. Vou dar na cara dele se é que isso não foi ideia da mulher dele como vingança.

Já vi que essa despedida promete várias gracinhas.



CAPÍTULO 36

SURPRESAS E DESPEDIDA – PARTE 2

Estreitei os olhos na direção de Thomas, meu ex-noivo, depois na direção de Maximiliano, meu falecido cunhado. Palhaçada encher minha casa de amiguinhas. Se a festa é para mim, deveria no mínimo ter uns *gogoboy*s vestidos de policiais ou uns dançarinos vestidos de bombeiros. Juro que se em um desses jogos sair uma coelhinha de algum bolo, vou pintar essa casa de vermelho sangue.

— Devo tirar a blusa também? — indaguei com ironia. Olho para Tommy sorrindo antes de completar: — Ou é privilégio só do meu noivo, quase quarentão, pai das minhas três filhas?

Assim, só para deixar claro que não me incômodo com o meu marido sem camisa no mesmo ambiente que várias mulheres entre elas a sonsa da Clara, apenas não gosto e tenho vontade de esquartejá-lo, porém não me incômodo, nem fico com ciúmes. Acho até engraçado imaginar que se eu demorasse mais dois minutos para chegar, ia pegar ele dançando na mesa fazendo strip. Se é que não fez. E espero, sinceramente, que essas marcas de batom sejam do Max, pelo bem deles.

— Cunhada, fique à vontade pra tirar o que quiser. — *Filho d'uma égua*. — Estávamos brindando pela saúde das suas filhas. Relaxa, somos todos comprometidos aqui. — Tenta me abraçar, mas recebe um olhar mortal meu e recua. — Só desculpe que começamos sem vocês.

— Percebemos. E pelo que vejo já estão bem animados. — Thomas levanta quase caindo sentado novamente, mas consegue chegar até mim e me abraçar por trás quase apoiando o peso inteiro no meu corpo. O cheiro de bebida alcoólica nele é forte e me dá náuseas. Noto quando tento empurrá-lo que sua roupa está molhada, sinal que além de beber, nadou na bebida.

Coitado! Não pode deixar na companhia do Max.

— Max, não devia ter dado bebida para ele.

— Eu? — *Não, meu pai!* — Fala como se ele fosse um bebê. Foi apenas um brinde. Não sabia que ele ficava bêbado tão fácil. — Defende-se indignado. — Os caras dessa família não sabem beber.

Ainda bem. Deus me livre de marido que me troque por bar. Thomas ri contra o meu pescoço sussurrando que me ama muito. O tipo de homem que

bebe para iludir a mulher.

— Ninguém vai tirar e ninguém vai beber mais nada aqui — Belly brada botando ordem, pega a camisa de Thomas e joga para ele que veste imediatamente ou tenta pelo menos... — Max, ficou alguma amiga sem convidar?

Pelo olhar não foi ideia dela. Tomara que esse safado apanhe mais tarde.

— Só convidei as que estavam na sua lista, amor da minha vida, razão da minha existência — diz abraçando-a por trás. Esperto! Porque sabe que ela pode ser a razão da não existência dele também.

— Não parece... E o Bruno, os amigos da Telly, Letty, Vanessa... Cadê eles?

— Letty precisou ir embora. Vanessa tinha algo muito importante para fazer. Inadiável... E — finge pensar — Bruno? Amigos? Não estou lembrado deles.

Vontade de refresca a memória dele com um cascudo.

— Max é impossível!

— Não. Sou *facinho*, *facinho*.

Acabamos todas rindo da interação um tanto... ciumenta. Aparentemente, as meninas já estão acostumadas com nosso jeito e não se ofenderam. O que é bom, pois a minha despedida de solteiro vai ser com elas mesmo.

Cumprimento todas, as que conheço com um abraço apertado, e recebo muitos parabéns pelo casório e pelos bebês. Sentaram todas no tapete, apenas eu sentei numa poltrona, bem próximas a churrasqueira que não está ligada e espero que continue assim.

Tinha uns petiscos numa mesinha e bebidas que não ficaram esquecidas. Começamos a comer e logo em seguida engatamos um papo bem animado. As garotas me avisam que deixaram presentes, fraldas e muitas coisinhas para as minhas filhas no meu quarto. Como não fiz chá de fraldas, aproveitaram a oportunidade e já trouxeram tudo e pediram as amigas delas, geral da minha sala da faculdade e todas as conhecidas para mandar uma coisinha também.

Na real, nem lembrei do chá de fraldas e fico grata por esse gesto

inesperado vindo de forma tão voluntária. Elas brincam que não preciso agradecer, o strip do meu marido e minha cena de ciúmes pagou tudo. Tento explicar que não foi cena de ciúmes, mas ninguém acredita. No fim, fico até grata por a maioria ser mulheres e umas já são mães, me dão dicas de como cuidar e oferecem ajuda se eu precisar.

— E aí, quais serão os nomes delas? — Amanda, uma ex-colega de Thomas, indaga comendo uma fatia de presunto.

— Ainda não pensamos nisso. Acabamos de descobrir os sexos.

Minha resposta causa uma euforia geral. Amanda grita entusiasmada e todas começam a dar os próprios nomes como palpites para serem nomes de uma das meninas. Se intitulam de tias e madrinhas, brigam entre si e gritam muito. Clara é a mais contida do grupo, bom, deve ser pela história com Thomas. Ainda bem que já superei e sou uma pessoa zen.

— Clara, está tudo bem. Sei que mamãe pediu para você me fazer ciúmes dando em cima do meu noivo, todavia, não guardo rancor.

— Co... Como? Eu... Eu nunca dei em cima dele — gagueja enquanto suas bochechas ficam vermelhas. — Dona Amélia não me pediu nada disso. Eu nunca faria isso.

— Não? — Olho para minha mãe que conversa em um canto da sala com a madrinha do Max. Claro que ela jamais daria em cima do meu noivo, já minha mãe pode muito bem ter inventado tudo. Não acredito que ela me fez pagar o mico da minha vida por nada.

— Ah, sobre isso. Mamãe confessou que ouviu nossa conversa sobre a operação: não caso e armou tudo para nos dar uma bela lição.

Quase fico P da vida. Thomas quase me largou por isso, mesmo com a armação isso foi a chave. Olho para o teto antes de rir. Até que é engraçado. Acabei contando sobre a operação: não caso, sobre o fatídico dia em que fui atrás de Thomas e nadei no lixo. Conte também sobre todo o plano da minha mãe. No fim, acabamos rindo muito dessas confusões e armações que eu chamo de vida.

— Nossa! — Max nos interrompe sentando ao lado da mulher. — Já estou arrependido de ter convidado poucos homens. Vocês gritam demais e quanto assunto de uma vez só. Vou ficar louco tentando acompanhar... Vamos aos jogos logo, o noivo já está quase dormindo. — Aponta para Thomas sentado no chão encostado na parede de olhos fechados. — Os jogos que preparamos são minha parte favorita.

— Lembrando que estou grávida. Peguem leve comigo.

— Não conte com isso.

Alguém me ajuda a sentar em uma pilha de travesseiros, minha barriga já está pesada e minhas pernas bastante inchadas, sentar e levantar parece um trabalho árduo. Pior só minha coluna que precisa se acostumar com os dezoito quilos a mais.

Ana troca a música e aumenta o som, mas deixa o suficiente para conversamos sem precisar gritar. Sei que agora será revanche pela despedida deles. Deus me defenda desses jogos que eles inventaram. Tenho até medo. Vejo Thomas sentar ao meu lado resmungando algo que não entendo e depois rir me fazendo revira os olhos. *Bêbados!*

— Eu começo — Belly pede animada e aparentemente já esquecida que o seu marido fez minha casa de bordel. Ainda que de vadias conhecidas.

Max dá um beijo na esposa antes de entrar na casa e volta com algumas tortas com o que eu imagino ser chantili numa bandeja. Lá vem Cebolinha e seus planos infalíveis.

— Nem pensem nisso. — Mandei já deduzindo tudo. Eles parecem nem terem escutado.

Ignorando meu protesto, Max sai novamente, dessa vez rindo, segundos depois volta com um chapéu preto nas mãos. Oferece para a esposa que tira um pedaço de papel. Ela sorri maliciosa antes de ler em voz alta:

— Diga algo que seu noivo ou sua noiva fez na hora H que você não gostou.

— Afs. Não tenho nenhuma objeção — respondo sem vontade de pensar. Só fiz sexo com ele e não tenho do que reclamar. Viro para Thomas curiosa com a resposta dele.

— Também não.

Esse tem amor a própria vida. É esperto até bêbado.

— Uuuuuu — os meninos vão. — Torta! Torta! — gritam em coro. Só podiam ser amigos do Max mesmo.

— Nem inventem. Meu cabelo já está ridículo sem retoque, imagine grudado com isso? Pelo amor! Vou casar em pouco tempo e estou tão frágil e emotiva — tento apelar.

— Então responde. Nem venha com chantagem emocional. — Minha irmã pede. Afs, amiga dá onça. Quando ela estava grávida sempre apelava.

Já respondi, mas claramente eles não vão aceitar respostas nenhuma. Querem mesmo é me ver coberta de torta. Idiotas. Olho para mamãe que conversa com a madrinha de Max em busca de apoio, mas ela apenas levanta, cochicha algo no ouvido de Belly, acena para nós e sai.

Estranho. Mamãe está estranha hoje. Ficou o tempo todo calada, até esqueci de sua presença. Agora saiu no meio da minha despedida. É incomum esse tipo de atitude dela. Depois procura saber o que aconteceu.

— Juram que não tem nada? Podem falar do cheiro de *cool* no meia nove ou do peido da *periquita* sufocada. Os pelos maus tirados que fica participando do oral. Ou sei lá... A mania que o *balalau* tem de entrar no buraco errado. — Quase engasgo em uma crise de risos que é acometida em todos. Isso parece algo que mamãealaria, mas não foi ela. Essa é a madrinha do Max. Entendo porque mamãe e ela se dão tão bem, vê logo de longe a safadeza das duas e até na maluquice combinam. Sem falar do Max que fecha o trio com chave de ouro. Só a gente para aguentar quando os três estão juntos.

— Depois dessa preferimos a torta — decreto sabendo que nenhuma das alternativas listadas me salvará disso e também não vou me expor dessa forma. Sou muito recatada.

Todos aplaudem e riem com a minha decisão. Estão aqui para ver a desgraça mesmo. Max se aproxima e dá uma *tortada* na cara de Thomas com tanta força que respinga em mim. Ele ainda aproveita para melar todo o cabelo e até o peito.

— Caralho! — Tommy xinga tentando em vão limpar o rosto.

Antes que eu consiga protestar, Belly dá com a torta na minha cara, porém apenas no rosto sem lambuzar, sujando só um pouquinho na altura da minha boca. Ainda bem que foi ela porque se fosse o marido até no cabelo das filhas das minhas filhas ia ter chantili. Não me pergunte como, mas do jeito que ele deu no Thomas... Com certeza em mim seria pior.

— Façam o favor de serem sinceros nas respostas e não levarem para o coração. É tudo parte da brincadeira — minha irmã pede pegando outro papelzinho do chapéu. Olha o que está escrito, ri para o marido e depois lê em voz alta: — Vamos escrever três coisas da Telly ditadas por ela e Thomas terá que adivinhar qual a correta. E três coisas do Thomas ditadas por ele e Telly terá que adivinhar qual a certa. Apenas uma está certa.

Max – logo esse encosto – vem escrever as minhas três coisas. Penso um pouco antes de dizer no ouvido dele a primeira: Já fiz sexo a quatro. Ele faz uma careta, mas anota numa folha sem me deixar ver. Digo a segundo novamente em seu ouvido, gosto de fazer sexo anal. Ele levanta uma sobrancelha e dá risada. E já fizemos sexo na cama da Belly. Agora ele ri com gosto. A correta é a última. Que mamãe não me ouça, mas a regra de sem sexo em casa já quebrei muito e em muitos lugares dela.

— Max, mostre as três coisas da Telly.

Max levanta a folha e só depois de um burburinho presto atenção no que está escrito, com uma letra horrorosa diga-se de passagem: os filhos não são do Thomas. Já cobicei meu cunhado. Thomas é corno conformado. *Pqp!*

— Max, não estraga a brincadeira seu idiota — brado tentando dar um tapa nele que desvia para longe de mim.

Belly mostra a dela já rindo me fazendo revirar os olhos: Já fiz fio terra. Já peguei metade das mulheres dessa sala e meu amigo Max é gostoso.

Não é à toa que casaram. Dois idiotas.

— Alguém com cérebro pode fazer algo? Me recuso a continuar assim.

— Por quê? Não sabe qual a certa, Telly?

— Melhor pular. Vamos a próxima brincadeira. Me recuso a responder tanta besteira.

— Então, torta neles.

Antes que eu pudesse me defender dessa injustiça, recebo uma torta na cara. Que saco. Dessa vez suja parte do meu cabelo e Thomas ao meu lado sumiu no mar branco de chantili.

Sorrio e beijo sua boca provando a cobertura. Não seria a primeira vez que provo chantili em alguma parte de seu corpo, só umas das poucas que é essa parte é a boca. Tommy parece mais sóbrio e está gostando da bagunça apesar de xingar Max novamente. Permito relaxar, afinal é disso que estou precisando. É só brincadeira. Acabo em crise de risos novamente quando Max faz um moicano com os cabelos sujos de Thomas.

E assim seguiu minha despedida de solteiro. Max e Belly fazendo perguntas bobas, eles mesmo estragaram e os noivos levando *tortadas* sempre. Indêpende da resposta. Assim ficamos até altas horas da noite rindo, jogando e brincando. Alguns foram embora outros beberam e dormiram no lugar mesmo.

Cansada e toda melecada, decidi ir tomar um banho bem demorado para lavar toda a sujeira da brincadeira e Tommy me acompanhou. Usamos o banheiro da piscina, por conta da sujeira que estávamos. Rimos muito no chuveiro tentando nos limpar e ele fazendo graça com a espuma do sabão.

Assim que terminamos de nos vestir, após o banho, caminhamos em direção ao nosso quarto. Uma parte que ainda não conhecíamos, mas uma inscrição na porta dizia ser esse nosso quarto: casal #Tomelly. Sorrimos com a certeza de que isso foi ideia da minha mãe. Abro a porta já esperando mais uma surpresa. O quarto não está decorado, só tem nossa cama no centro dele com vários presentes ao redor dela e as paredes nem consigo ver a cor, estão escondidas por pacotes de fraldas descartáveis de todas as marcas e tamanhos.

Uau quanta fralda. Quanta coisa que não posso deduzir o que é por estarem embalados para presente. Caminho até a cama com a ajuda de Thomas, abrindo caminho com cuidado pelos presentes. Fico emocionada com o carinho de todos que mandaram algo para minhas filhas sem que eu precisasse pedir. Nossa, que dia incrível e eu não esperava ganhar tanta coisa boa. É como dizem, as melhores coisas chegam sem avisar e sem pedir lugar.

— Tudo isso é maravilhoso.

— Sim, agora nossas filhas têm quase tudo para quando chegarem ao mundo. Só faltam os nomes delas.

— Verdade. Nem discutimos isso ainda... — Deito na cama sentindo meu corpo inteiro relaxar ao ser agraciado pela maciez do colchão. Não tinha dimensão, até agora, de como estou cansada.

— De quais nomes você gosta?

Penso um pouco antes de responder:

— Gosto de Eliza e Mikaela.

— Gosto desses também — concorda, retirando minhas sandálias e começando a massagear os meus pés inchados e doloridos. — Prefere combinando? Todos com a mesma letra?

— Não. Prefiro diferentes. Elas não são idênticas mesmo e já basta o meu e o de meus irmãos combinando.

— Gosto de Bianca.

— Adorei. Então será Eliza a mais velha. Mikaela a do meio e Bianca a mais nova.

— Gostei. — Tommy deita na cama me abraçando por trás. — Agora nossas princesas já têm nomes. — Coloca a mão sobre a minha barriga e como se também estivessem felizes, sentindo minha euforia ou simplesmente tenha aprovado os nomes, as bebês se mexem em minha barriga sob a palma da mão do pai.

É a primeira vez que ele sente e sei o que se passa em sua cabeça. Senti-las mexerem torna tudo real, é como tê-las um pouquinho nos braços. Sinto seu riso em meu pescoço me arrepiando inteira e acabo sorrindo também. Viro para observá-lo e lágrimas de emoção escorrem pelos incríveis olhos verdes pelos quais me apaixonei desde o primeiro momento. Faço carinho nos cabelos castanhos ficando novamente emocionada. Thomas deixa vários beijos na minha barriga e um selinho em minha boca.

— Obrigado por me fazer o homem mais feliz do mundo — declara fazendo uma leve carícia no meu rosto com o polegar.

— Obrigada por me fazer a mulher mais feliz do mundo.

Aqui, nessa casa, seremos muito felizes. Hoje só foi o primeiro dia coisas melhores estão por vim. Finalmente juntaremos nossas famílias. Nossa grande, unida e maluca família. Aqui continuarei minha história de amor com novas personagens tão lindas e divertidas quanto as outras da família Oliveira e seus agregados. Aqui juntarei muito mais que os trapos. Juntarei definitivamente minha vida com a do homem que amo e junto com isso nossos sobrenomes e nossas características através das nossas filhas, pois nossos corpos e almas já estão selados há muito tempo pelo nosso amor.

— Eu te amo.

— Eu também te amo e mesmo sem uma aliança no dedo para mim, já pertencemos um ao outro desde a primeira vez que nos vimos.

— Obrigado por ter me seduzido moleca. Você é minha maior e melhor conquista. Nada nem ninguém vai nos separar, pois o que sentimos é maior que qualquer má vibração.

— Nem sua mãe?

— Principalmente ela — sussurra próximo a minha boca, tenta me beijar, porém tampouco sua boca impedindo o ato.

— Quem fez as marcas de batom que estava no seu corpo?

— As meninas que desenharam sem usar a boca, Moleca. Você está muito ciumenta. — Tento me defender, mas ele me impede colocando o

indicador sobre meus lábios. Sorrio antes de deixarmos que nossos lábios se unam em um beijo lento e apaixonado.



CAPÍTULO 37

FORTES EMOÇÕES

Semanas depois...

Estou tão ansiosa com o casamento que Doutor Paulo já auferiu minha pressão sete vezes em uma hora e já me deu várias advertências de que preciso ficar o mais calma possível. Afinal, o *sim* eu já tenho há muitos anos, agora eu só irei confirmar nosso amor e união com um pedaço de papel.

Homens e suas praticidades, se mamãe escuta isso tem uma síncope, casamento pra ela é mais que um pedaço de papel e para mim, agora, também é muito mais que isso. No início eu pensava o mesmo que ele, mas quando decidi casar, passou a ser um momento único e um dos mais importante da minha vida. Não tem como eu ficar calma, mas estou tentando por elas. Tudo que menos quero é ver minha pressão subir ou induzir o parto.

Olho-me no espelho me sentindo linda. Já estou vestida de noiva. Mamãe apenas faz uns ajustes pois engordei um pouco, além de que meus seios comecem a vazar o tal colostro e preciso colocar algo que absorva o líquido. Coisa rápida, mamãe fará em pouco tempo. Enquanto ela ajeita, me admiro no espelho e faço carinho com as pontas do dedo no meu barrigão de fora completamente apaixonada.

Meu casamento será no fim da tarde de hoje, mas vivo meu dia de noiva desde o dia que o pedi em casamento. Mesmo acompanhando todos os preparativos de longe, eu vivi toda a correria e nesse instante, faltando pouco mais de uma hora para o tão esperado sim, com mamãe ainda terminando de ajeitar detalhes do meu vestido, me pego pensando no pesadelo que eu tive meses atrás, em que saia correndo da Igreja deixando Tommy plantado no altar. Engraçado como as coisas mudam, antes casar era um pesadelo hoje é um sonho palpável.

Hoje sou o tipo de noiva que não vai nem se atrasar, na verdade, já queria estar lá, ver Thomas de noivo, ver como ficou a decoração. Afinal, contratei minha futura patroa para cuidar disso. Assim que meu resguardo passar, estarei empregada em algo que gosto, casada, com três filhas lindas e morando em uma casa que é minha.

Esse é o Brasil que eu quero.

— Está linda, mana — ouço Belly me elogiar, vejo pelo espelho todas

concordam com acenos afirmativos de cabeça.

Estou com minha mãe e minhas irmãs, até as desgarradas. Elas ajudaram a me arrumar, maquiar e até a ajeitar meu cabelo enquanto se arrumavam como minhas madrinhas. Escolhi apenas a cor dos vestidos, a cor *marsala*. Um tom sensual, ousado, divo e que está sempre na moda. Elas escolheram os modelos e pegaram cada uma um modelo diferente.

Belly usa um vestido sem decote no colo que enlaça no pescoço deixando a costa nua. Ela diz que seus seios estão grandes demais pra usa decote. Para quem antes reclamava que eram pequenos demais... Vai entender. Os fios negros do cabelos dela estão presos em uma das laterais por uma trança enquanto o resto cai em cachos pela extensão de suas costas.

Vanessa está com um vestido de alças com decote em U bem discreto, mas que ainda assim mostra que dentro dele tem um mulherão. Seus cabelos agora um pouco abaixo da altura dos ombros estão cacheados e com uma tiara de pérolas.

Letty usa um modelo quase tomara que caia, apenas duas pequenas alças de enfeites caem em seus braços. Seu cabelo é o único completamente preso em um coque moderno.

Todos os vestidos são longos e possuem uma abertura lateral, não usam joias, assim como eu, as nossas maquiagens são bastantes discretas e todas usam sandálias pretas rasteirinhas, todas menos a ovelha negra, a dela possui salto agulha na cor do vestido. Pequeno, no entanto o suficiente para ficar diferente sempre.

Mamãe se rendeu ao *marsala* metalizada em um modelo de alcinhas com uma echarpe combinando arrumada no estilo conhecido como "*nó cachoeira*". Preso no pescoço e por um milagre cobrindo seu colo em uma curva que conforme se movimentava dá um efeito de cachoeira. Daí o nome. Apesar de estar linda, diferente e moderna, esperava algo mais escandaloso vindo dela, é bom ver que hoje ela optou pelo sensual não impactante. Já basta o meu pra chocar geral.

Mesmo todas sendo tão diferentes, é um privilégio tê-las comigo nesse momento. Nossa família cresceu bastante e espero que nossa união também tenha evoluído e se fortalecido nesse ano. Letty por enquanto é a mais distante. Sempre conectada e concentrada no celular, quase não participou das nossas conversas, porém, só por estar presente e ter aceitado o convite já é alguma coisa. Um grande passo para o lado certo da força.

— Obrigada pelos elogios, a ajuda e por estarem aqui. — Ajeito as camadas da saia. Parada, nem mostra as aberturas laterais, porém basta um passo para revelar minhas pernas. — Estou tão ansiosa e elas não param de se mexer me deixando mais ansiosa ainda. Parece que beberam *Redbull*.

Minhas irmãs riem antes de Vanessa caminhar até mim, segura minhas frias e trêmulas mãos, numa tentativa de me tranquilizar. Sorrio. Vanessa é um ser humano incrível e quanto mais a conheço, mais agradeço por ela ser assim. Outra não teria passado por cima de tudo tão fácil e se permitido tentar uma relação com uma pessoa que tanto a rejeitou. Eu não teria. Não tão fácil.

— Já vai chegar a hora tanto do casamento quanto para o nascimento delas. Só tenha paciência.

Sonho com o dia delas nascerem. Depois das surpresas e da despedida de solteiro, pela manhã, semanas atrás abri cada presente com Tommy ao meu lado e me sinto abençoada por tudo que fizeram por mim, apesar das *tortadas*.

Os dias seguintes foram de puro repouso e tédio. Mesmo com visitas frequentes, eu sentia falta de poder passar o dia fora de casa e até do sexo. Thomas está atarefado cumprindo o contrato do escritório onde trabalhava e buscando se firmar para ter um só seu. Ainda assim sempre que eu sentia cólicas ou dores na coluna pelo peso da barriga, ele ficava ao meu lado fazendo massagem e me ouvindo reclamar.

Thomas já está morando em nossa casa desde a despedida de solteiro, mas o repouso e minha mãe me impediram de mudar imediatamente e fica com ele. Só depois do casamento, Dona Amélia decretou. Aí ela vai junto comigo ficar um tempo na minha casa me ajudando com as meninas. Já nos fez prometer não engravidar por dois anos, pois deseja curtir a vida de solteira sem filhos em casa. Desaforo. Não era ela quem queria nos ver casadas e cheias de netos pra ela engordar? Agora aguenta. As minhas, quando fizeram três anos, todo fim de semana será na casa da vovó.

— Telly, Ricky acabou de mandar um *whats* pra mim informando que todos os convidados já chegaram — Mamãe nos informa.

— E minha sogra? Alguém fez um cercadinho de arame farpado eletrificado com 700 volts para ela e a Cristina ficarem dentro? Não quero elas atrapalhando meu casamento. Abriram a boca para respirar? Choque nelas.

— Tentamos, porém é ilegal. Além do mais, Cristina avisou que não vai e até agora não chegou. — *Ótimo, que não apareça, não convidei ela mesmo.* — Quanto a sua sogra, ficarei de olho nela. E caso elas decidam aprontar alguma

coisa, não vão conseguir nem abrir a boca, dou uma chave de pernas em uma e um mata leão na outra, deixando-as imobilizadas até o fim da cerimônia.

— Faça isso, por favor — digo rindo, mas é sério. Se ela não dar, eu dou.

Mamãe segura minha mão e faz carinho na minha barriga.

— Sua sogra não fará nada, afinal, colocaria em risco as netas dela. Rosa pode ser tudo, mas duvido que seja louca o bastante para isso. Nem há muito o que reclamar a essa altura da vida. Vocês se casariam com ou sem a bênção dela... Sabe, eu até a entendo...

— Nem vem mãe.

— Entendo o lado dela, mas não concordo. Ela quer o melhor para os filhos, como eu quero para os meus, só que faz errado se metendo nas decisões deles.

Oi? Ela também faz isso.

— A senhora faz isso o tempo todo — Letty externa o que pensei.

— Primeiro, continue calada. Segundo, eu não faço isso — *faz sim* —, só dou uns empurrãozinhos às vezes. — *O tempo todo.* — Terceiro, vamos que já estamos atrasadas. Vai dar tudo certo.

— E meu pai? Queria vê-lo.

— Filha, não abusa, estamos muito longe e você não tem condições de ficar rodando por aí, sua barriga está mais baixa, sinal do bebê encaixado... Dr. Paulo já está nervoso com tudo isso, por ele você nem casava, ficava em casa em repouso até seu parto, o que seria o mais sensato.

— Estou me sentindo bem e elas também. Até ficaram quentinhas. — Como se adivinhasse que falamos delas, começam a se mexer novamente.

Minha barriga está tão grande e esticada que os movimentos conseguiam ser visto por todos. Foi difícil no início acostumar com tanta movimentação, principalmente de madrugada, minhas costelas que o digam, mas o sorriso de Thomas vendo ou sentindo os movimentos dela mostrava como é lindo, bem angustiante, mas lindo então, cada mexida delas é um riso geral nosso. Fizemos até vídeo.

— Não é o que parece. Aliás, hoje parecem mais inquietas que nunca.

Sei que mamãe tem razão, as tri já estão encaixadas e "*prontas*" para nascerem há dias. Então, é atenção em dobro e estamos sempre prontos para

correr para a maternidade antes da hora. Decidi fazer cesárea mesmo, por orientação médica.

— Telly, você repousou esse tempo todo para esse momento. Não destrua tudo agora. Seu pai sempre estará com você.

Mesmo sabendo de todas as consequências, não consigo deixar de sentir uma pontada de tristeza em ficar tanto tempo sem vê-lo... E se ele achar que estou magoada? Ou que o abandonei? E... Eu queria tanto que meu pai me entregasse a Thomas no altar. Sei que também desejava isso.

Tive esperança até o fim, principalmente porque me contaram essa semana que ele abriu olhos e mexeu dois dedos. A princípio, os médicos disseram que poderia ser apenas espasmos musculares, depois que poderia demorar meses para ele despertar completamente do coma, mas a esperança sempre brilha.

Quando Thomas me contou, eu quis muito correr para lá e fica ao seu lado até ele recobrar cem por cento a consciência, mas ninguém deixou, abusei da última vez que sai e não podia correr mais riscos. Agora só ouço falar dele e saber que meu pai está acordando me dá um alívio enorme. Ainda que eu pensasse que ele abriria os olhos e pronto já recobriria a consciência, mas o médico explicou que não funciona assim. O corpo não é um interruptor. É algo lento e demorado e deveríamos ter bastante paciência. Quem sabe depois do nascimento das netas a recuperação dele não é mais rápida ou minha ansiedade em ouvir a voz dele diminua.

— Telly, está bem? — mamãe indaga ajeitando pela quinta vez as saias que já estão perfeitas, assim como meu penteado. Ficou exatamente como imaginei, como ela desenhou e mamãe sabe disso. Estar a todo momento ajeitando algo é um sinal claro de que todos estão nervosos com minha gravidez avançada. Chegar a 35ª semana em uma gravidez *trigemelar* é uma bênção e casar durante esse período é insensatez. De acordo com Doutor Paulo, essa deveria ser a data da minha cesárea, não do meu casamento.

— Sim, estou bem... Só estava divagando. — Sorrio olhando em direção aos meus pés, pois vê-los virou missão impossível, mas não preciso ver para saber que estão inchados e que ainda estou de havaianas, ficaria descalça no trajeto até o lago. — Vamos?

— Vamos, mas qualquer coisa fale.

Concordo com um gemido, antes de caminharmos para fora do quarto do hotel até o elevador. Optamos por um hotel pela proximidade com o local da

cerimônia. Doutor Paulo nos espera no saguão e mais uma vez aufere minha pressão, ficando satisfeito em constatar que está dentro da normalidade, me deixa seguir avisando que vai no próprio carro seguindo o da Vanessa e qualquer coisa é só estacionar e gritar: *Tá nascendo*.

E para o desespero geral da nação, tenho vontade de fazer xixi aos quarenta e seis do segundo tempo. Quase piraram, no entanto, não dá para segurar e tiveram que ir comigo até o banheiro. Em meio a muitos risos, mamãe e Belly me ajudaram com o vestido enquanto fazia minha necessidade fisiológica. Seria vergonhoso se não fosse cômico.

Assim saímos finalmente, depois de por pura curiosidade passar em frente ao salão de festa onde daqui a uns minutos estarei festejando meu casamento. Não deu pra ver muito, só serviu pra aumentar o friozinho na barriga.

O caminho até o lago é feito em silêncio e agradeço por isso. Permito-me relaxar e quase adormecer. Sinto-me um tanto cansada, mas feliz.

— Chegamos. — Vanessa comunica estacionando o carro rente ao meio fio.

Nossa, que rápido. Nem vi os minutos passarem.

— Está tudo bem? — dessa vez Belly que pergunta enquanto retiro as havaianas. Limito-me a assentir, não aguento mais todo mundo me perguntando isso.

Desço do carro com a ajuda do meu irmão que já nos esperava na entrada. Ele que me levará até o altar, mas no momento carrega minha dama de honra em um dos braços. Malu está linda com um vestidinho bem rodado. A parte do busto é branco e a de baixo é o mesmo tom de rosa da barra do meu vestido. Os cabelos cacheados estão soltos com uma pequena coroa.

Letty é a segunda a descer, pega a sobrinha no colo e começa a brincar com ela, o que me surpreende muito. Achei que era do tipo *odeio pirralhos*. Ela entrará no casamento primeiro levando a Malu no colo e de mãos dadas, com Eduardo, filho da Vanessa. Belly e Vanessa entrarão juntas, depois mamãe e por último Ricky de braços dados comigo.

— Está linda — elogia abaixando para deixar um beijo na minha barriga. — Pronta?

— Mais que pronta.

Recebo os últimos retoques da minha mãe, rindo ao ver Paulo passar apressado, provavelmente para tomar seu lugar de padrinho enquanto mamãe me

entrega meu buquê de flores naturais bastante colorido.

— Só aproveite cada segundo. Eu te amo — sussurra deixando um beijo na minha testa. Era sua hora de ir.

Estou radiante, principalmente, porque essa é a primeira vez que venho aqui. Olho as flores, as árvores e os arbustos logo a minha frente em êxtase. É tanto verde que traz paz. Sem muros ou portões, me sinto livre como a natureza.

Direciono meu olhar pelo caminho que tenho a percorrer percebendo uma lousa sobre flores lilás dentro de um cesto com a seguinte frase "*Bem-vinda ao seu felizes para sempre*". Posso ver que fizeram muito mais do que eu pedi. Sorrio ouvindo um pouco distante a marcha nupcial.

Sem conseguir evitar a curiosidade, identifico lá no meio desse belo cenário os convidados, a tenda que sei que meu noivo está sob. Ali. Esperando por mim.

Já nos primeiros passos em direção aos lugar onde ocorrerá meu casamento, minhas pernas pesam como chumbo mesmo sobre a grama macia. Vejo a primeira árvore enfeitada com lâmpadas japonesas – isso foi a meu pedido – e logo em baixo em um cesto, como o primeiro, só que em meio as flores lilás, uma foto emoldurada minha e de Thomas bem novos. Nossa primeira foto juntos como casal.

— Isso foi ideia dele — Ricky confessa enquanto a passos lentos me leva até o noivo em um labirinto de recordações.

Tento responder, porém, se eu abrir a boca vou acabar chorando e consequentemente destruindo a *make*. Então, opto por ficar calada, só sentindo tudo.

Consigo ver mais a frente outra lousa "*Já tem mais de oito anos de enrolação. Já não era sem tempo desse momento chegar*". Essa, com certeza, foi ideia da minha mãe. É a cara dela falar isso. Continuamos o caminho até que se desenha em minha frente como uma passarela do tempo, várias fotos nossas, dentro de vários cestinhos, em vários momentos ao longo desses quase nove anos juntos.

Não vou chorar. Não vou chorar. Não vou chorar.

A última é uma foto minha grávida e Tommy beijando minha barriga, logo abaixo em um cesto novamente com flores e a lousa dessa vez com a frase "*Éramos dois. Nos tornamos um. Agora somos três.*"

Uma lágrima que eu estava segurando tanto para não destruir a

maquiagem escorre pelo meu rosto enquanto seguro as outras. Desvio meu olhar da lousa para a frente. O trajeto comparado a nossa história é bem curto, mas conseguiram botar tantas memórias, tantas histórias em forma de fotografia que me senti viajando no tempo.

Agora, de volta ao presente. Já posso ver claramente toda a decoração. Vejo a passarela que me leva até o alta enfeitada por pétalas brancas no chão, cestos com flores coloridas nas laterais dela e cada convidado segura um balão branco. Vejo também o arco de flores brancas atrás do meu noivo.

Meu noivo.

Fico presa em seu olhar. Sei que sempre terei o verde de seu olhar para me dar paz e como esse lugar combina com a gente. Thomas me encara balançando a cabeça. Não sei se pelas minhas pernas de fora de modo tão sensual por causa das aberturas nas laterais do vestido ou pelo barrigão de fora. Ainda assim, ele sorri como eu sorrio. Fico um tempo parada no início do tapete de pétalas que me levará até ele.

Começo a caminhar lentamente até o amor da minha vida com meu gêmeo ao lado. Tommy não está de terno, assim como Ricky e os padrinhos. Eles estão com uma camisa branca e, excerto o noivo que o colete é preto, os outros usam cinza. Percebo que a camisa dele está com dois botões abertos além de estar dobrada na altura do cotovelo e que mesmo a calça preta disfarçando, ele também está descalço. Parecemos um casal de *hippies* casando.

Tommy continua sorrindo, assim como eu. Sei mesmo sem conseguir ver claramente que seus olhos estão em outro tom de verde mais intenso. Mais escuro.

Vejo seus lábios se moverem e consigo ler pelo movimento, "*você está linda*". Sussurro "*eu te amo*". Meus olhos se separam dos dele pois nesse momento alguém aparece no meu campo de visão ganhando toda a minha atenção. Vanessa e Belly o posicionam ficando entre mim e o noivo. Minha vontade é correr e se jogar nos braços dele, mas minhas pernas congelam e minha barriga não iria permitir. O peso que é carregar as três não está escrito. Ele sorri com dificuldade, como se tivesse esquecido e seus olhos estão nublados pelas lágrimas como os meus estão. Minhas pernas não acreditam no que meus olhos veem.

— Gostou da surpresa? — Ricky sussurra e são tantas emoções. Fortes emoções percorrendo o meu corpo que até falar resultou difícil.

— Meu Deus... Pai! — minha intenção, desejo e vontade era gritar,

mas sai apenas um sussurro.

Agora choro sem cerimônias. Sem medo de estragar a maquiagem. Ricky praticamente me arrasta até ele. Minhas pernas parecem Maria mole, mais trêmulas que gelatina.

Paro em frente ao meu pai custando a ficar de pé. Mesmo sabendo que ele estava reagindo, é diferente de ver. Mesmo percebendo que Vanessa, Belly e uma bengala o ajudam a se manter de pé, sei que são sequelas, talvez permanentes, do acidente.

Os passos dele são lentos e parecem exigir uma força enorme. Ele estende seu braço para que eu segure e assim o faço e quase vamos ao chão. Papai não parece ser capaz de se manter de pé sozinho com muito equilíbrio, mas sei que para o estado que o vi pela última vez meses atrás, ele já está bem melhor. E as minhas pernas estão trêmulas demais pra ter equilíbrio.

— Eita... Estamos velhos mesmo — brinco para aliviar a tensão. Abraço bem forte o meu pai tentando controlar as lágrimas.

Ricky nos ajuda a continuar de pé, porque eu não estou aguentando nem comigo.

— Eu te amo... filha. — diz com voz rouca. As palavras saem arrastadas e lentas. — Está linda.

— Também te amo pai e obrigada por não me deixar... Me desculpa...

— Xii... hoje é o seu dia. Depois conversamos. — Estende o braço novamente e eu seguro sorrindo.

É um sonho, só pode. Sei que só faltam menos de dez passos até Thomas e o juiz de paz que assiste a cena emocionados, ainda assim sinto imensa felicidade por ele estar me levando até o altar.

Percorremos a pequena distância até Tommy e mesmo com relutância minha em soltar o braço do meu pai e ele sumir como uma miragem, Ricky e José, beijam minha testa e me entregam a Tommy.

— Está feliz?

— Não sabe o quanto. Vocês foram incríveis.

Thomas beija minha testa e depois minha barriga. Olho para trás e vejo meu pai sentando amparado em uma cadeira. Suas mãos tremem e parece não poder abri-las completamente. Meu pai parece exausto e sei que deve ser um grande esforço para ele ficar de pé, andar e falar. Não sei quando ele acordou,

mas agradeço a Deus por ter vindo. Por ele estar vivo.

O juiz dá início a cerimônia e quase não presto atenção, apenas olho para Tommy, sem acreditar que estou casando com ele sem a menor vontade de sair correndo. Pior, eu pedi para estar aqui. E não me arrependo. Não quando os incríveis olhos verdes me olham sorrindo e o sol se põe nesse exato momento. Como imaginei.

Fico emocionada, pois nesse momento o pequeno Eduardo entrega as alianças e Tommy começa a falar os votos. Optamos por não fazer os nossos. Os usuais podem parecer clichês, ultrapassados, mas ainda são os melhores pois quando há amor, fica fácil dizer sim e prometer amar, respeitar e ficar juntos na saúde na doença, na riqueza e na pobreza até que a morte nos separe. Às vezes, nem ela consegue separar, pois, o corpo deixa de existir, mas o sentimento e as memórias vivem para sempre.

Após os votos, assinamos os papéis, assim como as testemunhas e finalmente ele nos declara marido e mulher enquanto selamos tudo com um beijo apaixonado.

Findada a cerimonia, sem nenhum imprevisto, Cristina e Edison realmente não foram e o resto da família Azevedo assistiu a tudo bem domesticados em seus lugares, apesar de preferirem não ficar na frente junto com minha família. No fim nos parabenizaram e seguiram viagem. Eles foram embora e nós fomos para o hotel. A festa começaria.

Fui obrigada a me despedir do meu pai antes mesmo de entrar no hotel pois ele precisava descansar, também foi uma forte emoção para ele. Fiquei sabendo durante o trajeto que já está em casa e Vanessa junto com uma enfermeira estão cuidando dele.

Ainda no caminho, Thomas me contou que já faz um tempinho que ele acordou, antes mesmo da despedida e que era para eu ficar sabendo aquele dia. Porém, ele ficou com medo da emoção ser muito forte e ligou antes da hora para me mostrar outra surpresa. Papai estava acordado, mas ainda foi uns dias de tratamento até falar e se movimentar. Ir pra casa, de fato, ele só foi há duas semanas. É tudo muito lento apesar de agora, fazendo as contas, ele não ficou nem um mês em coma.

Sei que mentiram um pouco pra mim, apesar de dizerem estar me preparando para esse momento, mas não ligo para nada agora. O importante é ele estar acordado.

Entro no salão da festa com o coração e a cabeça em outro lugar. Há tanto para dizer para o meu pai... Entretanto, preciso deixar para outra hora. Ainda estou no meu casamento e preciso aproveitar o pouco que seja da festa.

A decoração do lugar é discreta. Tem apenas algumas flores, luzes e mesas. Quase tudo em branco, apenas as flores variam entre pérola, amarelas e vermelhas. Em cada mesa há uma garrafinha com duas cravinas. Pedi flores naturais e exóticas, de rosa já basta minha sogra. A decoração, mesmo linda e sendo feita pela minha futura patroa, não é o que mais quero ver. Minha maior curiosidade é o topo do bolo.

Vou até a mesa e resisto de roubar os doces, principalmente os bem casados. Olho para o casalzinho sobre o bolo e dou risada. Uma bonequinha loira com a barriga de fora claramente grávida tentando fugir do altar, mas o bonequinho está pisando na barra da saia e impedindo que ela fuja enquanto segura vários pacotes de fraldas, mamadeiras e brinquedos. Incrível a criatividade da minha família.

— Telly, venha tirar as fotos, depois jogar o buquê e por fim vá para o quarto descansar — Belly me chama. Descansar mesmo, mais um casamento sem lua de mel.

Faço o pedido, porque já estou me sentindo cansada. Tiro tanta foto que me sinto uma celebridade. Chamo as amigas encalhadas, mas de propósito jogo o buquê nos pés de Letty, que nem sequer levantou. Ela olha de braços cruzados, chuta e volta a mexer no celular. Já vi isso antes. Ouço um coro de "*com quem será?*" puxados por Belly e quando olho, vejo meu gêmeo com o buquê nas mãos. Olho dele para nossa mãe, que faz uma careta e toma como se fosse uma animal peçonhento. *Vixe!*

— Eu fico com isso e Belly, vai lá dar mama a sua filha.

Já vi todo esse filme antes e prevejo armações, principalmente porque sei que o #Nayri, *is reality*. Sorrio da careta do meu irmão.

— Relaxa mãe, seu bebê não vai casar hoje — brinquei. — Estou exausta. Quero cama.

Meus pés estão doendo e começo a sentir um pouco de cólica.

— Então vai logo repousar.

— Sim, só vou procurar Thomas e subir para o quarto.

Dou um beijo na bochecha da minha mãe, outro no meu irmão e vou a procura de Thomas. Não dou cinco passos quando sinto algo escorrer por minhas

pernas.

UAI, eu...

— Mãe! — grito quando a ficha cai.

— O que foi? — Corre em minha direção me encarando assustada. —
Está passando mal?

— A bolsa estourou. Minhas filhas vão nascer... Agora!



CAPÍTULO 38

NOSSOS TESOUREOS

Em pouco tempo Dr. Paulo já tinha se colocado ao meu lado e me amparando.

— O que está sentindo?

— Não sei direito... Umas pontadas. Cólica, sei lá... Só sei que minha bolsa estourou.

Eu acho, também pode ser que eu fiz xixi na roupa, o que já aconteceu antes algumas vezes. Que ninguém se atreva a rir. Tem três bebês dentro da minha barriga que era chapada, mal cabia dois pedaços de lasanhas, então, nem sempre dava tempo de chegar ao banheiro. E as vezes, dava preguiça também. Repousar cansa muito.

— Vamos para o hospital.

Nesse momento, Thomas chega me pegando no colo. Eu podia e conseguia andar, porém como uma boa esposa preciso treinar o meu marido para me carregar, para levar três bebês e principalmente para aguentar sacolas de compras. Nada como começar o curso básico comigo que no momento estou pesando duzentos quilos em cada seio.

Os poucos convidados nos felicitam e um corre-corre se faz. Várias pessoas querendo ir para o hospital conosco, mas Doutor Paulo dispensa dizendo que só a família já enche o maracanã, imagine o hospital. Por esse senso de humor que ele virou meu padrinho.

Acabo rindo durante o trajeto e recebo beijos do meu marido. Caminhamos até o carro de Thomas que mesmo enfeitado com a frase recém-casados teria que servir. Era o único que já estava estacionado em um local de fácil saída para esse tipo de emergência. Sou colocada no banco traseiro. Vejo mamãe entrar no lugar ao lado de Thomas e Doutor Paulo entrar no carro ao meu lado. Acomodados, Thomas sai disparado para o hospital. Sei que os outros devem estar nos seguindo, até meu pai se duvidar aparecerá por lá.

As dores não estão muito fortes. Sinto apenas pontadas com grandes intervalos. Respiro como vi nas novelas e Dr. Paulo ri. Já perdi de ter uma gravidez *Tumblr*. Aquelas que as mães postam tudo, fazem aulas de yoga, hidroginástica, levantamento de peso já no sétimo mês de gestação e barriga parecendo que só tem quatro, mas a respiração cachorrinho dos filmes ninguém

me tira.

Dr. Paulo faz algumas perguntas para mim e mede minha pressão quando paramos em um sinal vermelho. Mesmo sabendo que era um risco quase certo o nascimento precoce delas, começo a chorar só de imaginar que não poderei sair de lá com elas já que com certeza vão nascer abaixo do peso e terão que ficar internadas por dias no hospital com riscos de infecções. Talvez nem consigam respirar direito. Podem ficar com sequelas permanentes. Medo de acontecer o pior. Nem as vi e já amo tanto. Tenho medo de tudo que possam machucá-las.

— Calma Telly. Vai dar tudo certo — Paulo tenta me consolar.

— Isso, vai dar tudo certo. — Thomas aperta minha mão. Estamos parados em um engarrafamento. Aparentemente, aconteceu um acidente. Logo hoje.

— Telly — ele segura meu rosto —, você conseguiu levar bem mais que a média. Se cuidou, fez tudo direito. Está tudo certo com elas e vai continuar assim. Até o peso está ótimo. Ficarão poucos dias, você vai ver. — Segura minha mão. — Já estamos chegando e preciso que você não se altere.

— Obrigada. Vou me controlar, mas você tinha razão. Não devia ter feito o casamento hoje.

— Elas nasceriam com ou sem casamento. Era para ser nesse momento. Suas filhas torciam tanto pelo casamento de vocês que esperaram até o fim da cerimônia para nascerem.

— Vai ser casamenteira como a avó — Thomas brinca.

Deus nos livre.

— Pode fica na sala comigo? É que você me passa confiança.

— Estarei lá — responde apertando minha mão.

Dr. Paulo saca o celular do bolso e começa a digitar freneticamente. Meu parto ocorrerá no hospital do amigo dele que foi o médico que acompanhou minha gravidez também.

Vejo o carro do meu cunhado ultrapassar o nosso e ele imitando sirene com a boca enquanto minha irmã grita com a cara para fora da janela do carro que tem uma mulher grávida de trigêmeos em trabalho de parto no carro que está escrito recém-casados.

Mamãe se junta a eles na algazarra e ouço mais algumas vozes fazendo

o mesmo. Os outros motoristas buzina de volta e desviam nos dando passagem e desejando boa sorte. Rio esquecendo a tensão. Essa minha família é muito doida, mas eu gosto assim. Sei que loucos ou não, fariam de tudo por mim.

Dr. Paulo parece se divertir com a situação tanto quanto eu, enquanto controla os intervalos das contrações e me tranquiliza. Sei que será uma cesariana e já estou mais calma com a ideia delas nascendo antes da hora. Seja o que Deus quiser. Nesse momento, preciso ter fé e manter o pensamento sempre positivo.

Chegamos em quase vinte minutos ao hospital. O lago fica um pouco longe e justo hoje tinha trânsito. Nunca tem trânsito nessa cidade. Mas ainda bem que eles tiveram a ideia de ganhar no grito ou eu estaria lá ainda ou teríamos que chamar realmente uma ambulância.

As dores que estavam fracas ficam mais fortes, assim como, contrações mais frequentes. Após dar entrada, sou levada para a sala de pré parto, onde sou examinada e preparada pelo meu médico para a cesariana. Ele me pergunta quando foi minha última refeição e qual a última vez que tomei água. Respondo que como estava nervosa com o casamento e meio enjoada foi há bastante tempo. Horas atrás, na verdade.

O doutor continua com o exame e no fim me informa que serei levada para a sala onde finalmente terei minhas filhas. Fico um pouco receosa em tomar a anestesia e logo sou tranquilizada quando ele diz que até hoje em vinte anos de carreira nunca aconteceu as coisas que dizem por aí sobre anestésias. As chances são bem remotas.

Sou levada para a sala onde ocorrerá minha cesariana. Thomas vai comigo segurando e beijando minha mão. Mesmo dizendo que ele não estaria nesse momento, não vou deixá-lo de fora. Preciso dele comigo. Tommy esteve em todas as consultas, ajudou a fazer as bebês, ainda que sua contribuição tenha sido pequena nesse quesito, mas ajudou. Não posso deixá-lo de fora justo na hora H. É o momento mais importante da vida dele também.

Uma enfermeira me ajuda a sentar na cama. Inclino para que ele aplique a anestesia. Tenho pavor de agulhas, porém sinto só uma leve picada. Sou deitada com cuidado na cama e o efeito é quase imediato. Olho para o teto pois não quero ver nada, só o rostinho delas. Thomas, que está assim como eu vestido com roupas de hospitais, segura minha mão me olhando tão intensamente que me diz tanto, passa tanta tranquilidade sem precisar de nenhuma palavra.

O resto se passar como um borrão. Não senti nada físico, mas a emoção quando ouvi o primeiro choro... Ah! Algo em mim explodiu em amor e uma lágrima escorreu. Eliza acabava de nascer. Minha primeira filha. Demorou alguns segundos até uma enfermeira mostrá-la para mim, toda suja, tão pequena e *cabeludinha* que dava vontade de pegar, beijar, abraçar e nunca mais largar. No entanto, ela foi rapidamente tirada do meu campo de visão e já se ouvia outro choro.

Mikaela. Minha segunda filha e por incrível que pareça sinto o mesmo amor inexplicável. Ela também é rapidamente apresentada para mim e diferente da outra, essa é carequinha. Demorou alguns segundos até escutar o choro de Bianca. Ela parece ainda mais pequena que as outras e tão careca quanto Mikaela. Ver o rostinho da caçula me fez derreter lágrimas. Não que eu tenha visto algo que levasse a tal reação. Estavam todas tão sujas que não percebi seus traços, quem é parecida com quem, apenas como são miúdas.

É que na hora, a emoção era tanta que chorei, sequer prestei atenção em Tommy, mas senti o tempo todo sua mão na minha. Eu estava presa em uma bolha de felicidade tão grande que tinha medo de não merecer e ela estourar. Naquele momento, eu só queria que acabasse tudo logo para poder tê-las nos braços.

Agora, já no quarto, sei que é quase dia e finalmente me sinto normal. Tive um pouco de náuseas, efeito da anestesia, mas estou melhor e já tenho o poder sobre meus movimentos. O efeito da anestesia passou e me sinto ótima, afinal, daqui a pouco vão trazer minhas filhas para eu pegá-las, cheirar e ver cada detalhes delas.

Doutor Paulo me falou o estado clínico. Não fiquei desesperada quando ele anunciou que Bianca é a mais frágil das três. A menor e mais magra, com certeza ficará internada por vários dias. Eliza e Mikaela eram com os melhores prognósticos e ele estava otimista que sairiam quase junto comigo da maternidade.

Duas enfermeiras e Thomas entram no quarto trazendo minhas filhas já limpas e com roupinhas que provavelmente a tia trouxe nossas coisas, pois eu nem lembrei disso na hora. Meu primeiro erro de mãe.

Uma enfermeira baixinha vestida a caráter coloca uma das bebês no meu colo e demoro um pouco até lembrar ser Mikaela.

— Amamente ela — pede.

E assim faço. Coloco Mikaela para mamar sentindo uma sensação

estranha, porém gratificante dela sugando meu seio. Ela é tão fofa e fico um tempo a olhando a fim de decorar seus traços.

A mesma enfermeira avisa que já deu mama para as outras duas. Poucos minutos depois, ela retira Mikaela satisfeita dos meus braços e logo a mais velha é aninhada neles. Fico um tempo com ela e então, é a vez de Thomas me dar Bianca. Ela realmente é a mais frágil e minha maior preocupação, mas sei que ficará bem. Logo chegarão aos dois quilos e vou poder levá-las para casa.

— São lindas. — Thomas diz baixinho. — E logo estarão bem fortes.

— Sim — concordo simplesmente encantada com elas.

Cheiro o rostinho de Bianca que permanecia em meus braços, e depois a carequinha dela. São tão pequenas e já são tudo para mim. Nunca pensei que amaria tanto. Tanto que dá medo.

— E papai nem desmaiou dessa vez.

— Verdade. Seu pai foi bem corajoso dessa vez.

— Ei!

— Nem acredito nisso. Até ontem não conseguia nem pegar uma, já, já estarei com duas no colo. Espero que o treino tenha funcionado. — Brinquei.

— Também espero.

— Minha família já viram elas?

— Sim, mas na incubadora e não poderão pegar.

— Entendo.

A enfermeira coloca Mikaela ao meu lado na cama e nos avisa que em poucos segundos vira buscá-la pois não podem ficar muito tempo fora da incubadora e nos deixa a sós.

— Nossos três tesouros. Tão pequenas, tão parecidos e tão diferentes.

Não parecem nem comigo nem com ele, mas com o joelho de todos nós. Entretanto, são lindas mesmo assim.

— É, são bem pequenas. — Ele abaixa para que eu faça carinho na cabeça de Eliza.

— Os nomes serão aqueles mesmo?

— Claro que sim.

— Então essa é Eliza. — Cheira a cabeça da que está em seus braços.

— A mais velha. — Confirmo. — Mikaela a segunda. — Aponta para a que está na cama. — E Bianca a mais nova.

— Nossa, decorou mesmo.

— E jamais vou esquecer.

Se formos olhar que Eliza é cabeluda e Bianca a menorzinha fica fácil. Elas mesmo, não sendo idênticas, nesse momento são muito parecidas. Tommy coloca Eliza na cama. Já terminaram as mamadas. Já arrotaram. Agora é só serem babadas por mim.

— Quero dar mama as outras também.

— Depois, quando a enfermeira voltar ou se tiverem fome. Não há nada que te impressa... Só adiantamos, pois elas tinham fome. — Cheiro minha filha que dorme tranquilamente.

Nem acredito que sou mãe.

Thomas pega a que está nos meus braços, me ajuda a levantar e põe ela na cama junto com as outras. E ali com todas juntas. Ele me abraça, nos admirando e beija o topo da minha cabeça com tanta leveza e carinho que me sinto como se tivesse nascido hoje também.

— Amo vocês — sussurra. E deixa outro beijo agora na minha testa. — Sabe que terá que nos aturar para o resto da vida?

— Nada menos que isso e espero que nossa vida juntos dure muitos anos. — Sorrio. — Amo vocês. — Imito. — Muito.

Sorrio para meu marido e sorrindo olhamos nossas filhas deitadas dormindo alheias a tudo.

E de pensar que meses atrás eu nem queria casar. Nem cogitava ter filhos. Tri então... E hoje estou casada, com três bebês e não me arrependo de nada. Se tivesse que escolher entre estar hoje aqui ou no Canadá, eu escolheria mil vezes o que tenho hoje. Sinto-me tão feliz que aquela Telly nem sequer poderia imaginar como é bom tudo que senti nesse momento. Como eu cresci nos últimos meses.

Com Thomas, eu descobri o amor. Descobri que não adianta ter sua vida toda planejada. Não vale a pena ser independente se isso for fazer você perder seu grande amor. Não adianta fazer operações e tentar fugir do destino. Não vale viajar para longe se for deixar seu coração partido ou ferido no peito.

Minha independência, de certo modo eu já tenho, o que precisa daqui

para frente eu vou construir com ele. Planejar! Para quê? Se as melhores coisas da minha vida aconteceram sem estar na minha lista. Sacríficos. Falta de liberdade. Dormir à noite toda. Corpo "perfeito". Tudo isso é tão pequeno perto do que estou vivendo. Ter minhas filhas comigo faz qualquer coisa valer a pena.

Encosto minha cabeça no peito de Thomas ouvindo as batidas de seu coração. Minha mãe no fim teve muita razão com suas armações e confusões. Ela sempre vê algo que nós não vimos e por isso devo o "F" do meu *feliz para sempre* a ela. A dona Amélia e sua mania de dar um empurrãozinho no destino. A minha mãe que nunca desistiu da minha felicidade, mesmo quando eu achava que sabia o que era melhor pra mim. Que com sua mania de meter a mão na massa do bolo me fez escolher o caminho certo.

No entanto, apesar de eu ser casada com um príncipe, a vida não é um conto de fadas para ser feliz apenas no final. E afinal, felicidade vem de dentro. Das pequenas coisas que não devemos deixar de cultivar. É um caminho que uma vez aprendido, antes mesmo de perceber nossos passos, nos guia para lá. E é esse caminho que eu desejo sempre trilhar.

Minha história com meu gato de olhos verdes e nossa ninhada de gatinhas está só começando, apesar de parecer que é o...

FIM



EPÍLOGO

THOMAS

Sempre gostei de tudo arrumadinho na minha vida, me formei em advocacia bem jovem e já tinha emprego na empresa da família do meu primo que desde minha entrada no escritório prometeu que seríamos sócios.

Otário!

Só prometeu isso porque comigo veio os investimentos do meu pai que ajudaram a empresa a crescer e ser o que é hoje para ele me agradecer dando em cima da minha mulher. Minha vontade é socar a cara dele de novo. Enfim...

Eu sabia que não iria acontecer a tal sociedade, mas a chance de emprego longe da minha mãe e de sua fixação que Cristina é meu par perfeito me fez aceitar sem pensar duas vezes. Amo minha mãe, todavia, ser tratado como bebê depois dos quinze anos já é vergonhoso, depois dos vinte virou uma catástrofe em minha vida.

Não sei de onde minha mãe tirou que um dia eu ficaria com Cristina. Nunca tivemos nada e sempre deixei claro que nunca teríamos. Eu vivia muito para minha profissão e sou apaixonado por ela. Vivia para construir minha carreira e gostava disso. Tive algumas namoradas, poucas na verdade, umas boas, outras controladoras e ambiciosas. Porém, minha prima que foi criada comigo? Sem chance.

E eu gostava de como levava a vida até conhecer Telly Oliveira. Uma menina faceira, faladeira, extravagante e extrovertida que implicou comigo desde a primeira vez que foi fazer trabalho lá em casa com minha irmã. Eu nunca pensei que essa implicância duraria tanto e nem que acabaria cedendo a sua sedução e aos seus caprichos. Tive que resistir muito ou tudo que aprendi na faculdade seria usado no meu julgamento.

Minha família seria a primeiro a me processar por manter relações sexuais com uma menor de idade ainda que fosse consensual. Telly hoje é um mulherão, mas que ela não me ouça, aos dezesseis anos parecia ter doze. Conheço bem minha mãe, teria se aproveitado disso e esse teria sido o momento perfeito para ela se livrar da Telly, antes que a mãe desta se livrasse de mim. Amélia também não ficou nada contente com nossa aproximação desde o início. Mas ainda assim nos envolvemos.

Não sei em que momento comecei a me apaixonar pelo jeito da Telly.

Só sei que quando vi já estava pensando nela, falando dela e sonhando com ela. Ia a casa da minha mãe para vê-la e ficava me perguntando como isso era errado. Todas as minhas namoradas tinham minha idade. Nenhuma era tão nova.

Não entendia o porquê de querer uma adolescente, mas o amor é assim, ele não quer saber se é possível ou racional. Nasce em nosso peito e cabe a nós decidir se vive esse amor ou não e eu escolhi viver, mesmo sem o apoio de nossas famílias. De nossas mães na verdade. A minha sempre meteu o dedo em meus namoros e em todo o resto. Tipo dona Amélia ou pior... Se bem que essa mete o dedo, a colher, a concha e toda a panela na vida dos filhos. Imagino a loucura que será agora, que estamos casados, se ela continuar com essa mania.

E nem posso reclamar porque graças a ela, Telly está nesse momento dormindo tranquilamente ao meu lado com uma aliança gravada o meu nome em seu dedo enquanto nos berços dormem nossas três filhas. Três. Só acredito que tudo isso realmente está acontecendo porque vejo elas diariamente comigo.

Ainda vivo a sensação de ver as bebês pela primeira vez. Não sei se Telly chorou, mas eu chorei. Muito. Não tenho vergonha de admitir isso e olha que fui forte e nem desmaiei dessa vez. Era só o dia mais incrível da minha vida. Naquele dia me casei, vi elas nascerem e as peguei no colo pela primeira vez. É indescritível. Não tem como não se emocionar.

Sair da maternidade sem elas foi difícil para mim e mais ainda para Telly, no entanto, estávamos lá sempre. Até a última sair. Eliza e Mikaela saíram em uma semana depois que nasceram quase com o mesmo peso e ganharam o restante bem rápido.

Bianca demorou quase quinze dias para poder voltar para casa, mas tudo isso já ficou para trás, o importante é que estão saudáveis. Viraram a alegria dessa casa. As razões da minha vida junto com meu furacão Telly. Chegou, bagunçou e ficou na minha vida me fazendo o homem mais feliz do mundo.

Retiro os fios de cabelo do rosto dela, aliso sua bochecha e Telly responde dando um tapa forte na minha mão.

— Sai filho da puta. Já não basta suas filhas que não me deixam dormir — resmunga de olhos fechados. O humor dela pela manhã é de um urso com TPM montando um trator em forma de motosserra.

Desde o nascimento das meninas o sono dela ficou bem leve. Antes eu poderia usar a cara dela como apoio de notebook e ela nem se movia. Agora, até minha respiração a desperta e todo o seu mau humor é direcionado pra mim.

— Coisa feia xingar a sogra que te ama tanto. — Brinquei deixando

um beijo em sua testa. Perdi o medo da morte há muito tempo.

— Então vamos falar da Clara, não é ela que você acha bonita?

Nossa! Nem eu lembrava que falei uma asneira dessas. Por isso Max costumar dizer: para sua mulher você diz que só acha duas mulheres bonitas: ela dormindo e ela acordada. O resto é: nem reparei.

— Te amo.

— Quem ama deixa dormir.

Não evito sorrir. É bom ver que estou com a mesma mulher por quem me apaixonei. Levanto da cama. Sei que em minutos o trio acorda, ela é obrigada a levantar e também, minha sogra chega.

Nossa relação genro e sogra melhorou muito depois do casamento. Óbvio. Não posso dizer que eu não desejei casar com a Telly tanto quanto sua mãe. Confesso que no início do nosso relacionamento eu também era contra casar, sempre quis morar com ela, mas casamento para mim era só um formalismo. Um contrato. Eu desejava a vida de casados: dormir e acordar juntos, dividir a mesma casa, ter filhos, chegar do trabalho e ela estar ali fazendo algo do dia a dia... Sem precisar de alianças.

Acho que por isso eu aceitei o acordo da Telly. De ter uma relação aberta mesmo sendo pura fachada. Funcionou no início depois as prioridades mudaram. Comecei a querer assumir o namoro, a fazer coisas de casais como um casal e Telly queria cada vez menos. Fazia planos e mais planos e nunca existia a gente neles. Várias vezes me senti amando sozinho, porém ela me olhava e tocava de uma forma tão intensa que não dava para não ser amor.

OK! Talvez eu tenha me deixado ser comandado por ela. No entanto, quem pode me julgar? Eu estava apaixonado por ela. Infantilmente apaixonado e meu medo era ela nunca assumir nada ao ponto de desistir da gente se percebesse que eu queria mais. Eu não poderia forçá-la a ficar comigo, mas poderia aceitar os seus termos e seguimos bem assim.

E foi como sucedeu por anos. Até os meus trinta e três já não dava mais para fingir que eu não queria, principalmente quando Belly casou e fiquei amigo do Max. Via a empolgação dele e a felicidade em ser um homem casado. Só piorou com a notícia da gravidez. Eu estava cansando do namoro adolescente. Do não namoro. Cansado de fingir que estávamos em um relacionamento aberto. Queria ser pai, formar família, até casar... e Telly? Começou a operação: não caso, junto com uma aposta ridícula que ainda bem voltou atrás.

Eu estava cansado, mas não o suficiente para colocar tudo na mesa. Cogitei. Várias vezes ensaiei e na hora desistia. Apesar dos pesares, Telly me fazia feliz. Mais feliz que minha carreira, mais feliz que casa arrumada. E algo dentro de mim sabia e torcia para Amélia ter um bom plano para fazê-la casar comigo o mais rápido possível. Ainda que nós nunca tivéssemos nos dado muito bem, tínhamos uma coisa em comum: a felicidade da nossa Moleca.

Depois do jantar na casa dela, Amélia me procurou. Lembro-me como se fosse ontem. Jamais esquecerei esse dia como nunca vou esquecer o dia em que descobri que ia ser pai.

Quando Telly começou a enjoar, ter tonturas... Eu tinha quase certeza da gravidez. E a ideia do casamento me seduziu ainda mais. A ideia de ser pai então me fazia rir e ir em lojas bebês. Ler sobre isso. Fazer planos. Tanto que quando deu negativo foi como se ela tivesse sofrido um aborto. Para mim, a gravidez já era uma realidade, ouvir que não foi real quebrou minhas pernas. Só que graças a Deus o resultado hoje dormem tranquilamente nos berços. Dessa vez, foi a intuição masculina que ganhou.

Pego uma toalha no guarda roupas e descalço sigo para o banheiro. Evito olhar as tri no berço ou passo a manhã babando. Optamos por trazer os berços delas para o nosso quarto para facilitar as mamadas.

Tiro a calça pijama cinza e coloco dobrada sobre a pia antes de entrar no jato de água quente sorrindo, essa calça traz lembranças do dia em que Amélia bateu na minha casa logo de manhã cedo para propor o acordo que culminaria no meu casamento.

Ouçõ batidas fortes e ritmadas na porta. Quem será? Só pode ser Telly que esqueceu algo, provavelmente a chave. Abro a porta coçando os olhos imaginando ser ela e me deparo com sua mãe. Custei a acreditar que tudo aquilo não era um sonho.

— Amélia?

— Oi Thomas. — *Ela sorri e com uma sobrancelha levantada me olha dos pés à cabeça.*

Infelizmente esse não foi um dos dias em que eu acordo cedo, deixo a Telly na faculdade e vou para o escritório. Então, eu estava sem camisa, descalço e com cara de quem acordou agora, porque realmente eu tinha acordado agora.

— Telly não está.

— Já pensou em fazer academia?

— Não. — Ela e sua implicância comigo. Eu nem sou magro assim. Só não sou o Max.

— Ia ficar... Bem interessante.

— Namoro sua filha.

Ela está dando em cima de mim?

— Não estou dando em cima de você se é isso que está pensando, relaxe. Sou apenas uma apreciadora de corpos masculinos. — Amélia me empurra da sua frente, entra e tranca a porta como se fosse a dona. — Eu sei que Telly não está, esperei ela sair, minha conversa é com você.

Fico logo assustado. Em anos com a filha dela e acho que nunca conversamos a sós, ainda mais com a porta trancada. Nunca nem conversamos. Ela não me suporta. Além da Telly, não faço ideia do que ela quer comigo... Só se for algo de teor legal. Um assassinato talvez.

— O que deseja de mim?

— Pergunta perigosa, mas eficaz. — Ela senta no sofá e continua agindo como se fosse dona da casa. — Vim te propor algo que vai gostar.

— Envolvendo casamento, suponho.

— Vocês acham que só falo disso.

— Não temos muitos assuntos em comum.

— Vim falar sobre sua relação com minha filha. Eu não falo só de casamento, até porque, a felicidade dos meus filhos vem acima de qualquer coisa. Até da minha liberdade.

Ela está me ameaçando?

— Diga de uma vez então — peço verdadeiramente interessado.

Sentei no sofá na outra extremidade da sala e encarando a mulher a minha frente. Apesar dos cabelos loiros, Telly sempre foi mais parecida com o pai do que com ela.

— Você a ama?

— É obvio.

— Me ajude a entender Thomas, por que vocês estão há tanto tempo juntos e nunca deram um passo.

— Suas filhas são parecidas com você. Todas cabeças duras e que gostam de sentir donas de tudo.

— Imaginei que o obstáculo era ela.

— Enlouqueceu com essa ideia de casamento. Está se sentindo encurralada e já avisou que vai estragar cada plano seu.

Amélia sorri com escárnio, mas não rebate, apenas analisa meu apartamento antes de olhar em meus olhos.

— Sabe da diferença de idade entre vocês e que Telly...

— Sei todos os obstáculos impostos para ficarmos juntos, sei dos defeitos dela assim como ela sabe os meus. E a amo mesmo assim, como ela também me ama — asseguro. — Se veio pedir para eu desistir dela perdeu seu tempo.

— Gosto de ouvir isso. Significa que quer casar com ela?

Pra quem acabou de me dar uma lição de moral de que não fala só de casamento, voltou a falar de casamento.

— Sim quero, mas significa também que só se ela quiser.

— Se você não tomar uma atitude ela não vai querer. É cômodo essa situação para ela. Conheço minha filha. Para casar com ela, você terá que seguir meu plano.

— Sair com a Clara para fazer ciúmes? Não vai funcionar. Telly já sabe.

— Tommy, não me subestime. Isso foi só zoeira e distração. Clara me disse que falaria com você e usei isso para desviar o foco. Eu ouvi Telly falando sobre a operação: não caso e resolvi trollar. Um passo à frente sempre.

— Ah claro. — E eu achando minha mãe difícil.

— Quer saber o plano?

— Sim. Muito.

— Termine com ela.

— Como?

— Termine com ela de uma forma que fique claro o que deseja. — Abro a boca incapaz de pronunciar qualquer palavra, mas ela me interrompe com um gesto de mão. — Será um choque de realidade. Telly está acostumada a te ter e não tem medo de te perder por isso te enrola. Maaaas, se você terminar,

ela vai correr atrás do prejuízo e tentar de todas as formas te conquistar e principalmente, vai ver tudo que ela poderia ter com você. Escolhendo o amor.

Escondo o rosto com as mãos. É tudo muito louco. Como assim terminar com ela para ficar com ela?

— E acha que não vamos sofrer com isso? Não é simples assim.

— A dor ensina. — Ela levanta e caminha até mim. — Thomas, conheço minha filha, se fosse gerar um grande sofrimento para ela não ia te pedir isso. Telly tem um escudo. Ela vai inventar alguma coisa para ganhar tempo e vai ficar focada nessa coisa. Não vai ter tempo para sofrer. Estará concentrada em te reconquistar. Aí, é só você não se fazer de difícil...

— Não sei...

— Você tem razão, ela te ama e muito. No fundo deseja tanto quanto você ter uma família. Só está perdida com a vida que se apresenta e acha que vou obrigá-la a casar quando é uma escolha delas. Eu apenas dou o empurrãozinho. São tantos caminhos e quero que ela escolha o certo.

— Casamento.

— Não! Você. — Essa declaração me pega de surpresa. — Ela pode fazer o intercâmbio, ir morar no Canadá, na Dinamarca... Em qualquer lugar, em dois meses já estará de saco cheio querendo voltar. Conhece a Telly. Ela se empolga com tudo e depois desiste. Tá aí a faculdade, os empregos... para atestar isso.

— Então, acha que o intercâmbio é apenas...

— Passageiro, mas o amor não é, meu medo é que vocês se percam antes dela perceberem isso. Você é única coisa que em tanto tempo ela ainda está empolgada.

— Eu... Vou pensar. Telly me mata se descobrir algo assim.

— Só vai saber se você contar para o Max. — Acabo rindo. — Mas pense. Acho que no momento só você pode fazer isso por ela, até porque, quem mimou a Telly fazendo todas as vontades dela, foi você e Belly.

— Vou pensar.

Eu jamais aceitaria esse plano, até descobrir as mentiras. Tive tanta raiva na hora que pedi um tempo até para poder pensar e só percebi que tinha entrado no plano quando Amélia me ligou dizendo que fiz bem. No entanto, logo ocorreu o acidente do pai dela e não pude me afastar. A própria Amélia me

agradeceu muito por isso. O momento era maior que qualquer birra. Que qualquer pensamento.

Hoje percebo que Amélia tinha razão. Com essa história nós dois amadurecemos muito. Acho que ela lê as pessoas como ninguém e lê melhor ainda os filhos.

Fecho os olhos e deixo o jato quente molhar meu rosto.

— Amor, sai logo daí. Suas filhas acordaram e preciso tomar banho — ouço Telly gritar. Nunca consigo evitar o sorriso quando ela me chama de amor, mesmo em tom irado. Esperei muito por isso.

Desligo o chuveiro. Alcanço a toalha e saio enrolando na cintura. Vejo minha mulher sentada na cama amamentando Bianca enquanto brinca com a mão de Mikaela. As três tem mania de acordar juntas e na mesma hora que eu.

— Bom dia Loirinha — cumprimento deixando um beijo em seus cabelos.

— Bom dia e não me tente desfilando nu por aí — pede cobrindo os olhos com a mão. — Mamãe já chegou?

— Ainda não e não estou nu, estou de toalha.

— Coloca sua xérox para arrotar, Vanessa me mandou uma mensagem avisando que está vindo para cá com nosso pai. Ele quer conversar comigo.

Telly tem o costume de chamar Bianca assim porque é muito parecida comigo, as outras nem tanto, parecem mais com a mãe, mas Bianca sou eu careca como Amélia costuma dizer.

— Pode deixá-las comigo — pego Bianca do seu colo.

— Já dei mama a Eliza também. Mikaela não quis. Se ela sentir fome já tirei leite. Está na chuquinha no berço. — Telly instrui depois sai do cômodo.

Sorrio quando ouço o barulho do arrote. Rápida. Sento na cama e brinco com as outras. Tentamos sempre dar atenção a todas o tempo todo.

Meus três anjos que dormem tranquilamente de dia, mas não nos deixa dormir de noite. Coloco a outra na cama de barriga para cima e deito ao lado delas fazendo carinho nas cabecinhas. Agradeço todos os dias o privilégio de ser pai e poder vê-las crescerem, de ter uma boa família que finalmente vivem em sintonia depois que elas nasceram. Até minha mãe e Telly pararam de brigar o tempo todo. O milagre é tanto que parece que o nome de Cristina é proibido nessa casa.

Eu que achei que seria pai, guia, maior protetor delas. Que ensinaria tudo, vi que é totalmente o contrário, eu que aprendo diariamente com elas.

— Papai ama vocês — sussurrei observando-as mexerem os braços e pernas como se dançassem uma canção que só elas escutam. — Vocês são os três melhores pedaços de mim.



CENA EXTRA

HOUSTON, TEMOS UM PROBLEMA!

Depois que minhas filhas nasceram descobri que tenho fetiche por pais. Por homens que já se tornaram pai. Fico horas olhando e babando Thomas cuidar delas. Cada dia mais apaixonada por ele.

Tommy sempre me ajuda a trocar fraldas, dar banho, acorda de madrugada, dar mamadeiras... Digo que ele é meu terceiro peito. Nunca pensei quealaria isso, mas até a ajuda da minha mãe já não se faz mais tão necessária. Estamos nos virando bem e ela, coitada, merece férias. Nossa vida foi bem corrida esse ano. Agora tudo há de acalmar. Mamãe já nos desencalhou e duvido que vá tentar casar Letty, afinal, ela ainda é adolescente e nossa mãe merece curtir sua vida de solteira sem dar palpites na nossa de casada ou posso tentar arranjar um namorado para ela.

Já até insinuei para Dr. Paulo que se um dia ele ficar solteiro, o quero como padrasto. Até *shippo* ele com minha mãe. *Paumélia*. É a cara de Dona Amélia esse *shipper*, tem até uma coisa que ela adora... Só que como ainda estou de resguardo, mesmo com Tommy, trabalhando em casa para me ajudar com elas – ele faz questão disso – não estou preparada para dispensar a ajuda da minha mãe e muito menos para passar o dia fora trabalhando. Estou tão ansiosa para trabalhar com algo que amo e ao mesmo tempo aflita em ter que deixá-las com uma ou duas babás. Quem sabe com a avó. Vou sentir falta de ficar o dia todo com minhas bonequinhas.

Assim que chego na sala vejo meu pai sentado no sofá e ao seu lado Vanessa. Ambos em silêncio enquanto meu sobrinho brinca no tapete com um carrinho.

— Bom dia — cumprimento me aproximando.

— Bom dia.

Dou um beijo em meu pai e sento com cuidado ao seu lado.

— O que aconteceu para vocês me visitarem tão cedo?

— Preciso falar com você — diz olhando para minha mão em seu colo. Sua fala ainda é arrastada e me preocupa seu tom de voz.

— Pode falar. — Troco olhares com Vanessa para saber se devo me preocupar com o assunto. Ela apenas dá de ombros.

— Obrigado por me permitir fazer parte da sua vida nesse momento tão importante... Você me pediu perdão, mas sempre teve razão em me odiar...

— Pai — Interrompi. — Vamos deixar o passado no passado. Eu nunca odiei você — confesso. — Estou tão feliz nesse momento. O senhor está bem e não quero mais lembrar nem falar sobre isso. Essa época da nossa vida ficou para trás. Foco no futuro para não repetir os erros. Já te perdoei e só quero seguir em frente.

— Mas...

— Mas nada. Vou pedir para Thomas trazer suas netas para o senhor vê-las...

— Não precisa. Temos uma sessão de fisioterapia agora. Depois esse teimoso volta aqui para ver as netas. Eu falei que não era para remexer nisso, mas ele insistiu que precisava ter certeza que você o perdoou.

— Pode ir tranquilo. Faço questão do meu pai em minha vida. Amo você pai, aliás, amo vocês. São minha família. — Deixo um beijo em sua bochecha. — Agora vai para sua *fiso*. Se cuida e obedeça às orientações da Nessa.

— Vou tentar. Sua irmã é um general as vezes — implica e é bom ver que ele está de bom humor. Ele beija minha testa — amo você também.

Levo-os até a porta e observo até eles entrarem no carro. Queria ser dez para poder dar atenção para ele, para o meu marido e para minhas filhas. Queria até ter três peitos e seis braços. Ainda bem que tenho um bom homem ao meu lado.

Fecho a porta, antes de conseguir trancar a companhia soa. Abro novamente e vejo meus irmãos. Uau. Hoje todo mundo resolveu me visitar logo de manhã cedo quando eu poderia ter colocado as meninas para dormir e agora estar dormindo junto com elas.

— O que houve? — indago estranhando. Ricky tinha viajado logo após o nascimento das meninas e nem sequer as viu. O que foi bem estranho, mas ligou felicitando e que em breve eu saberia o motivo de sua saída urgente.

— Ricky, você está horrível. Já viu essas orelheiras? — Belly implica com ele entrando sem pedir licença.

— É totalmente normal quando se trabalha nas indústrias Castelli — ele fala com mais desdém que o de costume.

Os dois se jogam no sofá. Folgados como sempre.

— Ele fez algo com você? Diz, porque irei pessoalmente matá-lo.

— Não... Ainda não. — Troco olhares com Belly sem entender nada.

— Como assim? Belly, pode me explicar?

— Não faço ideia. Ele foi na minha casa e me arrastou para cá sem explicar nada.

— Eu vou explicar tudo. — Respira fundo, esfrega a mão nos cabelos e só agora percebo que ele segura algo em uma das mãos. — Eu...

— Fez merda com certeza.

— De um ângulo, fiz merda.

— De quem seria esse ângulo?

Espero que não seja do ângulo da nossa mãe.

— Da nossa mãe.

O que eu temia.

— *Tou* fora. Não contém comigo, nem correr de chinelada estou podendo.

— Vixe! — Belly exclama batendo a mão na testa. — Lembrei que deixei o feijão no fogo, a panela vai explodir se eu não for agora. — Levanta. — Foi bom conhecer vocês.

— Nem se atrevam — meu gêmeo grita. — Eu sempre ajudei vocês.

— É tão ruim assim?

— Para mim não...

É bomba com certeza. Deve estar namorando com a Nayara Castelli e deseja nossa ajuda com nossas famílias. De novo não. Eu quero paz. Por que um de nós não pode achar sogros apaixonados por nós? Ou ter um namoro sem confusões?

Só percebo que é pior que isso quando ele abre a mão e sorri. Sorri sem graça e ao mesmo tempo um sorriso apaixonado. Antes mesmo dele encaixar a aliança no dedo, eu já sabia o que vinha a seguir. Catástrofe. Treta. Confusões. Furacão Amélia dizimando nossa existência.

— Ricky, o que significa isso?

— Você está pensando em...

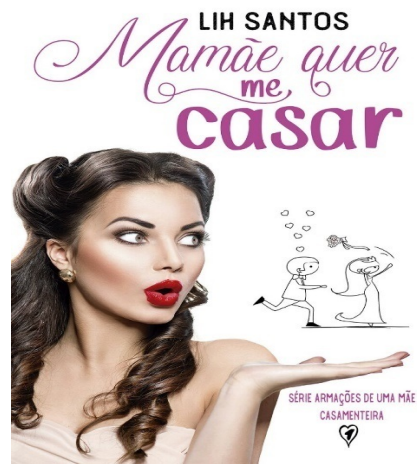
— Não estou pensando em casar. — *Graças a Deus ele continua sendo a pessoa mais ajuizada dessa família.* — Eu já casei com a Nayara Castelli.

O quê? Minha boca se abre como uma cratera e tão de queixo caído quanto está Belly.

Olho para a aliança em seu dedo enquanto uma sirene soa dentro da minha cabeça avisando: Houston, temos um problema!

**VEM AÍ: MAMÃE, CASEI! O terceiro
livro da série.**

OUTRAS OBRAS



Mamãe Quer Me Casar

<https://amzn.to/2Nw1yCy>

Sinopse: Primeiro livro da Série Armações de uma Mãe casamenteira.

Belly tomou as rédeas de sua vida desde que seu pai morreu quando ainda era uma adolescente, deixando-a, sua mãe e seus irmãos na miséria. Apesar de viver frustrada profissionalmente, pois seus sonhos foram sepultados pela necessidade de sustentar a família, ela acredita estar feliz.

No entanto, mesmo ela conformada com o rumo de sua vida, sua família não está contente em vê-la tão resignada e para isso, arquiteta uma viagem para que ela encontre a ex-turma de colégio a fim de fazê-la se divertir e, quem sabe, conhecer algum rapaz para, enfim, casar.

Contudo, ela não poderia prever tudo que estava reservado para sua vida com essa viagem.

*Este livro contém cenas proibidas para menores de 18 anos.

SOBRE A AUTORA

No facebook: <https://www.facebook.com/LILLYKISSCHRIS>

<https://www.facebook.com/LihLendoeEscrevendo/>

No wattpad: <https://www.wattpad.com/user/Liheizzy>

No Instagram: https://www.instagram.com/lih_autora_santos/

Table of Contents

<u>DEDICATÓRIA</u>	
<u>AGRADECIMENTOS</u>	
<u>PRÓLOGO</u>	
<u>DIA COMUM</u>	
<u>CAPÍTULO 1</u>	
<u>TRUNFO</u>	
<u>CAPÍTULO 2</u>	
<u>APOSTA</u>	
<u>CAPÍTULO 3</u>	
<u>PALHAÇADA</u>	
<u>CAPÍTULO 4</u>	
<u>ADMITE</u>	
<u>CAPÍTULO 5</u>	
<u>SÓ VAI</u>	
<u>CAPÍTULO 6</u>	
<u>SUA MENINA</u>	
<u>CAPÍTULO 7</u>	
<u>E.T</u>	
<u>CAPÍTULO 8</u>	
<u>JANTAR DE NEGOCIOS - PARTE 1</u>	
<u>CAPÍTULO 9</u>	
<u>JANTAR DE NEGOCIOS – PARTE 2</u>	
<u>CAPÍTULO 10</u>	
<u>JANTAR DE NEGOCIOS – PARTE 3</u>	
<u>CAPÍTULO 11</u>	
<u>MAMÃE E THOMAS JUNTOS</u>	
<u>CAPÍTULO 12</u>	
<u>TESTE</u>	
<u>CAPÍTULO 13</u>	
<u>MINHA MÃE ENVERGONHADA?</u>	
<u>CAPÍTULO 14</u>	
<u>GENRO QUERIDO</u>	
<u>CAPÍTULO 15</u>	
<u>LASQUEI-ME</u>	
<u>CAPÍTULO 16</u>	

[GRÃOS DE AREIA](#)
[CAPÍTULO 17](#)
[FEIJÃOZINHO](#)
[CAPÍTULO 18](#)
[MALU](#)
[CAPÍTULO 19](#)
[TEMPO – PARTE 1](#)
[CAPÍTULO 20](#)
[TEMPO – PARTE 2](#)
[CAPÍTULO 21](#)
[BONS E VELHOS AMIGOS](#)
[CAPÍTULO 22](#)
[O ACORDO](#)
[CAPÍTULO 23](#)
[VANESSA – PARTE 1](#)
[CAPÍTULO 24](#)
[VANESSA – PARTE 2](#)
[CAPÍTULO 25](#)
[COMO ASSIM PARABÉNS?](#)
[CAPÍTULO 26](#)
[SMMA](#)
[CAPÍTULO 27](#)
[JUNTE-SE A ELA – PARTE 1](#)
[CAPÍTULO 28](#)
[JUNTE-SE A ELA – PARTE 2](#)
[CAPÍTULO 29](#)
[EXPLICAÇÕES](#)
[CAPÍTULO 30](#)
[CAIXINHA DE VELUDO – PARTE 1](#)
[CAPÍTULO 31](#)
[CAIXINHA DE VELUDO – PARTE 2](#)
[CAPÍTULO 32](#)
[TRATADO DE PAZ](#)
[CAPÍTULO 33](#)
[DETALHES](#)
[CAPÍTULO 34](#)
[CORAÇÃO](#)
[CAPÍTULO 35](#)
[SURPRESAS E DESPEDIDA – PARTE 1](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[SURPRESAS E DESPEDIDA – PARTE 2](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[FORTES EMOÇÕES](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[NOSSOS TESOUROS](#)

[FIM](#)

[EPÍLOGO](#)

[THOMAS](#)

[CENA EXTRA](#)

[HOUSTON, TEMOS UM PROBLEMA!](#)

[VEM AÍ: MAMÃE, CASEI! O terceiro livro da série.](#)

[OUTRAS OBRAS](#)

[Mamãe Quer Me Casar](#)

[SOBRE A AUTORA](#)